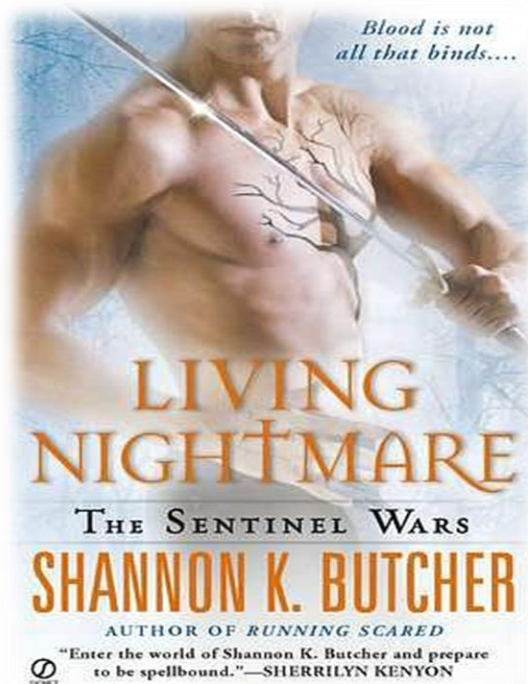




Shannon K. Butcher
Vivendo um Pesadelo
A Guerra dos Sentinelas 04

Eles são os Sentinelas. Três raças descendentes de antigos guardiões da humanidade, cada uma possuindo habilidades únicas em sua batalha para proteger a humanidade contra seus eternos inimigos: Os Synestryn. Agora, a ardente lealdade e amor de um dos Sentinelas podem provar ser suas melhores arma. Durante nove anos, Nika teve uma meta: Salvar sua irmã mais jovem dos Synestryn que a mantêm presa. Agora o vínculo mental com a desaparecida irmã de Nika está desaparecendo e o tempo se acaba. Mas o único homem que pode desbloquear o poder dentro dela se foi e nunca voltará, deixando Nika só para resgatar uma irmã que todo mundo acredita morta.

Madoc jurou a si mesmo que nunca entraria de novo no Dabyr.

Por sua alma que está quase morta, e seus temores ao que possivelmente faça a aqueles que jurou proteger... especialmente a Nika. Se ele a acompanhar ao reino dos Synestryn, seu proibido desejo por ela poderia liberar o selvagem monstro dentro dele.

Mas a necessidade de Nika por resgatar sua irmã logo se encontrará mesclada por sua paixão por Madoc, enquanto que a única chave para elevar-se com a vitória pode ficar por fim a seu





alcance...

Envio do arquivo: Gisa

Revisão Inicial:

Caps. 1 a 4: Anna Martins

Caps. 5 a 31: Sandra Maia

Revisão Final:

Caps. 1 a 4: Sandra Maia

Caps. 5 a 31: Greicy

Formatação: Gisa

Disp em Esp: Kalosis

Revisado do Inglês e Espanhol

TWKliek

Comentário da Revisora Sandra: A história de Madoc e Nika segue o mesmo roteiro anterior, só que ao contrário. Nos outros a mocinha lutava contra o mocinho. Neste a Nika praticamente agarra Madoc no laço. Ela passa de frágil a determinada e ele a ogro apaixonado.

Comentário da Revisora Anna: Gostei bastante do livro, adorei a personalidade da Nika, mas esperava mais de Nika e Madoc, como eles já tinham uma história, o livro não foi tão centrado neles.

Comentário da Revisora Greyce: O livro é muito bom, a autora consegue movimentar os acontecimentos entre personagens diferentes, e ainda assim, com o mesmo dinamismo e qualidade. Um livro que mostra a teimosia do mocinho cabeça



dura, mas a garra, perseverança e coragem da mocinha. Quem leu os demais, de deliciar-se nesse novo livro da série Sentinelas. Recomendado!

Para Liz Lafferty, cujo entusiasmo genuíno e olho afiado para detalhes têm sido inestimáveis para mim. Seu otimismo e o amor pela vida são uma verdadeira alegria para aqueles que são sortudos o suficiente para chamá-la de amiga.

Reconhecimentos

Como sempre, eu quero agradecer meus revisores por seu suporte contínuo. Obrigado também para Dawn Shelton por pegar todos aqueles pequenos erros que caso contrário passariam. Eu não sei o que faria sem vocês senhoras.

Capítulo 1

Omaha, Nebraska, 3 de março.

Nika não estava louca e a única maneira de provar isso era exumando os ossos enterrados no túmulo frio de sua irmã.

A pá batia em suas palmas, esfolando-as. Uma rajada fria de



vento ameaçou arrancar o capuz de seu casaco pesado e sugar o precioso calor da sua pele. Ela deu as costas para o vento e continuou cavando. Não havia tempo para rastejar até carro que roubou e se aquecer. Ela tinha que terminar isto antes dos Sentinelas a acharem e a levarem de volta para Dabyr.

Nika estava muito mais forte agora do que há alguns meses quando mal se apegava à vida, mas a cada lamentável meia pazada de sujeira, percebia que ainda não estava forte o suficiente para fazer aquilo. Não sozinha, e certamente não no meio da noite, a única hora em que ninguém estaria por perto para vê-la profanando um túmulo.

Era perigoso ficar ali na escuridão. Ela sabia, mas não tinha escolha. Ninguém ouviria a garota louca sem provas, e os ossos enterrados a sete palmos de profundidade eram a única prova concreta que podia encontrar de que Tori ainda estava viva.

Tori estava por aí. Nika podia sentir a presença de sua irmãzinha dentro de sua mente fragmentada, entre os outros sinistros e estranhos seres que compartilhavam o espaço. Tori não era como costumava ser, não era a menina doce e inocente que os Synestryn levaram, mas ainda era a irmã de Nika. Ela ainda a amava.

Merecia a chance de ser livre, não importava o custo para Nika.

Além disso, se Nika pudesse levá-la para casa e acabar com a tortura que Tori suportava, a vida de ambas seria melhor. Elas estavam conectadas, embora não tão fortemente como uma vez estiveram, e Nika às vezes se perguntava como a irmã tinha sobrevivido por tanto tempo.

Na noite que os Synestryn roubaram Tori, Nika prometeu que



nunca a deixaria sozinha. Agora, quase nove anos depois, manteria essa promessa apesar do fato que isto quase conseguiu matá-la em mais de uma ocasião.

Tori estava se afastando, e Nika tinha a sensação que a irmã estava fazendo isso por sua própria vontade, que estava se afastando por uma razão que não conseguia entender.

Nika se negava a desistir dela. Com ou sem ajuda, ia encontrar Tori e a libertaria de seus captores. Ou morreria tentando. Isso definitivamente era a outra alternativa, talvez a mais provável, dado à forma que seus músculos já estavam ardendo pela fadiga.

Se não pudesse acabar o simples trabalho de cavar um buraco, como poderia executar uma possível missão de resgate?

Depois de uma hora cavando, ela mal tinha trincado o chão congelado. Neste ritmo, ainda estaria ali ao amanhecer quando as autoridades poderiam vê-la e arrastá-la para o hospital psiquiátrico mais próximo. Não podia voltar para lá. Oito anos encarcerada, questionada e torturada por parte dos médicos de sorrisos falsos e olhos mortos era mais do que podia suportar. Se voltasse para aquela vida, enlouqueceria de verdade.

E mesmo se não fosse onde terminasse — se retornasse a Dabyr — as chances de escapar dos olhares atentos dos Sentinelas seriam bem menores. Ela teria apenas uma chance nisto para provar que Tori estava viva e que precisava ser resgatada.

Hora de cavar mais rápido.

A pá deslizou em seu aperto fraco, arrancando uma camada de pele. Ela devia ter trazido luvas, mas não tinha pensado tão à frente. Lembrar de uma pá tinha sido o principal em sua mente, consumindo o pequeno espaço que restava para pensamento racional.



Também esquecera do dinheiro e comida. Não tinha ideia de como voltaria para casa, o tanque de gasolina estava quase vazio. Ela deixou seu celular em casa assim não podiam usá-lo para rastreá-la e encontrá-la antes que tivesse terminado. Qualquer coisa que acontecesse depois que coletasse os ossos da estranha parecia distante e sem importância.

Uma pressão puxou sua mente. Nika congelou imediatamente, lutando contra ela. A pá caiu de seus dedos congelados. Ela apertou sua cabeça, sabendo que não faria bem algum. Ela não queria ir por este caminho esta noite. Não queria ser puxada para a mente de um monstro para caçar, matar e se alimentar. Ela tinha trabalho demais para fazer.

Um uivo estranho vibrou na base de seu crânio, e foi tudo que pode fazer para não erguer seu queixo e uivar junto com a criatura. Sua própria visão se apagou e foi substituída pela outra.

Grama alta e congelada se separava junto ao seu focinho enquanto ela caçava sua presa. O calor da comida cintilava brilhante na escuridão adiante. Fome rugiu dentro da mente de Nika. A lembrança do gosto de sangue deu água na boca. Ela lutou para sair da mente do sgath antes de testemunhar seu assassinato, mas este era forte. Gostava de tê-la com ele. Gostava de saber que ela não queria estar aqui, que sofria.

Nika rangeu seus dentes e parou de tentar lutar contra sua atração. Ao invés disso, enfocou na sensação de seus membros, na terra fria contra suas patas. Vento arrepiou seu pelo, mas estava quente, mesmo no frio.

Não por muito tempo.

Ela tomou o frio de seu próprio corpo, a debilidade de seus próprios membros, e forçou aqueles sentimentos no sgath. A



besta parou de se mover e um grunhido baixo reverberou por ele enquanto lutava. Ele não gostou do que ela estava fazendo. Não gostava do frio.

Uma pulsação encheu seu crânio enquanto ela lutava contra o sgath. Ela sussurrou que ele estava muito cansado para caçar. Muito frio. Precisava dormir. O sgath rugiu na escuridão e empurrou Nika de sua mente, a fechando.

Ela caiu sobre seu traseiro, atingindo o monte lamentável de sujeira congelada que conseguiu arrancar do falso túmulo de Tori. A fadiga a manteve colada no lugar enquanto tentava recuperar o fôlego. Seu peito queimava enquanto o ar frio enchia seus pulmões inúmeras vezes, saindo em espirais prateadas. Seu corpo tremia com frio e cansaço.

Como podia continuar? Como cavaría até o fim e abriria o caixão abaixo? Por que pensou que podia fazer isto sozinha?

Por que Madoc a abandonou? Ela não o via há sete meses.

Sua irmã mais velha, Andra, disse que a distância era melhor, que ele era muito furioso e perigoso para ela ficar perto dele. Todo mundo parecia estar cego para a verdade: Ele estava com dor e precisava dela para fazê-la parar. Era notoriamente óbvio para ela, mas ninguém mais parecia ver. E esta, em poucas palavras, era a história de sua vida. Ela via coisas que ninguém mais via, e ninguém acreditava nela quando contava sobre estas coisas.

Tudo isto iria mudar assim que conseguisse os ossos. Os Sanguinar seriam capazes de dizer que não eram de Tori, e se não pudessem, testes de DNA o fariam. De uma forma ou de outra, faria as pessoas ao seu redor ouvir.

Se sobrevivesse a esta noite.

Já podia sentir mais sgath arranhando por sua atenção,



tentando sugá-la em suas mentes. Eles sentiram sua debilidade. Mesmo que houvesse menos deles do que já mais houve antes, graças à busca de Madoc para extingui-los, aqueles que sobraram eram mais fortes e mais espertos que o resto. Eles fugiam da lâmina de Madoc, se escondiam dele, aprendiam com os erros dos outros.

Na maioria das noites, Nika podia resistir à atração deles, mas estava mais fraca esta noite, fora das paredes magicamente reforçadas de Dabyr, que aparentemente ajudavam a protegê-la. Sua fuga de Dabyr foi desesperadora. Dirigir até aqui tinha sido apavorante. Tudo aquilo combinado com o esforço do trabalho físico era demais para ela.

Ela queria ser mais forte que isto. Queria ser saudável. Queria ser normal.

Desejos não a levariam ou Tori a lugar algum, então se abaixou, tirou a sujeira de suas mãos, e levantou a pá. Estava na hora de voltar ao trabalho.

Nika deixou o frio tomá-la. Ela deixou o vento arrastar o capuz de sua cabeça, desnudando-se de seu casaco volumoso, e colocou o pensamento de seus dedos gelados e pernas doloridas na frente de sua mente. Qualquer sgath que quisesse levá-la para um passeio esta noite acabaria congelando seu traseiro peludo.



—O que porra quer dizer com Nika se foi?— Madoc rosnou em seu celular.

A ira estava sempre perto da superfície, esporeada por sua



dor constante, borbulhando, esperando ser solta. Sua alma estava quase morta, e aquele fato estava ficando muito mais difícil a cada dia que passava. Ele precisava terminar de matar todos os fodidos que tomaram o sangue de Nika antes que fosse tarde demais, e ele mais se importasse se comessem a mente da garota louca.

Joseph soou cansado.

—Ela roubou um dos carros na garagem e partiu.

Algo suspeitosamente próximo do medo ziguezagueou dentro dele, fazendo a dor triturante em seu peito inchar. Ele precisava de algum alívio. Agora. Todas aquelas fodidas horas de meditação terminaram não fazendo merda alguma.

—Onde diabos estava a irmã dela?— ele exigiu.

—Andra e Paul estão no norte procurando por uma criança perdida. Eu tentei ligar para ela, mas não consegui completar. Provavelmente estão fundos nas entranhas de alguma caverna, fora de alcance da área de cobertura.

—Se ela está fora, então quem deveria estar vigiando Nika?— ele acharia a pessoa responsável e daria uma boa surra nele. Nenhuma ajuda para isto.

—Ninguém. Eu continuo tentando dizer que está melhor agora. Mais forte. É adulta e não precisa de um guardião.

—Obviamente você está errado,— rosnou Madoc. —Você devia ter alguém de babá com ela.

—Você pode ficar com o trabalho a qualquer hora que quiser,— disse Joseph.

—Não estou interessado.— Se ele se aproximasse dela, a machucaria. Ele sabia que sim. Normalmente não ficava com garotas magricelas, mas havia algo sobre ela que o excitava e o fazia se sentir violento, tudo ao mesmo tempo. Não era uma



combinação saudável, especialmente não para Nika.

—É o que você diz. Pena que é o mais próximo dela, ou pelo menos de onde o carro dela parou. Nicholas rastreou o carro até Omaha, e desde que você está perto, está se voluntariando para ir verificá-lo e ver se ela ainda está nele.

—Envie outra pessoa. Eu não devia estar em nenhum lugar próximo dela.

—Por quê? Porque ela parece sentir algo por você? Desejava ter tais problemas.

—Ela não sente algo por mim. Ela é louca. É por isso que se recusa a se afastar. A garota tem problemas.

—Não temos todos? Escute, apenas vá encontrá-la, certo? Nicholas mandará uma mensagem com a informação assim você pode encontrar o carro. Se não estiver nele, terá que rastreá-la. E se apresse como o inferno. Eu não gosto de tê-la lá fora sozinha de noite. Quem sabe o que pode acontecer.

Joseph desligou, deixando Madoc se contorcendo de frustração e medo. Por ela. O último lugar no planeta que queria estar era próximo de Nika, e ainda assim o pensamento dela sozinha na escuridão, fraca e impotente, era mais do que podia aguentar.

—Porra.— Ele lançou a maldição na noite, embainhando sua espada, e voltou rapidamente para sua caminhonete. O ninho que estava pronto para invadir teria que esperar. Nika não podia.



O plano de Nika tinha funcionado. Os sgath odiavam o frio, e



toda vez que tocavam sua mente, eles recuavam com raiva.

Claro, o outro lado de seu plano brilhante era que estava congelando até a morte. Seu corpo estremeceu, e ela podia não mais sentir seus dedos das mãos e dos pés. A pá continuava deslizando, mas pelo menos não podia mais sentir as bolhas se formando em suas palmas.

Ela trabalhou por outra hora sem interrupção e estava presunçosamente contente consigo mesma. Até que ouviu o primeiro grito faminto de um sgath caçando perto. Desta vez, o som não era dentro da sua mente; estava em seus ouvidos. Era real, e estava perto.

Eles a encontraram.

Pânico a agarrou pelo pescoço e sufocou o ar de seus pulmões.

Como a encontraram? Ela foi tão cuidadosa em dirigir apenas durante o dia, quando estavam todos adormecidos e não podiam ler seus pensamentos. E esta noite nenhum deles tentou espí-la de onde partiu quando deixou a segurança de Dabyr. Eles não podiam saber onde estava.

Tentativamente, Nika abriu sua mente, procurando por qualquer Synestryn próximo. Seus pensamentos estranhos e fome descontrolada seriam fáceis de encontrar entre os humanos próximos. Os pensamentos deles eram desertos, pontos apodrecidos de escuridão entre os brilhantes e claros padrões de pensamento humano.

Se houvesse apenas um Synestryn e não estivesse muito forte, ela podia provavelmente controlar sua mente tempo suficiente para matá-lo com a pá. Se fosse sortuda.

Seu corpo caiu enquanto buscava na noite, procurando pela



fonte daquele estranho grito de fome. Ela achou um Synestryn se esquivando pela escuridão a menos de um quarto de milha de distância. Era pequeno, do tamanho de um cachorro grande, e estava fraco de fome. Aquela fome dava a ela vantagem.

Podia enfrentá-lo.

Nika apenas começou a sussurrar na mente dele para vir em sua direção quando sentiu outro Synestryn perto. Então outros. Havia três, então quatro, então sete. Estavam se aproximando. Cheiravam sangue. O sangue dela.

Antes que pudessem prendê-la dentro deles, Nika voltou à sua própria mente e examinou seu corpo por sinais de sangue. Havia uma mancha na perna de sua calça jeans; barrenta, mas definitivamente sangue.

Ela olhou para suas mãos. Com certeza, a pá arrancou várias camadas de pele até ela sangrar. Os Synestryn o cheiraram e estavam se movendo para o banquete.

O carro estava estacionado fora da cerca de metal a umas cem jardas de distância. Tão frias e fracas quanto suas pernas estavam, não estava certa se iria chegar até o carro antes que chegassem nela, mas tinha que tentar. Ela não podia deixá-los conseguir seu sangue. Graças a recente farra de assassinatos de Madoc, estava apenas recuperando os pedaços de si mesma que tinham sido tomados na noite que sua família foi atacada. Ela passou quase nove anos vivendo dentro de um pesadelo, incapaz de dizer o que era real e o que não era, e se recusava a voltar para aquele inferno.

Ela preferia morrer a deixá-los ter sua mente novamente.

Nika agarrou a pá, sabendo era a única arma que tinha para mantê-los à distância, e correu para a cerca. Atrás dela um coro



alto de uivos ásperos se elevou na noite enquanto os Synestryn se aproximavam.



Madoc encontrou o Fusca roubado fora de um cemitério, mas Nika não estava dentro do carro como ele esperava. Pressão intensa rolou por ele em uma onda dolorosa, crescendo até que estava certo que iria despedaçá-lo. Ele inspirou em grandes goles de ar frígido, mas pouco adiantou.

Precisava matar ou foder — aliviando um pouco da pressão — não correndo atrás de uma garota que era muito louca para fugir sozinha na escuridão. Claramente, o que queria não tinha apoio na realidade. Madoc lutou contra a dor com um grunhido, lançou sua caminhonete em uma parada, forçou o câmbio para estacionar, e deixou o motor ligado.

De um jeito ou de outro, isto não iria levar muito tempo. Se ela não estivesse perto, então ligaria para Joseph e diria que enviasse outra pessoa para procurar por ela. Se estivesse, iria enfiá-la no Fusca e seguir seu traseiro por toda a distância de volta a Dabyr, onde ela pertencia. Sem mais passeios alegres. Sem mais merdas de susto para ele. Ela estava de castigo.

Mas primeiro tinha que encontrá-la.

Ele saltou a cerca e aterrissou com uma pancada quando suas botas pesadas atingiram o chão congelado. O vento levantou, abrindo a frente de sua jaqueta de couro.

Se Nika estivesse aqui fora neste vento, estaria congelando seu traseiro ossudo. Não que ele se importasse. Era bom por sair



de casa, onde estava segura e quente.

Eles querem me tocar. Eu não gosto disto, Madoc. Machuca quando outros homens me tocam.

Ela implorou que a levasse com que ele da última vez que esteve em casa, que a afastasse dos Theronai que vinham por ela dos quatro cantos do mundo para ver se podia canalizar seu poder e salvar suas vidas. Isso foi há sete meses, quando foi para casa em um momento de fraqueza, precisando vê-la novamente. Infelizmente, observá-la se esquivando daqueles homens, ver a dor comprimindo seus traços, era mais do que Madoc podia aguentar. Ele pegou a estrada e não voltou desde então. A melhor decisão que tomou. Ficar sozinho era mais seguro para todo mundo. Além disso, tinha bastante prostitutas para lhe fazer companhia. Isto e uma pilha de nojentos para matar eram tudo que precisava.

Um agudo grito feminino rasgou pelo ar da noite fria. Medo vislumbrado dentro do barulho, e com ele veio reconhecimento imediato. Esta era a voz de Nika. Ele a ouviu gritar de medo vezes demais para não reconhecê-la.

Madoc girou ao redor em direção ao som, libertando sua espada de sua envoltura com um quase inaudível silvo de aço no aço. Correu sobre o solo, soltando a ira que estava borbulhante logo abaixo da superfície.

Seja quem ou o que a amedrontou iria morrer.

Ele chegou ao topo de uma colina, viu Nika, e quase parou bruscamente. Meia dúzia de sgath a cercavam. Suas costas estavam contra uma árvore espessa. Luar brilhava de seu cabelo totalmente branco, e ela esgrimia uma pá como algum tipo de porrete, batendo nos Synestryn que ousavam se aproximar. Seus



olhos azuis estavam arregalados com medo — uma visão familiar — mas o grunhido de ira torcendo sua boca era novo e completamente surpreendente.

Ela balançou a pá, atingindo um dos sgath na cabeça. Não havia força suficiente atrás do golpe para fazê-lo bem, e ricochetou, estremecendo seu corpo inteiro. Ela parecia ilesa, mas isso não iria durar muito se não se apresentasse e assumisse o controle.

Madoc diminuiu a distância, levantou sua lâmina, e soltou um grito de batalha.

Imediatamente, seis pares de olhos verdes brilhantes giraram na direção dele. Um sorriso esticou sua boca.

A hora de brincar finalmente chegou.

Capítulo 2

Carmen ergueu sua espada para bloquear o balanço de Joseph. Suas espadas de prática de madeira estalaram juntas quando os cabos travaram, e a próxima coisa que sentiu foi uma dor afiada irradiar de suas costelas onde ele a cutucou com seu dedo. Forte.

—Você não pode se abrir para atacar assim,— ensinou Joseph. Seu cabelo escuro tinha sido encurtado novamente, exibindo-se mais cinza em suas têmporas do que ela se lembrava. Seus ombros pareciam se curvar como se estivesse carregando algum tipo de peso que ninguém podia ver. Talvez estivesse. Como líder dos Theronai, o homem provavelmente tinha muito



para lidar.

Mesmo assim ele ainda encontrava tempo para treinar com ela quase todo dia. Ninguém nunca perdeu aquele tipo de tempo com ela antes. Não o tio que a acolheu quando seus pais morreram, e certo como o inferno nem seu próprio pai. Mas as coisas estavam diferentes desde que os Sentinelas a acolheram. O sangue antigo correndo em suas veias permitia se tornar um Geraí - um humano que ajudava os Sentinelas em sua guerra - mas isso não significava que tinham que pôr um teto sobre sua cabeça ou pagar por sua educação. Eles podiam tê-la deixado para se virar sozinha, mas graças a Thomas - um Theronai que sacrificou sua vida para salvar outra - ela agora tinha um lar em Dabyr. E um futuro.

Ela se encontrou desejando o tempo que passava com Joseph, absorvendo tudo que tinha para ensinar. Ela desesperadamente queria deixá-lo orgulhoso, embora soubesse que estava longe daquele tipo de milagre.

—Você ia decepar minha cabeça,— ela discutiu. —O que queria que eu fizesse?

—Esquivar teria funcionado. Não estar no caminho da minha espada quando ela vier é sempre uma boa opção.

Carmen se afastou dele em frustração e andou para a extremidade mais distante da esteira de treinamento. Estava ofegando, suando como uma louca, e sentindo como se estivesse para cair. Joseph não estava nem mesmo sem fôlego. Ele disse a ela várias vezes que se lamentaria por ter pedido para treiná-la, e agora estava começando a acreditar nele. Não que ela pudesse jamais deixá-lo saber. Ele ficaria convencido e satisfeito consigo mesmo demais e ela teria que matá-lo de verdade então.



Ela não podia desistir de aprender a lutar. Existiam muitas coisas do mal no mundo - coisas que roubavam pessoas de suas pessoas queridas. Alguém precisava matá-las, e embora fosse apenas uma humana fraca, tinha intenção de ser a mais mortal humana fraca que os Synestryn já viram.

Mas o treinamento não estava indo tão rápido quanto esperava. Ela precisava estar lá fora, lutando. Agora mesmo. Frustração a oprimia, deixando-a ansiosa e impaciente. —Isto não tem sentido. Não é como se as coisas com quem estarei lutando usassem espadas, de qualquer maneira. Dentes e garras, certo, mas não espadas.

As linhas de preocupação ao redor da boca dele afundaram com seu cenho franzido por um segundo antes de sua expressão voltar para a máscara neutra e paciente que sempre usava enquanto a ensinava.

—Serve para seus reflexos, constrói sua força, e ainda que as coisas com quem você luta não usem uma espada, você precisa usar. É a melhor arma para o trabalho, próxima ao poder de fogo mágico. Além disso, eu sou responsável pelo que você aprende. Se não gosta, sempre pode ir embora.

—Boa tentativa. Não obrigado.

Joseph encolheu os ombros.

—Sua escolha. Assim como é sua escolha quando me deixará ler o bilhete de Thomas.

Thomas. Apenas a menção de seu nome fazia seu interior murchar um pouco de tristeza. Ele foi bom para ela quando ninguém mais parecia se importar nem mesmo se ela existia. Ela o conheceu apenas por algumas horas, mas aquelas horas mudaram sua vida. Às vezes, pensava que tinha se apaixonado por



ele.

—Eu não estou pronta,— ela disse a Joseph.

—Passaram-se meses desde sua morte.

Meses desde que ele entregou um bilhete que foi incapaz de ler. Era seu último pedido - seu desejo na hora da morte - e ela prometeu a Thomas que deixaria Joseph ler primeiro.

Carmen não estava pronta para isto. E se estava cheio de piedade para a adolescente vagabunda que deu em cima de um homem velho demais para ela? Bom demais para ela? Ela se lançou em Thomas, mas ele não aceitou a oferta. Ele a tratou com respeito - algo que nenhum outro homem já fez antes dele. E se tudo foi uma atuação e o bilhete dizia para não confiar na garota excêntrica que deslizaria seus seios sobre qualquer coisa com um pênis? E se dissesse para mantê-la longe de outros adolescentes assim suas maneiras sórdidas não se aproximariam das meninas jovens e impressionáveis?

Não que ela fez qualquer coisa assim. Ela manteve seu voto a Thomas e nem mesmo pensou sobre um homem de modo sexual desde que chegou aqui. Nenhum deles podia se comparar com Thomas, de qualquer maneira. Por que se incomodar?

Ela chegou tão perto de abrir seu bilhete várias vezes sem deixar Joseph lê-lo, mas sua promessa para Thomas a impediu de fraquejar. Mesmo que estivesse morto e ninguém, ninguém além dela, jamais soubesse, ela sentiu que devia o suficiente para respeitar seus desejos.

—Eu sei quanto tempo passou,— ela disse. —Eu não estou pronta.— Mesmo enquanto dizia as palavras, sabia que tinha que parar de adiar o inevitável. Ela precisava crescer.

Joseph suspirou e lhe um aceno com a cabeça mudo.



—Você terminou pelo dia? Você parece prestes a cair.

—Você gostaria disso, não é, Vovô?— Ele não parecia tão velho, talvez uns trinta e cinco, e pelos padrões de sua raça, estava ainda no auge, mas mesmo assim, vinha agido como um homem velho cansado ultimamente, e estava na hora dela tirá-lo dessa.

A sugestão mais leve de sorriso puxou o canto de sua boca. Era bom de ver. Ela não podia se lembrar da última vez que o viu sorrir.

—Vovô?

—Você me ouviu. Eu sei que devia pegar leve com você, vendo como é apenas uma bolsa ambulante de artrite, mas eu preciso aprender esta coisa assim poderia assumir o comando quando o ataque cardíaco atacar.

Seu sorriso alargado.

—Artrite?

—Quer que eu peça à Senhorita Mabel para você pegar emprestado o velho andador dela? Eu odiaria ver você cair e quebrar um quadril.

Joseph agitou sua cabeça, sorrindo.

—Adolescentes,— ele murmurou sob sua respiração. —Traga seu traseiro esquelético aqui, e eu mostrarei exatamente o que um homem velho como eu pode fazer.

—Tem certeza que o Alzheimer não fez você esquecer?

—Acho que nós descobriremos.



Nika ia morrer. Seria massacrada aqui esta noite e acabaria



quebrando sua promessa a Tori. De modo nenhum podia lutar contra tantos Synestryn. Iriam matá-la.

Ou pior. Tomariam seu sangue e rasgariam os últimos poucos duramente conquistados pedaços de sanidade de sua mente, enviando-a de volta àquele lugar escuro onde seus pensamentos não eram próprios, seu corpo era uma concha perdida, e a morte pairava sobre ela, esfregando suas mãos em antecipação ávida.

O pesadelo relampejou diante de seus olhos, ameaçando torná-la fraca de medo. Não queria isto. Não queria voltar para aquele lugar onde estava impotente contra a atração dos monstros, onde podiam arrancá-la de seu corpo e forçá-la a assistir as coisas que faziam, se divertindo ao derramar sangue e criar dor e pesar. Morrer parecia a melhor das duas opções. Sua melhor chance era provocar sua ira, assim a matariam diretamente.

Eu sinto muito, Tori. Eu sinto tanto que não possa ficar com você.

A promessa quebrada a cortou fundo, fatiando sua alma até que ela sangrou, mas não podia deixar os sgath terem sua mente novamente. Ela não podia.

Nika balançou a pá, batendo em uma das bestas na cabeça. A pá ricocheteou, fazendo seus braços arderem com a força do seu golpe, mas não fez nada ao Synestryn. Nem mesmo tirou o equilíbrio do monstro. E havia seis deles, logo seriam mais, desde que sua mão não tinha parado de sangrar.

Um arco prateado de luz cintilou na frente dela, e uma fração de segundo depois a cabeça do sgath mais próximo voou longe de seu corpo.

Um homem volumoso se empurrou entre ela e os monstros.



Madoc.

Estava aqui. A alma de Nika gritou em alegria.

Ela alcançou e deitou sua mão nas costas largas dele, tocando-o para ter certeza que era real e não uma invenção de sua imaginação.

O calor de seu corpo irradiava, descongelando seus dedos gelados. Seus músculos se agrupavam embaixo da jaqueta de couro gasta à medida que se movia, desviando dos Synestryn, os cortando com sua espada.

Nika fechou seus olhos e absorveu a sensação dele, real e sólido depois de tantos meses de desejo.

—Saia daqui, porra— ele estalou para ela. —Eu os segurarei.

Nika voltou para realidade. O som radical do sgath lutando com ele se elevou até que encheu seus ouvidos. Ela não podia ver depois dele, mas sabia que rechaçar tantas bestas seria difícil, se não impossível.

Se ela corresse, ele poderia desaparecer novamente. Ela tinha que ajudá-lo, não deixá-lo, então se apertou contra a árvore fria, protegeu seu corpo, e empurrou sua mente no sgath mais próximo.

Ele tinha consumido seu sangue de alguma maneira - provavelmente comendo a carne de outro sgath que também consumiu seu sangue - e por causa disto, Nika estava conectada à ele. Podia alcançar dentro de sua mente, tomar posse, e, se estivesse forte o suficiente, força-lo a cumprir suas ordens por pouco tempo. Afortunadamente, pouco tempo era tudo precisava para Madoc cortar a besta uma vez que a mantivesse parada para sua lâmina.

Manobrar pela mente da coisa era como vadear por barro



fedorento. Cada passo a atraindo, tentando arrastá-la para baixo. Nika lutou contra isto, ignorando a sujeira podre de seus pensamentos, e se apoderando do controle dos membros do sgath.

Uivou em ira, violentamente tentando empurrá-la de sua mente, mas Nika recusou a se mover.

Por seus olhos viu Madoc balançar sua espada. Seus movimentos eram mais bruscos que o normal - não tão fluidos quanto eram antes. Ele ainda era uma ardente potência de força, mas havia alguma outra coisa que podia ver nele - algo que o sgath podia sentir que ela não podia enquanto estava dentro de seu próprio corpo. Era como se o sgath reconhecesse parte de Madoc, uma sombria e violenta parte dele que estava normalmente escondida.

Nika estava tão intrigada por esta nova visão, que quase esqueceu sua tarefa.

O sgath que ela possuía investiu para a garganta dele. Nika agarrou um domínio mental das mandíbulas da coisa e as segurou fechadas antes que seus dentes pudessem fazer contato. O sgath saltou, aterrissando desajeitadamente de lado.

Vertigem torceu o mundo de Nika enquanto o sgath se endireitava e se movia para outro ataque. Desta vez, Nika estava pronta. Ela enfocou sua vontade, tomando o controle do corpo do sgath. Ela o forçou a ficar parado, esperando pacientemente enquanto a lâmina de Madoc cortava de lado. Nika sentiu a espada penetrá-la. Ela sentiu o pânico frenético que se apoderou do sgath quando percebeu que a morte estava vindo por ele.

Madoc ergueu seu braço espesso novamente e aterrissou um golpe fatal, decepando a cabeça do sgath.



Nika se lançou da mente da besta antes de ser muito tarde, antes dela morrer junto com o sgath. Seu corpo a sugou de volta, como se estivesse amarrada no fim de uma corda bungee. O som do chicote mental fez sua cabeça girar, mas estava acostumada a isto. A árvore em suas costas a manteve firme enquanto recuperava seu equilíbrio.

Quando seu mundo parou de girar, Madoc terminava de massacrar o último sgath e girou para encará-la.

—O que pensa que está fazendo, porra?— ele exigiu, seus traços bruscos se apertando em uma máscara de ira. Seus olhos verdes estavam mais escuros do que ela se lembrava, ou talvez fosse simplesmente a falta de luz aqui fora no cemitério.

A boca de Nika abriu, mas nada saiu. Estava respirando forte, tremendo por seus esforços desta noite, e quase incapaz de ficar em pé. Palavras pareciam sem importância.

Ao invés, ela se empurrou para cima, deslizou seus braços dentro da jaqueta aberta de Madoc, e se aconchegou contra seu corpo. Imediatamente, seu calor entrou nela, levando embora parte do frio em seus ossos.

O corpo do Madoc ficou totalmente parado.

—Não me toque.

Nika apertou sua bochecha contra o peito dele, deleitando-se na batida constante de seu coração embaixo de sua orelha. Contra seus seios, os músculos dele tencionaram. Seus mamilos apertaram, mas ela estava perdida demais em seu calor para ficar envergonhada pela reação de seu corpo a ele.

A voz dele tremeu, soando cansada, como se fosse difícil para ele controlar suas palavras.

—Você não devia estar me tocando, porra. Não é seguro.



Seguro ou não, não iria se afastar de seu calor delicioso tão logo.

—Eu estou com frio,— ela disse a ele, assim a deixaria ficar para desfrutar dele.

Mas ele não o fez. Ele desengatou seus braços do corpo dele, e despindo-se de seu casaco, o embrulhou ao redor dela, e deu um passo longo para trás.

—Fique longe.

Seu aroma estava agarrado no couro, enchendo seus pulmões toda vez que inspirava. Seu calor a cercou, penetrando em sua pele gelada. Nika deslizou seus braços nas mangas e abraçou aquele calor mais perto.

A vertigem tinha enfraquecido, e embora seu corpo estivesse fraco do esforço físico que fez esta noite, sua mente parecia forte. Sólida. Inteira.

Sempre que Madoc estava próximo, os sgath a deixavam em paz. Eles não tentavam arrancá-la de seu corpo e mostrar todas as coisas horríveis e violentas que podiam fazer. Eles sabiam melhor que tentar machucá-la quando ele estava ao redor. Eles eram espertos o suficiente para temê-lo.

De fato, todo mundo parecia temê-lo, pelo menos de alguma pequena maneira.

Exceto ela.

Talvez todos vissem aquela escuridão que o sgath via nele, e ela era a única cega para aquele lado perigoso dele. Talvez em relação a Madoc, Nika fosse louca.

Ela tentou alcançá-lo e ele tropeçou para trás, tentando se afastar dela.

—Eu não machucarei você,— ela disse a ele, deixando sua



mão cair.

—Não, mas eu não posso dizer o mesmo. Você precisa entrar naquele carro que roubou e dirigir seu traseiro de volta a Dabyr.

—Eu não posso partir. Não até que tenha os ossos.

—Que ossos?

—Os ossos da estranha repousando no túmulo da minha irmã.

Uma carranca tomou as características bruscas dele, forçando suas sobrancelhas para baixo sobre seus olhos.

—Ossos de Tori?

—Não. Não de Tori. Minha irmã está viva.

Madoc soltou um suspiro longo e paciente.

—Voltamos para isto, não é?

—Nós nunca deixamos isto. O fato que ninguém me escuta não muda a verdade.

—Está frio demais aqui fora para você ficar brincando na sujeira. Vá para casa.

Ele não ia escutar. Nenhum deles jamais a escutava. Nika louca, toda leve na cabeça. Pobre, delirante garota.

Nika levantou a pá e começou a voltar na direção do túmulo de Tori.

—Onde infernos pensa que está indo?

—Cavar. Eu apreciaria se ficasse. Eu estou sangrando um pouco, então estou certa que teremos mais companhia a qualquer momento.

Madoc agarrou as costas da jaqueta de couro que ela vestia e a puxou para uma parada.

—Sangrando?

—Só um pouco, mas o suficiente para que possam cheirar.



—Mostre-me.

O modo como disse, envolvida com uma ira fracamente controlada, fez Nika hesitar.

—Por quê? Não é como se você se importasse.

—Mostre.

—Certo. Tanto faz.— Ela estendeu sua mão, e Madoc realmente recuou antes que pudesse se conter. Ele não a tocou. Ele se inclinou sobre sua palma para inspecionar o dano.

—Porra,— ele rosnou. —Agora temos que remendá-la.

—Não até que eu tenha acabado aqui.

—Oh, você acabou. Aqueles ossos podem esperar.

—Por quê? Você tem medo de lutar contra as coisas que meu sangue atraíra?

Seus olhos verdes se estreitaram.

—Eu não tenho medo de qualquer coisa, garotinha.

Só para provar que estava errado, ela tentou alcançá-lo. Madoc balançou para trás, quase caindo de bunda para evitá-la.

—Exceto de mim, aparentemente.

—Não me toque,— ele estalou.

Nika o ignorou e continuou caminhando na direção do túmulo de Tori.

—Vai ser difícil me parar se tiver medo de me tocar,— ela disse sobre seu ombro.

Ela o ouviu murmurar uma maldição cáustica antes de o sentir chegando mais perto.

Ele fez seu caminho, sua boca apertada com determinação.

—Nós vamos fazer isto do meu modo.

Nika ergueu uma sobrancelha.

—Não a menos que me obrigue.



—Você realmente não devia me provocar. Não gostará do que acontece.

—Como sabe?— Ela perguntou. —Você não fica tempo suficiente para ter qualquer ideia sobre o que eu gosto ou não.

—Eu estou protegendo você de si mesma.

Nika rolou seus olhos.

—Meu herói.

—Estou falando sério.

—Também estou. Eu vou desenterrar aqueles ossos com ou sem sua ajuda.

Em vez de discutir, Madoc simplesmente se inclinou até que o ombro dela estava nivelado com seu estômago, a alcançou por trás para firmar seu corpo, e se levantando, a virou sobre suas costas. Sua cabeça ficou tonta com o movimento súbito, e teve que se agarrar a camisa dele para se firmar.

—O que está fazendo?

—Pondo você em minha caminhonete. Levando-a para o lar onde pertence, onde malditamente vai ficar.

Seu passo era constante sobre o chão frio; cada passo pesado de suas botas pressionava seu ombro sobre o estômago dela.

—Você está me deixando enjoada.

—Melhor que morta.

—Coloque-me no chão.— Ela queria bater em suas costas, mas sabia que isto não faria nada além de esgotá-la ainda mais.

—Não.— Com um movimento poderoso, levantou ambos sobre a baixa cerca de metal rodeando o cemitério.

Nika podia ouvir um motor perto ligado. Estava quase sem tempo.

—Você pode pelo menos me escutar?



—Fale tudo que quiser. Não mudará nada.

Madoc mudou seu peso e a deixou no assento da caminhonete. Outro momento de vertigem a distraiu, mas lutou contra coisa pior.

—Eu preciso daqueles ossos. Eu preciso da prova que Tori está viva.

—Não é meu problema.

—Se você me levar de volta, eu vou partir novamente.

—Talvez então esteja mais quente.— Ele subiu na caminhonete, a empurrando para que desse lugar a ele.

—Você realmente não se importa, não é? Você não se importa que Tori esteja lá fora sofrendo.

—Tudo com que me importo é levar você para casa e voltar para o ninho que esperava desocupar antes de ser tão rudemente interrompido.— Ele se esticou por cima dela, debaixo do assento, retirando um kit de primeiros socorros, e o abriu.

Ele abriu um pequeno lenço antisséptico com seus dentes, cuspidando o topo da folha prateada do envelope sobre o assoalho.

—Me dê sua mão.

Pelo menos estava disposto a tocá-la agora. Não como ela queria. Não como sonhava, mas já era algo. Um começo, pelo menos. Podia trabalhar com isto.

Nika colocou sua mão para fora e a manga da jaqueta preta dele se virou sobre seus dedos. Ele empurrou o casaco para cima e tocou de leve no corte em sua mão. O feio e fosco anel preto que usava roçou seu polegar, deixando-o frio, mas se recusou a reclamar.

—Veja. Não é ruim,— ela disse.

—Sangue ainda é sangue. Liguei para Tynan e verei se pode



nos encontrar.

—Não. Eu não o quero em nenhum lugar próximo a mim. Estou cansada de doutores.

—Aquele sanguessuga dificilmente é um doutor, e você devia ter pensado sobre isto antes de deixar Dabyr.

—Apenas cubra. Não está nem realmente sangrando mais.

Madoc a ignorou, retirou seu celular, e discou.

—Onde você está?— ele exigiu.

Palavras metálicas que ela não podia distinguir saíram do telefone.

—Nika está machucada,— disse Madoc. —Você pode nos encontrar?

Nika tentou pegar o telefone, mas Madoc se afastou, fugindo de seu aperto.

—Claro que é sério. Ela está sangrando, porra.

—Não é sério,— Nika gritou, esperando que fosse ouvida.

Madoc lançou um olhar de advertência.

—Sim. Eu sei o lugar. Nós estaremos lá.— Ele deslizou o telefone de volta em seu cinto, pondo a caminhonete em marcha, e saindo da pequena área de estacionamento. —Coloque o cinto,— ele disse para ela. —E nem pense sobre tentar qualquer coisa estúpida. Eu tenho um rolo de fita adesiva atrás, e juro por Deus que se me fizer usá-lo, nós dois lamentaremos.

Nika puxou o cinto ao redor de seus quadris, se recusando a mover para o lado mais distante da cabine. Estava quente próximo de Madoc, e apesar da jaqueta dele, ainda estava tremendo por sua exposição ao frio.

—Por que tem que agir de um jeito tão idiota?— ela perguntou.



Ele ligou o aquecedor na potência total e apontou as aberturas na direção dela.

—Não é uma atuação. Se não gostar disto, fique longe.

O calor começou a penetrar nela, mas só fez os tremores piorerem. Músculos não acostumados a tanto esforço físico se apertando, se rebelando por seu abuso.

—Onde estamos indo?

—Tynan está muito longe. Está enviando Connal para nos encontrar.

—Não. Eu não o conheço. Eu não quero que me toque.

Madoc se mexeu em sua assento, se afastando dela.

—Maldito seja, Nika! Você saiu e se machucou. Eu não sei merda alguma sobre remendar pessoas. O melhor que podia fazer seria jogar uma tira de fita adesiva sobre disto. Não é bom o suficiente.

—Na verdade, isso seria perfeito. Não apenas iria parar o sangramento; também me impediria de conseguir mais bolhas.

—Você não vai voltar para desenterrar aqueles ossos, e isto é definitivo.

—Eu achei que você, de todas as pessoas, me escutaria.

—Por quê? Porque eu sou tão fodidamente sensível?

—Não, porque você sabe que não estou louca.

—Não, eu não sei. Expondo-se no frio no meio da noite em um cemitério, sozinha e desarmada, é bem louco, porra.

—Eu preciso daqueles ossos. Por favor.— Ela colocou sua mão no braço dele, e porque estava dirigindo, não podia se afastar. Ela sentiu os músculos espessos sobre sua mão se contraírem como se quisesse, mas sabia que não arriscaria bater o carro.

Um suspiro cansado encheu o silêncio.



—Por que, Nika? Por que aqueles ossos são tão importantes?

—Porque provam que Tori ainda está viva.

—Não. Ainda que aqueles não sejam seus ossos, tudo que prova é que nós não achamos seu corpo ainda. Você realmente quer fazer isto a Andra? Você realmente quer tirar o pouco de paz que encontrou enterrando Tori?

—Você não entende. Tori ainda está viva. Eu posso senti-la. Salvá-la fará Andra se sentir muito melhor que qualquer enterro falso jamais poderia.

—Você não pode saber que ela está viva.

—Eu posso. Nós estamos conectadas. Ela está ficando mais fraca, mas eu ainda posso senti-la dentro de mim. Eu ainda posso senti-la sofrendo.

Ele agitou sua cabeça.

—Isto é loucura. Você precisa esquecer ou vai conseguir ser morta.

—Então o que? Você deixou claro que não se importa comigo de uma forma ou de outra.

A caminhonete balançou à direita, gritando numa parada súbita. Madoc mudou a marcha para estacionar com força e girou para encará-la.

—Você não tem nenhuma fodida ideia do que está falando. Eu gastei cada momento livre desde que a conheci caçando os sgath para você, tentando libertar esta sua mente fodida. Isto conta. Eu posso estar morto por dentro, mas maldito seja, isto conta.

A dor que irradiava dele a chocou. Ela sempre pensou sobre ele como invencível. Claramente, até ele podia se machucar.

Nika alcançou e apertou sua mão contra a bochecha dele. A



barba por fazer fez cócegas em seus dedos. Sua mandíbula cerrou, mas ele não se afastou.

—Você não está morto por dentro. Por que acha isto?— ela perguntou.

Sua boca se apertou com raiva e seus olhos se fecharam. Uma respiração profunda encheu seu tórax, erguendo seus ombros. Ela podia senti-lo lutando para recuperar o controle.

Em um tom cuidadosamente modulado, ele disse:

—Esqueça que eu disse qualquer coisa. Eu estou bem.

Era uma mentira. Ela podia ver a mácula disso manchando suas palavras, que significava que não estava bem. Pânico explodiu dentro de Nika. Ela não podia deixar qualquer coisa acontecer com ele. Ele era muito importante, não só para ela, mas para todo os outros, também.

—O que está errado com você?

—Eu sou um idiota incurável. Isto é tudo.— Com isto, voltou para a estrada, se afastando de seu toque, e misturando-se na rua.

Nika sentou de volta, sua mente vacilando. Ele estava mentindo sobre estar bem, que significava que algo estava errado. Seriamente errado.

Seja o que fosse, Nika tinha que descobrir o que era e consertar. Ela precisava demais de Madoc para perdê-lo. Sem ele, estava destinada a voltar para o modo como costumava ser, incapaz de controlar a atração dos Synestryn em sua mente, incapaz de resistir a ser sugada no mundo de sangue, dor e morte deles.

Ela não podia deixar isto acontecer. Não novamente. De uma forma ou de outra, entenderia o que estava errado e encontraria alguém que pudesse consertar.



Capítulo 3

Connal já estava esperando por eles quando entraram na casa Gerai. Madoc esteve aqui antes, na noite que tiraram Nika do hospital psiquiátrico. Os doutores humanos não fizeram nada para ajudá-la, e realmente permitiu que ela enganasse suas mentes para pensarem que estava boa quando estava enfraquecendo, incapaz de comer.

Madoc soube no momento que a viu que ela seria problema; ele apenas nunca suspeitou do quanto. Ele não tinha um momento paz desde que a encontrou, não que realmente merecesse alguma. Ainda assim, às vezes se perguntava como sua vida seria se nunca a tivesse encontrado.

Ele já estaria morto. Conhecia-se muito bem para enganar a si mesmo e pensar o contrário. Não teria uma razão para viver. Ele cederia à atração de remover aquele frígido anel preto, desistir da última lasca de sua alma, e ser libertado. Seus irmãos o teriam achado e matado, mas não antes dele lhes fazer algum dano sério de volta.

Quem sabia quantas vidas Nika salvou dando a ele uma razão para se agarrar? Claro, uma vez que libertasse sua mente e matasse o último sgath, aquela razão estaria terminada.

Madoc realmente precisava morrer antes disso acontecer. Ele precisava desistir e se desapegar, mergulhar de cabeça em um ninho de Synestryn e derrubar tantos quantos pudesse antes deles o matarem.



O problema era a contagem de tempo. Se fosse para sua morte muito cedo, a cabeça de Nika ainda estaria fodida. Se esperasse muito tempo, pessoas com quem deveria se importar morreriam. Melhor errar do lado da precaução enquanto ainda tinha suficiente controle sobre suas ações para fazer isso.

Estava na hora de se desprender. Passar para outro Theronai sua busca em matar cada último sgath. Não era como se ele fosse o único que pudesse matar os fodidos. Não existia nada de especial sobre ele. Era só mais um braço de espada, mais um guerreiro.

Eles não precisavam dele; eles precisavam dele morto antes que pudesse machucar alguém.

Especialmente Nika.

—Eu me lembro desta casa,— disse Nika.

—Nós trouxemos você aqui na noite que a tiramos do hospital.

Ela deu um aceno com a cabeça distraído, olhando fixamente a modesta casa localizada dentro de uma área isolada e arborizada fora de Omaha.

—Eu tentei fugir para chegar em Tori, mas um vampiro me parou. Você entrou e cuidou de mim.

Madoc bufou.

—Difícilmente. Eu disse que colocasse seu traseiro esquelético de volta na cama.

—Você me alimentou. Eu não comia há tanto tempo.

—Você não está mais tendo dificuldade com isto, não é?

—Não muito frequentemente. Eu estou mais forte agora. Eu posso normalmente dizer a diferença entre as coisas que acontecem em meu corpo e as coisas que acontecem na minha



mente enquanto ela está no corpo dos outros.

Isso era uma merda maluca que Madoc se recusava a pensar por muito tempo. Lidar com sua própria dor era ruim o suficiente. Ter também que suportar o sofrimento em outra pessoa seria um pesadelo.

—O furgão de Connal está aqui. Nós devíamos entrar.

—Eu realmente não quero fazer isto— disse Nika. Sua voz tremeu, fazendo Madoc se sentir como o maior otário na face do planeta por forçá-la.

Era a coisa certa a fazer. Ela estava sangrando. O sanguessuga faria parar. Era simples assim.

—Se ele machucar você, eu o matarei,— ele disse, querendo dizer cada palavra.

Ele saiu da caminhonete, e Nika escorregou através do assento na direção da porta. Parecia pequena e frágil dentro de sua jaqueta de couro. A coisa a engolia, pendurada sobre suas mãos e quase até seus joelhos. Suas bochechas estavam rosas do frio, e a luz de teto sobre sua cabeça fazia seu cabelo branco brilhar.

O coração de Madoc apertou, e uma necessidade estranha o inundou. Tinha passado séculos protegendo os outros. Era hábito para ele este ponto, feito sem mais pensamento do dava a respiração. Mas com Nika era diferente. O desejo de envolvê-la em seus braços guerreava com a necessidade de rosnar e mostrar seus dentes para o mundo, matando qualquer um que chegasse perto dela. A ferocidade de seus impulsos o assustavam como o inferno e apenas o advertiam o quanto estava próximo do fim.

Podia sentir a última folha da sua marca da vida presa à sua pele, pendurada no meio de sua descida. O anel preto que usava



em sua mão direita diminuía a velocidade da queda da folha, permitindo a ele se agarrar na última lasca de sua alma e fingir ser normal. Pelo menos por pouco tempo. O anel que recebeu de Iain, o líder do grupo secreto Bando dos Áridos. Como todos os homens no Bando, estava vivendo um tempo emprestado. Desde que o anel permanecesse no dedo, podia aguentar um pouco mais, suportar a dor torturando seu corpo, e libertar a mente de Nika do sgath que a roubou.

Ele pretendia ajudá-la a distância, a protegendo dele mesmo, mas agora ela estava aqui, perto o suficiente para tocar, olhando-o com confiança brilhando em seus olhos azuis.

Ela não tinha ideia do quão próximo estava de se tornar um monstro.

Nika colocou suas mãos nos ombros dele para se firmar enquanto saltava da caminhonete. Contra sua vontade, as mãos de Madoc foram para a cintura dela, a erguendo. Pelo couro e a estrutura espessa de seu suéter, ele imaginou que podia sentir a curva de sua cintura. Era um truque da mente, já que sabia malditamente bem que Nika não tinha curva alguma. Ela era pele e ossos, embora seu rosto parecesse ter suavizado um pouco desde que a viu pela última vez meses atrás. Havia um volume em suas bochechas que não estava ali antes. Com Nika coberta por todas aquelas camadas de roupas, Madoc podia quase fingir que ela era uma mulher normal em vez de uma coisa magra e delicada que ele podia quebrar sem nem mesmo tentar.

Seus dedos apertaram ao redor da cintura dela e ela olhou para ele.

—Quando terminarmos aqui, eu quero voltar e terminar o que comecei.



Madoc assistiu sua boca se mover, hipnotizado pela curva de seu lábio inferior. Estava mais cheio, também, ou apenas imaginava isto? Talvez se a beijasse fosse capaz de dizer.

—Você me ajudará, não é?— ela perguntou.

Finalmente, as palavras penetraram. Não havia maneira alguma no inferno que a deixasse voltar para aquele cemitério, mas se dissesse isto, ela apenas tentaria achar um caminho para voltar sem ele. E isto aconteceria apenas sobre seu cadáver apodrecido.

—Veremos,— ele disse. —Deixe Connal cuidar de você primeiro; então conversaremos.

—Eu não quero que ele me toque.

—Eu sei. Nem eu, mas você sabe que não pode andar por aí sangrando.

Uma voz surgiu da escuridão próxima à casa.

—Não, ela não pode,— disse Connal. —Traga-a antes de termos um enxame em nossas mãos.

Ele tirou suas mãos das de Nika, mas a falta de contato o deixou se contorcendo. Ele queria alcançá-la e tocá-la novamente, mas sabia melhor. Quanto menos contato tivesse, melhor seria para ela. Nika soltou um suspiro descontente e seguiu Connal para dentro da casa.

—Vamos acabar com isto.

Madoc entrou e fechou a porta. A sala de estar era mobiliada simplesmente, com um sofá e uma poltrona reclinável. Tudo era uma mistura de cores neutras meio que enfraquecendo em monotonia.

Connal gesticulou ao sofá para Nika sentar.

O Sanguinar era mais baixo que a maioria, e provavelmente



pesava apenas metade de Madoc. Tinha um rosto de bebê, fazendo-o parecer como se devesse estar na faculdade festejando com seus colegas de fraternidade. Seu cabelo descia sobre sua testa em uma elegante queda, e, como todos os Sanguinar, seu rosto era celestialmente bonito.

Nika mal parecia notar, diferentemente da maioria das mulheres, que simplesmente ficavam paradas e olhavam fixamente assim que um dos Sanguinar entrava em uma sala.

Felizmente, isso significava que Madoc não tinha que matá-lo quando isto terminasse.

—Tire seu casaco e sente,— disse Connal. Nika hesitou por um momento, antes dela ceder e tirar a jaqueta pesada de Madoc. Embaixo havia um suéter volumoso que caia parcialmente sobre suas mãos, então ela o tirou, também, ficando apenas com uma camisa fina e confortável.

Madoc congelou no lugar, olhando fixamente para ela.

A menina delicada que se lembrava partiu, e em seu lugar estava uma saudável e curvilínea mulher. Ainda estava magra, mas seu corpo encheu, dando aos seus seios e quadris um volume que estava ausente. Ela não mais parecia tão quebrável. *Certo*, ele sabia que ainda podia machucá-la, mas não era como antes. Ela não era frágil.

Ela era magnífica. Perfeita.

Madoc encarou por tanto tempo sem piscar que seus olhos secaram. Embaixo do zíper de sua calça jeans sentia seu sexo inchar, e seus dedos cerraram em punhos para impedi-lo de agarrá-la.

Connal olhou de Nika para Madoc e de volta.

—Você parece estar vendo um fantasma.



A boca de Nika se ergueu em um sorriso conhecedor.

—Não, ele estava acostumado a ver um fantasma e agora está vendo uma pessoa real novamente.

—Você está melhor,— disse Madoc, sua voz um sussurro reverente.

—Eu disse a você que estava. Você não escutou.

As mãos de Madoc coçaram para alcançar e deslizar sobre o corpo dela. Queria sentir a curva esbelta de seu quadril, segui-la até o oco de sua cintura, e continuar até seus seios preencherem suas palmas.

Os mamilos dela se elevaram, pressionando contra o algodão fino de sua camisa como se soubesse o que ele estava pensando. *Claro*, seu olhar fixo provavelmente o entregou.

Connal limpou sua garganta.

—Eu sugiro que continuemos aqui. Claramente, vocês dois tem coisas a discutir.

—Nós temos,— disse Nika. Então ela sentou e ofereceu a Connal sua mão ferida, dispensando Madoc.

O sanguessuga tomou sua mão na dele. Madoc friccionou seus dentes e plantou seus pés no tapete bege, se recusando a mover. Se o fizesse, puxaria sua lâmina e a usaria para decepar a cabeça de Connal por ousar tocá-la. Não importava que ele quisesse isto, que trouxe Nika aqui para o Sanguinar curá-la. A única coisa que importava era o fato que outro homem a estava tocando.

Depois de cutucar sua pele por um momento, Connal olhou para Madoc com desgosto evidente em seu rosto.

—Você me tirou de meu trabalho para lidar com isto? Nem mesmo está sangrando mais.



—Disse a você,— disse Nika.

—Ela estava sangrando.

Connal levantou do sofá.

—Era só um arranhão. Da próxima vez, não me chame a menos que alguém tenha perdido um membro. Entendido?— Ele não esperou por uma resposta, mas saiu furiosamente da casa, batendo a porta atrás dele.

Deixando Nika e Madoc sozinhos.

A dor dentro da cabeça de Madoc tinha aumentado a noite toda. Matar aqueles sgath libertou parte da pressão, mas longe do suficiente. Precisava voltar lá fora, matando e transando assim a dor não o comeria vivo.

—Hora de ir,— ele disse.

—Isso depende se está me levando de volta para o cemitério.

—Estou levando você de volta para Dabyr.

Ela cruzou seus braços sobre o peito, o que pressionou seus seios juntos, empurrando-os para cima na direção dele como se ela estivesse os oferecendo.

A boca de Madoc encheu de água com a tentação.

—Por quê?— Ela perguntou. —Você sabe que eu sairei novamente assim que virar suas costas.

—Joseph manterá um vigia sobre você agora. Terei certeza disto.

—Eu não sou uma criança. Eu não preciso de babá.

—Aparentemente, você precisa.

—Só me deixe terminar de desenterrar aqueles ossos e eu voltarei tranquilamente.

Se fizesse isto, então teria que levá-la de volta ao cemitério e passar o resto da noite escavando sujeira quando realmente



precisava estar matando algo.

—Você pode conversar com Andra sobre isto quando chegarmos em casa.

—Andra nunca está em casa. Ela está perseguindo crianças desaparecidas em Illinois nas últimas duas semanas. Além disso, Andra não é minha guardiã. Eu sou adulta. Eu posso decidir o que quero fazer.

—Eu acho que você acabou de mostrar como são inteligentes suas decisões independentes.

—Eu estou fazendo a coisa certa.

—Certo. Então faça isto com outra pessoa. Eu tenho lugares para ir.

—Vá, então.

—E deixar você aqui sozinha?

—Eu ficarei bem. Há uma estrada principal não muito longe, eu estava prestando atenção no caminho para cá. Eu estou certa que alguém vai parar e me dar uma carona.

—Você quer *pegar carona*?

Ela ergueu um ombro esbelto.

—Por que não? Eu nunca fiz isto antes, e depois de todos aqueles anos no hospital, eu tenho muita vida para colocar em dia.

—É isto. Eu estou cheio. Vou mandar Joseph enviar alguém para pegar você.— Ele puxou seu celular do cinto e discou para Joseph. Antes de poder tocar uma única vez, Nika se lançou nele, agarrou o telefone, e correu para a cozinha.

Madoc estava tão chocado que levou um segundo para reagir. Quando a perseguiu na cozinha, já tinha empurrado o telefone no triturador de lixo e ligado o interruptor.

Um horrível som lamentoso e triturante sacudiu a pia.



Nika ficou com um olhar presunçosamente prazeroso em seu rosto.

Madoc olhou dela para a pia e de volta.

—Eu não posso acreditar em que você acabou de fazer isto.

—Eu estou cansada de ter pessoas ditando o que posso e não posso fazer. Eu não preciso da aprovação de Joseph para qualquer coisa. Ou a sua.

Ela estava zombando dele. Talvez não tivesse a intenção, mas estava.

Madoc avançou, deixando a ira que sempre borbulhava sob a superfície se mostrar em seu rosto. Não iria usar sua máscara civilizada com ela, não se fosse zombar da besta.

O triturador de lixo parou, então zumbiu furiosamente por um momento antes de silenciar.

Nika se manteve firme, mas parte da cor em seu rosto se drenou enquanto observava ele chegar mais próximo.

—Você está chegando perigosamente perto de me irritar,— ele advertiu.

Seu queixo subiu uma polegada.

—Você não me assusta.

—Não? Acho que isto apenas prova o quanto leve da cabeça realmente é, então.

—Você é grande, rude e mau, mas não me machucará.

—Você não sabe disto.— *Inferno*, nem ele sabia se continuaria se controlando.

—Eu sei. Você e eu estamos conectados do mesmo modo que Paul e Andra estão. Eu não entendo exatamente como alcançar você ainda, mas se me matasse, estaria matando a si mesmo, também.



Madoc se recusou a deixar seus olhos se moverem para o anel da luceria em sua mão esquerda. Sabia o que veria. Não haveria qualquer redemoinho de cor mostrando que Nika e ele eram compatíveis, que ela podia drenar o vasto poço de poder devastador que alojava dentro de si mesmo. Não haveria movimento, nenhum zumbido sutil de um diapasão depois que foi atingido. Sua luceria estava quase morta, assim como sua alma. As cores que estiveram dentro dela por séculos, esperando pela hora que uma Theronai as acordaria, tinham enfraquecido quase completamente. A pálida faixa quase branca estava como no último ano passado. Não havia sentido algum em enganar a si mesmo que Nika tinha mudado isto.

Ela não podia ser sua. Não podia salvá-lo, não importava o quanto desejasse o contrário.

Se não se afastasse dela logo, se esqueceria e decidiria que não importava que Nika indubitavelmente pertenceria a outro homem mais dia ou menos dia. Dúzias de Theronai chegavam voando do exterior, esperando que ela fosse seu milagre.

Até agora, o homem certo ainda não apareceu, mas logo iria. Madoc precisava lembrar disto. Manter sua distância. Ela não era uma transa conveniente. Tinha prostitutas para isto. Nika era para ser protegida, até dele mesmo.

—Nós estamos partindo,— ele disse para ela. O mais cedo que a descarregasse sobre outra pessoa, melhor. —Entre na caminhonete.

—Não.

Aquela única palavra congelou Madoc no lugar.

—O que?

—Você ouviu. Eu não vou a qualquer lugar com você. Seu



telefone está morto, então não ligará para alguém vir bancar a babá, o que significa que está preso comigo. Lide com isto.

—Você de fato acabou de me dizer para *lidar com isto*?

—Eu fiz.

Madoc estava cansado de brincar. A dor dentro dele estava aumentando, e sem uma saída, estaria enrolado em um monte soluçante pela manhã. Não podia deixar Nika ver isto.

—Entre na caminhonete. Eu encontrarei um telefone e ligarei para alguém desenterrar o fodido túmulo, certo?

—Não. Eu não acredito em você.

—Entre na maldita caminhonete, Nika.— A advertência era clara em seu tom. Ele avançou, pretendendo invadir seu espaço pessoal e intimidá-la, mas ela não recuou.

Ela inclinou seu queixo para cima e o advertiu.

—Você chega um pouco mais perto e vou beijá-lo.

Inferno, não. Isso não iria acontecer. Nem mesmo se ele vivesse tempo suficiente para assistir o sol apagar.

Se ela o beijasse, ele iria transar com ela. Se fizesse isto, a machucaria. Ele não era exatamente um homem gentil quando chegava ao sexo. E se a machucasse, então a última e minúscula lasca de sua alma murchara e morreria e acabaria matando pessoas que deveria proteger.

Nika se afastou da pia, se movendo na direção dele. Seu corpo se movia com graça sinuosa, e por um momento, ele esqueceu completamente sobre o quanto estava frágil apenas alguns meses atrás. Tudo que via era a mulher que era agora, inteira, aparentemente saudável, e sensual como o inferno.

—É o que quer, Madoc?— ela perguntou em uma voz suave.

—Você quer que eu beije você? Porque é o que eu quero. Eu



tenho pensado muito sobre isto ultimamente. Especialmente quando vou para a cama. Eu continuo desejando que você estivesse comigo. Tocando-me. Às vezes eu me toco e finjo que é você.

O cérebro de Madoc estalou, girando em torno da imagem que criou. Nika na cama, nua, com as mãos dele sendo a única coisa a cobri-la. Ela se afastaria dele ou se arquearia ao seu toque? Ela diria o que gostava, ou teria a diversão de descobrir sozinho?

As mãos dela deslizaram sobre seu tórax, para cima ao redor de seu pescoço. O deslizar de seus dedos sobre a luceria ao redor de sua garganta fez seu corpo apertar. Ele segurou sua respiração, esperando que sua luceria reagisse ao toque dela, mas nada aconteceu. Ela não estava destinada a ser dele.

Uma onda de calor o inundou, e era tudo que podia fazer para manter suas mãos em punhos ao seu lado e não puxá-la contra ele. Por mais que quisesse apertar sua ereção na suavidade de sua barriga, sabia que engano seria isto.

Apenas o faria querer mais do que ele nunca teria.

Os lábios dela se separaram e ela subiu na ponta dos pés como se fosse beijá-lo.

Pânico queimou em seu intestino e ele se balançou para dela, tirando-a do equilíbrio. Ela se agarrou no balcão e o encarou com mágoa brilhando em seus olhos azuis.

—Você ganhou,— ele sussurrou, incapaz de encontrar suficiente ar para qualquer outra coisa. —Eu desenterrarei seus ossos. Qualquer coisa que quiser, apenas não... me toque novamente.

Nika assentiu seu entendimento e virou, mas não antes dele a ver piscando as lágrimas de volta. Ele feriu seus sentimento, mas



pelo menos ele não fez pior. Ainda.



Tori Madison ouviu os passos descendo o túnel em direção à jaula onde estava sendo mantida prisioneira. Não tinha ideia de quanto tempo estava aqui. De fato, a maior parte do tempo, parecia como se sua vida antes da escuridão fosse um sonho, algo que inventou para evitar enlouquecer.

Se não fosse pelo toque de sua irmã dentro de sua mente, Tori sabia que teria morrido há muito tempo. A presença gentil de Nika sussurrando dentro dela era a única coisa que Tori tinha para viver.

E agora tinha que a abandonar. Tinha que afastar Nika, bloqueá-la.

O lorde Synestryn queria Nika. Ela o escutou falando sobre isto com a pequena menina que nunca crescia. Estavam planejando usar Tori para atrair Nika aqui.

Parte de Tori queria deixar isto acontecer. Sua vida seria tão mais agradável com sua irmã perto, perto o suficiente para tocar e ver. Mas o resto dela se lembrava que existia uma vida fora destas cavernas. Esta vida tinha calor e raios de sol. Nos bons dias, Tori podia quase lembrar como o sol era.

O raio de sol foi roubado de Tori, e não podia deixar aquela mesma coisa acontecer a Nika. Não podia recompensar sua irmã assim, então ao invés, trabalhou para se distanciar. Em vez de desejar o toque de Nika dentro de sua mente, ela enfocaria em qualquer outra coisa quando sentisse aquele roçar gentil de



pensamentos sobre os seus. Ela cantaria uma canção que lembrava tão alto que ecoaria das paredes de pedra, bloqueando todo o resto.

Lentamente, começaria a construir barreiras que mantivessem Nika fora. Tori estava só e com medo frequentemente, mas pelo menos sua irmã ainda estaria segura.

Os passos ficaram mais alto. Tori correu de volta ao canto mais apertado de sua prisão e tentou se enrolar em uma bola, mas tinha se tornado impossível. A coisa em seu estômago cresceu demais.

O lorde Synestryn Zillah virou a esquina, fazendo o sangue de Tori congelar.

Ela o odiava.

As coisas que fez com ela foram ruins o suficiente, mas o sangue que a alimentou ao longo dos anos a mudou. Ela não estava mais certa do que era, mas seja o que fosse, o agradava. Tori sabia que significava que tinha que ser ruim, assim como a coisa em seu estômago era ruim.

Os dedos de Zillah se enrolaram em torno das barras de sua jaula. Elas estavam fixas na pedra da caverna, prendendo-a em um beco sem saída com nenhum modo de escapar. Ela passou horas tentando, mas nada funcionou.

Os dedos dele eram longos demais, sua pele muito pálida. E ele era frio. Sempre que a tocava, sugava o calor de seu corpo, alimentando-se dele até que ela tremesse.

—Como está nossa criança?— Ele perguntou.

Tori se recusou a responder. Qualquer coisa que dissesse apenas faria as coisas piores. Claro, seu silêncio o enfurecia, também. Ela aprendeu há muito tempo que tudo que fazia o



enfurecia.

Seu dedo entortou, a articulação extra enrolando em direção a sua palma quando o moveu para ela vir para mais próxima.

Tori ficou agachada em seu canto. Não queria que a tocassem novamente.

—Venha aqui,— ele disse, sua voz crescendo em raiva.

Tori agitou sua cabeça.

Zillah zombou e uma luz assustadora brilhou atrás de seus olhos. Lentamente, Tori começou a deslizar sobre o chão de pedra. A pele em uma perna estava raspada antes que pudesse levantar. Segundos mais tarde, uma horda de percevejos entrou deslizando em sua cela, se alimentando na macha de sangue deixada para trás.

Tori não parou de se mover até que estava apertada forte contra as barras frias. A mão de Zillah escorregou ao redor de sua perna, enxugando uma gota de sangue. Ele a lambeu de seus dedos, sua língua pontuda se enrolando ao redor para conseguir a última gota.

Seu estômago agitou em náusea, e teve que desviar o olhar ou ficar enjoada.

—Você devia cuidar melhor de si mesma,— ele disse a ela, como se fosse sua culpa ter sangrado. —Você vai precisar de sua força. Está quase na hora.

—Hora para que?— ela perguntou antes que pudesse parar.

—Hora de nossa criança nascer e sua irmã entrar no rebanho. Maura e eu temos planos para ela.

Nika.

Apenas o pensamento de seu nome fez sua conexão acender para a vida por um breve momento. Podia sentir a presença de



Nika deslizar dentro de sua mente, quente e reconfortante.

—Está certo,— disse Zillah, seus olhos brilhando com antecipação. —Traga-a para mim.

Não. Tori não o deixaria tê-la. Ela usou cada pedaço de controle que tinha aprendido e afastou Nika, empurrando-a para fora de sua mente. Desta vez funcionou. Não funcionava sempre, porque Nika era forte, mas desta vez, Tori a manteve longe.

Zillah agitou sua cabeça, sua língua estalando com sua desobediência.

—Você a trará para mim, logo.

Seus dedos longos demais deslizaram sobre sua barriga expandida, sugando todo o calor de sua pele. Sob sua mão, a coisa dentro dela saltou como se soubesse que seu pai estava perto.

—Eu não trarei,— Tori jurou.

Zillah apenas sorriu para ela.

—Trará. Eu prometo. Quando a hora chegar, você fará qualquer coisa para parar a dor. Você não será capaz de evitar.

O medo enrolou ao redor de Tori, a fazendo estremecer. Ela sabia o que ele queria dizer. Ela ouviu alguma das outras que eram mantidas aqui conversar sobre isto. Seus sussurros ecoando das paredes da caverna, enchendo sua cabeça com visões de dor e sangue. Mas os gritos eram os piores. Ela sabia que quando a coisa dentro dela saísse, machucaria. Poderia matá-la.

Antes disso acontecer, ela precisava se livrar de sua conexão com Nika completamente. Não confiava em si mesma para não alcançar Nika quando a dor começasse.

O aperto de Zillah em seu corpo desapareceu, e Tori caiu no chão.

Ele girou e foi embora, dizendo:



—Eu verificarei você mais tarde. Não demorará muito agora.

Tori sentou ali, envolvendo seus braços ao redor de si o melhor que podia. Os calafrios agitando seu corpo parariam em pouco tempo. Ela apenas tinha que esperar até então. Uma vez que estivesse quente o suficiente para pensar direito, resolveria o que fazer. Ela inventaria algum tipo de plano para manter Nika afastada.

E se não pudesse, encontraria um modo para se matar antes da dor começar.



Zillah voltou para seus aposentos, saboreando o calor de Tori enquanto se revolia por sua circulação sanguínea. Teria sido bom ficar mais tempo e absorver mais de seu calor delicioso, mas não era seguro para a criança que carregava. Sua criança.

Estava perto de outro sucesso. Podia sentir. Outro dia ou dois e poderia segurar sua criança em seus braços e mostrar o mundo que um dia governaria.

A única coisa que afetava seu bom humor era a falta de cooperação de Tori. Sentia que estava ficando mais forte e mais capaz de resistir a chamar sua irmã. Talvez a criança dentro dela lhe desse força. Não podia estar certo. O que sabia era que se não trouxesse Nika aqui, Maura ficaria infeliz.

A única coisa que o assustava mais que a morte era a ira de Maura.

Como se seus pensamentos a chamassem, ela estava à sua espera na frente de sua mesa.



O cabelo loiro de Maura estava rebelde hoje, um ninho emaranhado de tranças ao redor de seu rosto infantil. As rasgadas roupas pretas que vestia eram mais adequadas a uma prostituta de rua do que a criança que ela parecia ser. Não que Zillah fosse dizer uma palavra. Era mais esperto. Maura não era nenhuma criança, apesar de sua aparência. Era mais velha que ele por várias vidas e tinha uma espécie de poder que não podia nem começar a entender.

Maura era mortal e Zillah respeitava isto.

—Diga-me,— ela exigiu.

Zillah se moveu ao redor dela, dando-lhe um grande espaço. Se uma de suas visões a atacasse e ela comesse a se debater, ele não queria estar próximo o suficiente que ela pudesse tocá-lo. Ele viu o que acontecia àqueles que ela tocava. Suas mortes eram lentas e dolorosas.

—O que gostaria de saber?— ele perguntou, fingindo ignorância.

—Ela convenceu Nika a vir para nós?

—Não. Mas ela irá.

—Eu a quero,— disse Maura com um beicinho. —Eu quero Nika.

—Eu sei, e disse que a conseguiria para você. Tenha paciência.

—Eu tenho esperado por nove anos. Isto é tempo suficiente.— seu tom imperioso deixou os dentes de Zillah no limite.

—Não será muito tempo agora. Só alguns dias.

Maura bateu seu pé delicado.

—Agora, Zillah. Eu a quero agora, antes dela retornar para a segurança de Dabyr.



Ao invés de bater na pirralha, Zillah fez uma referência baixa para cobrir a raiva que sabia estar torcendo seu rosto.

—Como você desejar, minha senhora. Enviarei alguns de meus melhores guerreiros para buscá-la para você.

Acalmada, Maura sorriu.

—Isso mesmo. Foi tão difícil?

Zillah não ousou responder àquela pergunta.

—Se posso perguntar, por que ela é tão importante para você?

—Ela não é. Sua mente é. Eu preciso ver como funciona, como controla os sgath.

—Eu duvido que ela jamais concorde de boa vontade em nos ajudar.

Maura deu um delicado encolher os ombros.

—Ela não tem que estar disposta. Se não for boazinha, então arrancarei seu poder dela e o tomarei para mim mesmo.

—Você pode fazer isto?

Um sorriso misterioso gradualmente estirou sua boca de arco de Cupido.

—Eu posso. Tenho praticado em seus homens.

As implicações de sua declaração atingiram Zillah como uma árvore em queda.

—Você é quem tem matado minhas tropas de elite.

Ela deu um passo mais perto dele.

—Você não se importa, não é?

O choque manteve sua língua presa por um pouco mais de tempo.

—Claro que não. Tudo que eu tenho é seu, se assim desejar.

—Eu estou contente que entenda isto.— Ela girou ao redor



em um sibilar de renda preta rasgada. —Me chame quando Nika estiver aqui.

Zillah tinha intenção de encontrar Connal esta noite para sua alimentação mensal, mas teria que fazer outros planos. Se seu subordinados não fossem bem sucedido em encontrar Nika antes dela voltar para casa, precisava ativar o plano de contingência que organizou recentemente.

Com um pensamento, convocou Canaranth ao seu escritório. Seu segundo-no-comando parou silenciosamente dentro da porta, esperando instruções. Canaranth era mais alto que a maior parte das tropas de Zillah, se assemelhando à mulher humana que o gerou. Sua pele era tão pálida quanto a lua, e seu cabelo era preto como a meia noite. Seus olhos uma vez foram igualmente escuros, mas pareciam clarear ao longo dos anos, o que era estranho, mas não estranho o suficiente para Zillah começar a dedicar qualquer tempo precioso se preocupando sobre isto.

—O menino que eu alterei no último outono. Ainda está vivo?

—Sim. Eu o encontrei no centro comercial na semana passada depois que escapou sorrateiramente de Dabyr. Ainda está se rebelando nos confins daquele lugar e com as regras dos Sentinelas, mas nosso controle sobre ele se mantêm.

—Bom. Penso que é hora dele ser útil.

Zillah escreveu instruções em um pedaço de papel e entregou para Canaranth.

—Prenda isto em Beth antes de mandá-la para encontrar Connal. Mande-a com três guardas. Não quero deixar Tori tão perto do parto.

Canaranth inclinou sua cabeça.

—Como desejar.



Capítulo 4

Madoc não se importou em cavar o buraco grande suficiente para abrir o caixão; simplesmente cavou um buraco largo o suficiente de forma que pudesse permanecer nele, batendo sua passagem até o topo do caixão, coletando um dos ossos, e deixando o resto em paz.

—Isto é suficiente?— ele perguntou, levantando um fêmur pequeno para Nika ver.

Ela sentava amontoada dentro de seu casaco na borda do túmulo. Ela assentiu, alcançando o osso, que enfiou dentro do casaco, abraçando-o perto, o aconchegando entre seus seios.

Maldito osso sortudo.

Ela examinou a mata próxima, mantendo guarda para companhia não desejada.

—Tynan disse que provavelmente poderá dizer se existe qualquer relação entre o corpo de que este osso veio e nossa família.

Madoc subiu do buraco e começou a preenché-lo novamente. Estava coberto de sujeira da cabeça aos pés, suando apesar do vento frio, e irritado. Não teve nem perto do suficiente assassinatos e transas esta noite para agradá-lo, fazendo a dor atrás de seus olhos pulsar e inchar até que empurrava seu caminho abaixo de sua garganta e tornava difícil respirar.

—Estou certo que dirá a você o que quiser ouvir se deixá-lo ter seu sangue,— ele disse.



—Eu preciso da honestidade dele.

Madoc bufou.

—Boa sorte com isto.

O amanhecer estava apenas a uma hora ou tanto de distancia, e quando chegasse aqui, Madoc precisava tê-los fora do cemitério antes que a polícia humana viesse e começasse a fazer perguntas. Se fosse sortudo, podia largar Nika em Dabyr e avançar para alguma prostituta antes do almoço. A peruca branca que ele pagava para suas putas usarem estava na traseira de sua caminhonete, pronta para uso.

—Você acredita em mim, não é?— ela perguntou.

—Acredito em que?

—Que Tori ainda está viva.

—Eu acredito que você acredita nisto. Claro, está fodida da cabeça, então o que sabe?

—Ela não me deixará entrar.

Madoc lançou outra pazada de sujeira no túmulo.

—Ela não deixará entrar onde?

—Em seus pensamentos. Está me mantendo fora mesmo sabendo que está com medo.— Nika olhou para ele, seus olhos azuis brilhantes com preocupação.

Algo bem no fundo de Madoc inchou enquanto a observava. Fez Madoc parecer cheio e inteiro mesmo quando ameaçava fazê-lo explodir em pedaços. Não tinha ideia alguma do que havia sobre ela que fazia isto, mas não parecia ir embora.

Ele desejava como o inferno que pudesse encontrar uma maneira de fazer isto parar, que pudesse encontrar uma maneira de consertar o que estava quebrado dentro dela, assim poderia parar de se preocupar com ela.



Não podia fazer nenhum dos dois, então ofereceu a única explicação que veio a mente.

—Talvez não queira assustar você.

Nika inclinou sua cabeça para o lado e seu cabelo branco caiu adiante, acariciando sua bochecha. O desejo para alcançar e deslizá-lo de volta atrás de sua orelha era quase opressiva. Madoc teve que agarrar a pá apertada para manter suas mãos sujas onde pertenciam.

—Eu não pensei sobre isto. Talvez esteja certo. Eu vou conversar com ela sobre isto.

—Como?— perguntou Madoc, mas era tarde demais.

Nika caiu, e como se um interruptor fosse ligado, ela se foi. Seu corpo ficou mole, seus olhos rolando para trás de sua cabeça, e toda a vida deslizou dela, deixando-a parecendo falsa e de plástico, como um manequim.

Uma onda de pânico pegou Madoc desprevenido, batendo em suas entranhas até que não podia respirar.

—Nika?

Ela não respondeu. Ela não fez mais que se contorcer.

Madoc soltou a pá e lutou para chegar nela. Ele apertou seus dedos do lado do pescoço dela, frenético para sentir uma pulsação. Ele deixou manchas de sujeira em sua pele pálida, mas sob seu dedo indicador, sentiu a batida de seu coração, forte e firme.

Seu tórax subiu, deslocando o couro de sua jaqueta. Ela estava respirando.

Ele a puxou em seus braços e a segurou contra seu corpo, balançando. Ele agradeceu ao universo, a quem seja que fosse responsável por ouvir. Não acreditava muito em Deus, mas se



houvesse um, o fato que Nika estava viva depois de tudo que passou era tão próximo de uma prova quanto podia imaginar.

Seu corpo esbelto se ajustava contra o dele bem demais. A subida e descida de sua respiração pressionavam os seios dela contra seu tórax. Não devia ser capaz de senti-los pelo volume de toda as roupas dela, mas era. Assim como podia sentir a curva de seu quadril e o comprimento macio e lustroso de suas pernas que oscilavam sobre as coxas deles.

Seus olhos tremularam abertos, tão azuis que quase o cegaram. Tão bonitos, assim como os céus que se lembrava de sua infância.

—Ela não me deixará entrar,— sussurrou Nika. —Não posso conversar com ela. Terei que tentar novamente mais tarde.

—Você não faça isto comigo de novo,— ele exigiu. —Você me assustou como o inferno.

O alívio pesou sobre Madoc, fixando-o no chão frio. Sabia que devia levantar. Sabia que devia se afastar dela e colocar tanta distância entre eles que ela nem estaria em sua visão.

Ela o alcançou e pressionou sua mão fria contra a bochecha dele.

—Você é fofo quando está assustado.

—Fofo?— Ninguém jamais ousou chamá-lo de fofo. Pelo menos, não na sua cara.

—Sua testa fica toda apertada como um daqueles filhotes de cachorro enrugados.

Esta conversa estava seguindo para um lugar ruim rápido.

—Claramente, é hora de continuar se mexendo.

—Eu gosto de estar fora na escuridão assim, só com você. É pacífico. Você sempre faz eu me sentir segura.



Madoc não tocaria naquele comentário. Nem mesmo se sua vida dependesse disso. Ela não tinha nenhuma ideia do quanto insegura estava no momento - quanto queria fazer coisas com ela. Sua luxúria por ela se misturava próxima demais com todos os impulsos violentos que corriam por ele. Em alguns de seus sonhos, ele a fodia e a fazia gritar de prazer, mas em outros, ele a empurrava e forçava. A estuprava. Ela implorava que parasse e ele não parava.

Não tinha direito a estar em nenhum lugar próximo dela. Suas mãos já estavam se apertando em seu corpo como se não quisessem soltar. Se não colocasse alguma distância entre eles rápido, não tinha ideia do que poderia fazer.

Ele perguntou,

—Você pode ficar de pé?

—Claro. Eu estou bem.

—Você não está bem. Você desmaiou.

Nika se levantou, segurando o osso perto de seu tórax assim ele não cairia.

—Não, eu não desmaiei. Eu apenas escapei do meu corpo por um minuto. Eu faço isso todo o tempo.

—Eu não gosto disto.

—Você não reclamou quando eu trouxe Cain de volta.

—Sobre o que você está falando?

—Depois que foi machucado. Eu entrei dentro dele e o ajudei a encontrar o caminho de volta. Eu o ajudei a acordar.

Madoc esteve lá depois que aconteceu, mas não tinha percebido o que ela fez. Ele não estava certo se queria saber agora. A ideia de ela estar dentro da mente de outro homem era apenas mais do que podia suportar. Fazia-o parecer territorial,



quando sabia que devia estar agradecido a ela pelo que fez.

—Nós estamos partindo.

—E quanto ao resto da sujeira?

—Foda-se a sujeira.

Ela vacilou como se suas palavras a machucassem.

—O que?— ele exigiu.

Nika agitou sua cabeça, fazendo seu cabelo balançar.

—Nada. Eu tenho meu osso. Nós podemos ir. Eu preciso de algum dinheiro, contudo.

—Para que?

—Gasolina. O carro está quase vazio.

Uma raiva lenta e profunda chiou dentro dele quando a implicação de suas palavras afundaram.

—Você está me dizendo que dirigiu até aqui completamente sozinha sem dinheiro até mesmo para encher a porra do tanque?

—Eu esqueci.

—Esqueceu?

O queixo dela subiu e sua posição se alargou e ficou defensiva.

—Não é como se eu estivesse acostumada a qualquer coisa disto. Eu tive que aprender a dirigir do jeito difícil antes de poder partir. Eu estava tão preocupada de que não seria capaz de fazer isto, que me esqueci de trazer dinheiro.

—Espere. O que você quer dizer, *jeito difícil*?— ele perguntou, embora soubesse que provavelmente não iria gostar da resposta.

—Eu quero dizer que tive que emprestar a mente de outra pessoa durante algum tempo assim poderia aprender. Você sabe.

—Não. Eu definitivamente não sei nada sobre emprestar a mente de outra pessoa.

Nika virou, andando a passos largos na direção dos veículos.



—Você não é como eu, Madoc. Isso não significa que eu esteja errada, contudo. Eu consigo fazer as coisas do meu próprio jeito. Se você não gosta disto, não olhe.

Madoc a alcançou e, apesar de seu bom senso, envolveu seus dedos ao redor do braço dela e a puxou a uma parada. Ela era tão delicada, tudo que tinha a fazer era apertar seu punho e esmagar seus ossos, então prestou muita atenção para a pressão que exercia.

—Você não vai dirigir de volta emprestando o conhecimento de como dirigir um carro,— ele disse a ela.

—Observe.

Ela não devia forçá-lo. Ele sabia o quanto estava próximo do limite, o quão rápido podia perder o controle. Mas ela não sabia. Ela nunca viu uma de suas iras. Nunca viu o que podia fazer quando provocado. Ele era capaz de direcionar toda aquela ira nos Synestryn, mas agora mesmo, não havia nenhum para encontrar. Estava aqui fora sozinho com Nika com ninguém para testemunhar qualquer coisa.

Seus dedos apertaram ao redor do braço dela. Seu sangue estava correndo quente. Seu lado sombrio o persuadindo a mostrar o quanto podia ser perigoso. Talvez *então* ela o deixaria em paz.

Um soco afiado em seu tórax o surpreendeu. Ela o cutucou com seu dedo e estava franzindo para ele.

—Pare de ser um tirano. Eu não gosto disto.

—O que faz você pensar que eu me importo com o que você gosta?

—Eu conheço você. Eu senti a coisa crescendo dentro de você. É grande e é feia, mas você é mais forte que isto. Você é um



bom homem.

Madoc soltou um latido de riso sem humor. Ele não podia evitar.

—Eu sou muitas coisas, garotinha, mas não existe uma única parte que sobrou de mim que seja boa.

Nika agarrou a frente de sua camisa e o puxou para baixo até que estava no nível do olhar dela. Ele a deixou fazer isto. Ele sabia melhor, mas quanto mais perto o puxou para ela, mais disposto ficava em deixá-la ter seu modo. Ele a deixaria gritar com ele tudo que quisesse; então a colocaria em sua caminhonete e a levaria para casa. Desde que não cedesse ao seu desejo de jogá-la no chão frio e fodê-la, ela estaria relativamente segura.

Mas Nika não gritou. Ao invés, antes que pudesse compreender o que iria fazer, antes que pudesse pará-la, ela apertou seus lábios nos dele em um doce e casto beijo.

Desejo chamejou a vida, eclipsando todo o resto. Ele não podia se lembrar da última vez que uma mulher o beijou, ele sempre tomava suas prostitutas por trás, mas ainda que pudesse se lembrar, aquelas memórias teriam enfraquecido a sem significado neste momento.

A boca de Nika era suave e quente, seu toque tão breve e leve, que acabou antes mesmo que conseguisse um gosto real dela. Ele queria mais. A escuridão dentro dele se agitou, exigindo mais. Ela era doçura e luz e ele queria consumi-la de forma que aquela doçura fosse toda sua, para sempre.

Ele tomou a cabeça dela em suas mãos, mantendo-a parada. Ele iria lhe dar um beijo de verdade, um que reivindicasse e mostrasse exatamente no que ela se meteu. Ele a advertiu que se afastasse. Repetidamente. Ela não o fez, e isto era exatamente o



que ela merecia.

Sua respiração suave emplumou através da bochecha dele.

—Eu sempre me perguntei como seria. Obrigado.

—Pelo que?— ele conseguiu ranger por sua mandíbula cerrada.

—Meu primeiro beijo.

Não. *Não, porra*. Ele não acabou de ouvir isto.

—Primeiro?— Nem mesmo tinha sido um beijo de verdade, só uma bitoca.

Ele a sentiu tentando assentir, mas seu aperto era muito firme para deixar acontecer.

Primeiro beijo. Muito inocente. Muito confiante. Ele tinha que se afastar dela. Não podia fazê-la gritar como fazia em seus pesadelos.

Sentiu-se como se estivesse despindo sua própria pele, mas conseguiu mover suas mãos para longe da suavidade de sua pele e cabelo. As manchas de lama de suas mãos a sujavam onde quer que se tocassem. Ele deu um passo atrás, seu tórax ondulando como se tivesse corrido por dias. Seu coração bateu forte contra suas costelas, e a cada batida, a pressão em sua cabeça crescia.

Nika o agarrou. Ele deu outro passo atrás, fugindo de seu toque. Se o tocasse novamente, perderia o controle. A escuridão o levaria e Nika pagaria o preço.

Ele alcançou sua carteira, retirou várias notas, e as jogou no chão aos pés dela.

—Vá,— ele disse a ela. —Vá para casa e não tente me seguir.

—Onde você vai?

Achar tantos Synestryn ou putas tão rápido quanto pudesse.

—Não é da sua conta, porra. Parta. Eu consegui o maldito



osso para você. Não me faça lamentar isto.

Ela pegou o dinheiro, nunca tirando seus olhos dele.

—Você precisa de mim. Um dia destes poderei mostrar que não estou louca, pelo menos, não sobre isto.

—Vá. Agora.— Antes que a parasse.

—Esperarei por você em casa. Se não voltar para conversarmos, eu vou encontrar você.

A promessa dela caiu fortemente em seus ombros quando ela girou e partiu.

Madoc esperou até que estivesse fora de vista antes dele ousar se mover. O sol estava quase alto, fazendo as chances de encontrar quaisquer snarlies pequenas. Tinha o número de uma prostituta em Omaha que usou antes. Só esperava que chegasse a ela antes da dor rasgá-lo.



Connal se apressou para o ponto de encontro, dez minutos atrasado. Teve que mudar o horário, graças àquele relele arranhão na mão de Nika. Se não chegasse lá logo, tinha medo que sua comida não estaria esperando por ele.

Ele parou no edifício desocupado e correu para a porta. Abriu facilmente, e o cheiro de imundice assaltou seu nariz. Permitiu que uma gota de poder ajudasse sua visão, forçando a escuridão a dissipar.

Este edifício era claramente um lugar onde os sem teto se escondiam do frio. Três colchões manchados e descartados forravam uma parede. Uma pilha escassa de pertences enchia um



carrinho de compras enferrujado. Um tambor de metal danificado mantinha as sobras de um fogo deixado sem atenção por muito tempo.

Em dois daqueles três colchões estavam cadáveres humanos. Em um estava faltando uma perna. Outro ainda estava servindo de alimento para pequenos Synestryn do tamanho de gatos com cabeças e espinhos farpados. O som molhado do banquete deles fez o estômago de Connal virar. Através do quarto, algemado em um cano de metal que sobressaía da parede, estava a mulher de quem ele se alimentava a meses. Na frente dela estava um trio de guardas Synestryn.

Cada um dos guardas era alto e magro sua forma terrivelmente humanoide. Suas peles eram cinza e pareciam lisas, quase répteis. Suas bocas não tinham lábios, apenas fileiras afiadas de dentes saindo constantemente visíveis. Saliva deslizava sob seus queixos, se somando ao brilho da pele ao longo de seus pescoços longos demais. O guarda na frente piscou com pálpebras estranhas e de lado, então saiu do caminho de Connal, indicando que podia ir até a mulher para se alimentar.

Fome queimava dentro de sua barriga, arranhando em sua mente a ponto que poucos outros pensamentos eram possíveis. A distração não desejada que Madoc causou esta noite foi quase mais do que podia tolerar.

Ele tinha permissão para se alimentar só uma vez por mês, e Connal não tinha dúvida que Zillah reteria o sangue da mulher se fizesse qualquer coisa para desagradar o lorde Synestryn.

—Onde está Zillah?— ele perguntou ao guarda.

O pescoço da coisa girou ao redor cento e oitenta graus e silvou na direção da mulher. Claramente, falar estava além de sua



capacidade.

Connal soltou um suspiro aliviado. Pelo menos não pediu para fazer nenhum favor aos bastardos esta noite. Normalmente, sua comida não vinha de graça, e tão faminto quanto Connal estava, estava começando a temer estes encontros quase o suficiente para se recusar a aparecer. Quase.

Quando se aproximou da mulher, ela se encolheu longe dele, se apertando contra a parede. Tinha sido banhada desde a última vez que se alimentou dela, e podia dizer agora que seu cabelo era castanho claro, não mais emaranhado e imundo. Seus olhos castanhos estavam tão mortos e indiferentes como a cada vez que se alimentou dela. Uma pontada de simpatia apertou o coração de Connal, mas não existia nada que pudesse fazer por ela. Ainda que quisesse libertá-la, o sangue da criança Synestryn que ela uma vez carregou sangue que consumiu quando se alimentou dela no último verão - agora o impedia de agir contra Zillah de qualquer forma. Era tanto um escravo dos caprichos de Zillah quanto ela.

Em algum ponto do outono, ela perdeu a criança. Connal quase perguntou o que aconteceu, mas pensou melhor. Ela era comida, não conversa. Ele agarrou seu cabelo e puxou sua cabeça para trás. Seu cabelo longo caiu de volta sobre seu ombro. Só então viu a nota que foi presa na camisa dela.

Tanto para evitar os caprichos de Zillah.

Connal arrancou a nota para ler mais tarde e afundou seus dentes no pescoço da mulher. Um gemido triste saiu dela, mas ignorou. O gosto de seu sangue sobre sua língua era muito inebriante e consumidor. Todos os outros pensamentos desapareceram quando o poder dela o encheu e o fez inteiro.

Força e calor inundavam seus membros enquanto continuava



a beber dela.

Ele sentiu seu pulso debilitar, mas não se importou.

—Por favor,— ela sussurrou, falando com ele pela primeira vez. —Me mate.

O choque balançou Connal quando percebeu que estava fazendo exatamente isto. Antes que fosse muito tarde, fechou sua carne e arrancou sua boca para longe do pescoço dela.

Suas mãos ainda seguravam firme a cabeça dela, mas seus olhos se moverem, olhando para ele. Lágrimas brilhavam fracamente ali, e o olhar cru de suplica em seus olhos era suficiente para arrancar um grito de negação do peito de Connal.

—Por favor,— ela disse, sua voz cansada, como se tivesse passado muito tempo desde a usou. —Eu quero morrer.

Connal a soltou e tropeçou para trás. Ele sabia o que Zillah faria se a matasse. Ele sofreria por muito tempo antes dele achar qualquer paz na morte.

—Não posso. Não irei,— ele disse para ela.

Ela engoliu e de repente aquele olhar congelado e morto voltou aos seus olhos, como se tivesse ido para outro lugar.

A nota de Zillah ainda estava amassada em seu punho. Ele a alisou e leu o texto rabiscado.

—Ative Ricky,— era tudo o que dizia, mas era suficiente. Connal sabia o que Zillah queria que fizesse.

Um menino de dezessete anos provavelmente iria morrer por causa de Connal, e não havia nada que pudesse fazer para impedir. Tudo ficou tão errado. O que começou como um caminho para aliviar sua fome se transformou em algo muito pior do que podia jamais ter imaginado. Era a marionete de Zillah. Sua ferramenta. Não apenas estava ajudando o inimigo; estava



fazendo algo que nunca teria pensado possível.

Estava prejudicando inocentes.

Connal olhou para a mulher diante dele. Estava oscilando por seus pulsos, nem mesmo se importando em sustentar seu próprio peso. A vida para ela era uma série de pesadelos horríveis. Ela nem mesmo podia encontrar paz na morte os Synestryn não permitiriam isto. Eles a manteriam viva por seu corpo, seu sangue, e o poder que isto mantinha sobre ele tanto quanto possível.

A menos que fizesse algo. Mas o que? Sabia que era melhor pensar que recusaria se alimentar dela novamente. Sabia sem dúvida que iria. A fome era muito forte para resistir o poder de seu sangue muito intoxicante. O único modo dele parar de se alimentar dela era se não estivesse mais disponível. A menos que morresse ou escapasse, seu poder sobre ele permaneceria.

A advertência de um silvar veio por trás dele. Os guardas estavam ficando agitados.

Ele girou ao redor e saturou suas palavras com uma porção do poder que tirou dela.

—Eu não acabei.

O guarda agachou, sacudindo sua cabeça em um movimento sinuoso.

Ele não podia agir corretamente, mas talvez pudesse dar à mulher as informações que precisava para se ajudar. Valia a pena tentar. Ele juntou o corpo dela em seus braços, curvando sua cabeça sobre ela como se estivesse se alimentando dela novamente. Ele podia cheirar seu medo, e pela primeira vez, o enjoou.

—Me escute,— ele disse para ela. —Seu sangue é a chave para sua fuga. Você me ouve?



A mulher permaneceu mole e apática em seus braços. Ele deu uma sacudida, fazendo sua cabeça oscilar de volta em seu pescoço. Seus olhos em branco o encararam.

Ele tentou usar parte do poder que ganhou dela para forçá-la de volta à realidade, mas quando a buscou, bateu em uma parede. Aparentemente, tocar sua mente para dizer como escapar era um dos limites que não podia cruzar.

—Você precisa lembrar o que estou dizendo, mulher. Meu povo pode rastrear seu sangue. Eles não são todos como eu. Alguns deles são... bons.

O fato que não era um dos bons era difícil de admitir, até mesmo para ele, mas conhecia o badalar da verdade quando ouvia.

—Um deles pode achar você,— ele sussurrou. —Salvar você.

E então um dos guardas bateu um braço espesso nele, o afastando.

Connal bateu na parede e se lançou de volta aos seus pés. Ele ergueu suas mãos e disse para o guarda.

—Terminei agora. Eu partirei.

A cabeça do guarda sacudiu em reconhecimento, mas suas garras estavam a mostras, prontas para rasgar Connal se fizesse um movimento errado.

Com um último olhar para mulher oscilando no cano, ele girou e partiu. Não houve um único sinal de reconhecimento em seus olhos. Estavam tão mortos quanto os cadáveres deitados no quarto.





Grace segurou suas lágrimas até que estava seguramente fora do apartamento de Torr.

Ele estava piorando. A paralisia rastejava para cima de seu corpo até que estava ficando difícil para ele manter sua cabeça erguida. Ele tentava cobrir sua debilidade na frente dela, mas ela sabia.

Torr estava morrendo.

Grace queria fazer algo, mas era impotente para ajudar. Inútil. Tudo que podia agora era assisti-lo morrer e dar-lhe tanta dignidade quanto possível. Talvez a coisa mais compassiva que pudesse fazer fosse mata-lo como ele implorou que fizesse tantas vezes. Ela podia fazer sua morte fácil. Indolor.

Os Sentinelas a odiariam. Eles provavelmente a baniriam de Dabyr, mas aceitaria isto. Ainda que a executassem, estava disposta a deixar acontecer.

Torr salvou sua vida como também a de seu irmão. Ela devia sua vida de volta.

Grace deslizou dentro do apartamento que compartilhava com seu irmão mais novo, deixando as lágrimas a tomarem. O primeiro soluço agarrou seu corpo quando notou que não estava sozinha.

Gilda, a Dama Cinza, a Theronai mais poderosa no complexo, sentada no sofá de Grace. Seu longo cabelo preto longo, perfeito e brilhante contra a seda cinza de seu vestido. Cada respiração que dava fazia a luz brincar sobre ela, acariciando-a como se não pudesse chegar perto o suficiente. Como sempre, quando Grace a via, parava morta em seus passos, olhando fixamente, deixando a beleza e o poder da mulher afundar nela.



Grace enxugou seu rosto manchado de lágrimas e recuperou tanta compostura quanto pode. Sabia que seus olhos estavam vermelhos e seu nariz escorrendo, mas não havia muito que pudesse fazer para evitar isto.

Ela curvou sua cabeça, esperando esconder seu estado bagunçado como também mostrar respeito à mulher poderosa sentada em seu sofá.

—Eu estava esperando por você,— disse Gilda.

—Eu sinto muito. Não sabia que queria me ver. Se tivesse me chamado...

Gilda levantou uma delicada e elegante mão.

—Eu não queria que ninguém soubesse que falei com você. O que tenho a dizer é apenas entre nós.

—Claro, minha senhora,— Grace concordou. Não era como se tivesse qualquer outra escolha. Estava à mercê destas pessoas, como estava seu irmão. Eles eram amáveis, dando a seu irmão uma casa e um futuro. Faria qualquer coisa que pedissem para garantir que ficasse seguro.

—Torr está morrendo.

Ouvir as palavras em voz alta fez parecer mais real, fez parecer final. Inevitável. *Torr. Morrendo.*

Um soluço agarrou Grace, mas lutou contra isto.

—Eu sei.

—Eu acredito que encontrei uma maneira de salvá-lo.

Um relâmpago de esperança se lançou por Grace, deixando seu corpo tenso. Ousar ter esperança era perigoso, mas não podia parar.

—Como?

Gilda movimentou a cabeça para uma caixa na mesa de café.



Era feita de madeira, envolta com um trabalho de fios prata brilhantes moldados em uma vinha complicada que rabiscava através da superfície inteira.

—Com isto.

Grace tentou alcançar, mas o comando severo de Gilda a parou.

—Pare. Não toque nisto até eu dizer tudo.— Ela acenou para a cadeira vazia diante dela. —Sente-se.

Grace sentou

—Dentro daquela caixa está um dispositivo criado por meus antepassados. Sua habilidade de saturar artefatos com poder nunca foi igualada. Este dispositivo foi criado para o propósito exclusivo de cura.

—Então devíamos levá-lo para os Sanguinar. Torr está ficando pior rápido.

—Os Sanguinar não usarão isto.

—Por que não?

—O custo para eles seria muito grande.

—Então quem pode usar isto?

Gilda a prendeu com um olhar frio e negro. A luz do apartamento de Grace pareceu ser sugada na profundidade sombria de seus olhos, e pela primeira vez, viu algo desolador e irreconciliável dentro da mulher que veio a respeitar. Algo assustador.

Em uma voz baixa, a Dama Cinza disse.

—Você é a pessoa que pode salvá-lo. Talvez a única.

—Por que eu? Eu não sou especial.

—Sim, você é. Não ao modo do meu povo, mas no meio de humanos, você é especial. Você pode salvá-lo, se assim desejar.



—Eu desejo.

—Não tão rápido. Se fizer isto, pagará um preço.

—Eu não me importo. Torr me salvou. Ele salvou meu irmão.

Eu farei qualquer coisa para salvá-lo.

—Qualquer coisa?

—Sim.

Gilda assentiu.

—É como eu suspeitei, então.

—O que?

—Você o ama.

Grace não negou. Não havia por que. Gilda saberia que ela era mentirosa se o fizesse.

—Eu o amo mais a cada dia. Está me matando vê-lo sofrer.

—Se fizer isto, ele será curado, mas você tomará seu sofrimento. Este dispositivo não pode criar saúde, apenas transferi-la. De você para ele. Você ficará fraca e paralisada. Você ficará presa a uma cama ou uma cadeira de rodas para o resto de sua vida, se simplesmente não morrer.

O choque deixou Grace atordoada. Ela balançou em sua cadeira, agarrando o tecido suave da cadeira por apoio.

Ela podia salvar Torr.

Se o fizesse, sua vida estaria terminada.

No fim, não havia escolha real.

—Se eu fizer isto, você protegerá meu irmão, cuidará dele como se fosse seu próprio filho?

A boca bonita de Gilda se curvou em um sorriso lento, satisfeito.

—Eu juro.

Um peso forte e confortante se estabeleceu sobre os ombros



de Grace quando Gilda ofereceu sua promessa. Seu irmão estaria seguro. Torr viveria. Era tudo que sempre quis.

Não. Isso era uma mentira. Ela queria mais que isto. Ela queria toda uma vida com Torr. Ela queria tê-lo a amando de volta, mas isso era apenas fantasia de menina. Independentemente se Torr melhorasse, nunca seria dela. Tinha coisas maiores e mais importantes a fazer com sua vida que se amarrar a uma mulher humana. Sabia disto. Sempre soube disto.

Ele tinha um destino, e Grace iria garantir que fosse cumprido.

—Diga-me o que preciso fazer para salvá-lo.

Capítulo 5

Nika foi recebida por uma fila de rostos zangados quando retornou à Dabyr. Todos a esperavam na entrada da sala principal. O alto teto de cristal deixava entrar a luz do sol da manhã, e vários humanos estavam sentados tomando café no salão. Além disso, o lugar estava vazio, dando espaço à multidão enfurecida para atacar.

Andra tomou a dianteira.

Seu escuro cabelo curto estava cheio de pó, e seus olhos azuis injetados de sangue, como se tivesse canalizado muito do poder de Paul. Ao que parecia, ambos tinham retornado de uma farra com os Synestryn e ainda não tinham se limpado.

Se Andra descobrisse que tinha tirado o osso, o tiraria e levaria de volta à tumba de um estranho. Nika não podia deixar



que isso acontecesse.

—Onde esteve? —perguntou Andra, o tom de voz com um fio de raiva controlada.

Nika segurou o osso mais forte. Ainda tinha a jaqueta de Madoc, a qual escondia seu tesouro.

—Eu só queria sair por um momento. Dirigir e dar uma volta.

—Dirigir? —perguntou Andra. Deu um passo adiante. Era uns quinze centímetros mais alta que Nika, pelo menos com essas botas, e parecia que se abatia sobre Nika— Você não tem carteira. Como pode saber sequer como dirigir?

—Televisão —disse Nika, em vez de dizer para Andra a verdade. Parecia que Madoc se assustou do seu método para aprender as coisas, assim era melhor conservar isso para si mesma.

Andra deixou escapar um curto e frustrado suspiro.

—Entendo que se sinta melhor, e não posso dizer o quanto me alegro por isso, mas não pode sair assim sem avisar ninguém. Nos assustou.

Nika olhou para a linha de pessoas. Paul estava ali, é obvio todo alto e arrumado. Nunca se afastava do lado de Andra se pudesse evitar. E Joseph estava ali, também. Parecia mais cansado que o normal, o que dizia algo. Seus ombros afundavam sob o peso da liderança, e seus olhos cor de avelã estavam debruados com a fadiga.

Como líder Theronai, era seu trabalho se juntar à reprimenda.

Também havia dois homens que não reconheceu. Um tinha a pele e olhos escuros, e uma quietude silenciosa ao redor dele. Parecia se desvanecer nas sombras ao contrário do outro homem mais pálido e magro. Os dois usavam as bandas luminosas ao



redor do pescoço e anéis combinando nos dedos, o que dizia que também eram Theronai e provavelmente estavam ali para tocá-la e ver se fazia balançar as cores de seus anéis.

Só a ideia foi suficiente para a deixar arrepiada. As bolhas que provocaram o último grupo de homens que queriam ver se era "a única" acabavam de se curar. Não tinha vontade de outra ronda de tortura.

Tudo o que queria fazer era entregar o osso para Tynan e que dissesse o que já sabia: que não pertencia à Tori. A forma mais rápida de conseguir isso era seguir a corrente. Nika olhou os sapatos sujos, com a esperança de parecer arrependida.

—Sinto muito, Andra. Não era minha intenção te preocupar.

Andra suspirou, liberando a irritação.

—Sei que não, carinho. Vamos te dar um banho.

Nika se encolheu com o carinho infantil de sua irmã, mas se negou a fazer público o assunto diante de todas essas pessoas. Andra cuidou dela por anos. Que abandonasse esses hábitos da noite para o dia, não era algo que Nika pudesse esperar. Entretanto, precisava opor-se para que sua irmã não pisoteasse seus desejos com essas botas de sola dura que usava.

—Não preciso de nenhuma ajuda para tomar banho ou trocar de roupa.

—Parece a ponto de cair.

—Estou bem. Por favor, me deixe fazê-lo sozinha. Sou adulta, sabe.

Paul deu um passo adiante e pôs seu grosso braço ao redor da cintura de Andra.

—Eu a vejo bem, só um pouco suja. Podemos examiná-la mais tarde, de acordo?



—Está certa? —perguntou Andra para Nika—. Não me importa te ajudar.

—Estou certa. Vou me limpar, logo me juntarei com quem quer para o trabalho das bolhas.

Joseph ficou rígido com isso. Atrás dele, os estranhos homens compartilharam algum tipo de segredo, uma silenciosa comunicação masculina.

Joseph passou uma mão pelo cabelo.

—Olhe, Nika, se não está preparada para enfrentar os homens, farei que esperem um dia mais.

Nika negou com a cabeça.

—Prefiro acabar com isto de uma vez. Só me dê uma hora, de acordo? —estava segura que teria tempo suficiente para lavar a lama, dar o osso para um dos Sanguinar, e estar de volta antes que alguém soubesse o que estava fazendo.

—Bem —disse Andra—. Mas se me precisar, chame, de acordo? Vamos terminar aqui com Joseph, e logo irei ao quarto te ajudar se precisar, antes que tenhamos que partir.

Nika assentiu. Realmente precisava de seu próprio lugar, mas agora não parecia o melhor momento para tocar no assunto. Ganhou uma batalha, e era mais do que podia esperar em um dia. Além disso, se Andra ia sair de novo hoje, sua intromissão não duraria muito tempo.

Joseph, Paul e Andra se viraram, mas um dos estranhos ficou, a olhando. Seu cabelo era claro e raspado, mostrando só uma incipiente pologada. Era mais alto que seu companheiro e menos musculoso. Tinha um olhar faminto em seu rosto, um que viu muitas vezes nos últimos meses para não reconhecer. Sentia dor e achava que ela podia fazer que se detivesse.



Nika calou enquanto um medo familiar deslizava através dela. Quis correr, mas seus músculos estavam congelados, a mantendo imóvel como um coelhinho congelado. O tempo ficou em câmera lenta.

Tentou respirar através do medo, mas não serviu de nada. A mão dele foi se estendendo, chegando nela. Um alto e lastimoso som deslizou da boca de Nika.

O homem ao lado dele, o segundo estranho viu o que estava acontecendo e segurou o braço do outro homem com um férreo controle.

—Ainda não. Já ouviu o que disse Joseph.

Ao som de seu nome, Joseph parou e deu a volta, junto com Paul e Andra.

—Não! —gritou sua irmã—. Está a assustando.

O grande corpo de Joseph se lançou através do ar e se estatelou contra ambos os homens, os golpeando contra a parede. Caíram em um monte de grossos braços e pernas.

Nika dominou duramente o medo e lutou o suficiente para fugir. Voltou-se para correr, mas esqueceu o osso por completo. Caiu do casaco com um estrépito sobre o duro ladrilho. O pequeno osso de uma perna infantil estava ali, pálido e sombrio contra o brilhante chão.

Os olhos de Andra se concentraram no osso, se arregalando com comoção e repulsão.

—Como pôde? —sussurrou—. Como pôde profanar a tumba de Tori?

Nika sabia que nada do que pudesse dizer faria sua irmã a perdoar. Discutiram sobre isto muitas vezes para contar. Andra achava que enterrou sua irmãzinha. Nika sabia que ainda estava



viva. Não havia lugar para acordo nisto.

Nenhum.

—Sinto que tenha visto isto —disse Nika. Inclinou-se, recolheu o osso, ocultou-o da vista e se afastou. Não havia palavras para aliviar a dor, a pena e a culpa que se propagaram nos olhos de Andra.

Nada, salvo provar que Tori estava viva.



Andra mordeu o lábio para evitar que brotassem as lágrimas que queimavam seus olhos. Não ia chorar diante de estranhos.

Pensava que Nika estivesse melhorando. Começou a comer outra vez. Aumentou de peso. Os episódios de enjoos e debilidade se afastavam mais e mais. Inclusive estava empurrando os limites que Andra impôs, um sinal seguro que estava sã, mais forte.

Pelo menos, isso era o que achou Andra.

O fato que Nika tivesse desenterrado os ossos de sua irmã morta, demonstrava o tão errada que estava Andra.

—Ela realmente está louca —disse Andra.

O forte braço do Paul a rodeou, e se inclinou para ele, aceitando o consolo que oferecia. Separou-a dos outros e a cobriu com o corpo para permitir um pouco de privacidade.

—Só passaram uns poucos meses. Tem que lhe dar tempo. Deixe-a seguir este caminho se for necessário.

Uma onda de repulsão fez Andra tremer.

—Está carregando os ossos de nossa irmã morta. É repugnante.



—Sei, mas se for a única maneira que renuncie à sua ilusão, então vale a pena, não? De verdade acha que Tori não concederia a Nika uma prova que precisa para se curar?

—Não. Tori teria dado tudo por Nika. Era generosa e carinhosa sem medida. Mas isso não é desculpa. Disse que não podia fazê-lo. Disse que não era justo para Tori depois de quase nove anos jazendo naquela cova, os restos de nossa irmã já não estão seguros no cemitério, ao lado de mamãe.

—Já sabemos que Nika vai levar os ossos de Tori a um dos Sanguinar para ver se podem identificá-los. Vou falar com Tynan e me assegurar que entende a situação. Estou seguro que vai lidar com isto com o maior cuidado e respeito possível.

Andra adoeceu com o pensamento, mas o que podia fazer? Ela sabia que se pegasse o osso e o enterrasse, Nika simplesmente escaparia de novo para reavê-lo. E da próxima vez, talvez não voltasse em um só pedaço.

Isso precisava acontecer, não importava o muito que a incomodasse. Tão repugnante como era, ao diabo se enterrasse outra irmã.

—Muito bem. Fale com Tynan. Diga que se apresse. Quero que Tori descanse em paz. Ela ao menos merece isso.



O cabelo de Nika ainda estava úmido pela ducha quando bateu na porta de Tynan. Ouviu-o arrastar os pés no interior de seu apartamento, mas levou muito tempo para abrir a porta.

A porta de Tynan abriu uma fresta. Estava sem camisa,



usando só um par de calças soltas de algodão. Um cacho de cabelo negro e brilhante caía sobre a testa, quase escondendo o gelo azul de seu olhar.

—Posso entrar? —perguntou.

Tynan abriu a porta e a deixou entrar. Olhou para o vestíbulo, controlando ambos os sentidos antes de fechar a porta.

—Veio aqui sozinha?

—É um problema?

A luz do corredor derramava na escuridão de seu quarto. Caiu sobre seu peito, sombreando a protuberância dos músculos e ossos no torso. Era como um modelo magro, não como Madoc com seus blocos pesados de músculos. Nika viu a forma como as mulheres olhavam para Tynan, como se fosse seu brinquedo favorito perdido há muito tempo e sempre se perguntava o que as atraía nele. Era muito bonito. De uma maneira desumana, como se não pertencesse a este planeta. Movia-se com uma graça quase hipnótica, e seus olhos a faziam querer o olhar, mas não provocava nada por dentro. Não a fazia sentir inteira, segura ou quente.

Não era Madoc.

Tynan fechou a porta e girou para as luzes. Teve que olhar ao redor procurando o interruptor, como se rara vez o usasse.

—Paul me chamou e disse que viria, mas sua irmã poderia me matar se soubesse que está aqui a sós comigo.

—Por quê? Não vai me machucar —Nika observou o quarto, tomando nota das estantes com numerosos livros e as bagatelas empoeiradas. O lugar estava decorado em vermelho e marrom, com muito pouco para alegrar. Pesadas cortinas penduravam nas janelas, bloqueando a luz do sol. Pelo menos fazia calor aqui.



Devia estar uns vinte e sete graus, o que estava muito bem para Nika.

—Quem dera o resto de sua raça visse as coisas da mesma maneira —ele moveu uma pilha de livros para que ela pudesse sentar no sofá—. Paul disse pelo que está aqui, mas quero escutar sua versão das coisas.

Nika tirou uma toalha branca grossa da bolsa esportiva que levava no ombro e a desembulhou.

—Preciso saber se este osso poderia ter sido da minha irmã ou não. Preciso de uma prova para mostrar a Andra e que assim finalmente acredite em mim.

—Soa como se já conhecesse a resposta da sua pergunta.

—Conheço. Andra não. Pode fazê-lo? Pode me dizer a verdade?

Tynan olhou o osso, logo voltou para Nika.

—Posso fazer. Mas não sem algo em troca.

—Darei meu sangue —ofereceu Nika. Odiava a ideia de deixar que ele a mordesse, mas se isso era o que precisava fazer para mostrar a Andra a verdade, o faria.

Tynan negou com a cabeça.

—Isso não vai funcionar. Tomei um pouco de seu sangue uma vez. Não me caiu bem.

—Então, o que? O que quer?

Uma luz prateada brilhou no interior dos olhos de Tynan por um segundo breve antes que se fosse.

—Madoc. Seu sangue é poderoso. Consiga seu consentimento e darei o que pede.

A decepção empurrou o ar dos pulmões.

—Ele não fará isso por mim. Não gosta muito de mim.



—Acredito que se surpreenderia ao ver o quão errada está.

Nika se aproximou de Tynan, querendo saber o que sabia. Se o tocasse, podia ter uma ideia do que havia no interior de sua cabeça, mas antes que os dedos entrassem em contato, ele se afastou e ficou fora de alcance.

—Não, não —a repreendeu—. Tive o suficiente de você dentro de mim para toda a vida. Não sei como pode viver com o caos em sua mente, mas depois de uma só gota do sangue que tirei de você, sei sem sombra de dúvidas que eu não posso.

—Sinto muito. Não me dei conta.

Tynan deu um sorriso cansado.

—Vá, agora. Fale com Madoc. Se ele estiver de acordo em me alimentar, terá sua resposta. Até então, tenho que descansar. A luz do dia me esgota.

Nika envolveu o osso de novo e o deixou no sofá de Tynan. Estaria mais seguro aqui que no quarto de Nika, já que era menos provável que Andra o tirasse de Tynan.

Ela se foi e caminhou firmemente para a curva do corredor que conduzia ao quarto de Madoc, com a esperança que tivesse retornado para casa, embora fosse simplesmente para vigiá-la. Poderia o ter encontrado com os olhos vendados, rodeado por milhares de homens. Havia uma energia escura nele, um retorcido desespero com que lutava a cada pulso de seu coração. Era forte, e não concebia como podia lutar dia após dia, mas o fazia.

Sua luta ficou mais difícil desde que o viu meses atrás. A dor palpitante em seu interior era pior. Caso se concentrasse, podia ouvir os gritos silenciosos procedentes de sua alma murchando, dia a dia.

Queria o salvar, mas ainda não descobriu como. Se somente



a deixasse se aproximar o suficiente, passar suficiente tempo o tocando, ela estava segura de poder resolver o quebra-cabeças, mas, é obvio, isso não aconteceria. Esteve fugindo dela por meses, a evitando. Não por muito. Inclusive se tentasse, não o ia deixar sair com a sua desta vez. Tori necessitava que desse seu sangue para Tynan, e Nika não fracassaria.

Estava chegando na sua porta quando viu Joseph e os dois estranhos que viu antes, dobrando a esquina.

—Pensei que a encontraria aqui. Disse que fosse se reunir conosco —disse Joseph.

—Tinha algo a fazer primeiro.

—Está pronta agora?

Não. Não estava. Odiava deixar que estes homens a tocassem. Odiava ver a dor, o horror e a decepção em seus rostos. Alguns deles escapavam, como se sentissem medo do que ela tinha no interior. Outros simplesmente recuavam pálidos e se afastaram tranquilamente, preservando seu orgulho. Um deles realmente desmaiou aos seus pés.

Nika não sabia o que havia nela que os desgostava, talvez fosse o mesmo que fazia um Sanguinar faminto rechaçar sua oferta de sangue. O que sabia era que quando estes homens esperançados punham suas mãos sobre ela, a deixavam com hematomas ou bolhas que demoravam dias para curar, e passava a ser o bebê de Andra por muito tempo.

Não tinha tempo para isso. Logo que Tynan dissesse para Andra a verdade sobre Tori, Nika precisaria estar íntegra e suficientemente sã para ir procurá-la. Não ficaria para trás nesta ocasião parecendo muito frágil e delicada para resgatar seu irmãzinha.



Nika olhou cada homem de pé diante dela.

—Não quero fazer isto.

Um dos Theronai, o com pelo e olhos da cor escura do chocolate, dirigiu um sorriso tranquilizador. Seu sotaque, não era fácil de identificar.

—Não vamos te forçar, mas Joseph nos disse que sua mente está rasgada. Talvez possamos ajudar.

Nika odiava que tivessem falado dela. A fazia sentir como uma criança cuja saúde mental era discutida por perfeitos estranhos.

—Não pode. Se pudesse, eu saberia.

—Por favor, vamos tentar.

Quantas vezes ouviu isso? Muitas nos últimos meses para contar. Sempre estavam errados e nunca aprendiam com os erros dos que viam antes.

Nika deixou escapar um suspiro de frustração e estendeu o braço esquerdo.

—Muito bem. Só se apresse. Tenho coisas a fazer.

Joseph se moveu, ficando entre ela e os estranhos.

—Está segura, Nika? Parece cansada. Pode esperar até que tenha dormido.

Parte dela queria aceitar, mas sabia que não descansaria bem se o fizesse. Estaria preocupada com isso, pensando na dor que sabia que estava por vir. Por muito que não quisesse, só faria atrasar o inevitável e perder um dia dormindo.

—Estou cansada, mas estou bem. Vamos fazer para que possa o quanto antes começar a curar.

—Não faremos mal —disse o segundo homem no mesmo e quebrado acento de seu companheiro.

A forma que a olhou tão esperançoso e desejoso fez o



estômago de Nika apertar. Não podia ser o que este homem queria que fosse, e logo que a tocasse, essa esperança seria esmagada. Teria que voltar para sua antiga vida de dor e sofrimento e não havia nada que pudesse fazer para detê-lo.

—Simplesmente sejam rápidos —disse Nika. Fechou os olhos. Ela não queria ver esse olhar cruzar seu rosto. Isto era bem difícil sem a culpa que vinha junto com o fracasso.

Sentiu o calor da mão de um dos homens perto do braço, mas não a tocou. Duvidou, como muitos deles fizeram, como se esperasse de algum modo que mudasse o resultado.

—Faça —ela disse entre dentes, se preparando para a dor.

Calosa pele quente encontrou a sua. Seus dedos se fecharam ao redor dela em um aperto. A dor explodiu ao longo da pele, incendiando o braço. Conteve o fôlego, esperando que a soltasse, mas ele a segurou. A dor aumentou, multiplicando conforme passavam os segundos. Nika tentou puxar o braço, mas ele não cedeu.

Ela abriu os olhos para ver o rosto do homem mais alto torcido em uma careta de dor.

—Me solte! —gritou.

Joseph agarrou o braço do homem e tentou afastá-lo, mas seu aperto era muito forte.

A pele ao redor de sua mão ficou vermelha brilhante, ardendo como se a tivesse posto contra um carvão quente. Lutou fortemente e outro grito de dor se precipitou através dela. A reflexão racional se dispersou sob a pressão como se os pensamentos tentassem fugir da agonia de seu toque. Sentiu como a mente rachava e jogava partes de si mesma ao mundo, em busca de refúgio.



Nika tentou controlá-lo, mas não se preparou para isto. Estava cansada do esforço da noite anterior e não o suficientemente forte para deter esta reação involuntária. Seu corpo fraquejou e ficou difícil se manter em pé. Os joelhos dobraram, rezando para que Joseph obrigasse o homem a liberá-la. Mal podia se sustentar por uns segundos mais...

Sentiu como seu corpo sacudia enquanto ambos os homens se afastavam. Então, pela extremidade do olho, viu um enorme punho passar voando junto da sua cabeça e golpear a mandíbula do homem que a queimava.

O homem a soltou e cambaleou para trás, golpeando tanto ele como seu companheiro.

Uma onda de enjoo atravessou Nika, e pôs a mão na parede para sustentar a si mesma, mas estava muito longe.

Um par de mãos fortes a agarraram e detiveram a queda, mas estas mãos não a machucavam.

Madoc. Reconheceria seu toque em qualquer lugar.

—Que demônios estavam fazendo com ela? —lançou a dura pergunta para Joseph.

Joseph olhou zangado, das bolhas que marcavam seu braço ao homem no chão que estava sangrando pelo lábio partido. A culpa apertava sua boca, aprofundando as linhas ao redor.

—Tire-a daqui! Lidarei com ele.

—Não. Eu vou lidar com ele —disse Madoc—. Você leva a moça.

—É o único que pode tocá-la. Além disso, pelo olhar em sua cara, vai matá-lo.

—E?

—E, essa não é a maneira em que fazemos as coisas. Ele



perdeu a cabeça. Já sabe o quão desesperada se pode fazer a dor. Não vou matar um homem por fazer algo que eu mesmo pensei em fazer muitas vezes para minha própria comodidade.

Um sub estrondo de alerta se levantou do peito de Madoc.

—Não se atreveria.

O homem que a feriu ficou de pé. Nika se separou dele, tropeçando em seus próprios pés na pressa.

—Vá, Madoc. Fora daqui! —disse Joseph.

Nika recuperou o equilíbrio e puxou o braço de Madoc. Ela realmente não queria ser a causa de qualquer derramamento de sangue, e se não conseguisse que ele saísse, não havia dúvida que ia haver mais que isso.

—Me leve para cama, Madoc. Estou cansada.

Ele a olhou, e seus traços afiados relaxaram. Seus olhos verdes deslizaram por seu braço e soltou uma maldição violenta antes de levantá-la e entrar pelo corredor.

A parte dela que precisava demonstrar que era independente lutou contra a parte que amava estar perto dele desta maneira. No final, o lado prático ganhou. Não passou os últimos meses ficando cada vez mais forte só para ser tratada como se fosse partir se o vento soprasse com muita força.

—Posso caminhar —disse.

—Não.

—Aonde vamos?

—Ver o maldito sanguessuga chupa-sangue do Tynan.

Nika estremeceu por suas duras palavras, e a ligeira vacilação no passo de Madoc disse que tinha notado.

—Ele não vai me curar —disse— Meu sangue o machuca.

—Bem. O bastardo se reserva o direito.



—Pare, Madoc. Não há motivo para despertá-lo de novo hoje.

Madoc parou em seco e a olhou. Não era um homem tradicionalmente bonito, mas os planos ásperos de seu rosto a atraíam e faziam desejar ter a coragem de acariciar sua pele com a ponta dos dedos.

—Outra vez? —perguntou—O viu hoje? Te fez mal em algum lugar que eu não saiba?

—Não, tive que levar o osso, e estava muito cansado quando parei ali. Deixe-o dormir. Meu braço ficará bem.

—Ele tentou tomar seu sangue?

—Não. Acabo de dizer que o machuca.

O peito do Madoc se levantou com um suspiro, apertando o ombro dela contra seus músculos duros, os quais desejava que permitisse sentir com os dedos. Cada vez que ela se aproximava, ele recuava.

E então ocorreu que estava muito ocupado para se afastar agora. Ela podia fazer o que quisesse, e ele teria que soltá-la para detê-la.

Antes que perdesse a oportunidade, deslizou o braço ao redor de seu pescoço e aconchegou o nariz justo abaixo de sua orelha. Seu aroma subiu à cabeça, fazendo-a girar. Não havia nada floral nele, nem sequer o aroma de sabão, só o aroma de sua pele e a cálida paz que a levava a respirar dele.

Ela sentiu que seus músculos se esticaram ao seu redor, sustentando-a mais apertada quando começou a caminhar de novo, e mais rápido na direção oposta. Para ela realmente não importava onde a levasse. Depois de muitos meses desejando que voltasse para casa, simplesmente estava contente que estivesse aqui, o suficientemente perto para o tocar.



—Tynan disse que só me ajudaria a respeito da verdade sobre o osso, se desse seu sangue. Me ajudaria?

—Tynan já teve muito do meu sangue. Diga que use isso.

—Assim não pode me ajudar?

—Sinto muito. Terá que encontrar outro imbecil.

Genial. Agora, o que ia fazer? Talvez Paul a ajudasse.

Eles pararam diante da porta do quarto que ela compartilhava com Paul e Andra. Ele golpeou a porta com a ponta da bota. Ninguém atendeu.

A luz da fechadura eletrônica passou de vermelho a verde e a porta abriu.

—Sabia que estava observando —disse Madoc em voz baixa.

—O que? —perguntou Nika.

—Nicolas. É o homem por trás de todas as câmaras de segurança. Tem acesso remoto a todas as portas e nos deixou entrar.

Madoc a levou ao interior e a pôs no sofá. Nika tentou se segurar nele, mas ele conseguiu se liberar do braço e se afastar de novo.

—Paul? Andra? Estão em casa?

Ninguém respondeu.

—Tem medo de ficar a sós comigo? —perguntou ela.

—Merda, sim. E você também deveria ter, se não, é por que está louca. Deve escutar sua irmã e se manter afastada de mim.

Picava que ele a chamasse de louca, mas doía ainda mais saber que não queria estar perto dela.

—Não me faria mal. E não sei por que Andra não pode ver da maneira que eu o faço.

Ignorou seu comentário e esfregou o rosto com sua mão, logo



olhou ao redor como se estivesse procurando um meio de escapar.

—Por que me odeia? —perguntou— Tem medo que a loucura seja contagiosa?

Franziu o cenho para ela, confuso pelo impacto, como se estivessem brotando chifres nela.

—Não te odeio. Nunca te odiei.

—Não pode suportar estar perto de mim. Isso deve ser a mesma coisa.

—Não. Na realidade não.

—Então, por quê? Por que foge? Te fiz mal de algum modo?

Ele entrou na pequena cozinha aberta, pegou alguns cubos de gelo, e os envolveu em uma toalha fina.

—Aqui. Isto pode ajudar.

Nika pegou a toalha e a apertou contra as bolhas, ocultando o estremecimento de dor que a pressão causava.

—Não respondeu minhas perguntas.

Ele passou entre o sofá e o televisor, ida e volta, todos os seus movimentos bruscos e agitados.

—Nem sequer vai falar comigo agora? —perguntou.

—Maldita seja, Nika, tem que parar de me pressionar. Estou fazendo o melhor que posso aqui, tentando me manter sob controle.

—O que quer dizer? Por que tem que se controlar?

—Realmente não entende, não é?

Nika negou com a cabeça. Seu cabelo estava quase seco agora, mas ainda frio contra a pele.

—Poderia, se me explicasse.

Ele manteve o ritmo, a ignorando. Nika estava cansada de ser



ignorada. Passou anos em que falaram com ela sem que pudesse responder. E perdeu anos tentando conseguir que as pessoas ao seu redor a escutassem. Negava-se a sentar em silêncio enquanto fazia perguntas perfeitamente razoáveis e era ignorada.

Nika levantou e ficou diante dele, obstruindo seu caminho.

—Pare e me responda. Por que continua me evitando?

Sua boca estava apertada como se estivesse tentando não dizer nada, mas no final, as palavras ganharam.

—A evito porque quero coisas que não pode me dar. Porque quando estou com você, esqueço o porquê eu não deveria as ter.

—Que coisas? Você nunca me pediu nada.

—E nunca o farei. Não é justo.

—O que não é justo?

Sua mandíbula apertou e olhou para o outro lado, a ignorando deliberadamente.

Algo se rompeu dentro de Nika e deixou escapar uma onda de ira tão forte, que quase fez que perdesse o domínio da mesma. Agarrou a parte da frente da camisa dele, afundando o punho em seu peito duro e gritou:

—Não vou deixar que me ignore. Não vou deixar que me trate como se não estivesse aqui. Sou importante, maldito seja. Posso estar louca, mas sou importante.

Ele piscou surpreso por sua indignação.

—É obvio que é importante. Que diabos a faz pensar que não é? É uma das pessoas mais importantes no maldito planeta. Faria tudo por você.

Essa última parte sufocou a ira, a esfriando.

—Acha que sou importante?

—Por que diabos acha que me esforço tanto em me manter



afastado? Há um homem em algum lugar que vai encontrar e dar um tipo de poder com o qual só pode sonhar, que vai te dar o poder para recuperar o que os Synestryn roubaram. Não posso ser a pessoa que se interponha no caminho, e se não se afasta de mim, vai morrer antes de encontrá-lo.

—O que acontece se você é esse homem? É o único Theronai que posso suportar que me toque. Quando está perto, sinto-me sã e salva. Ninguém mais me faz sentir dessa maneira. Por que não pode ser você?

Os olhos de Madoc fecharam com arrependimento. Viu sua garganta se mover como se estivesse tendo problemas para engolir. Estendeu a mão, mostrando o anel luminescente que usava. Com cuidado, envolveu seus dedos ao redor do punho que havia apertado ao redor de sua camisa. O outro anel negro e frio irritou sua pele, mas ela o ignorou.

—Viu? —perguntou.

Nika olhou o anel. Estava pálido, quase branco, e os poucos filamentos de cor em seu interior se moviam tão lentamente que precisava se esforçar para dizer que se moviam.

—O que estou procurando?

—Uma mudança. Cor. Uma sensação. Algo. Tudo. Estive procurando desde o dia que te conheci e não vi nada assim.

—E?

—Portanto, isso significa que não somos compatíveis. Não posso te ajudar.

—Está certo?

Ele assentiu solene.

Ela não queria acreditar. Não queria imaginar sua vida com outro homem, nenhum homem. Queria Madoc.



—Talvez Gilda ou um dos Sanguinar possa arrumá-lo.

—Não há nada a arrumar. Simplesmente assim são as coisas. Tem que aceitar e seguir adiante.

—Isso é o que disse Andra a respeito de Tori. Às vezes, a maneira que as coisas se veem não é real. Se aceitar que Tori está morta, então renunciaria a ela, a condenaria a morrer sozinha na escuridão.

—Às vezes assim é como são as coisas.

Nika negou com a cabeça.

—Não, comigo não é. Não renunciarei à Tori, e não renunciarei a você.

—Se não o fizer, vou te fazer mal. Não quero, mas farei.

Nika encolheu os ombros.

—Então me machuque. Não será a primeira vez.

—E é por isso que não posso ficar aqui. Não posso ficar e facilitar que destrua a si mesma.

—Se for de novo, te seguirei. Há algo mal em você. Posso ver. Algo escuro está crescendo dentro de você. Te faz mal. E você me necessita para te proteger disso.

Os olhos verdes de Madoc se arregalaram e deu um passo longo para trás, arrancando a mão de sua camisa.

—Não sabe do que está falando. Não vê nada.

—Faço. Pode mentir tudo que queira a si mesmo, mas eu vejo a verdade. Precisa de mim, e não vou deixar você ir.

Ele levantou as mãos e em seguida se afastou.

—Se afaste de mim. Falo sério.

—Se for, te encontrarei.

—Vou a lugares muito perigosos para você.

—Ainda assim te seguirei.



—Não acredito.

Nika se manteve firme. Isto era muito importante para deixar passar.

—Me ponha a prova.

Capítulo 6

Madoc não se atreveu se arriscar que Nika cumprisse sua ameaça. Apesar de tudo ia sair, mas não até que Andra soubesse o resultado. Se asseguraria de que Andra mantivesse seu casulo agradável e hermético, onde nada a pudesse machucar.

“Algo escuro está crescendo dentro de você”.

Como podia ela saber disso? Como podia ver?

Talvez a melhor pergunta era, como podiam todos os outros não ver?

Madoc tentou pegar o celular, só para lembrar que estava em pedaços dentro de um triturador de lixo no Nebraska. Felizmente, sua prodigiosa memória permitia memorizar cada número de telefone que via.

Foi ao telefone pendurado na parede da cozinha e marcou o celular de Paul. Nenhuma resposta. Marcou o de Andra com o mesmo resultado, recusando-se a deixar uma mensagem.

—Saíram —disse Nika. Havia se enrolado no sofá, colocando as pernas debaixo dela. Seu cabelo claro caía até os ombros, deslizando ao longo da estilizada coluna do pescoço.

Estava mais gordinha agora do que há uns meses, sua pele menos pálida. A distância que pôs entre eles claramente foi boa



para ela. Cresceu em músculos e tamanho, já não era um esqueleto andante, e parecia lúcida e saudável.

Se não se separasse dela logo, faria uma merda, e estaria louca de pedra outra vez antes que pudesse se deter de cometer o engano.

—Onde foram?—perguntou.

—Procure na geladeira. Andra sempre deixa uma nota.

Madoc não percebeu a nota antes, mas a encontrou, leu, e quis golpear o aço inoxidável com o punho.

—Uma menina desapareceu ontem à noite em Ohio. Andra teve que ir imediatamente para encontrá-la.

Nika assentiu com a cabeça.

—Isto ocorre todo o tempo. Duvido que a vejamos ou Paul por um ou dois dias.

Muito tempo. Isso era muito tempo para estar preso aqui. Ia ter que procurar outra babá.

—Quem te vigia quando estão ausentes?

Seu corpo ficou rígido de indignação.

—Ninguém. Sou adulta.

—E sobre Grace?

—Ela não precisou se encarregar de mim por meses. Estou melhor agora, Madoc. Certamente o suficientemente bem para cuidar de mim mesma.

—Assim continuo ouvindo.

—Talvez deveria ouvir.

Provavelmente não. Viu o que acontecia quando Andra não estava por perto e o que o Theronai a fez. Com gelo envolto em uma toalha a fez cobrir as bolhas raivosamente vermelhas que o filho da puta tinha deixado no braço, mas sabia que ainda estavam



ali.

Começou a se adiantar, tendo a intenção de erguer a toalha e comprovar o dano, quando se conteve e parou em seco. Era a última pessoa na face do planeta que deveria brincar de ser babá.

—Vou falar com Joseph.

—Fala com ele tudo que quiser. Não mudará nada. Não pode fazer que fique aqui mais do que você pode. Irei aonde quiser, quando quiser. Tenho um monte de vida com a qual me pôr em dia depois de todos estes anos no hospital psiquiátrico.

—Não vai se pôr em dia com nada se conseguir que a matem.

—Então morrerei, mas o farei vivendo a vida da minha maneira. Mereço fazer minhas próprias escolhas. —levantou do sofá, bocejando e espreguiçando. A parte superior de sua camisa parou no caminho, expondo uma parte de pele acima das calças jeans.

Os olhos de Madoc estavam fixos na imagem. Uma sombra apenas perceptível deslizava pelo centro de seu estômago, aprofundando enquanto alcançava seu umbigo. As calças estavam largas em seus quadris, e teve a segurança de que se desse o puxão mais leve, desceriam sem opor resistência, deixando-a nua para que pudesse tocar e saborear.

Começou a fazer água na boca e as mãos se elevaram na direção dela antes que se desse conta do que estava fazendo. Soube sem dúvida alguma que se a tocasse, perderia o controle. A despiria completamente, deitaria, e tomaria antes que alguém sequer tivesse tido tempo para responder seus gritos pedindo ajuda. Por tudo que sabia, as pessoas faziam ideias preconcebidas sobre os gritos delirantes e nem sequer se incomodariam em responder. Teria todo o tempo que precisasse para saciar a luxúria



e relaxar um pouco da pressão que pulsava dentro dele.

A ideia era muito atraente, e parte dele começou a calcular as possibilidades de conseguir evadir toda responsabilidade. Ao diabo com a honra. Que bem era esse, de qualquer maneira? Seguro que não ia aliviar a dor, salvar sua vida, ou impedir que morresse sua alma.

Uma linha de suor brotou ao longo da testa enquanto lutava para recordar o que Iain disse quando se uniu à Banda dos Áridos. “Finja ser nobre. Simule que dá uma merda. Esta é a única maneira de impedir de ser enviado aos Slayers”.

Alguém que fosse nobre imaginaria quanto tempo levaria despi-la? Estaria pensando se seus gritos pedindo ajuda seriam respondidos antes que pudesse sair de seu interior? O frio e morto lugar onde a última folha da marca da vida pendurava da pele pareceu uivar de irritação.

Talvez só devesse arrancar o anel negro que Iain lhe deu, que desacelerava a morte da alma, do dedo, e deixar que chegasse o fim. Estava tão farto de combatê-lo, doente de continuar com todas as mentiras. Iain havia dito que não seria fácil, mas estava fazendo-se passar por um dos caras bons por anos, e ninguém sabia, exceto esses que tinham recrutado para a Banda. Enganaram todo mundo.

Talvez Madoc simplesmente não estivesse feito para esta merda de comédia. Era uma ameaça andante para todo mundo que o rodeava.

Sua voz apenas se filtrou através da luxúria e a cólera que pulsava em seu corpo.

—Fale com Joseph se desejar. Siga a pista a Andra. Faça o que seja que pense que precise fazer. Estou muito cansada para te



parar e não estou interessada em desperdiçar minha energia. Preciso descansar.

—Para que?

—Para quando deixar meu corpo para encontrar Tori. Vou tentar falar com ela outra vez depois que tenha dormido.

Deixar seu corpo? *Diabos, não.*

—Não vai fazer novamente essa coisa, isso que fez no cemitério.

—É lindo que pense que pode me deter. Sinta-se em liberdade para ficar se quiser, e observe meu corpo.

Sim, correto. Sabia exatamente o que faria a ela se isso ocorresse. Seu pênis já estava duro, simplesmente por pensar nisso.

—Não é uma ideia inteligente —foi tudo que pôde conseguir que saísse estranguladamente.

Nika dirigiu um sorriso amargo.

—Então vá. Preciso dormir.

Dormir. Essa era uma coisa boa que devia fazer. Segura. Muito melhor que deixar seu corpo sem importar o inferno que ocorresse. Moveu-se na direção dele. Madoc saiu de seu caminho. Ela negou com a cabeça irritada enquanto passava para jogar a toalha molhada dentro da pia.

—Na verdade te dou medo.

—Temo por você. Há uma diferença. —Uma que teria que desenhar para explicar, assim na realidade esperava que não começasse a fazer perguntas.

Deveria ter fodido uma puta antes de voltar aqui, como planejou, mas a noção de Nika na estrada a só o preocupou, o obrigando a seguir seu rastro, caso seu carro ficasse sem



combustível ou fosse presa por dirigir sem carteira.

Além disso, sem importar quantas vezes usasse uma prostituta, a dor sempre voltaria de novo. O alívio era fugaz e tingido pelo conhecimento que o sofrimento voltaria de um momento para o outro. Temer à dor era às vezes pior que sofrê-la em sua própria carne. O melhor que podia esperar era uma distração, e Nika certamente a proporcionava.

—Vá, Madoc. Estou cansada de te fazer retorcer. Simplesmente vá.

Feriu seus sentimentos. Podia ouvir em sua voz. Quis ficar com pena, e talvez parte dele estava, mas a parte mais inteligente soube que se o odiasse, seria muito mais seguro, assim saiu caminhando sem se incomodar em oferecer uma desculpa.

Quanto mais longe dela fosse, melhor seria para ambos.

Então por que infernos não estava caminhando para a caminhonete? Por que se dirigiu de volta à sua suíte, onde planejava ficar até que soubesse que estava bem protegida?

Deixar seu corpo? *Estava pirada?*

Uma risada sombria retumbou no peito. É obvio que estava pirada. Esse era todo o problema. Não estava suficientemente lúcida para deixá-la sozinha, e não estava suficientemente lúcida para manter-se longe dele.

Evidentemente também estava louco, porque em algum lugar no mais profundo, uma parte dele pensava que na verdade poderia ajudá-la em vez de só piorar as coisas. Se isso não o confirmava, não sabia o que o faria.





Apesar de exausta como estava, Nika não podia dormir. O puxão dos monstros na sua mente era mais fraco durante o dia, mas havia algumas presenças Synestryn dentro dela que eram suficientemente fortes para dar-se a conhecer ainda enquanto o sol ardia alto. Normalmente, não a incomodavam, mas podia sentir uma excitação com seu sono, aparecendo nela, tentativamente procurando debilidades.

Tentou bloqueá-lo, erigir barreiras e dormir, mas cada vez que fechava os olhos, via o crescimento sinuoso, maligno da escuridão dentro de Madoc.

Essa coisa não estava ali da última vez que o viu, pelo menos não assim. Algo estava mau e ele estava escondendo, inclusive dela.

Isso estava o matando.

Não ia conseguir nenhum descanso até que soubesse o que era, e verdadeiramente precisava descansar se fosse procurar Tori. Quanto mais longe estava de alguém, mais difícil era localizar, assim como acertar o caminho de volta ao corpo. Não queria achar sua irmã só para descobrir que não podia retornar ao seu próprio corpo e fazer algo com a informação.

Além disso, a preocupava que se não conseguisse retornar, o corpo desapareceria e ficaria andando sem rumo fixo, sem ser vista e insubstancial, por toda a eternidade. O pensamento a assustava quase tanto como ter a mente rasgada pelos demônios outra vez.

A percepção de Nika da realidade era mais forte agora do que desde o ataque. Não ia fazer nada para arruinar isso. O sono era obrigatório, e conhecia a única pessoa que podia manter a raia os



Synestryn tempo suficiente para consegui-lo.

Tirou o corpo cansado da cama, foi às instalações de Madoc, e bateu na porta.

—Vá —foi a brusca resposta.

—Me deixe entrar.

—Isso não vai ocorrer. Vá para suas instalações.

Nika provou a porta. Estava fechada com chave, mas supôs que Nick ou alguém mais estava observando através das câmaras de segurança que cobriam cada polegada dos corredores. Foi a mais próxima, olhou-a, e disse:

—Abre a porta do Madoc.

Não fazia a mínima ideia se alguém a ouviu ou viu, mas quando retornou à porta e viu o verde iluminado de novo, soube que alguém ali em cima estava observando.

A porta abriu duas polegadas antes que a mão de Madoc empurrasse de repente contra ela e a fechasse outra vez. A luz ficou vermelha.

—Vou matar Nicholas —grunhiu Madoc.

—Preciso te ver.

O silêncio a saudou.

—Estupendo —gritou através da porta— Sentarei aqui fora até que me deixe entrar.

Ouviu algo pesado sendo jogado pelo chão, então um ruído surdo contra a porta. Não mais portas abertas para ela.

O rechaço a ofendeu, mas era um mau momento. Era tempo de conseguir se sobrepor a isso. Esperaria tanto quanto fosse necessário. Sairia em algum momento.

Nika pôs as costas na porta e deslizou para sentar contra ela. O ar frio a rodeou, transpassando facilmente a fina camisola de



algodão. Desejou ter lembrado de pôr um pouco de roupa antes de vir aqui, ou pelo menos um roupão. Os riscos eram que caso saísse agora, Madoc escaparia, saltaria em sua caminhonete, e passariam outros sete meses antes que o visse outra vez. Temia que então, o que fosse que estava crescendo dentro dele o teria consumido e não ficaria nada de seu Madoc.

Seu Madoc. Nika bufou ante isso. Não era mais seu do que a lua era. Poderia desfrutar por estar em sua presença, mas estava muito longe para tocá-la, sempre remoto e frio.

Pelo menos quando estava perto dele, sentia-se segura.

A fadiga caiu nela até que cedeu e se rendeu, se aconchegou diante da sua porta. Se saísse, despertaria, e enquanto isso, sua presença próxima protegeria seus sonhos e combateria qualquer Synestryn que se atrevesse a invadir sua mente enquanto dormia.



Nika o enfeitiçava.

Madoc não podia tirá-la da mente. Uma parte dele queria embalá-la e abraçar perto, a resguardando das maldades do mundo, mas o resto a queria se retorcendo no seu pênis, gritando de prazer enquanto investia nela.

Não imaginava o porquê não a podia tirar da mente, o motivo de uma mulher louca ter essa capacidade de o atar tão completamente, atando suas vísceras até que o espaço entre tomá-la e protegê-la parecia muito pouca coisa para se preocupar.

Madoc jazia na cama, a ereção se elevando no corpo nu, pulsando ao mesmo tempo que o coração. Envolveu os dedos ao



redor de si mesmo enquanto imaginava Nika deslizando para baixo pelo seu corpo, levando seu pênis à sua boca. Seus cabelos brancos arrastando pra frente, fazendo cócegas nas coxas, enquanto seus grandes olhos azuis se elevavam para o olhar enquanto chupava.

O telefone soou, o arrancando da fantasia.

—O que? —grunhiu ao aparelho receptor.

—Nika está adormecida fora de sua porta —disse Nicholas.

—Não importa. —Era uma enorme mentira, mas uma em que ia ter que manter.

—Deixe-a entrar ou a leve de volta a sua suíte. Não pode ficar aí estendida com desconhecidos que querem manuseá-la em sua vagabundagem pelos corredores.

—Não estou interessado. Faça você mesmo.

A voz de Nicholas se elevou com irritação.

—Alguém poderia passar por aí.

—Você pode manter um olho sobre ela. Não é meu trabalho.

—Tem que conversar com ela. Claramente, tem algum motivo para estar caída na sua porta.

—Está louca. Não pode evitar isso.

—Maldito seja, Madoc! Não está nem sequer vestida. Usa uma camisola, toda enrolada como se tivesse frio.

—Consiga uma manta.

—Não acha que se a pudesse tocar, estaria ali já, me encarregando dela?

A imagem que pintou Nicholas fez que uma fúria protetora inchasse dentro dele, mas sabia que se abrisse essa porta, Nika ia ser quem lamentaria. Ninguém parecia entender isso como ele.

É obvio, seu pênis pensava que abrir a porta era uma boa



ideia. Ela estaria toda sonolenta e vulnerável. Poderia pô-la sobre a cama e se enterrar dentro dela antes que sequer tivesse tempo de despertar. Se cobrisse sua boca, poderia amortecer os gritos. Ela inclusive poderia gostar. Sem dúvida alguma se lançou tanto sobre ele para o fazer pensar que estava pedindo.

Algo na lógica era defeituoso, mas com a voz de Nicholas zumbindo no ouvido e Nika bem atrás da porta, não houve espaço mental suficiente para esclarecer o que era.

O silêncio encheu a linha, enquanto Nicholas estava esperando uma resposta.

Simule que tem honra. O aviso soou dentro da cabeça de Madoc.

Um homem com honra não estaria pensando em foder com a louca de cérebro de pintinho lá fora. Abriria a porta, levaria Nika para sua suíte, e a colocaria sem nenhum dano em sua própria cama.

Ela simplesmente voltará, sussurrou uma voz escura interior. *Para que se incomodar?*

A impaciência vibrou no tom do Nicholas.

—Um desses estranhos vai passar por aí e pensará que a pode tocar. Não acha que ela já tem bolhas suficientes?

—Chame Joseph. —Se Madoc abrisse essa porta, ia pegá-la e machucar muito mais que algumas bolhas o fariam.

—Porra. Farei eu mesmo.

—Boa escolha.

—Para que saiba, provavelmente está correto. Faz muito tempo que não vejo nenhuma ação. Minhas câmaras são bastante boas, e apostaria meu jogo de PC favorito que não usa calcinha. Comprovarei e darei os detalhes suculentos mais tarde. —A linha



morreu.

A fúria fluiu pelo corpo, fazendo que a cabeça pulsasse.

Nika era dele, *maldita seja*. Não havia uma maldita fodida forma que Madoc fosse permitir que Nicholas se aproximasse dela.

Deixou cair o telefone e estava fora da cama antes que atingisse o chão. Puxou o lençol da cama, envolveu ao redor dos quadris, e empurrou a mesa da cozinha longe da porta. Perdeu o equilíbrio, golpeando a parede o suficientemente forte para deixar uma marca.

Madoc abriu a porta e viu Nika enrolada em uma apertada bola. O alvoroço que montou para chegar nela nem sequer a fez se mover. Algo dentro do seu peito rompeu e sangrou enquanto a olhava. Era uma tortura estar tão perto dela, sabendo que estava mau, sabendo o que queria fazer.

Mas quem mais podia se encarregar dela? Sua irmã saiu. Nenhum outro Theronai podia tocá-la a não ser ele, e nenhum dos humanos daqui era suficientemente forte para se encarregar de seus cuidados. Ele era a única opção, e tão desafortunado como isso fosse para ela, estavam forçosamente comprometidos um com o outro. Pelo menos até que o Theronai correto chegasse. E o faria. Madoc precisava acreditar nisso tanto quanto o temia.

A recolheu, desfrutando de seu peso nos braços, a sensação de tê-la contra o peito nu. Teria gostado mais se estivesse nua, mas ainda com a barreira de tecido entre eles, o contato pareceu acalmar a coisa que rabiava dentro dele mesmo enquanto o tentava a deixar que a luxúria tomasse o comando.

Madoc chutou a porta que se fechou atrás dele, colocou-a na cama, a cobriu até o queixo e saiu do quarto fechando a porta



atrás dele. Sabia que se olhasse para trás, subiria nessa cama com ela e descobriria em primeira mão se usava calcinhas.

A dor esmurrou seus ossos, e soube que se não fizesse algo para detê-la, o corpo explodiria. A carne não podia alojar tanto dor. Cada passo que dava longe dela piorava, assim não foi longe, ficou diante da porta do dormitório.

Desembainhou a espada, a colocou no chão, e ajoelhou ao lado dela. Os anos de meditação permitiram deslizar para esse espaço onde o tempo se desfazia em um nada e o corpo se desvanecia, junto com a dor e a luxúria que ameaçava o enlouquecer. Tudo isso estaria ali, esperando quando estivesse muito cansado, mas até então, ocuparia este lugar sem cor, sem sentido para preservar Nika de si mesmo.



Grace grudou um sorriso brilhante na cara e entrou na suíte de Torr.

—Como está hoje? —perguntou, tentando soar com a costumeira alegria.

—Melhor agora que está aqui —disse Torr. As palavras estavam pior articuladas do que antes, embora se foi porque chegou mais tarde que o normal ou porque ele estava pior, não podia estar segura.

Jazia em uma cama de hospital na sala de estar. Os móveis habituais que ficavam contra as paredes agora desapareceram. Grace não tinha nem ideia de quem fez, mas de algum modo parecia que a condição de Torr piorou. Em lugar de esperar que



encontrassem uma cura e a cama já não fosse necessária, parecia que agora as pessoas estavam perdendo as esperanças com ele, aceitando que esta seria a maneira como desenvolveria a situação e o resto de sua longa, longa vida. Ele mesmo perdeu as ilusões há meses. Talvez não gostasse do aviso otimista.

Seu cabelo escuro cresceu desde a noite do ataque, assim estava agora o suficiente comprido para cobrir suas orelhas. Em segredo, gostava da mudança de imagem e sentir como os fios sedosos deslizavam entre os dedos quando o lavava. Por outro lado, o manteve barbeado, saboreando cada instante que pudesse passar o tocando.

Seu longo corpo o fazia parecer mais magro do que na realidade estava, embora perdeu uma boa quantidade de peso. Os músculos que se tornaram duros com os séculos de uso, atrofiavam muito rápido, passado a imagem de estar murchando.

Grace ainda pensava que era formoso, especialmente seus claros olhos âmbar que a seguiam a qualquer lugar que fosse. Mover sua cabeça, era cada vez mais difícil, mas seus olhos poucas vezes a deixavam, fazendo-a sentir-se coibida e atraente ao mesmo tempo.

Sentou-se sobre a borda da cama, agarrando sua mão, embora soubesse que não podia senti-la.

—Queria falar com você.

—Parece sério.

Negou com a cabeça, sentindo que os cachos ricocheteavam ao redor dos ombros.

—Não realmente. Eu simplesmente... Preciso sair durante um tempo.

—Aonde?



—Preciso de um pouco de tempo para mim mesma, talvez uma viagem para ver o oceano. Sempre quis ver o oceano. — Provavelmente nunca conseguiria agora, mas as melhores mentiras eram as banhadas na verdade.

—Isso é bom. Deveria ir.

Embora suas palavras a incentivassem, seus olhos contavam outra história. Depois de tantos meses vendo um ao outro todos os dias, provavelmente se acostumou tanto às suas visitas como ela. Ia sentir saudades de poder o tocar.

—Não quero te deixar —disse. Pelo menos essa parte era verdade.

—Não posso ir.

—Sei. Sentirei saudades.

Um débil sorriso elevou um lado de sua boca.

—Estará se divertindo muito para sentir saudades.

—Nunca poderia ter essa quantidade de diversão.

Quando percorreu seu rosto com os olhos, se perguntou se também perderia sua habilidade de ver, se esta coisa que ia fazer não funcionasse.

—O que? —perguntou—. Algo está te incomodando. —Sua fala estava mais quebrada hoje. Mais vacilante.

—Não é nada —mentiu—. Só estou preocupada com meu irmão. Tem alguns problemas em suas aulas. Não é grande coisa. Estou segura que superará isso.

—Desejaria poder ajudar.

Acariciou seu cabelo afastando-o da testa, memorizando a sensação. Sempre teria as lembranças de o tocar para fazer companhia.

—Vai ficar melhor —disse, querendo dizer cada palavra—



Você vai ajudar tantas pessoas, que nem sequer poderá recordar todos os seus nomes.

—Grace —começou— As possibilidades...

Ela sabia para onde ia e se recusou a permitir.

—Não. Não quero saber das possibilidades que você nunca melhore. Acredito em milagres. Tenho que fazê-lo. Você é meu.

—Culto ao herói. Inútil.

Ela sorriu então. Um sorriso real.

—Meu caso de culto ao herói te manteve barbeado e alimentado. Não o despreze.

Seus olhos deslizaram pela bochecha e giraram ao redor da boca.

—Nunca.

Grace sabia que se permitisse, ficaria aqui e adiaria o que sabia que precisava fazer. Era hora.

Hora de se despedir.

—Vou trocar seus lençóis antes de ir trabalhar no meu turno da cozinha. Depois pegarei um carro e dirigirei até ver o oceano.

—Traria uma concha?

—Duas, se quiser.

Aprendeu a mudar os lençóis com alguém deitado na cama enquanto cuidava de sua mãe comatosa. Torr era muito mais robusto, mas Grace ficou mais forte e o fazia sem problema.

Ela ia perder essa força.

Enquanto jazia sobre o lado, tirou do bolso um disco bicudo do tamanho da palma da mão e o pressionou em sua pele, exatamente sobre a cicatriz deixada pela criatura que o paralisou. Uma gota de sangue deslizou por suas costas, mas a secou com os lençóis sujos.



Em qualquer outro os afiados agulhões agudos no disco teriam doído ao entrar, mas Torr não sentiu nada.

Terminou o trabalho e conseguiu que Torr parecesse cômodo outra vez.

—Quer ver algo na televisão?

—Não. Estou cansado.

—Fecharei as cortinas, então, para que possa dormir.

Puxou as cordas do trilho para fechá-las, extinguindo o único foco de luz do quarto. Uma franja da luz solar se filtrava sob as cortinas, guiando seus pés.

Grace voltou ao lado de Torr, e antes de se intimidar, inclinou-se e o beijou, dizendo sem palavras o quanto o amava. O quanto sentiria sua falta. Seus lábios estavam frios, e pôde senti-los lutando para se mover contra os dela, tentando aprofundar o beijo. Não o deixou manter a luta. A ferida para seu orgulho seria muito dolorosa, e não queria isso para ele.

—Suave —murmurou, arrastando a palavra.

Grace sorriu, decorando os traços de seu rosto de aparência agradável. Era a única imagem que queria levar com ela e manter perto.

—Te amo—disse. Não tinha a intenção de admitir, mas as palavras brotaram, o sentimento era muito grande e poderoso para negar a voz.

Seus olhos claros ampliaram e sua boca se moveu enquanto começava a dizer algo.

Grace deu a volta e correu. Não queria ouvir dizer que não a amava, que nunca poderia corresponder ao seu amor. Não queria o ouvir dizer que não tinham um futuro juntos. Sabia disso. Sabia que era um guerreiro antigo de uma raça forte, mágica e ela



somente uma humana. Sabia que era um momento fugaz em sua longa vida quando ele era o centro da sua curta.

Sabia todas essas coisas e entretanto não podia deixar de o amar.

Grace correu todo o caminho de volta ao quarto vazio que deixou preparado. O cartão chave que roubou abriu a fechadura sem incidentes. Seria melhor fazer isto em sua cama, rodeada por coisas familiares, mas não queria que seu irmão a encontrasse. Não seria justo para ele depois da vida difícil que já teve.

Uma onda crescente de medo rompeu dentro dela fazendo que as mãos tremessem. Por um breve momento, permitiu-se reconsiderar voltar atrás.

Mas onde isso deixaria Torr? Ao passo que ia, logo nem sequer poderia engolir, nem falar. Que tipo de vida era essa? Tinha tanto a oferecer ao mundo, tantas pessoas que precisavam ser salvas da mesma maneira que salvou a ela e seu irmão.

Devia-lhe isto. Inclusive se não o amasse, tinha a responsabilidade de o recompensar por salvar sua vida e a de seu irmão. Uma responsabilidade para os incontáveis outros que salvaria quando estivesse a salvo e saudável.

Vacilar era a coisa mais egoísta que alguma vez fez e sabia disso.

Antes que pudesse perder os nervos outra vez, Grace posicionou o disco que combinava, grudando-o na parede com uma bola de massa para poder alinhá-lo perfeitamente. Tirou a blusa e o sutiã, posicionando-se para que as puas do disco se alinhassem contra a coluna vertebral, e empurrou com todo o peso.

Os dentes de metal afundaram na pele, roubando seu fôlego



pela dor. Moveu-se a grande velocidade através dela, consumindo seu mundo. Então, após alguns momentos, não houve nada. Nenhuma dor, nenhum sentimento absolutamente. Esse nada começou a se estender abaixo pela coluna vertebral, pelas pernas. Rápido. Muito mais rápido do que esperava.

Cambaleou para o colchão que descansava no chão, onde empilhou alimento e água ao alcance. Escondeu-se para que ninguém pudesse reverter o processo até que fosse muito tarde, e devido a isso, não sabia quantos dias passariam até que alguém a encontrasse. Não faria nenhum bem para Torr se morresse de desidratação antes que este dispositivo mágico terminasse seu trabalho.

Levantou um lençol, cobrindo os seios nus, mas mesmo esse pequeno esforço a deixou com a respiração ofegante. Isso estragava seus planos de beber e comer. Soube agora que o processo estava ocorrendo muito mais rápido. Esperançosamente, terminaria antes que morresse de sede.

Um frio estranho, vibrante deslizou através dela a intumescendo. Subiu pelo corpo, avançando lentamente mais acima a cada segundo que passava. Logo, as costelas se foram, depois os ombros. Os braços foram os seguintes e a seguir os dedos. O medo e a satisfação se mesclavam juntos, provocando que Grace entrasse em pânico inclusive enquanto estava sorrindo.

Estava funcionando. Tudo que aconteceu com Torr estava sendo transferido através do dispositivo que Gilda lhe deu. Estava assumindo sua paralisia, o liberando. Imaginou o olhar de surpresa em seu rosto enquanto a sensação retornava às suas extremidades. Estaria fraco no princípio, mas ficaria forte rápido. Sabia que o faria. Estaria de volta à sua antiga vida anterior,



esgrimindo uma espada contra os demônios antes de seu próximo aniversário.

As lágrimas deslizaram dos olhos, molhando o cabelo das têmporas. Ia sentir tantas saudades de seu tempo juntos. Nunca mais o tocaria ou seguraria sua mão, ou acariciaria seu cabelo.

E então fechou os olhos e viu seu rosto e sentiu a textura sedosa de seu cabelo deslizando entre os dedos enquanto o lavava, a aspereza de sua barba quando o barbeava. Centenas de pequenas lembranças estavam aí, esperando que fosse a elas e acalmasse o pânico que a dobrava.

Nunca poderia caminhar outra vez, nunca poderia sentir outra vez, mas sempre teria o tempo que passaram juntos, para que fizessem companhia.

Capítulo 7

Carmen nunca se acostumou realmente a dormir durante o dia, mas fazia todo o possível para manter o mesmo horário que os Theronai que se levantavam à noite para lutar contra os Synestryn. É óbvio, não precisavam da mesma quantidade de sono que ela ou os humanos, e Joseph parecia dormir ainda menos que o resto de sua raça. Fosse porque não precisava, ou porque simplesmente não tinha tempo, não estava certa.

Caía a tarde quando por fim teve a valentia de procurar Joseph em seu escritório. Sabia que estaria acordado e ocupado, mas isto era importante.

Já era hora de aguentar, ser valente, e permitir que lesse a



nota que Thomas escreveu há nove meses, na noite que morreu. Se dizia coisas horríveis sobre ela, que assim fosse. Carmen precisava seguir adiante com seus planos, e este era o último lastro que mantinha às costas.

Deu um golpe na porta aberta. A cabeça de Joseph se ergueu, e quando a viu, sorriu.

—Já é hora da nossa sessão de treinamento?—perguntou, olhando o relógio com o cenho franzido.

—Não, vim te dar isto.

Estendeu a carta. Era um pequeno pedaço de papel, dobrado e manchado com uma gota de sangue seca. Estava amassado e consumido pelas horas que passou o segurando, tentando encontrar alguma conexão com o homem que mudou sua vida. Estava morto, mas gostava de pensar que parte dele vivia nela.

Estava decidida a fazer que Thomas se orgulhasse, onde quer que estivesse, razão pela qual passou horas de cada semana treinando para se converter em um guerreiro. Nunca seria tão forte como os Sentinelas, nem teria nenhum tipo de poder mágico, mas tinha quebrado seu traseiro para fazer o melhor trabalho que pudesse. Depois de quase um ano de treinamento, sentiu que era hora de sair e começar a caçar.

Joseph pegou a nota. Seus longos dedos deslizaram sobre a gota de sangue seca respeitosamente, como se estivesse recordando seu irmão caído.

—Está segura?

Carmen assentiu com a cabeça.

—Já é hora.

Ele desdobrou o papel com facilidade. Ela quase riu, considerando quantas vezes tentou fazer o mesmo, só para que



as mãos parassem de tremer. Disse para Thomas que deixaria que Joseph o lesse primeiro, e não importava o muito que tentasse, não podia quebrar essa promessa.

Os olhos cor avelã de Joseph escanearam a página. Não havia nenhum traço de emoção em seu rosto. Nem rechaço, nem decepção. Nada mais que uma expressão cuidadosamente controlada e neutra.

—E bem? —perguntou ela, se retorcendo em antecipação.

A garganta de Joseph se moveu quando engoliu antes de falar.

—Era um bom homem. Às vezes me esqueço como de bom.

—Me diga.

Joseph leu o papel:

Reclame esta mulher como de sua família.

A proteja como se fosse sua própria carne e sangue.

Tudo que possuo agora é seu para fazer o que achar conveniente.

Surpresa e indignação caíram sobre Carmen, sentando-a em uma cadeira.

—Como pôde?

As sobrancelhas de Joseph se franziram com confusão.

—Como pôde o que?

Ela se agarrou aos braços da cadeira, tentando levantar, mas todas as forças se esfumaram.

—Me reclamar? Como se eu fosse algum tipo de prêmio? Em que demônios estava pensando?

—Que precisava de amparo. E que sou capaz de proporcionar isso.

—Nem sequer me conhecia. Mal me conhece agora. —Ele



sem dúvida alguma não sabia a prostituta que foi toda a sua vida. A vergonha a brigou a ocultar. —Como pôde pensar em pedir algo assim?

Joseph se moveu ao redor de sua mesa para ela.

—Não é grande coisa. Estive te tratando como uma filha desde que cruzou nossa porta. Não mudará nada entre nós além de fazer oficial nossa relação.

—Não. Não preciso de outro pai. O que tive já foi bastante mau. E já experimentei a alegria de ser dada a um cara que não queria a carga de criar outra criança. Tenho dezenove anos, sou perfeitamente capaz de cuidar de mim mesma, e não preciso que ninguém me console.

—Não se trata de compaixão. Thomas se preocupava com você o suficiente para se ocupar de sua segurança, assim como seu futuro.

A ira explodiu dentro dela, a fazendo tremer. Levantou, ficando cara a cara com Joseph.

—É obvio que se trata de compaixão. Thomas me viu como uma espécie de caso de caridade. Pobre putinha sem ninguém que a queira. Que se foda!

O cenho de Joseph se aprofundou.

—Putinha? Do que está falando?

Não ia contar como se jogou sobre Thomas. De que maneira a viu tão desesperada que se sentiu na obrigação de se responsabilizar em manter suas pernas fechadas.

Carmen negou com a cabeça.

—Não me conhece absolutamente. Suponho que é melhor assim.

—Te conheço melhor do que acredita. Passamos horas



juntos. Vi sua força, coragem e tanta obstinação que facilmente poderia ser minha filha. Sou conhecido por ser um pouco teimoso.

—Não. Isto não vai acontecer. —Não seria o caso de caridade de ninguém, presa a alguém por culpa e alguma tradição estúpida. Não seria entregue a outro homem que não queria ter nada a ver com ela.

—Muito tarde. Já está acontecendo. Este é o último desejo de Thomas, e sou obrigado pela honra a respeitá-lo. A partir de agora, é minha filha, e farei todo mundo saber.



Nika despertou de repente, como se alguém tivesse gritado seu nome. Não era a primeira vez que isto acontecia. Havia sentido antes, quando alguém estava necessitado.

Abriu-se, estendendo a mente para encontrar a fonte dessa necessidade. Talvez Tori a estivesse chamando e disposta a deixá-la entrar de novo. Nika estava tranquila e ainda em uma cama que não era a sua. O aroma de Madoc estava nos lençóis, a consolando, fazendo sentir mais forte, mais valente.

“Nika!” A chamada se repetiu. Era um raivoso grito de dor, premente pelo medo e tão poderoso que deixou sua mente confusa.

Não era Tori. Por um momento, Nika sofreu uma punhalada de decepção até que se deu conta da natureza masculina desse grito de ajuda. Era Madoc.

Afastou os lençóis e se apressou, desesperada para chegar nele antes que fosse muito tarde. O que estivesse mal o estava



matando, minando sua força e sua vontade de viver. A luz do sol filtrava pelas pesadas cortinas que cobriam as janelas, o que permitia ver aonde ia.

Nika não teve que ir muito longe, só ao quarto ao lado. Ele estava convexo sobre o flanco direito no chão da sala de estar, fora da cama. Seu corpo enroscado sobre si mesmo, sacudia de dor. Sua espada estava ao alcance da mão, desembainhada, como se tivesse intenção de usá-la. Um lençol estava retorcido sobre seu quadril, mas o resto dele estava belamente nu, mostrando os músculos poderosos tão apertados e agrupados, como em seus sonhos.

De repente, o desejo por tocar ficou irresistível. As mãos começaram a tremer com a necessidade de deslizar sobre sua pele nua. O corpo esquentou até que estava certa que a camisola se levantaria pelas ondas de calor que irradiava. Não que importasse se o fizesse. A ideia de pressionar contra ele nua fez que os mamilos zumbissem e esticassem. Nunca havia sentido assim com ninguém antes em sua vida, e era tão inquietante como emocionante.

Ajoelhou junto dele e estendeu a mão trêmula sobre seu ombro.

O calor de sua pele sempre a surpreendia, e por um momento, fechou os olhos e permitiu que esse delicioso calor entrasse nela. Estendeu as mãos completamente e deixou que deslizassem sobre os contornos masculinos de seu corpo, o tocando como nunca permitiria se estivesse acordado.

Não sabia por que evitava que o tocasse, mas neste momento, isso não parecia ter importância diante de tanta sensação. Seu corpo estava se regozijando, cada célula cantando



em louvor enquanto era empapada em seu calor. Poderia se perder na sensação da carne sobre carne, embora algo no fundo da mente a advertiu que não estava aqui por isso. Tinha um trabalho a fazer, mas realmente não podia recordar o que era.

A curva de seu ombro era dura e suave. Dirigiu-se a seu grosso pescoço, onde a banda luminosa de sua Luceria estava contra sua pele. O colar brilhou tenuemente ao mesmo tempo que o batimento do coração, atraindo o olhar, a fazendo ansiar algo que não podia nomear. Andra usava a Luceria de Paul agora, e aqui todo mundo disse que quando encontrasse o homem adequado, usaria a dele, também.

Queria que Madoc fosse esse homem, apesar de sua natureza cortante. Apesar que não a queria. Nika deslizou o dedo pela banda, desfrutando da sensação escorregadia, desejando que fosse dela e que pudesse usá-la contra a pele para sempre.

Certamente esse sentimento não era normal. Nunca se sentiu assim em volta de qualquer um dos outros Theronai que foram a ela nos últimos meses. Nunca se sentiu atraída por eles, desejando coisas que eram inomináveis, sentindo a perda de sua presença quando saíam de seu lado. Só Madoc a fazia se sentir assim. Talvez estivesse equivocado sobre não ser um do outro. Talvez se tentasse, poderia provar que eram compatíveis. Talvez então não se importaria em estar perto dela.

Deu a Luceria um puxão. Andra contou tudo a respeito de como fez o mesmo e a Luceria de Paul caiu facilmente.

A de Madoc não se moveu.

Puxou mais forte, mas só conseguiu que o lugar que seus dedos tocassem empalidecesse ainda mais, perdendo a cor que Madoc parecia pensar que era tão importante.



A derrota fez o corpo de Nika desabar, tirando o ar dos pulmões. Queria tanto sentir que pertencia a este mundo, que era algo mais que a garota louca que ninguém podia tocar. Chegou tão longe, lutando a cada dia para recuperar outra parte de si mesma. Obrigou-se a comer e fortalecer, sair da cama e explorar seu novo lar. Mas realmente nunca pertenceria a este lugar. Não era humana, e entretanto não era Theronai, tampouco. Ao menos, não uma que fosse capaz de lutar na guerra que se desencadeava em segredo fora destas paredes.

Passou a maior parte de sua vida como uma bagagem inútil para sua irmã. A única pessoa que alguma vez realmente a necessitou foi Tori, e agora se afastava, também. Depois de tantos anos com Tori, através de todas as coisas horríveis que resistiu, Nika não estava segura de como ficar sozinha. Se Tori a abandonasse o que faria? Nika não ia deixar que isso acontecesse. Traria Tori para casa, onde podiam ficar juntas todo o tempo. Cuidaria dela da mesma forma que Andra se ocupou de Nika. Seriam uma família de novo.

Quando a imagem apareceu na mente, Madoc formava parte dela. Em seu mundo de fantasia, passava a formar parte de sua família, também, da mesma forma que Paul.

É óbvio, a fantasia e a realidade eram duas coisas diferentes, e depois dos anos que passou aprendendo a separar as duas, Nika sabia que as possibilidades que isso acontecesse eram escassas. Sua Luceria não respondia a ela, e se não encontrasse a mulher que pudesse fazê-la responder logo, ia morrer. Essa era a realidade.

Sua marca de vida estava quase nua e completamente imóvel. Ela viu o balanço das árvores de outros homens com a brisa, mas



não a de Madoc. Quase todas as folhas tinham caído, e as que ficavam pareciam... erradas. Estavam fixas. Mortas.

Sabia que a perda de todas as folhas em sua marca da vida era uma coisa má. Significava que seu tempo acabava. Uma vez que caísse a última folha, sua alma começaria a morrer e ele iria para sua morte de uma maneira ou de outra. A ideia de não ter Madoc em sua vida assustava Nika mais que qualquer Synestryn que alguma vez tivesse visto. Precisava dele, e sua esperança era que um dia ele precisasse dela também, que fosse para ele mais que uma simples mulher louca a quem tinha que proteger.

Sua viagem tateante a levou pelo braço direito até a palma de sua larga e calosa mão, e pelos grossos e rudes dedos. Pequenas cicatrizes cobriam o dorso das mãos e os antebraços, um testemunho de seus anos na batalha. A força irradiava fora da mão, inclusive no sono. Ela invejou frequentemente a força dos homens ao seu redor, mas com Madoc, a inveja nunca foi um problema. Com ele, sentia algo diferente, mais profundo. Não era tanto que quisesse ter sua força como queria que essa força a tocasse, rodeasse e a mantivesse a salvo.

Mas agora, segurando sua mão entre as dela, só podia pensar no que seu toque a fazia sentir. Como mulher. Como Paul tocando Andra quando pensava que Nika não estava olhando.

Um lento, necessitado calor cresceu em seu interior com a ideia. Nunca esteve com um homem. Sua curiosidade a levou a olhar outros casais e deslizar dentro de suas mentes para ver o que ocultavam atrás de suas portas fechadas. Aprendeu tantas coisas secretas dessa maneira, mas nunca antes pensou que gostaria de ter alguém que as fizesse com ela. Até agora.

Uma imagem das mãos de Madoc se movendo sobre seu



corpo nu encheu sua mente. Quase podia sentir tocando os seios, sentir a agarrando pelos quadris enquanto seu poderoso corpo se movia contra ela. Dentro dela. O desejo cresceu em seu interior até que não estava segura de que o corpo pudesse aguentar. Uma revoadada estranha fez cócegas sob o ventre, e apertou a mão de Madoc.

De um modo ou outro, antes que Madoc escapasse de novo, ia seduzí-lo. Não tinha nem ideia de como fazer, mas encontraria a maneira. Ia ser dele, embora só pudesse mantê-lo por uma noite.

Nika levantou a mão dele e a apertou contra a bochecha. Seus dedos eram tão bons, mas o feio anel negro mate que usava parecia cavar na sua pele. Esse anel estava frio, apesar de seu calor corporal, e irritou sua pele. Sem dúvida, era incômodo para ele usá-lo. Nika odiou tocá-lo, mas pegou o anel e começou a puxar quando ele gemeu em seu sono, recordando o porquê estava aqui. Certamente não era para que pudesse o acariciar.

Necessitava-a. Tinha gritado por ela, e ficou tão distraída por seu corpo que quase esqueceu.

Supôs que pedir ajuda era algo que faria só enquanto dormia, quando seu orgulho estava amortecido, e não havia maneira que Nika pudesse negar. Sabia que seus destinos estavam vinculados, inclusive se ele e todos os outros se negassem a acreditar. Inclusive se essa maldita Luceria não acreditava. Ela sabia. O fato que a necessitasse embora fosse um pouco a fez se sentir mais forte do que em anos. Não ia falhar com ele.

Nika soltou as defesas mentais, abandonou a precaução, e se lançou fora do corpo entrando no dele.

A dor se chocou contra ela, quase a tirando de repente de sua



mente. Gritos de agonia se retorciam em seu interior, raspando em sua mente com garras afiadas, fazendo migalhas de sua alma até sangrar. Não tinha ideia de como podia suportar. Claramente, isto era pelo que a chamou. Os Synestryn estavam fazendo algo, o torturando.

O fato que se distraiu o tocando enquanto estava sofrendo assim a fez querer murchar na auto repugnância. *Como podia ser tão egoísta?*

Precisava ajudá-lo, mas não podia combater esta dor tão intensa, assim em vez disso, tentou aceitá-la e deixar que deslizesse sobre ela.

Não surtiu efeito. A dor a martelou, esmurrando enquanto tentava conduzi-la ao fundo. Uma parte dela se aconchegou contra a dor, soluçando em desespero para escapar. Se seu corpo estivesse aqui, seria rasgado em tiras, destroçado em pedaços minúsculos que não voltariam a se juntar nunca. Como podia sobreviver Madoc, não sabia, mas sabia que precisava ajudar. Não podia deixar que suportasse isto sozinho.

Obrigou-se a relaxar mais, deixando que a dor deslizesse sobre ela como água, evitando que a afetasse. Imaginou que era um pequeno pontinho de nada, muito pequeno para ser uma ameaça, sem superfície para que a dor empurrasse contra ela. Lentamente, a agonia começou a desvanecer. As garras escuras passaram quase a roçando, falhando na diminuta coisinha de nada em que se converteu. O poder dessa dor ainda empurrava contra ela, a obrigando a acompanhá-lo, mas podia se concentrar agora e encontrar a fonte. Era como nadar contra a correnteza, e cada pedacinho de progresso que fazia era ganho dura e extenuantemente. Pouco a pouco, avançou gradualmente para a



fonte de sua dor, decidida a exterminá-la. Depois do que pareceram dias, finalmente chegou até a fonte.

Diante de si se elevava algo que nunca viu antes dentro de nenhuma das pessoas que visitou. Era enorme. Poderoso. Centenas de tentáculos brotavam de uma negra e pulsante massa através de Madoc como trepadeiras ácidas. Estavam em todas as partes, havia ondas de dor irradiando para fora de modo que nenhuma parte dele estava sem agonia.

À medida que se aproximava, os tentáculos pareciam querer alcançá-la como se notassem sua presença dentro dele. O que fossem estas coisas, a conheciam. Podia sentir sua fome por tocá-la e possuí-la. Como ia lutar contra algo assim?

Não tinha nem ideia, mas a única esperança era seguir um dos tentáculos de volta ao centro da massa e massacrá-la.

Seguiu adiante, fugindo dos movimentos de contração do tentáculo, viu como crescia mais grosso e mais forte quanto mais avançava. Equilibrou-se para ela, mas retrocedeu e o esquivou. Não sabia o que aconteceria se uma destas coisas a apanhasse, mas não estava disposta a se arriscar para descobrir. Pouco a pouco, abriu caminho contra a corrente de dor até que viu o centro da massa desta... coisa. Havia um pequeno ponto que era diferente do resto: uma brilhante e resplandecente mancha da cor do sol de verão.

Nika se sentia atraída por esse lugar, incapaz de parar de se mover mais perto, de se estender para roçá-la e banhar-se nessa luz.

O diminuto ponto que agora era sua consciência deslizou dentro da luz, e imediatamente, sentiu uma sensação de satisfação absoluta. Completa e perfeita paz. Esta luz cálida e



brilhante a engoliu, a embalando e abraçando. Sussurrou esperança, amor e alegria, e acreditou em cada palavra que disse. Podia ficar aqui para o resto de sua vida e ser feliz. Aqui, não precisava de nada. O tempo não significava nada. Todas as provas do mundo desapareceriam. Aqui, estava literalmente no amor.

Foi nesse momento que se deu conta de onde estava. Esta negra massa de tentáculos malvados com um único e perfeito ponto era a alma de Madoc. A comoção ondeou através dela, mas o bastante distante para não incomodá-la, como se soubesse que deveria fazer. Havia algo errado aqui, algo que não via mas o desejo de ignorá-lo e simplesmente gozar do calor da luz era quase impossível de combater.

Nika deu a volta, sentindo-se como uma criança sem preocupações no mundo. As bordas deste espaço brilhante a atraíram para o interior, contraindo-se ao redor para mantê-la perto.

Foi então que a compreensão a golpeou. Este perfeito lugar brilhante na alma de Madoc encolhia. Infectada pela agonia negra que estava carcomendo-o, consumindo a luz, a apagando.

Sua alma estava morrendo apesar de ainda haver folhas em sua marca de vida.

O horror explodiu dentro dela a fazendo cambalear. Puxou bruscamente para sair desse perfeito, luminoso lugar através dos tentáculos horríveis, se retorcendo, e de volta ao seu próprio corpo.

—...demônios acredita que está fazendo? —a voz feroz de Madoc encheu seus ouvidos, muito alto e zangado.

Ela se sobressaltou pelo ruído, desejando poder retornar ao ditoso silêncio.



—Estava dentro de minha cabeça, verdade?

Tinha a garganta muito apertada para falar, assim Nika negou com a cabeça.

—Não minta. Te senti lá dentro. Estava tentando ler minha mente? —Seus olhos verdes brilhavam de fúria e seu peito subia e baixava a cada fôlego zangado.

Nika lutou para voltar a realidade. Não sabia quanto tempo esteve fora do corpo, mas o esforço do contato sustentado a esgotou e confundiu. Pareceu estranho e um pouco incorreto voltar a sentir coisas através dos sentidos de novo. Tudo era mais duro e mais intenso. Inclusive a sensação da camisola sobre a pele parecia muito difícil de suportar. A luz tênue no quarto não podia se comparar a da alma de Madoc, e entretanto era muito brilhante, queimando os olhos.

Ela sentiu o aperto de sua mão no ombro e quis se recostar em seu abraço e deixar que a segurasse até que o mundo endireitasse de novo.

—Me responda —exigiu ele.

—Não. Não em sua mente —tentou explicar, mas como podia? Se estava zangado porque achava que tinha lido sua mente, ficaria furioso se soubesse que esteve dentro de sua própria alma— Me chamou.

—Não fiz —A indignação recortou suas palavras, as fazendo sair abruptas e duras.

—Fez. Estava dormindo, mas ouvi. Chamou meu nome e vim.

—Sonhou.

A fadiga a esmagava, oprimindo. Explicar era muito trabalho. Além disso, não acreditaria. As pessoas nunca acreditavam. Era mais fácil não dizer nada e deixar que pensassem que estava



louca.

—Talvez. Havia muito dor para que pudesse ser real.

—Dor? —A palavra pareceu o estrangular— Está ferida? — Seus olhos verdes brilhavam com preocupação enquanto percorriam todo o corpo, revisando em busca de lesões.

—Eu não. Você.

Deixou escapar um suspiro de alívio e a atraiu para si, abraçando-a contra seu peito nu. A palma de sua mão embalou a cabeça, mantendo-a perto de seu coração. Ela podia sentir os ramos da sua marca da vida lutando para alcançá-la, mas permaneceram congelados em seu lugar debaixo da bochecha.

Nika se aconchegou mais perto, se arrastando até seu colo, se agarrando a ele caso a sacudisse de novo e tentasse afastá-la. Seu aroma acalmou seus nervos. Seu calor aliviou a pele até que a camisola já não raspava. Inclusive o cansaço parecia desvanecer enquanto se empapava no calor de seu corpo.

—Está me deixando louco —disse ele em voz baixa.

—Isso não é tão mau. Inclusive poderia gostar.

—Não brinque. Não é momento para brincadeiras.

Ela se afastou o suficiente para levantar o olhar para ele. Sua expressão era cortante. Fechada. Acariciou o lado de seu rosto, desfrutando da sensação de sua barba incipiente sob os dedos.

—É muito sério. A vida é curta. Deveria desfrutá-la.

—Desfrutar das coisas à minha maneira seria uma ideia muito má para você —Estava cravando o olhar em sua boca agora, fazendo que Nika ficasse tão nervosa que sentiu a compulsão de lamber os lábios.

Seus olhos seguiram o movimento. Seu corpo esticou com força, e tão perto como estava dele, pôde sentir a força desse



movimento como uma sacudida. Contra o quadril, sentiu o pênis endurecer.

—Você gosta—disse ela, ouvindo um brilho de temor através da voz.

—Nada disso, garotinha.

O comentário *garotinha* a picou, embora talvez fosse uma forma infantil de dizer. Não estava acostumada a falar com um homem sobre sexo, assim tentou de novo.

—Me deseja.

—Desejo que desça do meu colo —Tentou afastá-la, mas ela se manteve, se agarrando ao seu pescoço. Gostava de sentir a prova que a desejava, e não havia sentido tempo suficiente para acreditar ainda. O que realmente queria fazer era tocar sua ereção com os dedos, mas não acreditava que estivesse preparada para isso ainda. Melhor um pouco mais adiante.

—Por que não admite? —perguntou— Somos adultos. Podemos nos desejar um ao outro, não é mesmo?

Seus lábios se aplanaram.

—É hora de te levar de volta para sua suíte.

—Fico aqui até que esteja pronta para ir. Temos coisas importantes a discutir.

—Uma porra.

—Por quê? Tem medo de que invada seu cérebro e te converta em meu escravo zumbi?

—Difilmente.

Levantou-se e a colocou longe dele, para depois escapar através da sala. Manteve o lençol ao redor de seus quadris com uma mão enquanto com a outra esfregava a cara. Durante todo o tempo, se negou a olhá-la.



—Acredito que me enganei sobre o fato que você goste. É possível que me deseje, mas não gosta de me desejar. Aceite-o. Embora não é como se fosse te atacar. Me dê uma boa razão pela qual não posso ficar. Continua dizendo que vai me machucar, mas nunca nem sequer se aproxima, apesar de todas suas fanfarronadas e essa boca suja—Nika estava sentada no chão, o olhando, esperando uma resposta.

—Continue empurrando e se inteirará da maneira dura.

—Por favor —zombou—. Estive dentro de monstros mais horripilantes que você em seu melhor dia.

—Duvido.

Levantou do chão e se aproximou de onde ele estava parado. Talvez o enfrentar não fosse a coisa mais inteligente que podia fazer, mas estava cansada de sua fuga. Empurrou-o até que ele tropeçou de costas no sofá, e se recostou até que ela esteve ao mesmo nível de seus olhos.

—Estou segura que sim. Estou segura que acha que é grande, rude e perverso e que o mundo acabará se tiver que ficar preso a mim mais que um minuto.

—Não o mundo, Nika. Seu mundo.

—Por quê? O que acha que vai fazer que é tão mau?

Ele não respondeu, e seu silêncio a incomodou. O autocontrole não era seu ponto forte, e neste momento, não estava em nenhum lugar para ser encontrado.

Ela se agachou, agarrou-o por seu Luceria, e deu uma sacudida.

—Me responda! O que acha que vai fazer que seja tão horrível?

Envolveu os dedos ao redor do seu pulso. Sob seu aperto, a



pele zumbiu, mas estava muito ocupada cambaleando pela ferocidade que ele mostrava para prestar muita atenção. Despiu os dentes e disse:

—Vou te foder.

A comoção a sacudiu por um momento, e procurou na mente confusa para dar sentido às suas palavras.

Essa não era a forma que Nika o teria expresso, embora descobrisse que sua rude linguagem não a enojava. De fato, esse lento, fervente calor no interior que se iniciou quando o tinha acariciado em seu sono estava borbulhando repentinamente outra vez, fazendo-a sentir quente e com uma sensação de formigamento.

Pensou em fazer amor, e essa ideia a emocionou até os dedos dos pés.

—De acordo —disse Nika, soando ofegante.

Madoc piscou.

—De acordo? Digo que vou te violar e isso é tudo o que tem a dizer?

—Não seria uma violação.

—Uma merda que não.

Nika nunca seduziu um homem antes, mas tinha algumas ideias sobre o que poderia funcionar. Soltoou sua Luceria, deslizou as mãos sobre seus ombros, e se sentou escarranchada sobre seu colo. A barra da camisola levantou, revelando as coxas. Madoc as olhou e logo fechou os olhos com força.

Agarrou as almofadas do sofá de ambos os lados dela, imprensando o tecido como se fosse o único que evitasse que entrasse em órbita.

—Pensei em ficar com você —admitiu ela—. Não no princípio,



quando estava doente, mas ultimamente, eu gostava de ouvir Paul e Andra enredar-se, ou ver outro casal se olhando de certa maneira. Sempre me fez pensar em você.

—Só diz isso para que não te leve para seu quarto, embora só Deus sabe por que quer ficar perto de mim.

—Estou dizendo isto para que entenda e se dê conta que tenho opiniões próprias. Não sou essa frágil concha de mulher que deixou atrás no ano passado.

—Isto não é divertido, Nika.

—Não, não é. É triste, porque teve medo de algo que não era um problema.

—Uma porra que não é um problema. Não tem nem ideia do que está falando. Certamente ainda é virgem.

—Sim. E daí?

Ele levantou cambaleando do sofá, sentou-a no chão, e se afastou tão rápido que ela perdeu seu aperto sobre ele. Seu andar era torpe, e manteve o lençol tão fortemente preso no punho que os nódulos ficaram brancos.

Com os olhos muito abertos e a mandíbula apertada, disse:

—Tem que ir.

—Pensei que acabávamos de decidir que não era necessário. Já não tem que ter medo de me machucar. Quero ter sexo com você.

Todo seu corpo se apertou com força como se ela o tivesse golpeado, e deu a volta, virando as costas.

—Vá. Antes que seja muito tarde.

Em vez disso, Nika se aproximou dele e envolveu os braços ao seu redor, pressionando o peito contra as costas largas. Sob a bochecha, todo o corpo vibrava com tensão.



—Quero ficar.

—Não tomo virgens.

—Se isso for realmente um grande problema para você, então vou procurar um dos meninos abaixo, e me encarrego do problema, e voltarei em dez minutos. Pelo que entendi segundo as fofocas não levará mais tempo que isso para acabar.

Deu a volta, mas não o soltou. Girou dentro do abraço até que ela pôde sentir sua ereção pressionando contra o ventre. Esse comichão começou a se expandir para algo mais. Algo ofegante e duro de ignorar.

—Faça-o e Joseph terá que me executar por assassinar um pardal.

Ele não mentia. Podia ver a fúria em seu rosto, senti-la brilhando em seu corpo. Recordou a massa negra de sua alma, viu-a refletida na ferocidade de seus olhos, e soube que tinha que fazer algo para resolver isto.

Por desgraça, nem imaginava o que poderia fazer.

—Assim está dizendo que não me deseja, mas que não posso ficar com mais ninguém? Devo ficar virgem para sempre?

—Para mim funciona.

—De verdade é tão egoísta?

—Não estarei vivo muito mais tempo. Só espere até que morra. Isso é tudo que peço.

—Não. Não farei nenhuma promessa estúpida. Já perdi bastante da minha vida presa em um hospital. Não vou deixar que você nem nenhum outro escolham o caminho da minha vida.

—O que eu faria não seria algo que recordaria com carinho.

—Como sabe? E se for o único homem que pode me tocar?

Seus olhos se apertaram ao fechar como se precisasse



bloquear a visão dela.

—Por favor. Não deixe que te machuque. Não quero te machucar.

—Não o fará. Este sentimento que temos um pelo outro prova que tenho razão. Você e eu nos pertencemos. Está procurando algum tipo de sentimento quando nos tocamos. Diria que isto conta.

—Então, por que minha Luceria não desprendeu quando a puxou?

—Não sei, mas tenho uma ideia.

Madoc gemeu e cravou os olhos na sua boca.

—Por favor, Nika. Está me matando.

Empurrou-o até o sofá, e como um idiota, a deixou.

—Talvez se me beijasse, solte.

—Essa não é a forma que funciona.

—Talvez deveria me beijar de qualquer maneira.



Se Madoc a beijasse, sabia como terminaria. Rasgaria esse frágil tecido de seu corpo e a tomaria aqui mesmo no chão da sala de estar. Apesar de seus protestos inocentes contra, isso não era o que ela queria.

Merecia ser apreciada e tratada com cuidado. Amada. Isso não poderia dar. Não restava o suficiente do homem que costumava ser para lhe dar nada que inclusive se aproximasse de amor. O melhor que poderia esperar era fodê-la o suficientemente rápido para que não sofresse muito.



Nika o olhou nos olhos, dando a entender que queria dizer o que disse. Ele tinha melhor critério, embora não pudesse culpá-la por sua ignorância.

Era virgem, e se retorcia no colo como se nem sequer soubesse o que viria depois.

Inferno Santo. Ia explodir seu crânio se não parasse de se mexer. Simplesmente explodiria em um matagal sangrento e teriam que arranhar o que restasse dele no teto durante uma semana. Tinha que sair daqui. Pôr um pouco de distancia entre eles. Sair para matar merda. Algo.

Finge que tem honra.

Nunca foi tão duro seguir os ensinamentos de Iain como agora, com esta mulher tão perto, disposta e ansiosa para que a beijasse. Um homem honrado saberia que seus beijos pertenciam a outro e a respeitaria. Assim era isso o que faria. Se afastaria, sairia pela porta e sumiria. Só que desta vez, não retornaria. Se o fizesse, sabia o que faria. Sabia que Nika seria a única a pagar.

Tinha acabado seu tempo. Teve uma boa carreira. Assassinou um montão do Snarlies. Inclusive conseguiu matar suficientes Sgath para que Nika já não estivesse tão fodida da cabeça. Claro, ela queria foder o que significava que ainda estava louca e tendenciava a sair de seu corpo, mas pelo menos já não passaria todo o tempo assustada.

Fez tudo por ela. Poderia morrer sabendo que conseguiu pelo menos isso.

Também morreria sem saber como seria beijá-la, beijá-la de verdade. Morreria sem ouvir nunca seus gritos de liberação, ou sentir seu calor escorregadio o rodeando. Embora também morreria sem fazê-la gritar nunca pela dor que causaria. Isso era



digno de sofrer essa ereção contínua que estava mostrando.

Madoc ignorou a dor palpitante no corpo e deslizou sob Nika, deixando-a de lado no sofá.

O olhar de dor que brilhava em seus olhos azuis claros fez um nó no seu estômago, mas não havia nada que pudesse fazer a respeito. Esperava que um dia, quando finalmente encontrasse seu Theronai, lembrasse disto e agradecesse por se afastar.

Madoc pegou a roupa que jogou no chão e saiu, fechando a porta atrás dele. Segundos mais tarde, vestiu-se no vestíbulo e foi procurar Tynan. Daria ao sanguessuga o sangue que Nika precisava para sua busca, assim não se veria obrigada a pedir ajuda, então iria atrás de seu voto de morte, um voto que os Theronai estavam obrigados por honra a cumprir. Qualquer inferno que pudesse ser. A única coisa que realmente queria não podia ter.

Já era hora de superar. Uma vez que estivesse morto, não sentiria falta de nenhuma fodida coisa. Sentia-se nu e desequilibrado sem a espada. Esteve presa ao redor dos quadris por séculos, pronta e disposta a derramar sangue Synestryn. Sem ela, mal se sentia como um Theronai.

Madoc bateu na porta de Tynan três vezes antes que o sanguessuga finalmente respondesse. Empurrou-se à suíte do Sanguinar, estendeu o braço, e disse:

—Toma o que precise para ajudar Nika.

Os olhos azul gelo de Tynan flamejaram com a fome, mas não se moveu.

—Isto está se convertendo em um hábito com você, sangrando por essa mulher.

—Está se queixando? Posso encontrar alguém que me sangre.



—Não. Absolutamente. Só é uma observação. —Assinalou o sofá—. Sente-se.

Madoc sentou e ficou com o olhar fixo no espaço. Não queria ver o que o sanguessuga faria. A ideia de um tipo sugando seu pulso era quase mais do que podia aguentar. Não o faria por ninguém além de Nika.

Nika.

Poderia a ter tido. Ela o queria. Ou pelo menos pensava que o queria.

Talvez o quisesse. Talvez fosse uma dessas avezinhas que se sentiam atraídas por seu lado mais escuro. Não seria a primeira vez que o viu. Agora que estava longe dela, tinha mais controle de si mesmo. Talvez se voltasse, poderia encontrar uma maneira de ser amável. Doce.

E depois o que? A foderia para depois se matar? Nika já estava louca. Não estava seguro de como esse tipo de coisa a afetaria. Por tudo que sabia, ela se culparia, pensaria que era tão horrível que precisava morrer para consertar.

Melhor deixar as coisas como estavam. Encontrou a força para se afastar. Não sabia se podia fazê-lo uma segunda vez.

Afastar-se era seu último presente para ela e estava decidido a cumpri-lo.

Capítulo 8

Tynan fez Madoc dormir com um único e poderoso pensamento enquanto se alimentava da veia do Theronai. Madoc



ficou adormecido facilmente, sem sequer se incomodar em brigar com ele, como Tynan esperava.

Algo aqui definitivamente não estava certo.

Uma parte de Tynan não importava. O poder percorria seu corpo, o fazendo sentir forte e sólido. Sabia que esta rajada intoxicante não duraria, que tinha que compartilhar este poder com outros de sua raça, mas isso não significava que não pudesse desfrutar agora, durante o breve tempo que durasse.

O sangue de Madoc era quase tão poderoso como o de Lucien, um dos príncipes puro-sangue de Athanasia, um mundo distante que era a fonte da magia dos Sentinelas. Lucien tinha vindo aqui no verão passado para ver suas filhas. Tynan estava fraco então, muito fraco para seguir adiante. Estava disposto a procurar o descanso nas câmaras subterrâneas de Dabyr quando Lucien se ofereceu para o alimentar.

Por esses poucos e breves momentos, Tynan entendeu o que sua vida seria se sua raça não fosse desterrada, amaldiçoada e separada completamente da fonte de seu poder. Se seu avô, o Solarc, não fosse um ávido e megalômano bastardo, nenhum dos congêneres de Tynan estaria morrendo de fome, nem débil. Teriam sangue de sobra para assegurar sua sobrevivência, assim como a de seus filhos.

Mas o Solarc não tinha compaixão. Não era clemente. Decretou que a porta entre seus mundos se fechasse, e agora, milênios mais tarde, todos os Sanguinar sofriam por um erro que cometeram seus pais antes que inclusive que nascessem.

Não fazia sentido dar voltas ao que não podia ser alterado. O melhor que podia esperar agora era ajudar seu povo a sobreviver o suficiente para ver o Projeto Lullaby terminado. Uma vez que a



mais forte das linhagens humanas fosse restaurada, haveria suficiente poder para alimentar os Sanguinar. Nunca seriam as poderosas criaturas que foram predestinadas, mas pelo menos viveriam sem fome constante.

Ao menos então, haveria suficiente comida circulando para que alguns deles tivessem seus próprios filhos.

Depois de tantos séculos experimentando quase tudo que a vida tinha a oferecer, o que Tynan realmente queria era um filho próprio. Até que pudesse estar seguro que o menino não sofreria de inanição, prometeu não trazer uma vida a este mundo.

O temporário consumo do sangue de Madoc o fez tentar romper sua promessa, mas lutou contra a tentação tão frequentemente, que agora o fazia com apenas um pensamento consciente. Era melhor se centrar nas coisas imediatas que o rodeavam e deixar seus sonhos para o momento em que precisasse de algo que o distraísse da fome.

Por questão de hábito, Tynan utilizou uma pequena quantidade do poder que fluía nele para ler a mente de Madoc. O que encontrou o deixou profundamente preocupado.

Madoc ia se suicidar. Esta noite.

Tynan não podia deixar que isso acontecesse. O sangue de Madoc era muito rico, seu poder recente sapateou para o impedir de desperdiçá-lo na morte. Sabia que as folhas da marca da vida do Theronai eram falsas, tatuadas ali por alguém que Tynan não conseguia ver mas havia algo mais nele que Tynan percebeu no ano passado, quando Madoc compartilhou seu sangue pela primeira vez para salvar a vida de Nika.

Havia uma energia escura rondando sobre Madoc, perto de sua pele. Não podia dizer exatamente o que era nem de onde



vinha, mas soube que o fazia. Mantendo a última folha de Madoc suspensa em sua pele, sem poder cair por completo.

Se algum dos outros Theronai se inteirasse disto, matariam Madoc.

Tynan não ia deixar que isso acontecesse, tampouco.

A única solução era salvar a vida do homem, e a única maneira de fazê-lo era encontrar sua contraparte feminina.

Nika, talvez? Tynan não estava seguro. Os dois não tinham passado muito tempo juntos, pelo que sabia, e inclusive se o tivessem feito, a manifestação dos sinais de compatibilidade poderiam muito bem estar ocultos, não só pelo fato que sua marca da vida estava nua, mas também pela estranha energia que mantinha a última folha congelada em êxtase.

Sem experimentar, Tynan não podia estar seguro do que pensar. Só sabia com certeza que Madoc precisava viver. Se tinha que experimentar para fazer que isso acontecesse, então o faria, inclusive se isso significasse sofrer na própria carne o horror de beber o sangue de Nika.

A única gota que consumiu no ano passado quase o tinha enlouquecido no espaço de breves segundos. Só a ideia de ter a mente em pedaços como da outra vez foi suficiente para fazer Tynan tremer. Não fosse pelos anos de controle mental, ainda estaria gritando encerrado dentro desse pesadelo que ela suportava. A menos, claro, que simplesmente o tivesse matado.

Advertiu a todos os seus irmãos que seu sangue estava poluído e que deviam evitar tomá-lo, a menos que as circunstâncias fossem terríveis.

A morte de Madoc se qualificaria como terrível. Seu sangue poderia alimentar à raça de Tynan por anos. Isso por si só valia a



pena que Tynan arriscasse a vida.

Chamou Logan. Ainda era de dia lá fora, assim teve que deixar que soasse o telefone e marcar de novo antes que Logan fosse capaz de despertar do sono.

—Preciso que volte para casa —disse para Logan.

—Por quê? Pensei que queria que seguisse Iain para ver se podia recuperar uma das crias dos Synestryn.

—Surgiu algo mais importante. Enviarei alguém para que tome seu lugar. A que distância está?

—Três horas —a voz de Logan era espessa pelo sono.

Tynan olhou Madoc convexo no sofá.

—Se apresse.

—O que aconteceu, Tynan?

Não queria dizer muito por telefone. Não confiava que Nicholas ou qualquer outro Theronai não escutassem sua conversa. Tinham todo tipo de artefatos tecnológicos que Tynan não entendia.

—Preciso de você aqui, caso as coisas fiquem más. Caso precise que meu segundo em comando assuma suas funções.

Quando Logan voltou a falar, todos os sinais de sonolência tinham desaparecido de sua voz.

—O que está planejando?

—Algo necessário.

—Saio agora —disse Logan.

—Ainda há luz fora.

Passaram vários anos desde que a luz do sol havia tocado a pele de um Sanguinar, e isso porque um dos Vigilantes de Solarc o caçou por sangue e vingança. Todos queriam manter desse modo.

—Tomarei cuidado. Me espere, de acordo?



Tynan desligou o telefone sem responder. Esperaria tanto como pudesse sem arriscar Madoc.

Enquanto isso, tinha um monte de usos para o poder de Madoc. Primeiro, modificaria a cura em que esteve trabalhando para reverter a infertilidade dos Theronai, e então o próximo lote de soro estaria pronto para provar em Angus. Depois, se meteria dentro da grossa cabeça de Madoc e faria todo o possível para eliminar o plano do Theronai de suicidar-se. Logo verificaria se o fêmur que Nika trouxe poderia ter pertencido à sua irmã. Esperava que sim, porque se não, poderia significar que outra mulher Theronai estava aí fora em alguma parte.

Se pudesse conseguir que os Theronai proliferassem de novo e ajudar outros dois casais, isso avançaria um longo caminho para a salvação de seu povo da fome. Claro que, tinha cerca de três horas para fazer o que fosse que ia fazer antes de arriscar a vida para tomar o sangue de Nika.

Realmente esperava que Madoc ficasse adormecido tempo suficiente para poder terminar o trabalho. Tinha visto a forma como o homem olhava Nika, e não queria estar no extremo receptor da fúria de Madoc.



Nika permaneceu na suíte de Madoc depois de que ele saiu. Agradava-lhe estar aqui. Inclusive se ele não podia suportar estar perto dela, gostava de estar rodeada de suas coisas. Sua presença enchia o espaço, embalando seu corpo enquanto ia em busca de sua irmã com a mente.



Se Tori estava aí, estava inalcançável. Nika não sabia se sua irmã se retirou por completo, ou se a magia incrustada nos muros de Dabyr de algum modo a impedia de fazer contato. Nika ainda podia sentir que Tori estava viva, mas esse perceptível pulso de vida estava tão fraco que a menos que o estivesse tocando, era fácil pensar que imaginou que ainda estava ali.

Se Nika não chegasse a ela logo, temia que sua irmã de verdade estivesse morta. Era hora de fazer que Tynan lhe desse essa prova de uma ou outra maneira. Nika fez uma parada rápida em sua suíte para trocar de roupa antes de ir ver o Sanguinar. O sol começara descer quando chamou em sua porta. Levou muito tempo para responder, assim voltou a chamar.

A porta se entreabriu um par de centímetros. Os gelados olhos azuis de Tynan a olharam fixamente.

—Ainda não estou pronto para você. Volte dentro de uma hora.

—Não tenho tanto tempo. Preciso saber agora.

Um baixo e familiar gemido soou no interior da suíte de Tynan. Uma labareda de pânico iluminou seus olhos por um momento antes que cobrisse o deslize.

Ele estava ocultando algo.

—Quem é ele? —perguntou ela.

—Uma hora, Nika. Me deixe trabalhar.

Nika empurrou a porta com a mão, sabendo que Tynan não se atreveria a machucá-la. Cada Theronai no recinto cairia em cima dele se o fizesse.

—O que está fazendo? —exigiu ele.

—Descobrimo o que esconde.

—Isto não é seu assunto. Vá.



Outro profundo gemido passou através da abertura, e desta vez, Nika reconheceu a voz de Madoc. A ira explodiu dentro dela, dando um momento de força. Abriu a porta com um empurrão, fazendo que Tynan retrocedesse tropeçando e correu para sala.

Madoc jazia no sofá, parecendo mole e débil, como se tivesse perdido a consciência. Ajoelhou-se ao seu lado no sofá e o tocou, o fazendo saber que estava aqui.

A cabeça deu meia volta para poder fulminar Tynan.

—O que fez?

—Na realidade não deveria estar ainda aqui. Devemos esperar Logan.

Nika não tinha nem ideia do que queria dizer, já que tudo que importava era Madoc.

—Me responda, ou juro por Deus que encontrarei uma maneira de te forçar a beber um litro do meu sangue.

A pele pálida de Tynan ficou branca como papel pela ameaça.

—Ele está bem. O coloquei para dormir para seu próprio bem.

—Duvido que ele veja dessa maneira.

Nika deslizou os dedos sobre a testa, retirando o cabelo, e se deu conta que algumas das bolhas no braço tinham desaparecido na sua maior parte. Havia uma parte de pele que curou com a forma da mão de um homem. Foi o que aconteceu quando Madoc a agarrou e sentiu aquele comichão estranho. Ele a tinha curado e provavelmente nem sequer sabia que o tinha feito.

—Ele me deu o poder que precisava para estudar os ossos. Tenho sua resposta.

Ela imediatamente esqueceu do braço.

—E?

—Comparei a medula óssea com o sangue de Andra e não



coincidem. A menina era um sangue puro, mas só ligeiramente. Tinha apenas um rastro de sangue Athanasian, talvez nem sequer o suficiente para que ser qualificada como uma Geraí.

O alívio fluíu por Nika, derramando-se em lágrimas. Apertou a mão de Madoc.

—Tenho que chamar Andra. Acorde Madoc. Temos que ir procurá-la.

Tynan se aproximou, deslizando pelo chão. As luzes da sala pareceram perder intensidade quando seus olhos flamejaram com uma brilhante e estranha luz.

—O chamaremos em um minuto. Primeiro, preciso saber algo.

Nika se sentiu pesada, incapaz de se mover. Um veloz pânico se arrastou por sua coluna enquanto Tynan se aproximava. Não o tinha temido por muito tempo, mas agora todas as razões voltaram a surgir.

Ele era um predador. Queria seu sangue.

Não, seu sangue o feria. Não era assim?

Nika queria gritar, mas a garganta pareceu encolher até que não havia lugar para o som. Tudo o que conseguiu soltar foi um chiado patético de medo, e até isso foi interrompido.

—Fique quieta, pequena —cantorolou enquanto se aproximava—. Isto não vai doer nem um pouquinho.

Nika queria fechar os olhos, mas estavam cravados nos de Tynan, e foi incapaz de se mover. Sentia-se presa por seu olhar, mantida prisioneira.

Tynan se inclinou, inclinando sua cabeça para trás. Ele descobriu suas presas e um momento depois, Nika estava caindo.



Madoc sentiu a mão de Nika se apertando ao redor dele. Sabia que era dela, embora estivesse com os olhos fechados. Nenhuma outra mulher tinha a pele tão suave e os ossos tão delicados como sua Nika.

Não. Não dele. Devia recordar isso, embora neste momento, não parecia entender por que. Tinha a cabeça inchada, o corpo pesado, como se tivesse sido drogado. Ouviu sua voz retorcendo-se com um suave grito de terror antes que fosse interrompida.

Abriu os olhos para ver o que acontecia e viu a cabeça escura de um homem inclinado sobre ela, beijando seu pescoço. A raiva se chocou contra Madoc, evaporando a neblina que o enchia. Ficou de pé, tentando alcançar a espada, só para descobrir que não estava ali. Isso o confundiu, mas não o suficiente para impedir de matar este homem.

Ele agarrou o bastardo pelo cabelo e o arrancou de Nika.

O sangue derramava por seu pescoço e a confusão rabiscava seus olhos.

Tynan aterrissou cruzando a sala, convexo no chão. Engatinhou para trás, fazendo cair pilhas de livros.

—Não quer fazer isto —disse o sanguessuga.

OH, sim, queria. A necessidade de violência estava arranhando, estimulando e animando mais forte a cada passo que dava.

—Madoc, pare —a voz de Nika era suave e débil, mas a súplica muito clara.

Para Madoc importava uma merda. A tratava sem cuidado.



Este sanguessuga tinha ido muito longe desta vez. Fodidamente longe.

Agachou e puxou Tynan por seu cabelo até que suas pernas penduraram sobre o chão.

O poder fluiu como água gelada através da voz de Tynan.

—Me desça.

A compulsão para obedecer fez que Madoc apertasse os dentes em um esforço para resistir. Ficou congelado no lugar. Um zumbido irritado encheu sua cabeça, mas era uma simples dor em comparação com a fúria que o propulsava agora. O sangue ardia nas veias, golpeando nas têmporas enquanto o poder em seu interior enfurecia e fervia, em busca de uma via de escape.

Levou várias pulsações rápidas antes que Madoc finalmente recuperasse o controle do corpo o suficiente para falar.

—Assim pode machucá-la outra vez? De nenhuma fodida maneira. Ninguém jamais voltará a feri-la.

Madoc agarrou a cabeça de Tynan com as mãos e a retorceu até que ouviu romper os ossos. O corpo de Tynan ficou mole e caiu no chão. A luz prateada em seus olhos apagou enquanto olhava sem ver para o teto.

A voz de Nika pareceu forte na quietude mortal do quarto.

—Matou-o.

Madoc se voltou para ela. O sangue manchava a gola de sua camisa. Sua mão estava pressionada contra a ferida, mas uma lenta destilação ainda vazava. O olhar de horror em seu rosto queimou no cérebro de Madoc, fazendo que a cabeça martelasse. Nunca poderia tirar essa imagem da mente.

Ela olhou de Madoc ao corpo de Tynan e vice-versa.

Madoc tentou alcançá-la. Ela recuou.



—Não posso acreditar que o matou.

Tampouco podia Madoc, pelo menos, essa pequena parte restante do verdadeiro eu que restava. O resto rugia em vitória, sedento de mais sangue e pronto para a seguinte briga. Provocando o mundo. Rasgaria-o em dois com suas mãos nuas se isso fosse necessário para manter Nika segura.

Precisava deter o sangramento. Estendeu a mão, mas ela se afastou, olhando como se tivesse visto um monstro. Madoc deixou cair a mão e se retirou para a porta. Acabava de o ver matar um homem que se supunha ser seu aliado, um homem que a estava ajudando a averiguar a verdade sobre sua irmã.

Tynan já não ajudaria ninguém nunca mais. Madoc tinha tirado sua vida, e não restava suficiente alma para sentir pena pelo que tinha feito.

Tinha que sair daqui. Tinha que se afastar de Nika antes de feri-la, também.

Madoc saiu velozmente da sala, topando com Logan o bastante forte para derrubar o homem contra uma parede. Não parou. Começou a correr e continuou correndo até a armaria, onde encontrou uma espada limpa que nunca antes foi usada em batalha. A prendeu ao redor dos quadris, entrou na caminhonete e saiu de Dabyr sabendo que nunca mais poderia voltar.

O sol estava caindo e haveria um montão de Synestryn no trajeto de algumas horas. Tudo o que tinha a fazer era encontrar um grupo o bastante grande para eliminá-lo.





Iain despertou de seu estado meditativo semiconsciente logo que a noite fechada caiu. Não se permitia o luxo de voltar a aliviar a dor da forma como estava acostumado a fazer quando era mais jovem. Melhor inundar-se de cabeça e acabar de uma vez.

A agonia atravessou o corpo, fazendo que apertasse os dentes para não gritar contra ela. Depois de tantos anos levando esta carga com ele, ainda o surpreendia todas as noites até que ponto um homem podia suportar a dor sem morrer.

Pouco a pouco, a respiração e pulso diminuíram e o suor que tinha explodido em todo seu corpo nu começou a evaporar. Logo que se tranquilizou nos limites familiares da tortura interminável, levantou de onde estava ajoelhado, pegou a espada e a deslizou de volta à bainha.

A casa Geraí onde decidiu passar o dia estava escura e tranquila e perto da cova que tinha a intenção de limpar esta noite. Demorou só uns minutos para tomar banho, vestir-se e pegar um par de maçãs de uma tigela na cozinha à caminho da porta.

Aqui, na zona rural do norte do Missouri, cheirava a inverno frio e morto. Sua hipótese era que uma tormenta chegaria logo, o que significava que era hora de entrar em movimento. Não queria estar nas estradas se as coisas ficavam feias. Queria estar nessa cova, matando Synestryn e o mal que tinham criado. Os meninos. Os Synestryn começaram a criar uma descendência com rostos de meninos humanos.

A bÍlis subiu pela garganta de Iain quando as lembranças da caça de ontem à noite ressurgiram, inesperadamente. Não sabia como chamar à besta que tinha matado, mas sem dúvida alguma não era humano. Nenhuma criança possuía seis braços que



terminavam em malvadas garras que gotejavam veneno. Apoiando-se na humana morta que encontrou com o ventre inchado, era possível que alguma parte dessa abominação fosse humano, mas não o suficiente para que o deixasse arranhar sua cara.

Poderia sofrer para viver cada dia mas isso não significava que fosse morrer facilmente, como alguns de seus irmãos fizeram. Não era um desertor. Negava-se a pôr fim à sua vida como uma espécie de covarde. Não importava se sua alma estava morta. Enquanto continuasse respirando, continuaria lutando.

Tinha prometido que o faria.

A mão desviou para o camafeu encravado no punho de sua espada e à mecha de cabelo vermelho fogo que jazia dentro dele.

Serena.

Foi-se há muito tempo, mas sua promessa ainda mantinha o poder sobre ele. Ainda dava uma razão para viver, que era bem mais do que muitos de seus irmãos tinham. Nunca puderam ter a vida em comum que estavam destinados a ter, mas estava agradecido pela promessa que fez.

Iain deslizou o corpo grande atrás do volante da SUV e se dirigiu à cova. Parou perto da entrada, vestiu o blindado casaco de couro, luvas e máscara, tirou a espada, e se dirigiu para o interior para uma matança de primeira.

Capítulo 9

Meghan Clark pôs no máximo o limpador de para-brisas,



esperando que limpasse suficiente neve para permitir ver o meio-fio. A menos de dez metros diante dela, as luzes traseiras da máquina de limpar neve mal era visível através da tempestade de neve. Grânulos finos eram expelidos com força da parte posterior, permitindo manter-se de forma segura na estrada, inclusive avançando mais lento do que faria se caminhasse.

Tinha que estar louca. Essa era a única explicação de por que estava tão ao norte nesta época do ano. Março em Phoenix era formoso. Quente. Ensolarado. Podia esperar alguns meses mais para sair de casa e cumprir com sua promessa ao homem estranho que tinha curado o câncer de seu pai no ano passado.

Mas não. Tinha que vir agora, se viu obrigada a vir. Papai estava bem, se virando por sua conta outra vez, e a necessidade de cumprir com sua parte do trato que salvou sua vida ficou difícil de resistir. Mal podia dormir, e se consumia com esta necessidade inquieta, que picava por colocar em marcha. Assim que o fez. Fazia dois dias que tinha jogado um pouco de roupa em uma mala e se afastado do ensolarado Phoenix.

Foi só sorte que o que fosse que a impulsionava a tivesse enviado aos limites de Minnesota durante uma tormenta de neve. Quando esse homem estranho a fez aceitar fazer uma viagem ao norte, falava a sério. A maior parte do tempo que passou com ele era confuso, mas sabia duas coisas com certeza. Em primeiro lugar, que o homem salvou a vida de seu pai, e em segundo lugar, não havia nada que pudesse fazer para evitar vir aqui, tempestade de neve ou não.

O caminhão que abria caminho diante dela parou bruscamente e deu um giro de três pontos no meio da estrada, deixando um sólido caminho branco diante dela. Os faróis



dianteiros da máquina de limpar neve iluminaram um sinal que estava só parcialmente visível sob a capa de neve que grudava nele. Algo como final do condado.

Pelo visto, o serviço da máquina de limpar neve do condado terminava aqui. Perfeito.

Meghan, sentada atrás do volante na estrada, viu as luzes vermelhas traseiras do caminhão lentamente desaparecer em seu espelho retrovisor. Se fosse inteligente, daria a volta e o seguiria, esperando que o tempo melhorasse.

A inquieta sensação em seu interior se intensificou com a ideia, ficando quase insuportável.

Meghan deixou escapar um longo suspiro, afrouxou o pé do freio, e avançou sobre a superfície antiga que cobria a estrada adiante.



Nika viu Madoc sair, sem se atrever a detê-lo. As coisas eram muito piores do que suspeitou. O corpo inerte de Tynan era prova disso.

Madoc o tinha matado. Nika ainda não podia acreditar.

Ficou ali, tremendo, com o corpo congelado em estado de choque.

Como aconteceu? Como tinha estragado tudo com tanta rapidez? Pensou que Madoc latia mas não mordia. Evidentemente, se enganou. Nika ajoelhou junto ao corpo de Tynan, estendendo uma mão ensanguentada para fechar seus olhos. Enquanto aproximava os dedos, ele piscou.



Ela recuou, deixando escapar um grito de surpresa.

—Nika. Está ferida.

Voltou-se para a educada e profunda voz, para ver Logan na porta. Seus olhos apontavam para seu pescoço. Suas fossas nasais chamejaram e, sem afastar o olhar, fechou com chave a porta atrás dele.

—Madoc o matou —sussurrou, ainda não estava segura do que realmente tinha acontecido.

Talvez fosse uma espécie de truque mental, algo que os Synestryn faziam para confundi-la. Se fosse assim, estava funcionando.

—Se afaste dele, menina. Ainda não está morto. Posso ouvir o batimento de seu coração.

Nika olhou para Tynan. Parecia morto.

—Se aproxime, Nika. Me deixe fechar suas feridas —Logan estendeu a mão, mantendo um olho atento sobre Tynan.

Ela tentou levantar, mas o choque a tinha despojado da agilidade e tropeçou com uma estante. Logan se lançou através do espaço, mais rápido do que ela pensava que fosse possível. Agarrou-a pelo braço e a separou de Tynan, para uma cadeira próxima.

—Não se mova —disse ele, e logo apertou os dedos em volta das duas feridas agudas por um breve instante e fechou os olhos.

O formigamento borbulhou sobre a pele até que sentiu a necessidade de se afastar. Não o fez, entretanto, não sabendo o que isso poderia acarretar.

—Parece como o que fez Madoc quando curou minhas bolhas.

Ela estendeu o pulso, inspecionando-o para se assegurar que



não tinha imaginado, também. O rastro da mão que a tinha curado ainda estava ali, perfilada por bolhas de cor vermelha intensa.

Logan usou a gola da camisa para limpar o sangue.

—Madoc te curou?

Sentia-se desequilibrada e insegura. Tudo parecia tão distante que era como se nada pudesse tocá-la. Madoc tinha matado, e no fundo, sabia que de algum modo era culpa dela. Ele tinha tentado a advertir que era perigoso, mas não o escutou.

Ela assentiu com a cabeça.

—Um dos Theronai me agarrou.

—Onde foi Madoc?

—Não sei.

Houve um rangido horrível, seguido por um som repugnante de sucção onde jazia Tynan. Cambaleou sobre suas costas e ficou ali, ofegando.

—Eu sei.

Logan se aproximou dele, inclinou-se, e falaram muito baixo para que ela os ouvisse. Quando Logan a olhou de novo, seu rosto era sombrio.

—Se não o encontrarmos, vai se matar.

Pouco a pouco, Tynan se empurrou a uma posição sentada. Parecia cinza e fraco, mas estava vivo. Logan tinha razão.

—Não podemos permitir que isso aconteça —disse Tynan—
O precisamos. Você o necessita.

Ela sempre havia sentido essa necessidade, mas mal importava agora.

—Ele não me quer.

Logan pôs uma mão sobre o ombro de Tynan para acalmá-lo.

—Madoc não sabe o que quer neste momento. Não é ele



mesmo. Está... doente.

—Doente não. Morrendo. Sua alma está morrendo — sussurrou ela.

Logan assentiu lentamente.

—Sei que não se criou como um de nós, mas sem dúvida sabe o que isso significa, o que acontecerá se Joseph descobrir.

—O matará.

Tynan esfregou a parte posterior do pescoço. Sua voz era tão tranquila, como a respiração era difícil.

—Tem que o encontrar. O parar.

—Como?

—Tem que pegar sua Luceria.

—Tentei. Não funcionou.

—Senti o poder de seu sangue combinado com o dele em meu interior. Foi... incrível. É por isso que não estou morto agora mesmo. Tive a oportunidade de me curar com esse poder.

—Tomou seu sangue outra vez? —perguntou Logan confuso— Disse que era perigoso.

—Não havia outra maneira. Tinha que saber.

—Saber o que? —perguntou Nika.

—Se os dois eram compatíveis.

—Madoc diz que não somos. Que saberíamos se fôssemos.

—Está errado. Seu sangue mesclado com o teu evita me fazer dano. Também me alimentei de muitos casais Theronai vinculados para saber o que senti. Ele está usando algum tipo de magia para retardar o processo normal de envelhecimento de sua marca da vida. Essa magia deve interromper o caminho de sua vinculação.

A compreensão a golpeou quando todas as peças encaixaram em seu lugar.



—O anel negro —sussurrou ela.

—Que anel? —perguntou Logan.

—Usa esse feio anel negro. É estranhamente frio.

Os dois Sanguinar compartilharam um olhar que pareceu comunicar algo que ela não entendeu.

Logan ficou de pé, tirando a camisa.

—Vá ao banheiro. Limpe o sangue e se troque com esta camisa. Depois tem que ir. Imediatamente. Procure Madoc; tire o anel negro, inclusive se tiver que cortar sua mão para fazê-lo. Uma vez feito isso, poderá tirar sua Luceria.

—E se não puder? —perguntou ela.

—Então morrerá.

—E o que acontece com Tori? Ainda está viva. Tenho que encontrá-la.

—Como?

—Não sei. Já não fala comigo. Me mantêm afastada.

—Então, realmente precisa de Madoc —disse Logan— Seu poder poderia te ajudar a encontrá-la, de acordo? Ele te fará mais forte.

Nika não estava segura de nada. Tudo parecia muito irreal e distante. Queria salvar Madoc, mas não podia se esquecer de Tori, tampouco. E não podia esquecer a visão dele retorcendo o pescoço de Tynan.

—Nika —espetou Logan, sua voz impaciente— Tem que ir agora. Não resta muito tempo e não há nada que Tynan ou eu possamos fazer por ele. É a única que pode o salvar.

—Deveria levar ajuda. Não há maneira que possa o vencer.

—Qualquer um que vá com você estará obrigado por honra a trazê-lo de volta para sua execução. É isso o que quer?



—Não. É obvio que não.

—Então, ninguém mais pode saber. Tynan e eu sabemos como manter um segredo, mas não pode ir além de nós. Entende? Ela o fez agora.

—Se disser a alguém, Madoc morre.

—Correto.

Madoc estava doente. Ele a necessitava.

Afinal, Nika sabia que não havia escolha verdadeira a fazer. Limpou o sangue, pegou a camisa emprestada e foi procurar as chaves da caminhonete nova de Andra. Não estava segura do que encontraria, o homem que cuidou dela ou o monstro que matou sem remorsos, mas sabia que tinha que olhar seu rosto.



Meghan estava conduzindo pela estrada sem limpar tempo suficiente para que pudesse sentir a tensão dos ombros subir para as orelhas. As costas doíam pela tensão, igual aos nódulos. Conduzir nesta bagunça branca era enlouquecedor, mas não parecia poder parar. O que fosse que a compelia só aumentava a cada quilômetro que passava.

O vento soprou uma parede de flocos de neve contra o para-brisa, cegando-a por um momento. Quando limpou, um homem estava de pé no meio da estrada.

Meghan se aterrorizou por um breve momento, mas foi tempo suficiente para que cometesse o erro de tentar parar. Freou e derrapou, fazendo o carro rodopiar. O mundo girou rapidamente ao seu redor em uma exibição cegadoramente



branca antes que a lateral do carro chocasse contra algo duro. A cabeça golpeou o volante e tudo desvaneceu.



Alexander se apressou sobre a neve para comprovar Meghan. Não pretendia que seu acidente fosse tão espetacular, mas era necessário para seu plano.

John Hawthorne não poderia suspeitar de nenhuma manipulação. Era o tipo de homem que faria muitas perguntas que poderiam causar problemas à Alexander e ao resto dos Sanguinar. O encontro de John com Meghan tinha que parecer accidental, e levou quase um ano de planejamento para que isto acontecesse.

O carro de Meghan estava inclinado em uma vala pouco profunda contra a árvore que tinha batido. O lado do passageiro do carro estava amassado, mas o motor continuava ligado, a resguardando do frio.

Alexander tremeu pelo frio enquanto tentava ignorá-lo. A mente de John era muito forte para o obrigar a fazer algo contra sua natureza, e deixar a cidade para procurar uma mulher a quase três mil quilômetros de distância não estava definitivamente na natureza do homem.

Assim Alexander tinha ideado um plano que permitiria aos impressionantes instintos protetores de John entrar em jogo. Com a formosa Meghan como vítima, John seria incapaz de resistir.

Alexander se assegurou que não houvesse neve bloqueando o escapamento do carro; logo foi ao lado de Meghan. Tinha as



mãos geladas enquanto as movia por seu rosto, em busca de qualquer dano grave que pudesse ter. Ele a queria aturdida, não incapacitada.

Sua calidez o chamou, insistindo a atrai-la mais perto, mas Alexander resistiu. John passaria por aqui conduzindo em apenas alguns minutos. Não havia muito tempo.

Alexander precisava se assegurar que não houvesse danos internos, por isso levantou seu pulso até a boca e deslizou as presas na veia delicada que palpitava ali. Seu sangue transbordou por cima da língua, e por um momento, perdeu-se em seu sabor. Seu sangue era mais poderoso que a maioria dos humanos, e a necessidade de beber até se fartar e saciar a fome o golpeou.

Precisava ter suficiente desse delicioso poder para apagar os rastros que deixou na neve, sem deixá-la muito fraca para que fizesse o que precisava.

Antes que fosse muito tarde, deixou que um pouco desse poder saísse dele, procurando qualquer lesão que pudesse ter. Tinha um golpe na cabeça, mas não era nada grave. Ela já deslizava de volta à consciência e despertaria nos próximos minutos. Precisava desaparecer antes que isso ocorresse.

Com força de vontade, curou sua pele e afastou seu pulso da boca.

Alexander a colocou para que a ferida na cabeça fosse visível através da janela, abriu seu casaco e desabotoou o suficiente a camisa para mostrar seu generoso seio. Se ia estender uma armadilha a um homem humano, bem poderia utilizar toda a isca ao seu dispor.



Nika estava na estrada só há vinte minutos, quando sentiu o primeiro puxão de um Sgath na mente. O pânico deslizou através dela, fazendo que as mãos suassem enquanto agarrava com força o volante. Isto não podia estar acontecendo agora, não quando estava a caminho e a neve caía mais e mais rápido, e Madoc se afastava mais dela a cada segundo que passava. Era o pior momento possível.

Agarrou o volante mais forte e tentou fixar todas as barreiras mentais que tinha em seu lugar. O seguinte puxão foi mais forte, mais contundente. Fez girar sua cabeça até que levou a nova caminhonete de Andra para um lado da estrada antes de derrapar.

—Madoc —o chamou, desejando agora não ter quebrado o celular.

Um baixo e faminto grunhido ressoou dentro da sua cabeça. Ela captou um brilho de enormes patas afundando silenciosamente em uma capa fina de neve, sentiu um calafrio invadir as mãos e pés, cheirou o ar frio. O estômago retorceu com fome.

Caçar, matar, comer.

O Sgath queria que fosse com ele. O faria mais inteligente, mais forte.

—Não —grunhiu Nika na cabine da caminhonete enquanto lutava contra o puxão do monstro.

Então apareceram mais dois. Puxaram sua mente, tentando-a em direções opostas.

Fora dos muros de Dabyr era mais fácil para eles alcançá-la.



—Madoc —o grito foi mais fraco agora, e sabia que estava perdendo esta batalha.

Nika engatinhou até o celular e chamou Andra. Não houve resposta. Tentou com Grace, com o mesmo resultado inútil. Tynan foi o outro que ocorreu chamar.

Ele respondeu imediatamente:

—Encontrou-o?

—Não. Preciso de ajuda. Os Sgath me querem. Preciso de Madoc.

—Espere.

Ele saiu por muito tempo. Nika começou a tremer pelo esforço de resistir. Antes, o frio ajudou, assim baixou os vidros e deixou que o ar de inverno fluísse na caminhonete.

Os Sgath se afastaram pelo frio, dando um segundo para recuperar o fôlego.

Tynan retornou à linha.

—Nicholas tem um dispositivo de rastreamento em todos os carros. O que Madoc pegou não está muito longe de você. Desligue para que possa chamar e te conduzir com isso, certo?

Nika assentiu com a cabeça, esquecendo que não podia vê-la um momento antes de responder:

—Obrigado.

Desligou e o telefone voltou a soar imediatamente.

A voz de Nicholas soou cansada, mas suave.

—Olá, Nika. Ouvi que está em um pequeno apuro. Pode dirigir?

Os dentes batiam, mas pelo menos o frio mantinha a raia os Sgath.

—Sim. Acredito que sim.



—Muito bem, então. Vamos procurar Madoc.

Ele a guiou a uma estrada, e logo a fez sair uns poucos quilômetros.

—Joguei seu telefone em um triturador de lixo —admitiu.

—Não se preocupe. O conhecendo, merecia. Darei-lhe um novo.

Se vivesse o suficiente.

—Quanto falta?

Sob a neve havia um caminho de cascalho, embora parecia menos escorregadio que as estradas pavimentadas.

—Deve ver sua caminhonete a qualquer momento. À sua direita.

A caminhonete sacudiu ao passar sobre um buraco profundo. Passou o topo de uma colina, e abaixo no vale seguinte viu a cintilação do cromo.

—Eu o vejo.

—Genial. Precisa de algo mais?

À medida que se aproximava, pôde ver que a caminhonete estava vazia. Ela desacelerou, e através dos vidros abertos, ouviu um vaio metálico seguido por um rugido enfurecido.

Ela conhecia essa voz. Madoc.

Nika se voltou para o som e viu Madoc, de costas para uma sobressalente rocha cortante. Na frente dele havia meia dúzia de Sgath, só que eram maiores que qualquer um que viu antes. Seus dentes de tubarão estavam descobertos, e a brilhante saliva amarela gotejava de suas mandíbulas.

—Deus, não —suspirou.

—O que? —perguntou Nicholas, a palavra tirante pelo pânico. Nika esqueceu que segurava o telefone até que ouviu sua voz.



—Ele vai se matar.

Deixou cair o telefone, escavou sob o assento procurando a escopeta de Andra, e pegou um punhado de balas extras, e correu para Madoc, gritando para chamar a atenção dos monstros.



Madoc escutou o grito de guerra de Nika e a viu correr pelo terreno coberto de neve. Seu cabelo branco voava atrás dela quando saltou por cima de uma árvore caída.

Merda. A mulher ia conseguir se suicidar antes que pudesse fazer algo para evitar. Tinha que se interpor entre ela e as bestas antes que se aproximasse muito. A fúria derramou através dele, dando força e velocidade. Três dos Sgath giraram para olhá-la. Ele afundou a espada na parte posterior do crânio do mais próximo, empurrando-se sobre seu corpo, e sacudiu a espada de seu cambaleante corpo até o outro lado.

Duas das bestas o abandonaram e se voltaram para ela. Ela parou, deu uma derrapagem sobre a terra, nivelou a escopeta e disparou.

Seus olhos fecharam e seu corpo sacudiu com a força da arma, mas seu disparo se chocou contra um dos Sgath, golpeando-o.

Caíram em um monte de garras e dentes, lutando entre si por segundos preciosos.

Madoc saltou para eles, cortando o ar ao aterrissar. O equilíbrio desta espada era diferente da que usou por séculos, e por isso, seu objetivo desfocou por uma fração. Em lugar de cortar



a cabeça, falhou e sua espada se alojou em um dos ombros do Sgath.

A besta se voltou para ele, mostrando seus dentes. Madoc deu um chute na cabeça com a bota, aturdindo-o.

OuvIU Nika gritar seu nome com terror. Dirigiu o olhar para ela, incapaz de ir a qualquer outro lugar sem enfrentar um grito como esse. Ele a viu assinalar algo atrás dele; então seu corpo caiu no chão como se um titereiro¹ cortasse suas cordas.

Madoc bramou e se dirigiu para ela, precisando pegá-la antes que golpeasse o chão embora soubesse que era uma tentativa inútil antes mesmo que começasse a se mover. Ele sentiu que algo puxava fortemente a parte posterior da sua jaqueta de couro; então uma rajada fria de vento golpeou suas costas quando garras estavam a ponto de cortar a pele.

Madoc se voltou para o Sgath com a espada levantada para se defender de outro ataque.

O Sgath que esfaqueou sua jaqueta em pedaços estava no processo de agarrá-lo outra vez, só que agora a espada estava no caminho e acabou cortando sua própria pata.

Depois desse, ainda restavam quatro mais se dirigindo a ele. Só um deles estava ferido. Não eram boas probabilidades na melhor das noites, mas agora, com Nika prostrada indefesa a somente uns metros de distância e Madoc lutando com uma espada desconhecida, as probabilidades eram foddidamente más.

Os instintos cravados em seu DNA exigiam que a protegesse. Tinha vindo aqui esta noite para morrer, sabendo que os Sgath eram fortes, inteligentes e rápidos. Uma luta de seis para um era uma causa perdida. Se acabasse com metade deles antes de

¹ Uma pessoa que manipula os marionetes.



morrer, teria sorte. Mas as regras do jogo mudaram. Nika estava em perigo agora, e isso mudava tudo.

Madoc bramou, envenenando o Sgath mais próximo, obrigando-o a recuar com uma série de rápidas e curtas estocadas da espada. Nenhum dos golpes acertou, mas fizeram recuar o filho da puta o suficiente para que Nika não fosse pisoteada com suas botas.

O Sgath ferido estava ocupado lambendo um atoleiro de seu próprio sangue, o que o curaria, mas não havia nada que Madoc pudesse fazer a respeito. Mataria-o quando pudesse. Havia quatro mais para enfrentar agora mesmo. Dois deles se deslocaram para os lados, enquanto os que estavam de frente mantinham sua atenção. Ele os viu se mover, sabiam o que faziam, mas não havia nada que pudesse fazer para pará-los até que as probabilidades estivessem mais ao seu favor. Madoc arremeteu contra o mais próximo, orientando-se à esquerda.

O da direita deixou escapar um profundo vaio como um grunhido, e as orelhas dos outros se crisparam como se escutassem.

Então, como se houvessem coreografado, os quatro atacaram de uma vez.

Madoc caiu para trás. Um deles golpeou seu braço. Suas garras cortaram a jaqueta de couro e rastelaram a pele. Pôde sentir o agulhão de veneno se introduzindo no corpo e soube que agora estava fodido por completo. Primeiro, a velocidade de reação seria lenta, depois simplesmente paralisaria, deixando Nika indefesa.

Com o demônio. Só teria que acabar com eles antes que isso pudesse ocorrer.



Os Sgath grunhiam e mordiam enquanto brigavam para se aproximar mais. Ele manteve a espada em movimento para esquivá-los, incapaz de conseguir um golpe limpo. A cada pulso do coração, os movimentos ficavam mais lentos, a mente nublava.

Estava falhando com Nika, deixando-a morrer. Estas bestas a matariam; então fariam migalhas de sua delicada carne e se alimentariam de seu sangue.

A fúria explodiu dentro de Madoc, fazendo recuar um pouco do efeito do veneno. Chutou um dos Sgath com a bota, conseguindo um pouco de espaço para manobrar. É obvio, isso lhes deu espaço, também, e o que conseguiu dar um golpe voltou pelo segundo. Só que desta vez, queria uma mordida. Afiados dentes amarelos fecharam na coxa de Madoc. Viu chegar a dentada, mas estava muito ocupado com os outros Sgath para detê-lo. Preparou-se para o golpe, esperando que não levasse a perna inteira e o fodesse seu equilíbrio.

Então repentinamente, havia uma faixa de pelos oleosa onde a besta estava há um segundo quando um dos outros Sgath o atacou. Voltou-se contra sua própria raça e afundou os dentes no pescoço de seu companheiro Sgath.

Madoc não questionou a sorte. Não havia tempo. Com estes dois distraídos, tinha uma oportunidade para lutar.

Empurrou a espada através da mandíbula inferior do Sgath à esquerda, imobilizando sua boca fechada. Depois alavancou seu pesado corpo na ponta da espada, jogando-o sobre o que ficava à esquerda. Eles se desestabilizaram. Madoc não esperou que recuperassem o equilíbrio. Ele continuou, cortou a cabeça de um, e saltou por cima do arco pulsante de sangue negro que brotou de seu pescoço.



Um duro chute do lado da cabeça do seguinte Sgath manteve seus dentes a distância, mas suas garras pegaram a perna de Madoc. A dor e fúria colidiram no seu peito, emergindo como um quebrado bramido. Madoc fatiou a pata ofensiva e colocou a espada no intestino da besta. Retorceu e uivou quando o abriu. Levou só uns segundos matá-lo, mas cada um desses segundos o deixava mais lento e enjoado que antes.

Os dois que estavam lutando continuaram enquanto Madoc se movia furtivamente atrás do que tentava se curar com seu próprio sangue. A lâmina mergulhou em um arco mortal, mas a força desvanecia e o corte não foi limpo. A espada alojou na coluna vertebral do monstro. Sacudiu-se, derrubando Madoc no chão. O movimento empurrou a espada mais funda, que deve ter cortado algo vital. A besta caiu, sacudindo duas vezes, então ficou imóvel.

Quando conseguiu pôr seu chocado corpo em pé, só restava um Sgath. Suas mandíbulas estavam de um negro brilhante com o sangue de seus parentes e seus olhos brilhantes fixos em Madoc. Estava muito fraco para derrotá-lo. Mal podia levantar a espada.

A besta olhou para ele, seu corpo sacudia como se algo funcionasse mau. Madoc firmou os pés separados e piscou em um esforço para limpar a visão mortíça. À medida que se aproximava, levantou a cabeça como se oferecesse em sacrifício.

Ele não acreditava no que estava vendo. Tinha que ser o veneno fodendo sua visão.

Ou talvez algum tipo de truque.

Madoc levantou a espada. Usaria até a última migalha de força que tinha para defender Nika. Provavelmente não seria suficiente, mas tinha que tentar.



A besta se aproximava. Um grunhido profundo deslizou entre seus dentes, mas ficaram fechados como se estivessem dessa maneira por uma focinheira invisível.

Chegou ao alcance da espada e parou.

Não tinha nem ideia de por que faria tal coisa, mas não questionou sua sorte. Levantou a lâmina e guilhotinou a cabeça da besta em um golpe limpo.

O movimento derrubou Madoc. Podia cheirar o sangue dos Sgath se misturando com o aroma do seu. Não passaria muito tempo antes que tivessem companhia.

Tentou pegar o telefone, esperando chamar para pedir ajuda, mas não estava. Não o tinha substituído.

Merda.

Madoc olhou com atenção sobre a terra fria onde jazia Nika. Seu cabelo era da cor da neve que a rodeava. Seu fôlego saía em espirais brancas, demonstrando que ainda estava viva.

Desejou ir até ela, se envolver ao redor de seu corpo e segurá-la entre os braços. Queria que ela fosse a última coisa que sentisse antes de morrer. Mas estava sangrando, tirando as bestas de seus insalubres e úmidos buracos. Devia afastá-los o mais longe possível de Nika.

Madoc ficou em pé, só para cair de novo. Estava muito fraco para se aguentar, assim se empurrou sobre o chão gelado, engatinhando. O veneno estava em seu apogeu através do corpo agora, o deixando frio, freando os membros e roubando os pensamentos.

Mas lembrava de Nika. Sua pele suave que só ele podia tocar, com bonitos olhos tão cheios de confiança, sua fé ilimitada nele. Levaria suas lembranças com ele. Nenhum fodido veneno na terra



poderia roubar isso dele.

Capítulo 10

Nika quase ficou presa na mente do Sgath moribundo. Sabia que precisava ficar até o último segundo e mantê-lo quieto enquanto Madoc o matava. Ele estava débil e sangrando. Sem sua ajuda, teria morrido.

Mas o Sgath era forte e se opôs a ela com energia, quase ganhou várias vezes. Ao permanecer dentro de sua mente enquanto morria, ela quase morreu, também. Retornou ao corpo gelado e imediatamente começou a tremer. Um atordoante tipo de enjoo se apoderou dela, e se perguntou se o efeito era da errante mente ou de uma possível hipotermia.

Mal foi capaz de se mover, estudou a área em busca de Madoc. Os faróis dianteiros do veículo davam suficiente luz para que visse um rastro vermelho na neve.

O sangue de Madoc.

O mundo deu voltas pelo pânico, fazendo-a enjoar e ficar sem fôlego. Ao seu lado, o motor da caminhonete zumbia sob um ruído metálico e distante som de vozes.

O celular. Ajuda.

Nika encontrou o telefone na neve e o pegou com mãos torpes. O apertou contra a bochecha enquanto lutava para levantar.

—Ajuda —disse— Madoc está ferido.

—Nika? —Era a voz de Nicholas— Está bem? Está ferida?



—Não. Mas Madoc sim.

Ela continuava instável, mas tinha que o encontrar. As pernas tremiam a cada passo, mas as obrigou a se mover e levá-la até Madoc.

—A ajuda está a caminho, Nika. Chamei todo mundo nas imediações. O helicóptero está no ar. Fique na linha comigo, certo?

Um movimento chamou atenção. Viu Madoc se arrastando pelo chão, deslizando sobre seu ventre. Correu para ele, escorregando na neve enquanto se aproximava. Dali, podia ver o brilho úmido de sangue cobrindo seu braço.

Caiu de joelhos ao seu lado, sentindo como se as vísceras estivessem sendo apertadas. Supunha-se que não sairia ferido. Era muito forte para isso. Supunha-se que era invencível.

—Madoc —seu nome saiu como um sussurro de medo.

—Escape. Sangue.

—Não importa. Não vou te deixar sozinho.

Agarrou sua mão. Ele tentou se afastar, mas estava muito fraco.

—Vá. Por favor. Não pode lutar.

—A ajuda está a caminho —só esperava que chegasse a tempo.

Começou a perguntar para Nicholas quanto tempo demoraria, quando se deu conta que tinha deixado o telefone cair em algum lugar do caminho. Não queria deixar Madoc, mas precisava saber o que fazer para o salvar.

—Já volto —disse.

Apressou-se a retornar pelo caminho que tinha feito até que encontrou o celular. A alguns metros de distância estava a espada



de Madoc.

Poderia precisar dela se os Synestryn viessem, assim a pegou.

O metal estava congelado. O peso a sobressaltou. Pela forma como ele batia esta coisa ao seu redor, meio que esperava que fora leve. Não sabia como ia sacudí-la se as coisas ficassem feias, mas sabia que encontraria uma maneira.

Quando retornou à Madoc, se arrastou outros poucos metros.

—Não pode escapar de mim —disse— Deixe de tentar —e para assegurar-se que o fazia, girou o pesado corpo sobre suas costas.

Seu rosto estava cinzento. Seus olhos dilatados até que só um fino aro de verde se via. Seu corpo tremia e sua respiração era muito rápida.

Nika endireitou o telefone e disse:

—Algo está mal com Madoc.

Nicholas ainda estava ali, soando aliviado por escutá-la outra vez.

—Me diga o que aconteceu.

—Foi atacado pelos Sgaths.

—Golpearam-no?

—Sim.

—É veneno. O Sanguinar pode curá-lo. Só espere. A ajuda chegará a qualquer momento.

—O que faço?

—Está sangrando muito? —perguntou Nicholas.

Tinha perdido muito sangue, mas já não vazava.

—Bastante.

—Tem que o deixar, Nika. Vá o mais longe que possa.



—Não.

—Está no meio da noite. Seu sangue levará os Synestryn sobre você.

—Por isso tenho que ficar aqui. Para os combater.

—Não pode lutar contra eles. Tem que fugir.

Em algum lugar à esquerda, Nika ouviu um longo e faminto uivo. Os Synestryn tinham captado o aroma do sangue de Madoc.

—Corre —sussurrou Madoc, seus olhos suplicando.

Nika deixou o celular no chão onde poderia ouvir a confirmação que a ajuda estava a caminho; então levantou e agarrou a espada de Madoc.

Não se atreveu a tentar levantá-la antes do último segundo por temer que os braços cansassem logo.

—Corre —ofegou ele.

Nika deu uma olhada rápida. Sua pele parecia mais cinza, e um aterrorizado sentido de desespero fez que seu corpo se esticasse.

—Não te deixarei. Não agora. Nem nunca. Se acostume a isso.

Atrás dela, ouviu o rugido de um motor e pneus chiando. Na frente dela, ouviu mais uivos se unindo ao primeiro.

O corpo estremeceu pelo frio. Já não podia sentir os dedos dos pés, e os dedos doíam pelo gélido punho de metal. Uma trêmula luz resplandeceu tão brilhante como a luz do dia à esquerda. Não estava segura do que era, por isso se voltou para ela, dividindo a atenção entre os uivos e qualquer ameaça que representasse a luz.

—Nika! Nika Madison! —gritou uma voz longínqua na direção de sua caminhonete. *Ajuda.*

—Aqui —gritou, mantendo a posição sobre Madoc.



As formas escuras de dois homens correram para ela. Não podia ver quem eram, mas tinham todas as partes certas para serem humanos.

Aproximaram-se o suficiente para os ver. Não reconheceu nenhum dos jovens, mas eram definitivamente humanos e armados com escopetas.

Eles se posicionaram cada um de um lado.

—Vê algo? —perguntou o mais velho.

Supôs que era uns anos mais velho que ela, mas não muito.

—Não. Ouvi uivos, entretanto.

—Parece que chega a cavalaria —disse o mais jovem na frente dela.

Ele inclinou a cabeça para a luz.

—O que é isso?

—O portal. Estarão aqui a qualquer momento.

Quando a última palavra saiu de sua boca, a luz se solidificou e depois rasgou em uma linha perfeita, como se alguém tivesse dividido o ar com uma lâmina. A linha ampliou e Helen cruzou, seguida de perto por seu marido, Drake. Segundos depois, Angus e Gilda a atravessaram também.

O alívio fez que Nika balançasse, e se não fosse pela espada fincada no chão gelado, poderia ter caído. Angus dirigiu um sorriso tranquilizador, que fez que as linhas em seu rosto escarpado se aprofundassem.

—Fez bem. Nos encarregamos a partir daqui —levantou a mão, silenciosamente pedindo a espada.

O braço de Nika não se moveu, assim ele se aproximou e tirou a espada dos dedos intumescidos. Um dos jovens envolveu seu casaco sobre os ombros e o calor a fez gemer agradecida.



Helen lançou uma de suas duas tranças por cima do ombro, agitou uma mão, e uma longa linha de chamas erupcionou do chão a vários metros de distância. Drake tirou a espada e ficou ao seu lado, explorando a zona.

Gilda levantou a prega do vestido cinza e ajoelhou junto de Madoc na neve. Pressionou suas delicadas mãos de ambos os lados do rosto, e inclinou a cabeça como se estivesse rezando.

Uma série de uivos curtos se elevaram das árvores circundantes. Estavam mais perto agora.

—Vocês dois levem Nika longe daqui —disse Angus aos humanos— Os seguiremos em breve.

—Não o deixarei —disse Nika.

—Você só ficará no meio. O levaremos quando for seguro.

Não seria tratada como uma menina. Isto era muito importante para que ela se dobrasse.

—Não. É meu e fico.

Drake olhou por cima de seu amplo ombro, compartilhando um olhar interrogante com Angus.

—Teu? —perguntou Angus.

—Sim.

—Sabe o que está dizendo, não?

—Sei —disse ela, fazendo que a declaração soasse alta e clara.

—Pensei que ele disse que não eram compatíveis.

—Enganou-se.

—Então, por que não tem...?

A irritação e o medo fizeram que interrompesse antes que pudesse perguntar algo perigoso.

—Estamos trabalhando nisso.

—Já vêm —disse Helen. Ela levantou os braços longe de seu



corpo e suas mãos explodiram em chamas.

Angus assinalou um lugar junto à Madoc.

—Fique aí ao lado de Gilda. Não se mova a menos que diga isso. Entendeu?

Nika assentiu com a cabeça. Contanto que não pedisse que deixasse Madoc, faria o que quisesse.

Os olhos de Gilda estavam fechados e a testa enrugada em um cenho de concentração. Um pequeno tremor passava através de seu corpo a cada poucos segundos.

Nika não se atreveu a interromper para perguntar o que estava fazendo. Queria tocar Madoc, segurar sua mão mas temia que inclusive isso pudesse desconcentrar Gilda. Assim, Nika abraçou o casaco emprestado ao redor do corpo para manter as mãos ocupadas e mordeu o lábio para permanecer em silêncio.

Uma explosão ocorreu a uns metros de distância, sacudindo o chão.

A cabeça de Nika sacudiu com força para ver uma bola de fogo consumir um trio de peludos Synestryn do tamanho de cães grandes. Agora que as chamas iluminavam a zona, pôde ver que havia pelo menos uma dúzia mais que saíam das árvores.

O braço de Helen se movia como se estivesse lançando uma bola de beisebol e outro grupo de demônios explodiu em chamas.

—Temos mais no leste —gritou um dos jovens.

Angus olhou para Gilda.

—Ainda não terminou. Teremos que fazer da maneira difícil.

Os homens assentiram e tomaram posições de ambos os lados de Angus.

—Vocês dois vão pelos lados. Vou pelo meio.

—Poderia ajudar —disse Nika—. Se tiverem algo do meu



sangue.

—Não —disse Angus— É muito perigoso. Se quer ajudar, vigia e nos avise se algo atravessar.

Podia fazer isso. Não era muito, mas era algo. Gilda levantou a cabeça, deixando escapar um longo e lento suspiro que ficou prateado no ar frio.

—Parei o veneno. Isso deve nos dar tempo até que um Sanguinar apareça.

—Vêm?

Ela assentiu cansadamente.

—Logan está no helicóptero. Estará aqui logo.

Gilda lutou para ficar em pé, assim Nika a ajudou a se levantar. Nika não era exatamente uma abundância de força, mas o desejo de ajudar queimava brilhante em seu interior, incapaz de resistir. Gilda franziu o cenho como se se sobressaltasse pelo oferecimento de ajuda, mas tomou a mão de Nika.

—Obrigada.

Ela ficou de pé, tomou posição do lado esquerdo de Angus, e esperou que os Synestryn viessem.



Pela primeira vez na longa, longa vida de Gilda, sentiu-se velha. Muito cansada.

Houve um tempo em que poderia abrir um portal, curar Madoc, e ainda lutar contra uma horda de Synestryn sem suar. Mas agora, antes que inclusive se pusesse em pé para lutar ao lado de Angus, estava exausta.



Helen tinha matado todos os demônios do seu lado do combate e agora devia limpar a desordem que Gilda deixou atrás.

A mulher mais jovem sorriu enquanto lutava, o fogo fluindo livremente de suas mãos como se tivesse nascido para isso. Havia uma espécie de liberdade em Helen agora que não estava ali somente há uns meses. Ela estava crescendo em poder, do mesmo modo que Gilda se afastava do dela. A distância entre ela e Angus estava ficando maior, fazendo mais e mais duro para ela conectar com seu poder. Desde que concordou em permitir que Tynan tratasse de restaurar sua fertilidade, mal tinham falado.

Ela cumpriu sua palavra e se negou a permitir compartilhar sua cama. Esta negativa se converteu em um abismo entre eles, que parecia alargar mais a cada dia.

Estava o perdendo.

Gilda jogou uma curta rajada de vento, esperando derrubar um par de demônios para que os homens os matassem com suas espadas. Mas em vez disso, mal frisou sua pele, e o esforço a deixou tremendo. Helen se aproximou, levantou as mãos, e uma parede de fogo fluíu em jorro, lançando às bestas chamejantes contra as rochas salientes, onde golpearam fortemente e logo deixaram de se mover.

Enquanto Gilda ofegava, tentando recuperar o fôlego, Helen terminou seu trabalho.

A vergonha ardeu no interior de Gilda. Vergonha por sua debilidade, e vergonha por todas as coisas que fez às pessoas que a rodeavam.

Distanciou-se de todos os que a amava e traiu os que mais amava.

Os combates diminuía gradualmente, e sabia que Angus



viria a ela como sempre fazia. Apesar de seu trato com ele, ainda cumpria seus deveres e defendia seus votos.

Sua mão larga entrou no campo de visão, tentando alcançá-la.

—Está cansada. Venha e descanse no calor de um dos veículos, enquanto nos preparamos para nos mover.

Gilda desejou tomar a mão e sentir o calor amoroso de sua pele contra a dela. Odiava a brecha que crescia entre eles. Queria que as coisas fossem como eram antes que todas as suas mentiras se interpussem entre eles, antes que o tivesse traído e a todos os outros homens Theronai por os esterilizar sem seu conhecimento ou consentimento. Nenhum deles sabia que ela era a causa. Suas mentiras escondiam bem sua traição.

E, contudo, se tomasse a mão de Angus, seria simplesmente mais uma mentira. Tanto como queria seu toque, sabia que não o permitiria. Não podia perder outro filho, e se Angus a tocasse, sua determinação desmoronaria. E se a cura de Tynan surtisse efeito, ela conceberia. Isso não podia acontecer.

Nunca mais.

Assim, em vez de permanecer com ele e oferecer qualquer ápice de esperança para que as coisas pudessem ser como tinham sido, voltou as costas e se afastou.

A punhalada de rechaço que ele sentiu passou através de sua conexão antes que se controlasse rapidamente. Gilda fingiu que não havia sentido. Seu guerreiro tinha orgulho e era o mínimo que podia fazer para não tirar isso também.



Capítulo 11

John Hawthorne sabia que não devia sair com um clima como este, mas os sonhos que teve durante a semana passada o tinham empurrado para a porta.

Igual aos seus sonhos, já era noite e a neve caía a razão de um centímetro por hora. E igual aos seus sonhos, sentia esta coceira persistente nas vísceras dizendo que alguém precisava que a ajudasse.

O limpador de para-brisas esbofeteava o cristal, acumulando uma capa gelada de neve ao redor das bordas fora de seu alcance. O Jipe se dirigia bastante bem nas estradas, mas tinha que avançar num ritmo desesperadamente lento para se assegurar que não deslizesse fora do rumo.

Quanto mais longe ia, mais o incomodava a sensação nas vísceras.

Deu uma olhada na estrada, mas não podia ver muito longe. Alguém passou por aqui recentemente, a julgar pelos rastros na neve que haviam só começado a encher de novo. Então, de repente, os rastros que estava seguindo desviaram em um círculo completo e acabaram por sair da estrada.

John conduziu o jipe a uma lenta parada a poucos metros diante do veículo acidentado. Os faróis do outro carro ainda estavam ligados, os limpadores de para-brisas mantendo seu ritmo frenético. Ele ligou o pisca alerta, pegou uma lanterna, fechou o zíper do casaco e saiu para ver se o condutor precisava de ajuda.

Uma rajada de vento sugou o ar dos pulmões enquanto se



apressava para a estrada. Agora que estava suficientemente perto, pôde ver que o carro estava inclinado em uma vala pouco profunda. Uma capa de neve tinha começado a se acumular no teto do carro e no vidro ao lado do condutor.

Utilizou a manga do casaco para limpar a neve e iluminou com a lanterna o interior. O raio caiu sobre a curva da bochecha de uma mulher e John teve a sensação mais estranha de reconhecimento fluindo através do corpo. Era como se devesse conhecê-la, embora não tinha nem ideia de por que. Em vez de perder tempo se preocupando com isso, abriu a porta do carro, rezando para que ainda estivesse viva.

Ela tinha os olhos fechados e uma contusão escura se formava no lado esquerdo da sua testa. Seus lábios estavam separados, mas fazia muito calor no carro para ver seu fôlego. Quando John tirou a luva para sentir o pulso, baixou os olhos para ver se seu peito se movia.

Movia-se, e tudo o que pôde fazer foi olhar fixamente. Tinha seios fabulosos, e estava seguro que poderia ver uma ponta do sutiã aparecendo pela borda de sua camisa.

John se repreendeu por ser um porco e pressionou os dedos contra o lado de seu pescoço. Seu pulso parecia forte e estável.

Seus olhos se abriram, provavelmente pelo contato frio do toque, e ela respirou dolorida.

—Se acalme —disse ele em voz baixa— Teve um acidente.

Um cenho profundo enrugou a testa e levou a mão à cabeça, olhando os dedos, como se esperasse ver sangue.

—O que aconteceu?

—Saiu da estrada.

—Havia um homem no caminho —disse em um tom de



confusão; logo o medo aumentou muito os olhos marrons— O atingi?

Ela tentou ficar na posição vertical, mas John a manteve quieta, pressionando seus ombros para trás contra o assento.

—Espere e fique quieta. Vou olhar.

John não podia imaginar ninguém passeando em uma noite como esta. Provavelmente viu um cervo, embora fosse melhor prevenir que remediar. A ideia de alguém caído em uma vala nevada era muito horripilante para ignorar.

Fechou a porta para ajudá-la a manter o calor, e logo foi à estrada para procurar sinais de cervo ou homem. Demorou mais do que teria gostado, já que a visibilidade era quase nula, embora caminhou pelo menos uma centena de metros em ambas as direções, só para estar seguro. Não havia nada mais que neve virgem.

Quando retornou, ela estava de pé fora, mantendo-se instável em seus pés enquanto limpava a neve da parte dianteira de seu carro.

—Não vi nada —disse ele.

O alívio fez sua voz apenas perceptível.

—Não vejo nada de sangue nem um golpe no carro, tampouco.

—Provavelmente foi só um cervo.

Ela sacudiu a cabeça para limpá-la.

—Estava segura que era um homem.

—Poderia ter adormecido ao volante?

—Talvez —disse, embora parecia duvidosa— Talvez não recorde bem por causa do golpe na cabeça.

O fôlego do John se frisou em uma espiral de prata.



—O que fosse que aconteceu, precisamos fazer uma verificação. Te levarei ao hospital. Será mais rápido que esperar uma ambulância.

—Não. Estou bem. Não preciso ir ao hospital.

—Poderia ter lesões internas. Uma comoção cerebral.

—Não foi tão mau. Só preciso informar o acidente.

John não estava convencido que não ir a um hospital fosse uma ideia muito inteligente, mas ela parecia estar bem e ficava mais estável a cada segundo. Além disso, era uma mulher adulta, capaz de tomar suas decisões.

—Ficarei com você até que apareça a polícia.

—Meu celular não funciona aqui. Já tentei. Posso usar o seu?

John o deixou intencionalmente no escritório, sabendo que suas férias seriam inúteis se seus empregados soubessem que podiam contatar com ele. Sem ele, terão que resolver seus próprios problemas, já que nenhum deles conhecia o número de sua cabana.

—Sinto muito. Não está comigo. Pode utilizar meu telefone fixo. Não vivo longe daqui.

—Agradeço a oferta, mas provavelmente deveria permanecer em meu carro.

—Não com esta tormenta. É muito perigoso. Informaremos o acidente diante de um fogo —John a puxou pelo braço e empurrou amavelmente suas costas para a estrada. O fato que ela se recostasse em um estranho procurando apoio demonstrou como estava instável. Suas sapatilhas estavam cobertas de neve e as pernas das calças estavam molhadas até os joelhos— Tem que se esquentar e nos assegurar que está bem.

—Está seguro que não há ninguém jogado na neve?



—Não vi nenhum rastro, e não ficou ali tempo suficiente para que seu carro fosse coberto, assim se tivesse golpeado alguém, acredito que o teria visto.

Ela assentiu com a cabeça, parecendo tão cansada e confusa que fez John querer abraçá-la. Em vez disso, ela levantou contra o lado para mantê-la sobre o chão escorregadio, sentindo a curva magra de sua cintura sob sua jaqueta. Os dedos esticaram ligeiramente e picaram para deslizá-los sobre o quadril.

Mas ao contrário, ele manteve a mão firme em seu corpo enquanto abriam caminho até o Jipe.

—Sou John Hawthorne —disse enquanto abria a porta do Jipe para que ela entrasse.

—Sou Meghan Clark. Muito obrigado por parar para me ajudar.

Ela olhou no assento de passageiro. Seus olhos escuros estavam escurecidos pela preocupação e a necessidade de apagar essa preocupação foi tão intensa, que tudo o que pôde fazer durante um longo momento foi olhá-la embevecido, sem dizer uma palavra.

Algo profundamente no interior de John enlouqueceu e esticou como se despertasse de um longo sono. Não tinha nem ideia de quem era esta mulher ou por que estava aqui, mas a necessidade de levá-la até sua casa e fazê-la sentir cálida e seca parecia mais importante que qualquer desses detalhes.

John nunca permitiu que ninguém visitasse sua cabana antes. Preferia mantê-la sagrada em seu isolamento, só para ele e sua intimidade. Mas agora, não podia pensar em nenhuma outra coisa que quisesse mais que esconder Meghan, sã e salva. A merda o isolamento.



Meghan não podia tentar se aquecer. Tentou ocultar o tremor do corpo e o bater dos dentes de seu salvador. Ele subiu a temperatura no trajeto até aqui, e agora estava agachado diante da chaminé de pedra, trabalhando para acender um fogo.

A pequena cabana era claramente uma espécie de retiro masculino. Os apetrechos de pesca estavam empilhados em um canto. Um armeiro bem sortido pendurava na parede junto à porta. O sofá era grande e gasto, obviamente escolhido mais pela comodidade que pelo estilo. Uma robusta mesinha de café de madeira estava arranhada e cheia de riscos.

Meghan olhou as botas de John, imaginando que provavelmente as teria apoiado em cima muito frequentemente.

Uma pequena cozinha ocupava o outro lado do espaço aberto. O aparador estava principalmente nu. Havia um par de pratos secando em uma prateleira. Através de uma porta aberta, pôde ver uma cama com os lençóis enrugados de um lado. Perguntou-se como era possível um homem como John dormir sozinho. Ela o tinha conhecido há menos de uma hora e já considerava perguntar se era casado.

Ela não era assim. Seu incomum lapso de julgamento de meter-se no carro com um desconhecido e deixar que a levasse até sua casa era provavelmente o resultado do golpe na cabeça. Não que pudesse voltar atrás agora. Estava presa aqui até que a polícia viesse procurá-la.

John levantou e se voltou para ela.



—Aí tem. Isso esquentará logo o lugar.

A luz do fogo piscava atrás dele, esboçando suas pernas. Os olhos de Meghan viajaram por seu corpo, e estranhamente, desejou que ele tirasse o casaco para poder dar uma olhada melhor.

Atraída pelo calor, Meghan se adiantou, estendendo as mãos para o fogo para as esquentar. Deixou sair um suspiro de satisfação, e a mandíbula de John se apertou.

Ele limpou a garganta.

—Como se sente? Ainda posso te levar ao hospital.

—Não. Estou melhor. Bem. Sério.

—Está segura?

—Sim.

Ele assentiu com a cabeça.

—Me diga se mudar de opinião.

—Farei.

—Vou preparar um pouco de chocolate quente. Provavelmente deveria tirar esses jeans úmidos. Tenho alguns moletons que poderia usar enquanto secam.

Meghan abriu a boca para recusar sua oferta, mas em vez disso disse:

—Isso seria agradável.

John passou através da porta aberta, deixando que Meghan resolvesse que demônios acreditava estar fazendo. Entrar em um carro com um desconhecido era bastante mau. Deixar que a levasse até sua casa era pior. Despir-se em sua casa, cruzava a linha.

Tinha que ser a lesão na cabeça. Essa era a única explicação que podia encontrar.



Ele retornou.

—Deixei um pouco de roupa na cama. Sinta-se à vontade para tomar uma ducha se acha que ajudará a esquentar.

—Não deveria... —começou a dizer, quando John chegou até ela.

Seus dedos passaram roçando como uma pluma sobre a testa, delineando o hematoma.

—Aqui está segura. Prometo —disse isso, e Meghan acreditou.

Sabia que não conhecia este homem, mas sentia como se o fizesse. Sentia como se sempre o tivesse conhecido.

—Obrigado.

Ele assentiu com a cabeça.

—Chamarei o xerife. Voltaremos para a estrada logo que seja possível.

—De acordo —disse, mas nesse momento se deu conta que o desejo de ir, se mover, a tinha deixado.

Fosse o que fosse que a tinha propulsado agora desapareceu, como se tivesse chegado ao seu destino. Olhando o rosto de John, a amável preocupação brilhando em seus olhos cor avelã, Meghan se perguntou se talvez encontrou o que foi enviada a procurar.

Antes que pudesse insistir nessa ideia estranha muito tempo, foi até seu dormitório, pegou a roupa e se fechou no banheiro.

Quando saiu quinze minutos mais tarde, rosada e acalorada da ducha de água quente, e viu o rosto de John, soube que a notícia não era boa.

—O xerife disse que seus homens estão ocupados com os acidentes em todo o condado e que se estiver a salvo, só deve ficar onde está. Parece que passaremos a noite juntos.



Joseph não acreditava que a noite pudesse ficar pior.

Grace não se apresentou ao trabalho e aparentemente desapareceu. Alguns adolescentes humanos se meteram em uma briga e vários deles precisaram de pontos. O Theronai indonésio queria saber onde estava Nika. Dois Theronai mais da Austrália estavam previstos para se apresentar amanhã. Nika tinha saído e se colocado em uma confusão com Madoc, que ocupava valiosos recursos longe de seus objetivos. Iain não informava situação em várias semanas, por isso Joseph não tinha nem ideia de como progredia a caça das crias Synestryn. Ainda não capturaram o sabotador, que sabia em suas vísceras, ainda vivia entre eles. E para piorar as coisas, Carmen se negava a falar com ele. Ela tinha faltado ao treinamento, que era o único ponto alegre no dia.

Não via qual era o grande problema. Que demônios estava tão errado com ele que ela não queria que a reclamasse como sua filha adotiva? Tinha aceito seus conselhos e aprendido com ele por meses. Encarregou-se de suas necessidades básicas, dando um lugar onde viver, comida. Inclusive a tinha convencido a tomar aulas a distância de uma universidade próxima.

Não era isso o que os pais faziam?

Joseph deixou escapar um longo suspiro. Estava tão cansado. Rendido até os ossos. Talvez já fosse hora de se retirar e deixar que outro tomasse o comando dos Theronai por um tempo. Não acreditava que fosse durar os anos restantes de seu mandato. Não que houvesse outro pedindo a gritos o trabalho. Como ele, todos



preferiam estar sobre o terreno que atrás de uma mesa.

O telefone soou e estava a ponto de deixar que entrasse a secretária eletrônica. Mas com a merda do dia que estava tendo, pensou que não podia ficar pior.

—Sim —respondeu ele.

Nicholas estava na linha, sua voz tensa.

—Temos outro problema.

O tamborilar atrás dos olhos de Joseph ficou mais pesado.

—Há alguém mais ferido?

—É Thea. Foi violada.

A fúria derramou através de Joseph ao pensar em alguém ferindo um dos humanos sob seu amparo. Disparou fora do escritório e se dirigiu ao corredor, agarrando com força o celular.

—Onde está?

—Briant está a atendendo. Nega-se a falar com alguém. A única razão pela qual Briant soube foi porque viu o que aconteceu quando tirou seu sangue para curá-la. Ele me chamou.

—Quem o fez? Juro que os matarei eu mesmo.

—Foi Chris. Mudou.

Joseph parou em seco. Podia ouvir vozes fluindo fora do salão, deslizando ao seu redor mas não se dava conta. Sentiu frio. Morto por dentro.

Sabia o que tinha que fazer e o pensamento quase o matava.

—Onde está? —perguntou Joseph—. Preciso confirmar que é certo.

—Não pode ir sozinho. Levarei Liam e nos encontraremos com você no pátio de formação.

—Onde está, Nicholas? Me diga.

—Não. Se mudou, poderia te matar. Não posso deixar que



isso aconteça. Precisamos muito de você. Faremos isto juntos.

—Encontrarei-o sozinho, então.

Não podia suportar a ideia de sentenciar Chris a morte, mas ainda pior seria obrigar o resto dos Theronai a ver o que acontecia, sabendo que poderiam ser o seguinte.

Sentia os pés pesados enquanto se encaminhava para o quarto de Chris. A espada ao seu lado era um consolo frio e rogou que não precisasse tirar o aço para o homem que foi seu amigo por mais de um século.

Joseph virou uma esquina e viu que Nicholas e Liam já tinham batido na porta e bloqueavam o caminho.

—Se afastem do meu caminho —ordenou aos seus homens.

A cara cheia de cicatrizes de Nicholas escureceu e sua boca se aplanou.

—Entraremos juntos.

—Tenho que fazer isto sozinho.

—Não pode —disse Nicholas— Esteve fora do campo de batalha muito tempo. Perdeu a prática e é mais que provável que acabe morto.

O ressentimento fez que Joseph endireitasse a coluna vertebral.

—Não sou fraco —espetou.

—Não disse que era. Disse que perdeu a prática. Há uma grande diferença.

—Fora do meu caminho.

Joseph sempre pensou em Liam como um gigante gentil. Rara vez falava e passava tanto tempo brincando com os meninos humanos como matando Synestryn. Mas não havia nada gentil na fúria que ardia em seus olhos agora mesmo.



—Feriu Thea. Não vou deixar que machuque ninguém mais. Incluindo você.

Com isso, Joseph bateu na porta de Chris.

As mãos dos três homens foram às suas respectivas espadas, embora tanto Liam como Nicholas impediram que Joseph ficasse ao alcance da porta.

Um Chris com os olhos inchados abriu a porta, os fulminando. Um trio de arranhões desagradáveis ardiam ao longo de sua bochecha, e a gola de sua camiseta estava rasgada.

Thea tinha brigado com ele. O fato que ela tivesse que fazê-lo provocou que Joseph quisesse rugir de dor. Deveria tê-la protegido. Teria que saber que algo assim podia acontecer.

—Essa puta os enviou, verdade? —cuspiu Chris— Não fiz nada que ela não estivesse pedindo e todos sabemos.

Deu a volta com desgosto, deixando a porta aberta para que entrassem.

—Me mostre sua marca da vida —disse Joseph.

Chris parou em seco e pouco a pouco deu a volta. Suas fossas nasais chamejaram em cólera e sua mão se moveu para sua espada.

—O que? —perguntou em um tom gelidamente acalmado.

—Já me ouviu. Tire a camiseta.

—Não. Vá ao inferno.

—Isso não vai acontecer. Foi acusado de um delito grave, que sei que nunca teria cometido a menos que sua marca da vida estivesse árida.

—Vou embora —disse Chris— Não tenho que aceitar este tipo de merda de nenhum de vocês.

—Sou seu líder. Fará o que digo.



—Ah, sim? É muito fraco para me ordenar fazer qualquer maldita coisa. Tem que trazer respaldo com você como um humano.

Joseph se negou que esse comentário o incomodasse agora. Mais tarde, sabia que passaria muito tempo repassando as coisas na cabeça e se perguntando se seus homens não tinham razão em o questionar. Mas não agora. Neste momento, fingiria que era ainda suficientemente forte para impor sua liderança sobre um homem que provavelmente teria que condenar a morte.

—Tire a camiseta ou o farei por você.

—Vá a merda.

Joseph tirou a espada e cortou entre Nicholas e Liam, fazendo um corte ao passar pelo peito de Chris.

Chris tirou sua espada, mas Nicholas e Liam estavam preparados para problemas e o bloquearam. Nicholas tomou o controle de seu braço armado, enquanto Liam o conduzia ao chão. A cabeça de Chris golpeou o bastante duro para o aturdir.

Joseph se inclinou para baixo e acabou de rasgar o resto da camiseta.

A marca da vida ensanguentada de Chris estava árida.

Uma onda de dor ameaçou derrubar Joseph de joelhos. Ele passou a borda da camiseta sobre o corte, só para se assegurar que o sangue não ocultava uma ou duas folhas. Não o fazia.

—Quanto tempo? —perguntou Joseph. Sua voz soou grossa e trêmula.

Em vez de responder, Chris rugiu em desafio e lutou contra o aperto dos homens.

—Me responda ou trarei um Sanguinar para que arranque isso da sua mente.



—Foda-se.

A mão de Joseph se moveu lentamente, seus membros pesados com resignação enquanto chamava Briant.

—Como está Thea?

—Dormindo. Reparei o dano físico e tirei a lembrança a seu pedido. Estará bem em poucos dias.

—Obrigado.

—Se precisar, posso servir como sua testemunha. Sua lembrança é minha agora.

—Isso não será necessário. Tenho todas as provas que preciso. Venha a residência de Chris. Preciso que o interrogue.

—Sinto muito. Estou muito fraco depois de atender Thea.

—Pode tomar todo o sangue dele que precise. Já não é um dos nossos.

—Sua marca da vida está nua —adivinhou Briant.

Joseph não respondeu. A carga do que tinha que fazer agora já era bastante desoladora. Não queria falar disso.

—Logo que tenha terminado com Chris, o levarei aos Slayers.

Capítulo 12

Madoc despertou com a sensação do toque de Nika no rosto. Reconheceu-a antes inclusive de abrir os olhos.

Ela estava a salvo. Não chegou a matá-la. Por um momento, deleitou-se nisso, deixando que a sensação aliviasse um pouco da pressão que esmurrava dentro dele. Sua preciosa Nika estava a salvo.



Seus dedos ligeiros como plumas deslizaram ao longo da testa, sobre as pálpebras e pela bochecha até acariciar a boca. Não pôde resistir a tentação de roçar ligeiramente com a língua um pouco para poder provar sua pele.

—Está acordado —sussurrou.

Abriu os olhos e olhou para ela. Estava deitada junto dele em uma cama, inclinando-se sobre ele. Qualquer aborrecimento que sentiu por interromper seus planos de morrer esta noite desapareceu. Se tivesse morrido, não seria capaz de senti-la o tocando neste momento. Sabia que estava mau, mas não importava.

—Surpreendeu-me, também. Pensei que estava morrendo. O que aconteceu?

—Nicholas enviou a equipe de segurança. Helen, Drake, Angus e Gilda. Lutaram contra os Synestryn, e nos encontramos com Logan na casa Geraí mais próxima para poder te curar do veneno.

—Logan? Está aqui? —Madoc tentou levantar para encontrar o sanguessuga antes que pudesse tomar o sangue de Nika como tinha feito Tynan.

Nika pressionou suas mãos no peito descoberto, sentou-se escarranchada sobre ele e apoiou todo seu peso. Não era o suficientemente pesada para o manter na cama, mas a sensação das palmas de suas mãos sobre a pele fez efeito. Se se afastasse, deixaria de o tocar. Ele não queria isso.

—Não se preocupe. Drake pagou a dívida de sangue já que eu não podia.

A ira o alagou ao pensar em sua oferenda para sangrar por ele, fazendo que a voz soasse áspera e cortante.



—Nunca se ofereça para alimentar um desses sanguessugas. Compreendeu?

Não respondeu à pergunta. Em troca, depositou um beijo na sua testa.

O olhar de Madoc foi aos seus seios, que eram do tamanho certo para encher suas palmas. Uma onda de luxúria se chocou contra ele, o fazendo apertar os dentes para não aproximá-la até a boca e assim poder sugar através de sua camisa.

Ela sentou escarranchada sobre o estômago, e pôde sentir o calor de sua fenda através do tecido entre eles. Atrás dela, o pênis endureceu, formando uma tenda com o lençol que o cobria.

Pelo visto, tinham tirado sua roupa ensanguentada, o deixando nu. Tudo que precisava fazer era tirar suas calças e deslizá-la abaixo uns poucos centímetros. Finalmente estaria dentro dela, a enchendo, a fodendo. Uma pequena parte dele que continuava sendo boa gritava, recordando que era virgem. Fora dos limites.

Madoc apertou as mãos no lençol, se obrigando a mantê-las de lado.

Os lábios de Nika se moveram pela testa, seguindo o mesmo caminho que fizeram seus dedos. Podia cheirar o doce aroma de sua pele, ver seu pulso rápido golpeando no vão do seu pescoço.

A Luceria ficaria tão bem ali. Tão certa.

Se pudesse...

Madoc se negou a pensar. Iludir-se doía como o inferno, e não precisava de mais dor na vida.

Esteve tão perto de escapar de tudo. Tão perto do esquecimento apazível e indolor.

—Por que me faz isto? —perguntou.



Sua voz era um sussurro áspero, zangado.

—Precisa de mim. Só relaxe e me deixe fazer o que tenho que fazer.

—Ah, não, não fará.

Começou a levantá-la e as afiadas unhas se fincaram no seu peito.

De fato, mostrou-lhe os dentes.

—Realmente não quero te fazer sangrar de novo. Tivemos suficientes Synestryn por uma noite, não acha?

—Saia de cima, Nika. Falo sério.

Não fez conta, pressionando delicados beijos na têmpora, descendo pela bochecha. Por toda parte onde o tocava sentia um formigamento, como se as células levantassem, regozijando-se pelo contato.

Madoc tentou pensar em outra coisa, cortando as cabeças dos Sgath, afiando a espada, todas essas reuniões aborrecidas com Joseph mas nada parecia distrair sua mente do suave calor dos lábios de Nika, enquanto se moviam infalivelmente para a boca.

—Por que faz isto? —perguntou.

—Porque me necessita. Porque precisamos um do outro. Não posso deixar que continue fugindo, e te seduzir é a única maneira para que supere o medo de me machucar.

—Não vou te foder —disse.

—Eu gosto mais do término fazer amor. Faremos isso em seu lugar.

Os qualificativos de menina não mudavam nada. Merda seguia sendo merda.

—Não vai acontecer. Eu gostaria muito de não te machucar,



mas se não se afastar, temo que vou fazer justamente isso.

—Não, não fará —disse com total confiança.

Sua boca mordiscava o canto da dele, O enrolando para fazer que participasse e o beijou no torso. O fôlego encheu os pulmões, fazendo sua cabeça girar. Não podia pensar com clareza quando o estava beijando. Precisava da equipe de resgate.

—Drake —gritou, um pouco mais ofegante do que pretendia.

—Está fora com Helen. Estão vigiando a casa, permitindo que descanse e se recupere.

—Tenha a infernal segurança que não me deixará descansar.

—Vai descansar melhor depois.

Depois que tivesse gritado seu nome no clímax. Depois que ele gozasse em seu interior.

Soava muito bom, muito bem.

Sabia que não era, entretanto. Sabia o erro que seria a reclamar sabendo que na próxima oportunidade, iria para a morte. Só que desta vez, o faria direito. Foi muito longe para encontrar. Devia se assegurar que não houvesse nenhuma possibilidade que voltasse a fazê-lo. Encerraria Nika longe, a drogaria, ataria, qualquer coisa para evitar que o seguisse.

Sua boca se apoderou da dele e a capacidade de pensar em outra coisa desapareceu. A ponta de sua língua deslizou ao longo da abertura dos lábios, o tentando a se abrir e permitir entrar. Se o fizesse, não pararia. Sabia. Não era suficientemente forte para retornar de um fascinante beijo sem um preço para Nika.

Madoc virou a cabeça, sentindo uma linha de suor explodindo ao longo da testa.

—Estou muito fraco para isto. Fui envenenado, mulher. Tenha coração.



Podia sentir seu sorriso sobre os lábios.

—Não se preocupe. Farei todo o trabalho.

la matá-lo. Madoc não teria que encontrar um ninho de Synestryn. Nika estava aqui mesmo, retorcendo suas vísceras, fazendo que o cérebro se superaquecesse até quase explodir.

Fechou os lábios apertando-os, negando a entrada.

Nika recuou, deslizando suas mãos sobre o peito, descendo pelo braço. Seus dedos amassaram os músculos, como se desfrutasse da sensação deles. Levantou sua mão direita e a colocou sobre seu seio.

—Seria bom se me tocasse —disse.

Madoc deixou escapar um gemido involuntário de desejo.

O perolado mamilo se levantou contra a palma. Os dedos fecharam contra sua vontade, apertando-o.

—Não. Não é real.

E, entretanto não pôde retirar a mão. Ia ter que cortar o braço para conseguir deixar de tocá-la. Nika sorriu. Esse era um conhecedor sorriso puramente feminino cheio de promessas do céu e inferno juntos.

Ele a olhou fixamente, perguntando-se o que ia fazer a seguir. Ia deslizar a mão sob a camisa, ou talvez a afastaria para que pudesse ver a mão se movendo sobre sua pele nua?

Ah, sim. Isso era definitivamente o que queria fazer. Nika nua.

Em vez disso, começou a massageando sua mão, pressionando todos os pequenos músculos que usava para segurar a espada. Um gemido de puro deleite brotou dos seus lábios e manteve os olhos fechados enquanto desfrutava da sensação de seus dedos o massageando.

Um segundo depois, sentiu que o anel que Iain lhe deu



deslizava do dedo e o mundo chegava ao seu fim.

Dobrou-se na cama, tentando pegar o anel, mas Nika o jogou do outro lado do quarto, fora da vista.

—Não! —gritou, mas já era muito tarde.

Sentiu que a última folha da marca da vida terminava de cair, sentiu que a última fresta de luz da sua alma titilou, e logo uma espécie de intumescimento desceu sobre ele.

Olhou para o rosto de Nika e viu um brilho de preocupação em seus olhos azuis, mas não importava. Tinha feito isto a ele, e agora ia confrontar as consequências.

Qualquer que fosse a razão que o fez se conter um momento antes, desapareceu no esquecimento. Só restava o duro e dolorido pênis e a mulher escarranchada sobre ele.

Um sorriso estirou gradualmente sua boca.

—Hora de brincar.



John teve que meter as mãos nos bolsos para evitar agarrar Meghan. Ela tinha posto sua roupa perto do fogo para que secasse, e embora tentasse ser discreta e esconder debaixo da camisa úmida, viu pôr suas calcinhas, também. O que significava que estava nua debaixo da calça de flanela solta que lhe deu.

Ele as tinha escolhido porque encolheram quando as lavou e eram a menor coisa que possuía. Não imaginou que o tecido escocês verde e marrom se converteria em quase tudo o que tinha. John deu uma taça de chocolate quente e pegou a manta da cama. Talvez se a cobrisse fosse capaz de manter os



pensamentos onde pertenciam e fora de seu corpo.

Seu cabelo loiro era curto e estava úmido nas pontas onde molhou na ducha. Agarravam-se em seu pescoço, deixando descoberta sua garganta. O decote da camiseta abria, mostrando a delicada linha de sua clavícula. Por um momento louco, quis se inclinar e pressionar um beijo com a boca aberta ao longo da pele suave entre o pescoço e o ombro.

Perguntou-se se usava sutiã por baixo da camiseta, ou se cada vez que a usasse a partir de agora, ficaria pensando que seus mamilos descobertos roçaram a malha que deslizaria contra o peito.

Meghan cruzou suas pernas debaixo dela e aceitou a manta com um sorriso agradecido.

—Então, o que te levou a sair nesta noite nevada? — perguntou.

John não ia falar de seus estranhos sonhos. Não queria que pensasse que era uma espécie de louco. Em vez disso, mentiu.

—Ia à cidade por mantimentos, para aguentar a tormenta. Suponho que deveria ter ido antes.

—Quanto tempo costumam durar as tormentas de neve por aqui?

—O prognóstico disse que pararia pela manhã.

—Isso é bom. Não tenho nem ideia de como pode se viver com este frio.

Isso dizia claramente que não era daqui. A ideia de que logo estaria de volta à sua vida incomodava, embora não tivesse ideia de por que.

—De onde é? —perguntou.

—Phoenix.



—Uau. Esse é um longo caminho até aqui. Tem família na área?

—Não.

—Veio a trabalho?

—Não. Só pensei que seria bom visitar um lugar em que nunca estive antes. Suponho que deveria ter comprovado o tempo primeiro, né?

Algo na maneira que falou o fez pensar que estava mentindo, mas não podia pôr o dedo no que era.

—Suponho que sim.

Ela baixou os olhos, olhando o peito.

—Sinto atrapalhar seus planos.

—Está bem. Sério. Só ficarei uns dias mais, de qualquer modo.

—Não vive aqui?

—Passo as férias aqui, mas meu tempo quase acabou. Tenho que voltar para a rotina.

—O que faz?

—Sou construtor. Tenho um novo projeto que estaremos começando assim que a última permissões sair. Casas de lago, sobre tudo.

Seus olhos se iluminaram.

—Parece fabuloso. Sempre pensei que seria divertido ser arquiteto e desenhar casas.

—Então, por que não o fez?

Ela tomou em goles o chocolate. Um pouco de espuma aderiu ao seu lábio superior e John teve que apertar os dentes para se impedir de lambê-la e então poder saborear a doçura das gotinhas derretidas contra sua pele.

—Pensei nisso. Então meu pai adoeceu.



—Sinto muito.

—Está bem. Está melhor agora. Esteve mal por um tempo, mas voltou a ser ele mesmo agora. Acredito que tem uma namorada —disse a última parte com um sorriso que iluminou seus olhos.

Naquele momento, era a mulher mais bonita que já tinha visto, e essa sensação de reconhecimento que teve quando a viu pela primeira vez retornou precipitadamente. A conhecia. De algum modo. Tinha que fazê-lo. Que outra coisa poderia ser que a olhasse e tudo dentro dele se sentisse... bem? Estendeu a mão e deslizou um dedo sobre os seus que cavavam a taça. Tinha a pele incrivelmente suave e quente, e era tudo o que podia fazer para manter o toque inocente, quando o que realmente queria era deixá-la nua e deslizar as mãos sobre cada polegada dela.

Ficou quieta, o olhando com olhos muito abertos. Viu suas pupilas dilatarem e seus lábios separados expulsarem um profundo fôlego.

John pegou o chocolate de suas mãos e o deixou de lado.

—O que está fazendo? —perguntou em um sussurro sem fôlego.

Inclinou-se adiante e tomou seu rosto entre as mãos. Ela não lutou, de fato, pelo contrário, se inclinou para ele.

Cravou o olhar em sua boca. Ela umedeceu os lábios e o pequeno movimento o fez sentir como se alguém tivesse aplicado uma corrente elétrica na coluna vertebral.

—Não tenho nem ideia —respondeu ele, e capturou com a boca a dela.

No princípio o beijo foi vacilante, mas logo que a língua varreu ao longo de seus lábios, provando a doçura deixada atrás, tudo



mudou.

A boca de Meghan se abriu e ela se ajoelhou, agarrando a cabeça em um feroz apertão. Sua língua brincava com a dele, acariciando de uma maneira que o fez pensar em corpos quentes deslizando um contra o outro. Um sub som de necessidade ronronou em seu peito, e suas unhas aprofundaram no couro cabeludo.

Ela se afastou, ofegando, olhando fixamente com uma mescla de luxúria e acusação.

—O que me fez? —exigiu— Me drogou?

—Nunca. Juro que nunca faria isso a uma mulher.

Mas sabia o que queria dizer. Inclusive depois de segundos de seu breve beijo, John estava preparado para permitir deixá-la fazer o que quisesse com ele. Normalmente, levava semanas antes de se decidir a dormir com uma mulher, o sexo simplesmente não valia a pena a dor de cabeça que produzia depois de uma separação, e aos trinta e dois anos estava seguro como o inferno que não era jovem, um menino duro que deixa o pênis o guiar.

Mas nada era normal e seu sentido comum e moral estavam em qualquer outro lugar neste momento. A cabeça dava voltas como se estivesse bêbado e todo o corpo tremia pelo esforço de resistir a necessidade de afundar dentro de seu doce corpo uma e outra vez até que não pudesse levantar a cabeça. Tudo o que estava acontecendo aqui não era normal.

Simplesmente não podia se preocupar.

John colocou as mãos sob a gola e estendeu os dedos ao longo de sua pele, que a camiseta solta deixava descoberta. Era tão esbelta e delicada. Tão suave. Se não a beijasse de novo, não



estava seguro que sobrevivesse. Entretanto, não poderia fazer isto se não ela quisesse.

—Quer que pare? —perguntou, se esticando enquanto esperava sua resposta.

Seus ombros levantavam e caíam a cada respiração rápida. Suas bochechas estavam ruborizadas, como sua boca. Suas mãos ainda estavam ferreamente agarradas à cabeça e podia sentir seus dedos se movendo sobre o couro cabeludo pela indecisão.

—Não. Deveria, mas não quero —disse finalmente, e o mundo de John começou a girar outra vez.

Uma risada foi enchendo lentamente sua alma quando baixou a cabeça para beijá-la. Tinha sabor de chocolate e promessa de prazer oculto, e sabia que nesse momento nunca conseguiria o suficiente dela.



Meghan nunca transou com estranhos. Nunca. Até agora.

Os hábeis dedos de John a despiram antes que soubesse o que aconteceu. O tecido do sofá desgastado era áspero contra suas costas, mas não importava. O corpo estava cantando, e a calidez e o gosto de John enchiam sua cabeça até que não havia lugar para nada mais.

Suas mãos deslizaram pelos lados em uma carícia tão suave que a fez estremecer. Sua boca deixou a dela, arrastando uma linha de beijos quentes ao longo da mandíbula e baixando pelo pescoço. Mordeu na clavícula, logo seguiu deslizando para baixo até que sua boca cobriu o mamilo. O prazer disparou através de



Meghan, fazendo que as costas se arqueassem do sofá. Era muito bom. Nada realmente nunca foi tão bom assim.

Por um breve momento, acreditou estar sonhando, mas então John separou suas pernas e pressionou sua ereção contra o centro quente. Podia sentir o batimento de seu pulso contra o clitóris enquanto esfregava de um lado ao outro, deslizando contra ela. Meghan afundou os dedos no cabelo grosso e abriu as pernas, tentando conseguir o que necessitava.

—Por favor —se ouviu dizer no silêncio da cabana.

John a olhou, seus olhos marrom escuro cheios de desejo. Elevou-se acima dela, fazendo que os deliciosos músculos sobre o peito e braços se agrupassem com força.

O agarrou pelo apertado traseiro e o obrigou a continuar. Estava escorregadia, quente e pronta, e deslizou com facilidade, conseguindo seu objetivo com perfeição. E continuou deslizando, afundando profundamente, centímetro a centímetro, até que não ficou espaço onde entrar.

Meghan esqueceu como respirar quando o prazer a consumiu. Fazia tanto tempo que quase esqueceu o que era sentir o embriagador peso de um homem em cima dela, sentir a longitude de aço dele a estirando. Todo o corpo estremeceu e sabia que não levaria muito tempo antes que o orgasmo a reclamasse.

—Tão bom —grunhiu ele contra seu cabelo.

Estava além das palavras, assim simplesmente se agarrou a ele enquanto se movia dentro dela, acariciando-a mais a cada deslizante investida.

Seu ritmo acelerou e os dedos dos pés de Meghan afundaram nas almofadas. Deslizou seus braços ao redor dela, agarrando-a ao



sentir a primeira onda de seu clímax romper profundamente em seu interior. Deixou escapar um grito ofegante de prazer e sentiu os braços de John apertarem ao seu redor quando seu próprio corpo se prendeu ao orgasmo. Paralisaram juntos, seus corpos encerrados na gloriosa intensidade de sua liberação. Uma profunda e pulsante pressão desatou no interior, uma e outra vez, quando os últimos restos resplandecentes de prazer começaram a se desvanecer.

Distante, deu-se conta que isto era diferente de qualquer outro sexo que teve antes. O que tinham compartilhado esta noite mudou de alguma maneira sua vida. Simplesmente estava muito esgotada para se preocupar. À medida que a fadiga assumia o controle, sentiu John levantá-la e colocá-la em sua cama. Deslizou atrás dela, a envolveu com os braços, e pressionou um suave beijo contra a têmpora.



Alexander entrou na cabana de John inadvertidamente. O esforço em utilizar o poder para ocultar sua presença o deixou com uma fome miserável no profundo do ventre, mas não havia nada a fazer.

Moveu-se para o quarto e deslizou a mão sob as mantas até que encontrou a pele nua do abdômen de Meghan. Com um sussurro de poder, acelerou a passagem do tempo dentro de seu útero alguns dias, só até que sentiu uma pequena alma faiscar à vida dentro dela. Seu plano para unir John e Meghan tinha funcionado. Logo, outro menino de sangue forte nasceria,



somando-se à dúzia de outros êxitos que tiveram este ano.

Tão cansado como estava, o impulso de descansar era quase entristecedor, mas não havia tempo. Tinha três casais mais a unir. Devia manter a fé, continuar trabalhando, e acreditar que o Projeto Lullaby ia salvar seu povo da inanição.

Capítulo 13

Nika não estava segura do que aconteceu exatamente, mas parte dela começava a pensar que tirar esse anel foi um erro.

Um pouco de Madoc tinha mudado. A maneira que a olhava agora de alguma forma era mais escura, mais perigosa. Fazia que o corpo esquentasse e enviava um tremor ao interior da pele.

Estendeu a mão contra o peito nu, deleitando-se com a sensação de seus músculos, tensos sob a palma. Os ramos de sua marca da vida balançaram ao toque como se tentassem alcançá-la. Uma pontada de vitória a transpassou. Estava funcionando. Finalmente, depois de todo este tempo sabendo que tinham que ficar juntos, ela teve a prova.

—Supõe-se que isto deve acontecer, não é? —perguntou ela.

Madoc baixou o olhar, viu o movimento por só um segundo breve; então seu olhar verde voltou para ela, deslizando sobre o rosto até que se situou na boca.

—Não importa uma merda. Se recoste.

Sua voz profunda, áspera afundou nela e teve que reprimir outro tremor. Deveria se centrar. Tinha um trabalho a fazer. Simplesmente não podia fazer o que pedia, não importava como



de agradável soasse isso. Nika não se moveu. Não estava segura do que fazer agora, mas sabia que devia pegar sua Luceria.

Ela tentou alcançá-lo, mas Madoc foi mais rápido. Agarrou seu pulso e o girou para que ela ficasse debaixo dele. Sujeitou-a ali, baixando o olhar para ela com um semblante tão faminto que quase quis correr.

Quase.

Correr já não era uma opção. Por outro lado, na realidade nunca foi. Soube que este momento chegaria. Ficou na cama de noite pensando nisso, sonhando com isso, tocando a si mesma. Depois de meses esperando por ele, alegrou-se que finalmente estivesse bem aqui com ela. A sensação de seu peso provocou um cantarolar no corpo. Abriu as coxas dando mais espaço para que seu grande corpo se situasse entre elas. Madoc moveu seus quadris, esfregando sua ereção contra ela de uma maneira que enviou zumbidos de sensação que se agitaram atravessando seu corpo.

Nika aspirou fundo e deixou escapar um gemido suave.

—Faça outra vez.

Madoc piscou várias vezes, como se tentando limpar cabeça. Seu corpo estava quieto, seu rosto se retorcia em uma máscara de doloroso controle.

—Madoc?

—Esta não é a maneira como devia ser —disse ele.

—O que?

Não respondeu. Deu à sua cabeça uma dura sacudida e apertou os dentes.

—Solte meus pulsos.

—Minha —grunhiu ele, apertando mais.



O olhou diretamente nos olhos.

—Não vou te deixar.

Ele não a soltou. Sua boca baixou sobre a dela em um beijo feroz.

Os dedos dos pés de Nika se dobraram e abriu a boca contra a dele para poder o saborear. Quando a ponta da língua encontrou a dele, seu corpo sacudiu como se tivesse recebido uma descarga elétrica. Um ruído muito rouco para ser um gemido retumbou através de seu peito, vibrando contra os mamilos. Ela os sentiu apertar como bolas, e esfregá-los contra ele era muito bom para resistir. A única coisa melhor seria se pudesse sentir sua pele nua contra a dela.

—Preciso tirar a camisa —sussurrou ela em sua boca.

Em vez de se afastar do beijo, ele alcançou entre eles e empurrou o tecido da blusa e o sutiã por cima dos seios, deixando-os descobertos.

O primeiro contato dos mamilos contra seu torso enviou uma sensação impactante dentro da pele. Não doía, mas era muito intensa para ser chamada de prazer. Ela nunca sentiu nada como isto antes, mas sabia que queria sentir outra vez.

Madoc ficou imóvel em cima dela. Ele havia sentido, também.

Ela tomou sua cabeça entre as mãos, o obrigando a olhá-la.

—Não se atreva a parar —o advertiu— O desejo.

Um sorriso lento, escuro curvou seus lábios.

—Não há como parar agora. —Ele elevou sua mão esquerda, mostrando o anel dos Theronai. Estava quase branco, mas as débeis cores que restavam estavam se movendo, formando redemoinhos frenéticos dentro da banda—. Olhe. Tinha razão. É minha.



Colocou a mão entre eles e pressionou o anel contra um mamilo. Estava vibrando, e a sensação desse zumbido contra a carne sensível a fez gritar.

—Você gosta? —perguntou ele como se já soubesse a resposta— Então amará isto.

Ele deslizou sua mão descendo pelo estômago e desabotoou os frouxos jeans. O anel deixou um formigamento sobre a pele em seu caminho. A respiração de Nika acelerou e o corpo esquentou, ficando líquido. Apesar do ar fresco, o suor brotava na linha de seus cabelos.

Os dedos de Madoc encontraram o caminho dentro das calcinhas e cavou seu montículo, sua grande mão a cobrindo totalmente. O anel situado bem sobre o clitóris, perto mas sem tocar, nem perto o suficiente. A trêmula sensação vibrante do anel pôs seus nervos em chamas e a fez se retorcer debaixo dele.

Abriu as pernas ainda mais para que ele pudesse fazer contato direto. Moveu os quadris, procurando o que precisava. E então repentinamente, sua mão se foi.

Ela levantou o olhar, tentando entender o que tinha saído mau. Madoc ajoelhou entre seus joelhos, seu corpo belamente nu, seu pênis grosso e duro, se projetando do seu corpo.

A boca de Nika secou e o desejo de o tocar a afligiu. Estendeu a mão e a envolveu ao redor dele. Ele era liso. A pele suave se estendia ao longo da dureza de rocha. O contraste era totalmente surpreendente e completamente fascinante. Uma gotinha de líquido vazou da ponta de sua ereção. Ela a tocou com o dedo, deslizando o líquido escorregadio sobre sua pele.

Madoc deixou escapar um som tão baixo que apenas o pôde ouvir. Mas o sentiu vibrar através de seus braços e situar-se em



seu peito.

O olhou, abrindo a boca para perguntar se estava bem, mas as palavras ficaram obstruídas na garganta. Ele a estava olhando, sua mandíbula apertada, seus músculos tensos. O olhar de desejo escurecendo seus olhos era tão veemente que fez as vísceras de Nika derreterem. Queria lhe dar tudo que desejasse, tudo que quisesse. Para sempre.

Ela se ajoelhou e tirou a blusa e o sutiã pela cabeça, jogando-os no chão. Jam atrapalhar para sentir sua pele contra a dela.

Ele a observou com esses olhos famintos vagando por cada pedaço de pele que ela revelava. Nika sabia que não era uma grande beleza. Os anos de sofrimento e fome a tinha deixado com o peito plano, muito magra e ossuda, mas Madoc não parecia dar-se conta. Olhava-a como se fosse tudo o que alguma vez quis, como se o resto do mundo deixasse de existir.

Deslizou os braços ao redor de seu pescoço, sentindo o zumbido de sua Luceria enquanto ela o roçava. Pressionou os mamilos em seu peito, sua ereção pulsava contra o estômago, e o calor intenso de seu corpo em todas partes que tocava o dela a fez gemer de deleite.

—Tire as calças —ele disse.

Nika o ignorou e então o beijou. Suas largas mãos agarraram os quadris, então avançaram à cintura e sobre as costas. Atraiu-a duramente contra ele, quase tirando o fôlego do corpo, mas não se importou. Quem precisava de oxigênio quando tinha a boca de Madoc na dela, sua língua lambendo o contorno dos lábios e deslizando contra a dela?

A cabeça dava voltas e estava ofegante quando ele finalmente se separou dela. Suas bochechas estavam escuras e



seu poderoso peito elevava e caía com sua desigual respiração.

Sua boca se movia como se tentasse dizer algo, mas nenhuma palavra saiu.

Envolveu os braços ao redor dela e acomodou seu corpo na cama. Em vez de chegar sobre ela como esperava que fizesse, ele ficou de pé, agarrou a cintura aberta dos jeans, e os desceu pelas pernas. Ele deu um duro puxão, e as meias três-quartos, lingerie e sapatos saíram todos voando.

Examinou o corpo nu e aspirou um fôlego profundo, fazendo que as aletas de seu nariz alargassem.

—Toda minha.

E ela era. Sempre foi.

—Você é meu, também.

Deu um sorriso escuro, então virou seu corpo sobre as mãos e joelhos. Apoiou-se por cima dela, separando suas pernas com o joelho, e se inclinou até pôr sua língua sobre o mamilo. Nika aspirou com um puxão e arqueou as costas, puxando sua cabeça para mais.

Tomou em sua boca, criando uma sucção tão boa que cravou as unhas em seu couro cabeludo para que não se afastasse. Sua mão deslizou descendo pelo lado, sobre o estômago, e seus dedos deslizaram entre as dobras. Estava escorregadia, e tão quente como sua pele estava, sentiu seus dedos frios contra a carne quente.

Sentiu a ponta grossa de um dedo pressionado, a estirando.

Madoc gemeu.

—Tão condenadamente apertada —disse contra o seio—. Mas não por muito tempo.



Madoc não podia pensar corretamente. Ficou olhando o corpo nu de Nika e tudo que podia pensar era em conseguir entrar nela. Sabia que havia algo que devia fazer, algo que estava esquecendo, mas comparado a tomá-la, o resto não tinha importância.

Seus olhos azuis estavam mais escuros que o usual, mais como um céu brilhante de inverno. Sua boca estava torcida e vermelha, seus lábios separados. Um rosado rubor se estendia ao longo de seu pescoço e através de seu peito. Seu mamilo se esticou contra a língua e ela deixou escapar um gemido suave.

Agarrou sua cabeça como se na verdade tivesse uma chance de o controlar.

Algo escuro e poderoso cresceu dentro dele, resistindo ao desafio. Ninguém nunca o controlaria. Faria o que agradasse, quando quisesse. E agora mesmo, o que queria era pôr o pênis tão profundamente dentro de Nika como fosse possível. Queria sentir seu apertado corpo virgem afrouxando para ele enquanto se conduzia profundo e duro.

Ele moveu seu corpo para que estivessem perfeitamente alinhados e elevou sua cabeça para que ela pudesse ver.

—Olhe enquanto a tomo —ordenou.

Seus olhos azuis se fixaram no espaço entre eles enquanto a ponta do pênis pressionava, estirando para abri-la. Estava o suficiente lubrificada para que ele pudesse deslizar dentro só um pouco, mas seus músculos resistiram à invasão.

—Relaxe —grunhiu—. Não se atreva a se opor.



—Não o faço —sussurrou ela.

Ela estava mentindo. Tinha que fazê-lo. Estava tentando o deter.

Uma escuridão fervente pareceu formar espirais através dele, ordenando que a tomasse duro e rápido. Estava o tentando de propósito. O provando.

Madoc não ia deixar esse desafio sem resposta.

Ele se lançou para frente, afundando mais profundo. Os olhos de Nika fecharam e um ofego sussurrado saiu de sua boca. Suas mãos agarraram com força os braços como se estivesse tentando se aproximar.

Definitivamente ia chegar muitíssimo mais perto antes que terminassem.

Madoc arrancou os braços de seu aperto e levantou suas coxas mais alto. As mãos eram enormes contra suas pernas, quase brutais. Uma débil piscada de preocupação o fez vacilar por um breve momento antes que fosse varrido por uma onda de desejo.

Sua cabeça caiu para trás na cama. Sua vagina apertada tremia ao redor dele, tão escorregadia e ardente que soube que não ia durar muito mais tempo antes que gozasse. E quando o fizesse, queria que o sentisse muito profundamente dentro dela para que nunca mais pudesse esquecer que pertencia a ele.

Madoc se retirou só o suficiente para poder ver sua umidade brilhando no pênis antes de deslizar dentro de novo e continuar deslizando. Sentiu um pouco de resistência, mas não ia deixar que o detivesse. Empurrou mais à frente, tirando um grito ofegante de Nika, e finalmente, depois de vários balançados impulsos, estava onde pertencia.

Sua respiração era rápida e seu batimento de coração era tão



frenético que podia ver seu peito tremendo ao ritmo de seu pulso. O rubor e o brilho de suor cobrindo seu peito era prova de que ela estava desfrutando do que ele tinha a dar.

Não que importasse. Tudo com o que se preocupava agora era em terminar o que tinha começado. Madoc se afastou e avançou, sacudindo seu corpo com o poder do impulso. Seus dedos estiraram cegamente para ele, aterrissando no peito.

Ele sentiu que os ramos nus da marca da vida tentavam alcançá-la, arqueando-se para seu toque como se ansiassem por isso. Muito tarde. Era muito tarde para que o salvasse, mas importava uma merda. Agora mesmo, com seu corpo flexível debaixo dele, sua vagina apertada abraçando seu pênis, e seus dedos na pele, nada mais parecia importar.

Madoc começou a se mover, estabelecendo um duro, rápido ritmo. Não ia durar muito da primeira vez que a tomasse, mas queria espremer tanto prazer como pudesse disso antes que culminasse. O suor esfriou suas costas. A cama balançou, fazendo que o chão de madeira chiasse. De alguma lugar fora do quarto, ouviu vozes, mas não significaram nada. O único som que importava eram os débeis suspiros se elevando de Nika que ficavam mais fortes a cada movimento que ele fazia.

Seu corpo apertou enquanto seu clímax se aproximava. Os movimentos ficaram mais frenéticos, o ritmo mais acelerado. Um formigamento brilhante deslizou sobre a pele, afundando na base da coluna. Ele empurrou os quadris de Nika mais alto, enterrou-se o suficientemente fundo para que ela deixasse escapar um gemido; então se deixou ir.

O atordoamento mental de prazer o absorveu duro enquanto se derramava dentro do corpo escorregadio de Nika, disparando



gorros dentro dela repetidas vezes. Ele ficou fraco, paralisando sobre ela, ofegando.

Ele a sentiu se retorcer debaixo dele.

—Não posso respirar —disse ela. Não soava como uma mulher satisfeita, repleta de prazer. De fato, soava chateada.

De tudo.

Madoc girou sobre as costas para lhe dar espaço, e foi quando viu a mancha de sangue cobrindo o pênis.

Essa oscilação de preocupação que sentiu antes voltou como uma vingança. Ele se empurrou para cima e viu o ponto vermelho nos lençóis bem quando a porta do dormitório se abriu de repente.

Logan estava ali, cravando os olhos neles, quase em pânico.

—Cheiro sangue.

—Saia! —gritou Nika, cobrindo a nudez com os braços.

Os olhos do Sanguinar se moveram sobre seu corpo e uma fúria assassina consumiu Madoc. Deixou escapar um grunhido selvagem e saltou da cama. Os olhos de Logan foram ao pênis e um olhar de compreensão caiu sobre o chupassangue.

—Madoc, não —gritou Nika, envolvendo a cintura com os braços como se na verdade pudesse o impedir de matar à sanguessuga—. Não faça isto. Ele estava só preocupado por mim. Ele sabe do anel, que acabou seu tempo.

Foi a sensação de seus duros pequenos mamilos contra as costas nuas o que o deteve. Queria fazer amor com ela outra vez mais do que queria matar Logan, mas só um pouco.

—Vá —ordenou à Logan.

—Não pode deixar que os outros o vejam assim —disse Logan—. Enviaram Chris aos Slayers há algumas horas. Você será



o próximo.

—Uma merda.

Logan olhou sobre seu ombro como se alguém se aproximasse.

—Agora, Nika. Já não há mais tempo. —E então fechou a porta.

Madoc deu a volta para confrontá-la.

—De que diabos estava falando? —perguntou.

—Disto —disse ela enquanto se esticava e agarrava a Luceria no punho.

A banda que esteve com ele toda a vida abriu e se arrastou longe do pescoço. Nika ergueu seus braços para prendê-la ao redor de sua estilizada garganta e assinalou o chão.

—De joelhos, Madoc —disse enquanto lhe dava a espada.

Os instintos imbuídos nele por séculos o fizeram cair de joelhos enquanto marcava um corte sobre o coração e pronunciava o voto:

—Minha vida pela tua. —Inundou o dedo no fluxo de sangue que descia pelas costelas e o pressionou contra a Luceria, raspando seus seios com o antebraço.

A banda pálida encolheu para se ajustar em sua garganta. Parecia tão condenadamente bonita ali, que tudo o que pôde fazer foi ficar com o olhar fixo.

Os ombros de Nika relaxaram de alívio.

—No limite do tempo —resmungou ela, então em uma voz mais alta disse—: É meu, Madoc. Se sair para se matar outra vez, me levará com você.

O peso do voto, tal como foi feito caiu com estrépito sobre ele, o deixando sem ar nos pulmões. Essa escuridão fervente que



abria caminho trabalhosamente através de sua alma pareceu congelar no lugar, acovardando-se com o poder de suas palavras.

Nesse instante, a pequena lasca do homem que foi nasceu para faiscar de novo à vida e ele compreendeu o que tinha feito. Seu sangue manchava o interior de suas coxas. A tinha tomado duro, rasgando sua virgindade como se não tivesse mais valor que um lenço descartável. A vergonha ardeu no peito. Cada momento egoísta ardeu na mente, arrancando um grito baixo de pena dos pulmões.

—Sinto—sussurrou, sabendo que palavras nunca seriam suficientes para compensar o que fez. Tinha arruinado algo belo. Destruíu isso. Entregou-se a ele e tinha esmagado esse presente com o pé.

Madoc tentou alcançá-la, preparado para suplicar seu perdão, mas era muito tarde. O mundo desapareceu e a visão que a Luceria queria que visse caiu sobre ele.



Madoc foi lançado à mente de Nika. Viu sua vida através de seus olhos, sentiu-a através de sua pele. Ele sentiu as garras do Sgath que a machucou na noite que sua família foi atacada. Raspavam sobre sua pele, fazendo-a sangrar enquanto o ardor do veneno entrava em sua corrente sanguínea. Sentiu o rastro baboso da língua do Sgath ao longo de sua carne, lambendo seu sangue.

Ao redor dela, sentiu um movimento zombador muito rápido para vê-lo. Tentou diminuir o correr do tempo para poder ver o



que era esse movimento, mas tudo que podia ver era a forma imprecisa de um homem pressionando suas mãos contra ela. Não um dos Sanguinar, mas a sensação do que ele fez era o mesmo tipo de cócegas durante a cura.

Alguém tinha salvo sua vida naquela noite. Esse era o motivo que não tivesse morrido pelo veneno do Sgath.

Madoc desejou como o demônio poder ver quem era para poder agradecer ao homem por lhe dar uma oportunidade de conservar Nika a salvo.

O tempo recomeçou seu fluxo normal. Nika estava fraca e enjoada. Não podia se mover. Um estupor letárgico se situou sobre ela, mas mantinha os olhos fixos em sua irmãzinha. Madoc ouviu o juramento que fez à Tori de não deixá-la nunca, voto que manteve até o dia de hoje. O mundo de Nika piscou e quando recuperou o conhecimento, estava em um hospital. A febre ardia dentro dela enquanto batalhava contra os restos do veneno do Sgath.

Alguém do hospital rondava ao seu redor, apalpando e pressionando, injetando medicamentos que não serviam para nada. A atenção exclusiva de Nika estava em Tori, e isso foi o que lhe deu forças para continuar lutando. Passaram dias depois que Nika foi enviada para casa quando chegou o primeiro ataque à sua mente.

Madoc tentou alcançar a espada, só para dar-se conta que não a tinha, nem tampouco corpo. Estava esquecido em um canto das lembranças de Nika, incapaz de fazer nada mais que presenciar o que aconteceu à ela.

A fúria o fez tremer violentamente nas bordas desta visão, mas no final, estava extenuado. Tudo o que podia fazer era sofrer



como Nika fez, experimentando tudo que a Luceria exigisse dele. Nika foi arrancada de seu corpo, jogada através do espaço, e forçada a habitar a mente estranha do Sgath que tomou seu sangue. O pânico explodiu dentro dela. Sabia que isto não era um pesadelo. Era real.

Ela tentou detê-lo, lançar-se de volta ao seu corpo mas o aperto pela criatura nela era muito forte e suas defesas mentais muito fracas para combatê-lo. Nessa noite, Nika percorreu o trajeto, presa dentro de um monstro, obrigada a caçar e matar um adolescente. Ela teve a impressão que era culpada, que deveria tentar deter a besta de matar. A mancha que o fracasso deixou em sua alma ainda a rondava até o dia de hoje.

Madoc quis assegurar que não era sua culpa. A morte desse menino não era seu pecado. Ela mesma era apenas uma menina de doze anos. Não era responsável pelos atos de um malvado monstro.

Mesmo que Madoc tentasse alcançá-la para tomá-la entre os braços e convencê-la a se perdoar de um crime que não cometeu, sabia que era inútil nesta existência imaterial. Enquanto o Synestryn se alimentava do menino, um de seus companheiros Sgath o atacou, lutando pela caça. Um frenesi alimentício começou, e o Sgath que tomou o sangue de Nika foi atacado, sua carne comida por seus irmãos famintos.

Apesar da mente de Nika se rebelar com semelhante desdobramento entristecedor, teve o conhecimento instintivo que estar no interior do Sgath quando morresse poderia matá-la também. Ela lutou enquanto o sangue da coisa umedecia o chão, lutando para se liberar. O monstro não queria soltá-la. Ela o fortalecia, de algum modo. Mais rápido e mais preparado.



Não queria morrer sozinho.

Frenética, Nika forçou seus medos dentro do Sgath, usando essa emoção para se propulsar fora de sua mente debilitada antes que morresse. Foi sugada de volta ao seu corpo, mas então era muito tarde. Seu sangue, o sangue que o Sgath usou para assumir o controle de sua mente, agora fluía através de uma dúzia ou mais de sua espécie. Todos a queriam dentro deles, fazendo-os mais rápidos e mais fortes, também. Sentiu-os puxar, puxando sua mente como se tentassem a arrancar dela. Ela endureceu, contra-atacando, se recusando a dar-se por vencida pelo bem de Tori. Mas era muito fraca. Não soube batalhar contra um, muito menos uma dúzia. Sua mente estava estilhaçada e rasgada. Brilhantes fragmentos de quem era Nika foram jogados na noite. Cada um dos Sgath reclamou sua parte, arrancando sua prudência.

Essa foi a noite que Nika ficou louca.

Madoc não tinha nem ideia de como sobreviveu o suficiente para que caçasse e matasse as coisas que a enfeitiçavam, para que ela pudesse resgatar todas as partes fraturadas de si mesma. Não estava sequer seguro se o que tinha feito foi suficiente.

Tori foi quem realmente salvou a vida de Nika.

A conexão tênue entre as duas irmãs brilhou como uma teia. Através dos anos, afinou até que só restou um filamento. Nika se negava a permitir que esse fio se rompesse. Sentiu sua determinação em se aferrar a essa conexão mesmo que Tori trabalhasse para cortá-la.

Por que fazia semelhante coisa, Madoc não tinha nem ideia, mas parte dele esperava que tivesse êxito. Nada nunca poderia machucar Nika. Nem sequer sua irmã. Ele se recusava até a considerar deixar que isso acontecesse.



Nika era sua dama agora e estava preso pela honra em protegê-la com sua vida, se fosse necessário. Já não podia deixá-la correr de um lado ao outro na noite, se arriscando a ser atacada por outro Synestryn que poderia arrancar pedacinhos de sua mente. Conseguiu assassinar a maior parte dos Sgath, mas e se um dos Synestryn mais fortes conseguisse um pouco de seu sangue? O que aconteceria se ela não pudesse combatê-lo? O que aconteceria se sua doce Nika ficasse danificada sem remédio, vivendo um pesadelo, forçada a permanecer para sempre encerrada dentro dos monstros enquanto matavam?

Era seu pior medo. Podia ver o maligno pulsando nesse terror ecoando através de sua mente, forjando cada movimento dele.

Ela preferia morrer que voltar para esse mundo de sangue, morte e loucura.

Madoc se asseguraria que isso nunca acontecesse, mesmo se ela terminasse o odiando pelo que agora sabia que tinha que fazer.

Capítulo 14

Nika sabia que a luceria lhe daria uma espécie de visão uma vez que a pusesse, alguma coisa da vida de Madoc. Não estava segura do que pudesse mostrar que já não soubesse. Esteve dentro dele, viu a escuridão que o infeccionava, e banhou sua alma na luz. Como poderia uma visão do que foi sua vida, ou do que o fez a pessoa que era, superar isto?

Mas o que viu não foi nenhum relâmpago do passado, como



ouviu dizer. O que viu foi algo que ela sequer imaginou.

O futuro.

Girava em volta dela, mais um conceito que uma série de eventos. Compreendendo mais emoção que outra coisa, o fluxo de possibilidades era infinito, tamborilando contra ela como chuva quente. A cada gota que caia, via outro futuro possível.

Alguns eram horríveis, manchados por sangue e morte. Outros eram tão doces, que quase podia sentir as lágrimas deslizando de alegria por suas faces. Cheirou a pele de um bebê em um momento; então no seguinte, sentiu o frio do sangue de Madoc escoando pelos seus dedos. A emoção de uma batalha vencida cresceu dentro dela, só para ser interrompida pela dor debilitante da mortes das suas irmãs.

Nika ria e gritava, furiosa com o mundo e celebrando milagres. A enxurrada de emoções continuou vindo para ela, enxameando sobre ela até que uma única permaneceu. Ela se sentiu presa. Inútil. Desesperada. Derrotada. Aquelas emoções formaram uma visão tão real, que sabia sem dúvida que a luceria mostrava mais do que simplesmente uma possibilidade. Mostrava seu futuro.

Estava trancada no interior de Dabyr, virtualmente presa. Reconheceu o espaço como a suíte de Madoc, mas não eram as paredes que a mantinham aqui. Era o voto que tinha feito na pressa.

Tinha prometido que não seria ferida e aquele voto permitiu que ele a prendesse no interior de Dabyr, onde achava que nenhum dano a podia alcançar. Permitiu que a mantivesse lá enquanto a última conexão que tinha com Tori deixava de existir. Naquele momento, Nika soube que sua irmã estava morta, e foi



seu voto que matou Tori. Nika também sabia que seu fracasso seria a coisa que a mataria. A culpa a comeria totalmente, abandonando-a numa concha zangada, uma mulher perdida.

Madoc sofreria ao observar isso acontecer, incapaz de fazer algo para o parar. Os dois se afastariam. A escuridão que espreitava dentro dele cresceria.

Andra iria se culpar, e a incapacidade de Paul de corrigi-la o roeria, deixando-o zangado e temeroso. Sua relação sofreria, também. Quando suas conexões enfraquecessem, sua magia também. As batalhas seriam mais difíceis de ganhar. Mais crianças humanas seriam roubadas dos seus pais. Inúmeras pessoas morreriam.

Nika não podia deixar nada disto acontecer. Estava destinada a lutar ao lado de Madoc, correr os mesmos riscos que ele. Não estava destinada a ser protegido por ser a mais velha. Tudo o que fizesse, todas as promessas que tentasse tirar dela, devia ser forte e recusar o juramento que destruiria a vida de tantos.

—Prometa-me,— ela o ouviu dizer fora dos limites da visão.

Nika abriu os olhos e olhou para Madoc. O sangue diminuiu em seu peito. Seu corpo nu brilhava com a transpiração, seus músculos tensos com o medo.

Ele deu uma sacudidela nela.

—Prometa que fará o que puder para ficar segura.

Era a armadilha sobre a qual a luceria a avisou. Seu voto agora arruinaria sua vida e as vidas de tantos outros.

—Não— ela sussurrou, mesmo com o desejo de dar tudo que queria queimando dentro dela. —Não posso prometer isto. Não o faço.

Madoc se levantou para ficar acima dela. Seu rosto estava



escuro com a raiva, e pode sentir as vibrações sutis que exprimiam seus músculos como se estivesse se contendo.

—Por que não?

Antes que pudesse responder, uma batida dura balançou a porta do dormitório.

—Nika, estão bem?— perguntou Helen, sua voz apertada com a preocupação.

—Saia do caminho,— veio a voz profunda de Drake; então entrou no quarto, sua espada desembainhada. Deu uma parada repentina, fitando o par nu na frente dele.

Madoc deixou sair um rosnado de aviso e puxou um lençol da cama, jogando-o em volta do corpo de Nika. Ela se apertou nele, capturando seu braço também para retê-lo.

—Tentei dizer que estava ocupado,— disse Logan.

Drake desviou os olhos mas não guardou sua espada.

—Logan, você sabe que não confio em você um pouco mais longe do que posso alcançá-lo com minha lâmina.

Helen pôs uma mão no ombro de seu marido.

—Temos de voltar lá para fora. Seu sangue estará atraindo companhia aqui.

Drake acenou com a cabeça e olhou Madoc.

—Limpe-se; então saia e me dê uma mão. Já salvamos seu traseiro uma vez esta noite. Helen está cansada.

—Estou ótima,— ela disse, lançando suas tranças para trás por cima dos seus ombros.

Os olhos de Drake seguiram o movimento antes de deslizar por seus seios.

—Sim, você está. Vamos.

O par os deixou, mas Logan permaneceu na entrada, seus



olhos pálidos cautelosos. Ele olhou Madoc.

—Funcionou? Ela chegou a tempo?

Madoc agarrou o corpo de Nika apertado.

—Veremos. Se meus ramos da marca da vida florescerem novamente, estamos seguros. Se não ...

—Ela vai,— disse Nika, colocando cada pedaço de sua fé no seu tom.

Madoc emoldurou sua face, seu toque tão doce que teve que pestanejar para afastar as lágrimas.

—Você e eu temos muitas coisas a falar.

Sabia o que ele pensava. Queria enrolá-la e escondê-la em algum lugar onde sua vida não teria nenhum significado. Isto não ia acontecer.

Mas agora não era tempo de discutir com ele. Agora mesmo, precisavam se lavar do sangue antes que ficassem presos dentro desta casa, como patos para cada Synestryn dentro de milhas.

—Depois,— ela disse. —Depois que tomarmos banho.



Algo dentro de Madoc mudou definitivamente desde que Nika pôs sua luceria; somente não estava seguro se era o bastante para torná-lo o homem que costumava ser. Todas as sensações violentas que pensou ir embora ainda estavam lá, batendo dentro dele, exigindo libertação. Queria matar Drake e Logan por ver o corpo de Nika. A única diferença era que agora também se sentia mal sobre isso.

Drake era seu amigo. Não devia querer matar o homem por ir



ver se Nika estava bem. Devia agradecer por se preocupar o bastante para olhar por ela. Sabia isto; simplesmente não mudava o fato que se o homem o fizesse novamente, poderia ser a última que faria.

Não era certo. Não era o modo como Madoc queria se sentir com seus irmãos. E seguro como o inferno não era o modo que queria se sentir em relação a Nika.

Queria ser doce com ela. Carinhoso. Ou pelo menos não a assustar e machucar como fez.

Madoc começou o banho, testando a temperatura para não queimar sua pele. Uma vez que estava bom, se afastou para que houvesse espaço para ela entrar.

Ela derrubou o lençol, deixando-o cair no chão. Suas costas estavam para ele, mas as linhas femininas das suas costas atraíram seus olhos abaixo ao traseiro mais bonito que já tinha visto. Era pálido e liso e tão apetitoso que teve que se agarrar ao balcão para não empurrá-la contra a parede enquanto a tomava.

Ela deu uma olhada no seu ombro nu.

—Você vai entrar comigo?

Inferno, não. Se chegasse na ducha, ia fodê-la novamente. Não importava que a tinha feito sangrar há alguns minutos, ou que estivesse certo que estava dolorida. Tudo que importaria era a água quente correndo por cima da sua pele e achar uma posição onde pudesse tomá-la fundo e duro sem deslizar e quebrar seus crânios.

—Vou me lavar na pia. Tenho que sair e ajudar Drake.

Seus olhos azuis se estreitaram.

—Você ainda me teme.

—Difícilmente. Que medo eu poderia ter de você?



Absolutamente. Você é quem deveria ter.

—Você ainda não entendeu, não é? Eu soube desde o primeiro momento que te vi que nunca me machucaria.

—Eu diria que a prova de como essa ideia é estúpida está manchando o interior das suas coxas. A fiz sangrar.

—Só um pouco. E não acho que podia ter sido evitado. Qualquer homem teria feito a mesma coisa.

A ideia de outro homem a tomando fez sua visão ficar vermelha em volta das bordas. Aquela raiva assassina voltava, explodindo dentro dele, o fazendo desejar algo que pudesse bater até uma pasta fluida. Teve que puxar várias respirações profundas para se acalmar o bastante para abrir à força sua maxila.

Nika segurou sua mão. Seus dedos delgados estavam molhados. A água corria por cima dos seus seios e abaixo da sua barriga, deixando-a rosada pelo calor da ducha.

—Venha aqui,— ela disse. —Você não tem que temer mais a mim.

Contra o bom senso, Madoc se adiantou um passo. Então outro. Não podia resistir ao puxão da sua mão.

Seus dedos molhados fecharam acima dos seus, puxando-o em direção a ela.

—Isto é um erro,— ele murmurou.

—Talvez. Talvez não. Você não quer descobrir?

Ele queria. Mais do que queria sua próxima respiração.

Ele entrou no box e Nika puxou a cortina atrás dele. Um sorriso feminino cheio de vitória enrolou sua boca.

—Viu? Não foi tão difícil, não é?

Oh, ele estava muito bem. Pulsando com a necessidade de tomá-la novamente, mas conseguiu apertar seus lábios fechados



e acenou com a cabeça.

Ela ensaboou suas mãos e as deslizou acima do seu peito, tirando o sangue ao lavar o corte superficial que já tinha se curado. Os ramos da sua marca da vida balançaram, seguindo seus dedos escorregadios onde quer que fossem.

Há muito tempo que Madoc sentiu o movimento da marca da vida como devia ser, quase esquecera como era a sensação. A ondulação doce abaixo da sua pele era consoladora. Normal. Nenhum broto se formou ao longo dos ramos ainda, mas isto podia levar tempo. Não ia se incomodar.

Por agora, tudo o que o incomodava era se assegurar que cada gota de sangue fosse lavada da sua pele. Isto, e manter seu pau para si mesmo.

Ele a girou para que a água borrifasse por cima dela, a mantendo quente, logo pegou o sabão das suas mãos.

—Temos que ser rápidos,— ele disse. —Não podemos deixar todo o divertimento para Drake e Helen.

—Tenho vontade de ver o que posso fazer. Todo o poder dentro de você está me chamando, me pedindo para deixá-lo sair.

As mãos de Madoc se moveram por cima dos seus ombros, deslizando ao longo da luceria. Estava ainda mais pálida do que devia, mas quando olhou, pode ver o deslize de redemoinhos brancos prateados dentro da banda. Eram da mesma cor do cabelo de Nika sob a lua de Inverno quando estava no cemitério.

A luceria tiniu ao seu toque, emitindo um zumbido feliz.

Suas mãos ensaboadas se moveram abaixo por seu corpo, deslizando por cima dos seus pequenos mamilos apertados, sob sua barriga chata, e pelos cachos pálidos entre suas coxas. Queria tirar cada traço de sangue, cada lembrança da dor que lhe deu



esta noite. Sabia que as memórias sempre permaneceriam, mas não havia nada que pudesse fazer sobre isto, mas tentaria substituí-las com outras melhores.

Seus dedos dividiram suas pregas, deslizando suavemente por sua pele quando a lavou. O impulso de escorregador seus dedos dentro dela foram quase esmagadores, mas se reteve, preocupado em causar mais dor.

Seu anel ainda vibrava ao mesmo tempo que seu colar, e quando passou por cima do seu clitóris, ela puxou uma respiração aguda. A cabeça de Nika retrocedeu de prazer como se gostasse da sensação. Madoc só lamentava não ter sido capaz de fazê-la se sentir assim quando a teve na cama. Ele tinha muita coisa a fazer. Ela não tinha gozado nem uma vez.

Normalmente, não teria se preocupado, mas com Nika, nada era normal. Era um ponto de honra, e a faria gozar, mesmo que tivesse que ser criativo para fazê-lo acontecer.

Uma variedade de ideias encheu sua cabeça, fazendo sua boca esticar em um sorriso.

—Podem duas pessoas realmente fazer isto?— ela perguntou.

Madoc acalmou a surpresa que caiu sobre ele.

—Você já pode ler meus pensamentos? Isto normalmente leva tempo.

—É o que faço.

Um surto de luxúria passou por ele.

—Então me diga o que acha disto.

Ele formou uma imagem na sua cabeça dela aberta, nua e se retorcendo na sua cama, enquanto a tomava com sua boca.

Seus mamilos endureceram contra seu peito e ela deixou sair



um gemido suave.

—Podemos fazer isto agora?

Madoc não queria mais nada, mas o dever chamava. Já tinham demorado muito mais do que deveriam. Tão poderoso como Drake e Helen fossem, não era inteligente deixar a proteção de Nika só para um par.

—Terá que esperar até regressarmos a Dabyr.

Ela ficou rija nos seus braços e levantou os olhos com uma inclinação desafiadora no seu queixo.

—Não vamos voltar lá. Vamos encontrar Tori.

Madoc sentiu que Nika fechava uma forte parede entre eles. Sua postura mudou. A maciez lânguida no seu olhar se foi e ficou frio. As boas-vindas femininas que estavam fluindo por ela há um momento secaram, deixando um espaço frio, deserto entre eles.

—Se pensa que vou me acomodar enquanto aqueles monstros continuam ferindo minha irmã agora que tenho acesso ao seu poder, você é quem está louco.

—Odeio interromper novamente,— disse Logan pela porta do banheiro, —mas temos um número substancial de Synestryn se aproximando.

Madoc tomou estas notícias como um oferecimento do céu. Antes que sacudisse Nika, ou fizesse algo que lamentaria, ia soltar sua frustração em alguns rosnadores.

—Vamos lá,— ele disse. —Quero-a onde possa vigiá-la.



Vigiá-la. Como uma criança.



Que inferno.

Nika escondeu sua fúria quando deslizou no moletom que Logan encontrou para ela.

Uma parte da cama foi cortada, junto com o sangue que tinha deixado atrás. Isto, junto com todos os outros panos sangrentos, se foi, e um fogo queimava no piso da lareira da sala de estar.

Ela se apressou pela sala e perscrutou a janela. Com certeza, uma pilha de demônios estava lá fora, encurralados por uma linha sinuosa de fogo que Helen tinha criado.

—Quero que fique aqui,— disse Madoc. —Logan, você se assegura que ela o faça.

—Pensei que eu o ajudaria a lutar,— disse Nika.

—Não você, mel. Mesmo se realmente soubesse o que faz, o que ainda não sabe, está muito frágil para uma luta. Você fica aqui. Segura.— Ele beijou sua testa e saiu correndo pela porta, espada na mão.

Nika virou para olhar Logan.

—Você tenta me parar e encontrarei uma dúzia de modos novos e interessantes de fazê-lo lamentar.

Logan levantou suas mãos elegantes, um pequeno sorriso brincando nos cantos da sua boca deliciosa.

—Eu nunca ficaria entre uma mulher e o homem que ela planeja ensinar uma lição. Prefiro olhar a demonstração.

Nika acenou com a cabeça e deslizou em um casaco. Seu cabelo estava molhado, a fazendo tremer logo que alcançou o ar frio da noite. Ela recuou atrás perto da casa, segura dentro do anel protetor de fogo, olhando e esperando uma possibilidade de ajudar.

Apesar do que Madoc achava, não era frágil. Não era inútil. E



ia mostrar.

—Qual a situação?— ela ouviu Madoc perguntar para Drake.

—Temos vários grupos separados pelo fogo. Estamos tomando-os um após o outro. Oeste a Leste. Fique à direita de Helen, fora da sua linha de fogo.

—Direita. Entendido.

Nika olhou como a chama saía com ímpeto do corpo de Helen. Parecia fluir sobre ela, como se sugasse o calor da terra. Consumida por uma incandescência laranja avermelhada que oscilava, ela levantou seu dedo e apontou um anel de fogo a aproximadamente dez pés. Dentro daquele anel estavam uma dúzia de demônios de vários tipos.

O medo rastejou ao longo da pele de Nika, mas se recusou a fugir. Esta era sua chamada, também. Como Helen. Pertencia a um campo de batalha e ela não ia deixar ninguém barrar seu caminho. Uma vez que aprendesse o truque de como matar essas coisas, usaria aquele conhecimento para libertar Tori.

Nika deixou só uma pequena parte da sua mente livre para que pudesse ficar de pé, e a enviou para Helen. A mulher estava tão ocupada, que sequer notou a leve intrusão.

O corpo de Helen fervia com o poder. Ele fluía nela pela sua luceria, enchendo-a tão completamente de um modo que Nika nunca imaginou existir. Ver isto, sentir isto, parecia como sua primeira respiração. Agora que viu, não queria abandoná-lo.

Havia tantas coisas acontecendo dentro da cabeça de Helen que era difícil seguir. Acima de tudo estava o poder das chamas mal controladas que comandava. Em seguida estavam uma sequência de ideias se movendo para a frente e para trás entre o par.



Quando Helen começou a diminuir uma seção de chamas para que os demônios pudessem passar um após o outro, Drake mostrou suas intenções e caminhou para a frente, sua lâmina pronta para derrubar o primeiro demônio antes que tivesse o tempo de se mover.

Ele abaixou à esquerda quando uma lança de chama saiu da mão de Helen na cabeça de um Synestryn escameado. Drake estava muito perto do alvo, as pontas do seu cabelo ficaram chamuscadas, mas o movimento não reduziu a velocidade da sua luta.

O concerto de pensamentos e ação vibrava entre o par, os permitindo trabalhar como uma unidade integrada. Humilhava olhar o belo par. Nika estava tão distraída por aquela conexão - tão ansiosa pelo que o par compartilhava - que quase esqueceu por que estava aqui, pairando silenciosamente na mente de Helen.

Tinha que aprender a usar seu poder da maneira que Helen fazia.

Nika se concentrou na mecânica da magia, em como Helen controlava o fluxo de energia entrando e do que pretendia fazer, tomando nela só o que precisava para executar cada tarefa. Havia um canal entre eles invisível ao olho nu, mas dentro da mente de Helen, a conexão incandescia brilhante, pulsando com vida e poder.

A energia ígnea rugia por aquele canal, era enfocada e formada por Helen, logo saía na noite, demônios ardentes, lançamento deles, ou aquecimento do ar em volta deles até que sufocassem por falta de oxigênio.

Depois de alguns momentos de estudo, Nika achou que podia



emular as ações de Helen, mas uma vez que deixou a mente da mulher, o conhecimento pareceu gotejar de sua memória, desbotando enquanto os segundos passavam.

Antes que se fosse todo, ela puxou o poder de Madoc da maneira que Helen fazia com Drake, mas em vez de um largo oleoduto de poder fervilhante, ela achou só uma onda minúscula de energia fluindo nela.

A decepção caiu sobre ela e se apoiou atrás contra a porta para se estabilizar. Nika não era como Helen. Era débil e inexperiente. Talvez com o tempo pudesse ficar como a outra mulher, mas Nika não tinha tempo. Tori precisava dela agora.

Madoc gritou algo que Nika não ouviu claramente acima do rugido do fogo e rosnados de demônios, e outra seção da parede ígnea diminuiu, deixando um novo grupo de Synestryn atravessar o anel de chamas. Ele esperava por eles, e cada giro poderoso do seu corpo deixava outro cadáver caído na terra.

A luz do fogo brilhava no sangue negro aos seus pés e lançava em seu rosto um relevo austero. Seu grande corpo era delineado pela chama, tornando-o uma mancha escura de movimento mortal contra o brilho. Nika o olhou e almejou coisas que não pode denominar. Partes dela que estavam dormentes começaram a acordar e a necessidade de se juntar a ele e lutar ao seu lado era quase esmagadora.

Mais uma vez, pôs a imagem do que Helen podia fazer na cabeça, usando como um exemplo, e puxou a onda delicada de poder que pairava entre eles. Ele saltou para ela, cruzando, a enchendo. A pele sob a luceria zumbiu e aqueceu, ajudando a expelir um pouco do frio que afundava nos seus ossos. Quando Nika puxou mais poder nela, ele ricocheteou dentro dela, saltando



em seus ossos, os fazendo doer.

Ela deixou-o crescer dentro dela, acumulando-o até que houvesse o bastante para atacar um dos demônios. Usando o exemplo de Helen, deixou o raio de energia passar por ela, saindo das pontas do seu dedo em uma torrente de chamas.

Pelo menos, era o que se supunha acontecer. Em vez disso, um borrito de faíscas gotejou da sua mão, queimando as pontas do dedo.

Ela gritou e sacudiu a mão, tentando libertá-la das chamas dolorosas.

Madoc girou na direção do som, rugindo em desafio. Um demônio viu a abertura e arremeteu para sua garganta. Nika congelou em pânico, fitando seus dentes serrilhados, cobertos com saliva enquanto ia matar. Ela tentou gritar um aviso, mas seus pulmões tinham fechado e não pode emitir nenhum som.

Uma fração de segundo antes do golpe da coisa, uma bola de chamas o atingiu e ele recuou diante de Madoc. Rolou de lado, gritando de dor. Uma parede de fogo subiu da terra, o separando dos monstros, protegendo.

Madoc correu por sobre a terra, não se incomodando em olhar para trás. Estava ao seu lado no espaço de três segundos, e naquele curto tempo, Nika percebeu o que tinha feito.

Ela quase o matou. Se Helen não estivesse lá para salvá-lo, aquela coisa teria arrancado sua garganta quando reagiu ao som da sua dor.

Isto nunca podia acontecer novamente.

Seus olhos passaram por cima dela.

—Onde está machucada?

—Estou bem.



—O que está fazendo aqui fora?

—Tentando ajudar.

—Vá para dentro e fique lá até que isto acabe. Você vai se matar.

Ou alguém mais. Não havia nenhum sentido em luta com ele. Ele tinha razão. Não imaginava como faria.

Nika virou e voltou para a casa. Logan estava lá, esperando pelo seu regresso na porta.

—Quer curar essas queimaduras?— ele perguntou.

Ela sacudiu a cabeça. Não estavam más. Só doloridas.

—Não. Acho que vou precisar delas para me lembrar do que é real e o que não é.

Capítulo 15

Pela primeira vez em quase um ano, os pés de Torr sentiam frio. Foi dormir com a sensação de nada e despertou com a sensação de frio.

Uma excitação encrespou por ele. Talvez tudo que o Sanguinar fez funcionava finalmente, ou talvez o veneno que o paralisava começava a passar. Fosse o que fosse, sentia algo, e só isso era digno de alegria. Ele tentou menear seus dedos do pé e sentiu o escorregador de um lençol deslizando através da sua pele. Ou talvez o tivesse imaginado.

Ele fez novamente, e desta vez, seu pé inteiro se contraiu.

As lágrimas de alegria deslizaram pelos cantos dos seus olhos e seu primeiro pensamento foi compartilhar as boas notícias com



Grace.

Então lembrou que tinha saído de viagem, um tipo de férias.

A decepção cresceu por um breves segundo antes que percebesse o que isto significava. Tinha alguns dias para recuperar sua força. Talvez pudesse até estar sentando sozinho quando ela voltasse. Talvez quando voltasse para casa, pudesse até cumprimentá-la em pé e apertá-la como quis fazer tantas vezes.

Naturalmente, havia mais coisas que queria fazer além de apertá-la, mas tudo isto podia esperar até que estivesse bastante forte para ser um verdadeiro homem para ela, a espécie de homem que ela precisava.

Sentiu uma agitação na sua virilha, viu o lençol se contorcer com o início de uma ereção. Alívio fez sua cabeça girar. Não achou que sentiria nunca isto novamente. Não importa o quanto Grace o acendesse, nunca era capaz de ficar duro. E agora só de pensar nela, ficava excitado.

Não havia nenhum modo que fosse capaz de agradecê-la por tudo que tinha feito. Não abandonou nunca a esperança de que se recuperaria. Ficou ao seu lado, mantendo seu corpo em movimento, para que não definhasse. Talvez fosse todo o esforço que expulsou o veneno do seu sistema. Pode ser que ela o tivesse curado.

Torr devia sua vida, e logo que chegasse em casa, ia se dedicar a fazer dela a mulher mais feliz do planeta.

Mal podia esperar.





A alvorada afastou o último Synestryn.

Madoc tremia quando a luta terminou, embora se de fadiga ou medo por Nika, não sabia.

Ela podia ter-se matado. Aquele pensamento socou no interior de sua cabeça, ameaçando deixá-lo louco com uma combinação pouco confortável de terror e raiva.

Ela era tão preciosa. Não podia se arriscar assim novamente.

Madoc a encontrou na sala de estar. Suas pernas estavam dobradas contra seu corpo e as apertava, olhando para o nada. Seus olhos estavam vermelhos, como se tivesse chorado, mas secos.

Ele expirou um suspiro de alívio. Realmente não achava que podia lidar com suas lágrimas.

Ela não o notara ainda, embora estivesse só a alguns pés. Seus pensamentos consumiam sua completa atenção.

Madoc a fitou, se enchendo com visão dela são e salva. Seu cabelo branco estava úmido e em desordem total. A fuligem sujava sua face e ambas as mãos. A roupa caía nela, suja e molhada. E ainda assim, apesar de tudo, era a mulher mais bela, preciosa que já viu alguma vez.

Merecia algo melhor do que ele. Sabia disto. Sabia que era muito áspero e rude para alguém tão delicado. Também sabia que faria o que fosse para torná-la feliz e encontraria um modo de ser o homem que merecia. Nunca a deixaria ir, e por isso, teria que evoluir, ser um melhor homem. Mais gentil. Mais doce. Talvez um homem sem alma como ele nunca pudesse amar, mas Madoc estava determinado a dar todo o resto que poderia precisar alguma vez ou querer.

Seu coração apertou forte, então soltou, sangrando com algo



que levou embora sua respiração com seu poder. Ficou tonto e fixou seus pés para se impedir de cair no chão. Sua pele assobiou ao longo da superfície como se um milhão de bolhas muito pequenas estourassem de repente. Um calor imenso se propagou por seu peito, quase muito para suportar. Aquele calor cresceu e se espalhou pelos ramos da sua marca da vida.

Madoc levantou sua camisa para ver o que estava errado.

Mil brotos minúsculos tinham-se formado ao longo dos ramos da sua marca da vida. Saltaram diante dos seus olhos, se avolumando com a vida.

Ele puxou uma respiração aguda. Choque irradiou por ele, fazendo-o balançar em seus pés.

Pelo canto do olho, viu Nika levantar do sofá. Veio e apertou sua mão contra sua pele.

Alegria cantou pelo seu corpo quando sua marca de vida conseguiu alcançar seu toque, balançando e tremendo com sua proximidade.

—Não sei como isto aconteceu,— ele disse. —Pensei que era tarde demais para mim, que minha alma tinha morrido quando tirou aquele anel.

Ela levantou os olhos para ele, seus olhos azuis cintilantes. Um sorriso tão brilhante como o sol erguia os cantos da sua boca cheia e ele sabia que sempre manteria esta imagem em seu interior enquanto vivesse.

—Parece que não,— ela disse. —Sinto se o assustei, entretanto.

Madoc cobriu sua mão, apertando-a contra o peito. Gostava muito da sensação dos seus dedos na pele para resistir. Fechou seus olhos, deixando seu toque fluir por ele, o acalmando. Tanto



aconteceu nesta noite. Tanto bom como mau. Ainda estava se recuperando, tentando compreender o que fazer depois.

Helen e Drake estavam em um dos quartos se limpando e se preparando para dormir. Logan partiu para descansar enterrado. Madoc pensou em ficar aqui também, mas com o toque de Nika, não estava mais tão cansado para dirigir para casa e alcançar a segurança de Dabyr.

Quando olhou abaixo para ela, fitando seus olhos azuis pálidos, todos os seus pecados passados o inundaram. Prejudicou muita gente. Até matou. Tynan. Sabia o que isto significava, o que devia fazer. Devia responder por aquele crime, e a punição era a morte.

Pediria que Joseph adiasse a execução, o bastante para encontrar outro Theronai compatível com Nika. Precisava de alguém para cuidar dela e dar-lhe poder para repelir os Synestryn que queriam invadir sua mente. Temia que sem o poder dele ou de um de seus irmãos, seria muito fácil para ela voltar à vida de antes, presa em um pesadelo vivo.

Não podia deixar que acontecesse novamente.

Joseph respeitaria o desejo de morte de Madoc e o deixaria encontrar outro Theronai para Nika. Estava certo disso. Mandaria recado a cada lugar seguro dos Sentinelas Theronai para virem, embora atualmente estivesse tomada. Não deixaria os homens a tocarem, mas encontraria um modo de convencê-la a ver a razão. Pagaria a Logan a dívida de sangue para curar suas bolhas.

Tanto quanto odiava a ideia do seu sofrimento, sabia que algumas bolhas não eram nada comparadas com a tortura mental que suportou. Era forte. Ele iria se assegurar que tomasse aquele caminho. E logo, quando encontrassem um homem compatível,



Madoc encontraria um modo de deixá-la ir aos braços de um homem que a merecia, aquele que não assassinara um aliado. Aquele que seria doce com ela e a trataria como o tesouro precioso que era.

O desgosto apertou sua garganta. Quase podia imaginar a espécie de vida que poderiam ter tido juntos, mas era melhor se bloqueasse aquelas imagens. Já seria o bastante a deixar ir sem pensar no que poderia ter sido.

Madoc limpou sua garganta.

—Devemos nos colocar em movimento.

—Onde?

—Para Dabyr.

O Nika ficou tensa e recuou. Sua mão escapuliu da dele e sua camisa retrocedeu por cima do seu peito. Algo estava errado. Podia ver em sua cara.

—O que é?— ele perguntou, pronto para resolver ou matar independentemente do que a incomodava.

—Não posso voltar lá.

Madoc carranqueou.

—Por que não?

—Você me prenderá. Todo mundo sofrerá.

A dor que irradiava dela era tão grossa que quase podia vê-la.

—Sobre o que está falando?

—A luceria me avisou. Não posso voltar lá com você.

—Não está segura em qualquer outro lugar.

—Exatamente.— Sua voz estalou com a palavra e ele a viu engolir como se tentasse repelir as lágrimas.

Madoc se adiantou, mas Nika recuou, mantendo a distância entre eles. Instintivamente, alcançou a nova conexão entre eles,



procurando a razão atrás da sua reação estranha. Sua conexão era nova, mas mesmo com um canal minúsculo entre eles, pode sentir o pânico gritando dentro dela. Era tão agudo, que ele retrocedeu, surpreso pela intensidade das suas emoções.

—O que está acontecendo, Nika? Fale comigo.

—A luceria me avisou que você me trancaria longe em Dabyr. Tori morrerá. Depois um monte de outras pessoas.

—Isto é ridículo.

—A luceria não pensa assim.

—A luceria não pensa. É só uma coisa.

Nika sacudiu a cabeça, fazendo escorregar as mechas brancas embaraçadas por cima da sua mandíbula. Seus olhos estavam arregalados e sua posição era defensiva quase protetora.

—Você está errado.

—Nika, por favor.— Madoc estendeu a mão para pegar a dela, querendo consolá-la, mas ela recuou, chocando-se com o sofá.

—Fique afastado de mim. E quero dizer isso.

—Realmente temos de ir para casa. Não a prenderei.— Como poderia quando viveria só o bastante para vê-la se unir com outro homem?

—Prometa,— ela exigiu. —Prometa que encontraremos Tori.

Madoc não podia fazer isto. Qualquer promessa que fizesse o prenderia. Seria obrigado a sustentá-la não importa como. Se promettesse que encontrariam Tori, então perderiam seu tempo correndo em volta em vez de encontrar um Theronai conveniente. Com uma sentença de morte pairando sobre ele, Joseph nunca permitiria aquela espécie da liberdade.

Mas, e se procurassem e nunca a encontrassem? Não podia



prender ambos em uma armadilha de uma promessa assim - não podia ter Nika perambulando pelo mundo à procura de uma irmã que poderia nunca encontrar, incapaz de parar mesmo se quisesse.

—Não,— ele disse em uma voz baixa. —Não posso fazer isto.

—Viu. Eu sabia. A luceria estava certa. Vocês querem me prender.

—Não quero. Nem sequer sabemos se Tori está viva.

—Sabemos. Eu sei.

Nika sabia muitas coisas que pareciam impossíveis para ela saber antes, e geralmente, Madoc estava disposto a arriscar seu próprio nome, acreditando nela. Mas não se Nika estava em jogo, também. Ele se recusava a colocá-la em risco de qualquer modo.

—Acredito que acha que está viva,— ele disse cuidadosamente, não querendo insultá-la chamando-a de mentirosa. —Mas também sei que sua mente não é só sua. E se esse pensamento foi plantado em você de alguma maneira pelo Synestryn que tomou seu sangue? E se é um truque para pegá-la do mesmo modo que tentaram fazer com Andra?

—Ela está viva,— afirmou Nika, a confiança em seu tom. —E vou provar.

Com isto, andou para a frente, agarrou a mão de Madoc, e a levou até sua garganta até que o puxão magnético das metades da luceria os trancou juntos. Aquele contato fortaleceu o fluxo do poder dele nela, a permitindo usar mais do que ele achou possível.

Quando a energia faiscou por sua conexão, Madoc sentiu a pressão com que conviveu por séculos começar a aliviar. Uma respiração longa, lenta saiu de entre seus dentes apertados e sua visão começou a falhar. Pontos brilhantes incandescentes brancos



se formaram nos seus olhos até que estava completamente cego por eles.

Seu corpo zumbiu, vibrando com o ímpeto da energia que Nika tomou dele.

—Olhe,— ela avisou. —Veja o que eu vejo.

Com isto, Madoc sentiu que seu corpo se dissolvia e sua mente corria pelo espaço em uma velocidade vertiginosa.



Joseph estava no topo da colina quando o sol nasceu. Junto dele, amarrado, amordaçado e fervendo de raiva, estava Chris.

Um sentimento profundo de pena ameaçou engolir Joseph, mas sabia que não podia seguir por este caminho. Chris tinha que morrer antes que matasse a gente de Joseph e os outros que juraram proteger. O voto que Chris fez de proteger humanos e manter o portão o prendeu enquanto sua alma vivesse, mas agora que estava morta, nenhuma promessa podia mantê-lo.

Chris tinha que morrer.

Joseph esperou, sabendo que os Slayers viriam. Sempre vinham, apesar da guerra estagnada que separava suas raças. O dever vinha primeiro. Sempre.

Um homem que Joseph nunca encontrou antes andou a passos largos morro acima. Com sua calça e camiseta, parecia qualquer outro homem na América. Exceto por suas orelhas ligeiramente pontudas, que tinha que procurar para notar. A jaqueta de couro marrom que usava estava aberta, como se o frio não o incomodasse.



Normalmente, os Slayers vinham em bando, mas o passo largo confiante deste homem disse que não parecia precisar da força dos números.

—Sou Andreas Phelan,— ele anunciou, empurrando sua mão na de Joseph.

Chocado pela saudação do homem, Joseph sacudiu sua mão, sentindo o calor desnatural da sua pele.

—Joseph Rayd.

—Ouvi sobre você. Meu avô diz que é homem de honra.

—É isso mesmo?

Andreas acenou com a cabeça, seus olhos fulvos indo para a marca da vida de Chris, estéril de folhas.

—Estou no comando dos Slayers agora.

—O que aconteceu ao líder anterior?— perguntou Joseph.

Seus olhos foram para Joseph, e o impacto daquele olhar constante chocou forte em Joseph.

—Arranquei sua garganta com meus dentes.

Claramente, este não era um homem para foder.

—As coisas estão mudando, Joseph Rayd,— disse o Slayer. — Muitos da minha raça podem cheirar sua chegada. As coisas vão piorar.

Joseph viu o homem que uma vez foi seu amigo. O rosto de Chris estava vermelho brilhante com a raiva, e se não fossem as amarras magicamente realçadas que o seguravam, Joseph sabia que o homem tentaria o matar agora.

—Pelo menos podemos concordar nisso,— disse Joseph.

—Ouvi rumores que encontrou mulheres de boa raça vagando pelo país.

Joseph não estava seguro de quanto compartilhar com um



homem que, apesar de como apareceu, era seu inimigo.

—Estou certo que são exagerados. Sabe como os rumores são.

Andreas sorriu lentamente.

—Posso cheirar uma mentira, sabe. Mas entendo. Você e eu não somos amigos. Ainda.

Com aquela observação enigmática, agarrou o braço de Chris e o puxou abaixo pela colina. Por cima do ombro, ele disse:

—Entregarei o corpo quando estiver feito.

Joseph ficou lá por um longo tempo, olhando os dois homens enquanto pode. Na próxima vez quanto visse Chris, estaria morto. Queria lembrar do homem que foi e não o que se tornou.

Mas até mais do que isso, queria que fosse o último que teria que arrastar nesta colina e condenar outro dos seus homens à morte.

Precisavam encontrar mais mulheres. Rápido. E seria sua responsabilidade ver o que acontecia. Joseph desceu a colina, se sentindo um século mais velho do que quando subiu.



Nika estava desesperada para encontrar Tori e provar a Madoc que ainda estava viva. O homem era tão teimoso que sabia que a menos que ele a visse com seus próprios olhos, nunca acreditaria.

Não que de fato tivesse olhos neste estado. Nenhum deles tinha, mas seriam capazes de usar Tori.

Se Nika pudesse alcançá-la.



Arrastou a mente de Madoc junto com a sua. Parecia que nadava transportando um peso de cinquenta libras, mas não havia nenhum outro modo. Tinha que ser assim.

Nika se concentrou na conexão frágil que tinha com Tori. Estava mais difícil agora do que só algumas horas antes. A algum tempo, Nika seria capaz de escorregar ao longo daquele caminho com tranquilidade, pousando dentro da mente de Tori, capaz de consolá-la e aliviar sua dor. Mas não mais. Tori ficou mais forte desde que começaram a alimentá-la com sangue Synestryn. Suas defesas eram formidáveis. Por que Tori não queria que Nika fosse com ela, não imaginava, mas fossem quais fossem suas razões, Tori ganhava a batalha.

O poder de Madoc deslizou nela, dando a nova força. Talvez pudesse usar aquela força para intimidar Tori e deixá-la entrar.

Sem mais que um pensamento, o poder fluiu em Nika. Aquela única onda delicada que se estendia entre elas pareceu incandescer brilhante por um segundo antes que estalasse perto da invisibilidade.

Nika canalizou energia naquela onda, imaginando que era um fio elétrico entre elas. A onda pulsou uma vez, então duas vezes, logo pulsou mais rápido e mais rápido até que ela a vislumbasse. A vitória fez Nika se sentir leve, aliviando a carga de transportar Madoc com ela.

Antes que fosse tarde demais, Nika puxou ambos ao longo daquela onda, perfurando pelo espaço até que pousou solidamente na mente de Tori. Como sempre, o seu lugar de reunião mental parecia com o dormitório que uma vez tinham compartilhado, o lugar do qual Tori tinha sido levada. Estava mais escuro do que Nika lembrava. Era noite fora das janelas. As



lâmpadas ao lado de cama estavam quebradas. Manchas como remendos oleosos cobriam as paredes, e não o papel de parede listrado purpúreo.

Tori estava sentada na cama, de costas para Nika, enquanto fitava fora da janela. Seu cabelo era longo agora, reunido no colchão abaixo dela. Era maior, também. Foi há tanto tempo que Tori a viu, que às vezes era fácil esquecer que tinha dezessete anos agora.

—Como chegou?— perguntou Tori sem virar. —Pensei que era mais forte do que você agora.

—Tive ajuda.

—Um homem,— ela disse, tremendo como se a repugnasse.

—Eu não gosto de tê-lo aqui.

—Ele tinha que ver que ainda está viva.

—Ele já viu. Agora mande-o embora.

Nika virou para onde a mente de Madoc pairava dentro de Tori. Aqui, parecia sólido e real como se estivessem de volta na casa Geraí no Nebraska. A confusão apertou seus traços quando olhou de Tori para Nika e atrás novamente.

—Você está ferida?— ele perguntou à ela, sua voz suave preocupada.

Um riso morto saiu da irmã de Nika quando virou e levantou da cama. Sua pele era um branco doentio, quase translúcido. Abaixo, suas veias eram visíveis, pulsando com um sangue muito escuro para ser humano. Seus olhos azuis que uma vez brilharam com a inocência pueril, agora eram tristes e desolados. Suas mãos se estenderam por cima da sua barriga grávida, em garras como se quisesse arrancar a criança do seu corpo.

—Lamento que apenas não me tivessem ferido— disse Tori.



O choque fez Nika ficar fria. Ela alcançou Madoc, lutando com o impulso de sair deste lugar direto ao calor do seu abraço.

—O que fizeram?— ele perguntou com horror.

—Eu diria que isto é um bocado óbvio. E se não quer que aconteça à Nika, a tire daqui antes que a encontrem.

—Hora de ir, Nika,— disse Madoc.

Era uma boa coisa que ele não estivesse no controle aqui.

Nika virou, o olhando furiosa.

—Irei quando estiver pronta. Até lá, você apenas feche sua boca e fique quieto.— Para Tori, disse, —Vamos resgatá-la. Tudo que preciso saber é onde encontrá-la.

—Mesmo se eu soubesse, eu não diria. Não posso ser salva. É melhor ir antes de que a levem, também.

—Talvez deva escutar ela, Nika,— disse Madoc. —Quero salvá-la, mas não pondo em perigo sua vida.

Nika o ignorou.

—Não é muito tarde. Não pode ser muito tarde.— Ela acabava de recuperar o bastante de sua sanidade mental e força para vir em busca de Tori. Não lutou todos aqueles anos de pesadelos só para falhar agora.

—É.— As palavras de Tori eram duras e frias, não como a criança que Nika conhecia. —Vão.

—Fiz uma promessa.

—Você não terá que se incomodar com isto por muito tempo. Esta coisa dentro de mim nascerá logo. A maioria das meninas não sobrevivem a isto.

—Quantas vocês são?— perguntou Madoc, sua voz um rosnado baixo de ameaça.

Tori encolheu os ombros.



—Não as vejo. Somente ouço seus gritos parando repentinamente e sei.

—Temos de tirá-la antes que isto aconteça,— disse Nika.

—É tarde demais para mim.

Nika sentiu que tentar fazê-la mudar de ideia sobre isto era uma batalha perdida. Mas talvez outro ângulo funcionasse.

—E as outras meninas? Talvez pudéssemos salvá-las.

Os olhos de Tori se fecharam e ela parecia estar lutando.

—Se ele a encontrar, ele ferirá você só para me machucar. Não quero isto.

—Quem a feriu?— exigiu Madoc.

—Zillah. Ele dirige este lugar, junto com uma menina que nunca cresce.

—Maura,— sussurrou Madoc.

—Você a conhece,— disse Tori, como se oferecesse condolências.

—Sei dela.

—Então sabe que não pode deixar Nika vir aqui.

—Parem, vocês dois,— ordenou Nika antes que sua conversa fosse adiante. —Eu vou, e não há nada que qualquer um de vocês possa fazer para me parar. A única pergunta é se me dirá onde está, ou se tenho que arrancar da sua mente.

—Eu já disse que não sei. Eles nunca me deixaram sair. Estou nessas cavernas há muito tempo, não posso nem lembrar da luz do sol.

A dor por sua irmã e sua infância perdida brotou de dentro de Nika. Lutava para não gritar, batalhando pelo controle das suas emoções quando a sala ficou brilhante.

Fora da janela do dormitório suja, o sol cresceu em uma



exposição brilhante de cor laranja e rosa. O movimento era mais rápido do que o natural, mas todos os detalhe até o último fiapo de nuvens e oscilação das árvores à distância era perfeito, como se fosse gravado em vídeo.

—Lá,— disse Madoc. —Foi meu nascer do sol favorito por todo esse tempo. Verão de 1803.

Tori estendeu a mão até que seus dedos foram banhados na luz. A sujeira enchia suas unhas irregulares e o sangue preto parecia escorrer da sua mão como se ocultando contra a luz.

—Obrigado,— ela sussurrou. —É mesmo mais belo do que imaginei.

—Como se lembrou disto perfeitamente?— perguntou Nika, tentando se concentrar em algo para não gritar.

—Lembro de tudo que vejo.

Tori levantou seu rosto para o sol, fechando os olhos como se estivesse se aquecendo na luz.

—Você realmente acha que pode salvar as outras?— ela perguntou. —Dar-lhes a luz do sol?

—Se soubermos onde está, faremos tudo para tirar todo mundo vivo. Mesmo você,— disse Madoc.

—Não sei como ajudar, então. Nem sei em que país estou.

—Então pare de lutar comigo. Deixe ser como era antes. Deixe a conexão entre nós voltar a ser o que era e serei capaz de encontrá-la.

—Não. Não a quero comigo quando esta coisa vier. Não a quero comigo enquanto morro.

A fúria inflamou por Nika, fazendo-a crescer dentro do contexto etéreo da mente de Tori. Sua cabeça bateu no teto e ela apareceu acima de sua irmã, sua voz um —boom— profundo.



—Você não vai morrer.

Tori deixou sair um riso sem humor.

—Você terá que ser muito maior do que isto para me assustar. Vivo com demônios, lembra?

Nika desinflou, voltando ao seu tamanho normal.

—Não pensei em assustá-la. Só quero que ouça a razão. Não vou sozinha. Madoc vai comigo. Ele tem dúzias de amigos poderosos que nos ajudarão a resgatá-la. Você não pode desistir ainda.

—O que acontece se eu morrer enquanto você está na minha mente?— perguntou Tori.

—Isto não vai acontecer.

Tori olhou para Madoc.

—Ela sabe que morrerá, também. Senti o conhecimento dentro dela. Quando as coisas ficaram más, quando o sangue com que me alimentaram quase me matou, senti seu medo da morte.

—É verdade?— Madoc perguntou à Nika. —Você morrerá se estiver com Tori quando ela morrer?

—Se ela morrer. Ela não sabe o que acontecerá.

—Você está evadindo minha pergunta. Você morrerá, também?

Nika curvou a cabeça.

—Sim. Acho que sim.

Madoc a puxou contra seu lado, a abraçando. Mesmo dentro deste espaço não-físico, ainda se sentia consolada pelo seu toque. Aquele conforto lhe deu força para continuar lutando por sua irmã.

—E se eu prometer deixar sua mente antes que o bebê venha?



—Ele não é um bebê,— rosnou Tori, girando em volta e mostrando os dentes. —É uma coisa. Um monstro.

Nika apoiou suas mãos e manteve sua voz calma.

—Sinto. Não entendi.

O abraço de Madoc se apertou e sua posição mudou para que ficasse entre Tori e Nika.

—Concordo com Tori que não pode arriscar sua vida, mas e se houver outro caminho?

—Que caminho?

—Você viu algo na noite que a levaram? Sinais de rua, edifícios de qualquer natureza?

—Alguns, talvez.

Ele olhou para Nika.

—Se pudesse ver essas memórias, poderia descobrir para onde foi.

—Como?

—Vaguei por este país por anos. Lembro de tudo que vejo. Eu poderia reconhecer algo nas suas memórias.

—Merece uma chance,— disse Nika. —O que acha, Tori? Você o deixará tentar?

Tori caminhou mais perto. Madoc empurrou Nika atrás dele como se tivesse que protegê-la de sua própria irmã.

Nika se moveu fora do seu alcance e viu a mão suja de Tori acima da testa de Madoc.

Um segundo depois, a sala explodiu em um milhão de luzes, e Nika e Madoc foram arremessado fora da mente de Tori.

Tori tremeu no escuro frio. Manteve seus olhos fechados tanto quanto possível, se agarrando à memória daquele nascer do sol. Podia quase sentir o calor dele na sua pele, o modo como



tinha lançado atrás o sangue manchado que tinham empurrado nela. Por um momento, Tori se sentiu quase como uma pessoa de verdade novamente, e não uma coisa a ser usada.

As lágrimas vazaram por suas pálpebras fechadas, o calor correndo contra sua pele gelada. Ela sentia tanta falta de Nika. Ter ela na sua mente era tão bom. Assim como um consolo.

Não podia deixar acontecer novamente. Se o nascimento da coisa dentro dela não a matasse, sabia o que aconteceria. Não queria Nika lá quando Zillah a machucasse novamente, pondo outra coisa dentro dela. Antes, seu desejo pela morte era fácil. Não tinha nada para viver além da dor e solidão. Mas agora, graças a Madoc, se encontrou almejando o sol e seu calor.

Queria viver o bastante para sentir a luz do sol na sua pele de verdade, só mais uma vez.

Se Zillah alguma vez descobrisse, veria no seu desejo uma fraqueza para usar contra ela. Zombaria dela, o suspenderia na frente dela em um esforço para ganhar sua cooperação, logo levaria embora toda a esperança que alguma vez teve.

Tori não ia deixá-lo ter isto, também. Ia enterrar o presente de Madoc profundamente, mantendo-o longe onde Zillah nunca o sentiria. E logo, quando sentisse a morte vindo por ela, arrancaria a memória e a envolveria em volta dela para não morrer sozinha na escuridão.

Capítulo 16

Madoc sentiu como se alguém quebrasse um elástico



gigantesco contra seu cérebro.

Ele voltou para dentro do seu verdadeiro corpo, encolhido em um monte no chão com Nika. Seu estômago balançou perigosamente. Ele tentou se afastar para não vomitar nela, mas antes que pudesse, seu estômago ajustou e sua cabeça começou a reduzir a velocidade.

Madoc deixou sair um gemido baixo, incapaz de parar o barulho efeminado que escapava.

Nika arquejava.

—Desculpe. Normalmente não é tão brusco.

Madoc ajudou Nika a se sentar até que suas costas estavam apoiadas contra o sofá.

—Eu realmente preferiria se nunca fizéssemos isto novamente.

—Tentarei avisá-lo da próxima vez,— ela disse.

Pelo menos então ele podia se segurar.

—Você sabe onde Tori está?— ela perguntou.

Tori enviou uma enxurrada de imagens em sua cabeça uma fração de segundo antes de empurrar ele e Nika longe. Essas imagens estavam lá, em sua mente, mas eram muito bagunçadas e confusas para fazer sentido.

—Vou ter de classificar as imagens primeiro. Pode levar tempo.

—Você sabe que não temos muito tempo.

—Sei. Mas também sei que não vamos resgatar ela e os outros sozinhos. Temos que reunir os homens, entrar com todos que pudermos encontrar. Voltaremos a Dabyr e falaremos com Joseph para planejar nosso ataque.— Ele não estava seguro se Joseph o deixaria ir ou não. Ele poderia trancá-lo simplesmente



em uma cela sob Dabyr até que o novo Theronai de Nika fosse encontrado.

A ideia de ser preso assim fez algo escuro e perigoso crescer dentro dele. Sua alma podia não ter morrido completamente, mas claramente não estava livre da escuridão que quase o consumiu. Ele teria que lutar para voltar, e lutar para fazer o que sabia ser certo.

Talvez pudesse convencer Joseph a deixá-lo seguir nesta última missão. Eles precisariam de toda ajuda que pudessem, e não havia muitos homens vivos melhores que ele com uma lâmina.

—Eu disse que não voltaria lá— disse Nika.

—Não vou prender você. Realmente queria que parasse de se preocupar com isso.

—Tenho que me preocupar. Há muito em jogo.

Ela tinha razão sobre isto. Ela só não sabia o quanto.

—Estamos voltando apenas para reunir os homens.

—Você não tentará me fazer ficar lá enquanto vai atrás dela?— Sua voz soou incerta, desconfiada.

—Se precisarmos de você, estará ao meu lado.

—Exatamente. Se precisar de mim. Você não precisa. Você não acha que precisa de ninguém.

—Preciso de você,— ele disse. —Sem você eu morro. Não é o bastante?

—Não. Nem de perto. Quero o que Helen e Drake têm. O que Paul e Andra têm.

—Podemos ter isto, também,— ele mentiu, sem vontade de esmagar seus sonhos ainda. Ela os teria só que não com ele. —Vai levar algum tempo. Não posso arriscar sua vida agora, enquanto



ainda tem tanto para aprender. Você nem sequer sabe como se proteger.

—Aprenderei.

—Antes que o bebê de Tori nasça?

—Sim. Entrarei na mente de Gilda. Aprenderei dela.

Madoc levantou a mão dela, mostrando seus dedos queimados.

—Parece que tentou isto com Helen e não foi exatamente bem sucedida, não é?

—Tenho que fazer isto, Madoc. Ela é minha irmã. Prometo que não correrei nenhum risco desnecessário.

Quando ela proferiu as palavras, Madoc as sentiu se instalando acima dos seus ombros, o peso reconfortante. Talvez essa fosse uma daquelas vez que precisava se comprometer. Ela prometeu ter cuidado e estava agora presa àquela promessa. Talvez esta coisa de sociedade significasse que tinha que dar algo em troca. Poderia ser a última coisa que lhe desse.

Palavras bonitas não eram seu forte, mas tinha mudado nas últimas poucas horas. Para Nika, devia tentar ser um homem melhor.

—Prometo que só voltaremos a Dabyr tempo bastante para reunir nossas forças e compreender onde Tori está. Se eu partir para lutar, você pode vir comigo. Certo?— Ele ainda a enganava. Se Joseph o encarcerasse, Nika teria de ficar em Dabyr, onde estaria segura.

Nika acenou com cabeça.

—Não é exatamente uma promessa de nunca me prender, mas tomarei o que posso conseguir por agora. Tori vêm primeiro.

—Bom. Então está combinado. Vamos pegar Drake e Helen e



ir para casa.



John acordou numa cama vazia.

Não era a primeira vez que acontecia, mas nunca doeu antes como agora. Ele e Meghan ficaram ontem juntos falando, rindo e conhecendo um ao outro enquanto as equipes trabalhavam para limpar as estradas. Seu carro de aluguel seria rebocado assim que pudesse. John pensou que ela ficaria com ele pelo menos até que fosse feito. Especialmente depois da noite passada, depois de fazer amor tantas vezes que jurou ser capaz de saber a diferença entre ela e mil outras mulheres simplesmente pelo modo como respirava, pela sensação da sua pele.

Ao que parece, estava errado.

A nota que deixou no seu travesseiro dizia que tomou um táxi para o aeroporto. Tinha que voltar para casa, para sua vida.

Como era sua vida?

Parecia tão vazio e deserto sem ela. Ela trouxe música ao seu mundo, e agora que se foi, tudo era o silêncio cinza. John não estava disposto a deixar terminar assim. John encontrou mulheres inúmeras, mas Meghan foi a primeira que o fez considerar como seu futuro podia ser se o compartilhasse com alguém. Pela primeira vez, a ideia de para sempre com a mesma pessoa não era um conceito alheio que não podia envolver em sua cabeça.

O único problema, era que John tinha que encontrá-la.

Ela não deixou seu número telefônico, e uma pesquisa rápida online do seu nome não encontrou nenhum número. Ele,



contudo, lembrou-se de sua menção do nome do lugar onde trabalhava. Fenix era um inferno de longe, mas não tanto que não estivesse disposto a ir por uma mulher como Meghan. Além disso, estava um frio maldito aqui, de qualquer maneira.

John tomou banho, empacotou uma bolsa, e estava a caminho do aeroporto menos de quinze minutos depois.



Madoc lutou com as imagens que Tori pôs em sua cabeça enquanto Helen levava os quatro de volta a Dabyr. Drake estava no telefone, falando para Nicholas sobre a reunião dos Theronais. Ao que parece, Joseph partiu e seria incapaz de emitir a ordem para aqueles que estavam fora regressar.

Também significava que não podia condenar Madoc ainda.

Que fosse. Madoc não podia fazer nada sobre isto, e se não decifrasse os pensamentos que Tori colocou em seu cérebro, não importaria se os homens estivessem prontos para entrar em batalha. Não saberiam onde ir.

Nika sentou em silêncio junto dele atrás do carro, fitando o sol subindo pela janela.

—Pode imaginar como seria viver sem o sol?— ela perguntou.

—Os Sanguinar parecem estar bem com isso— disse Madoc, esperando distrair Nika de se preocupar com sua irmã. Ver a dor em seu rosto quebrou seu coração, e ele queria fazer tudo que pudesse para removê-la.

Nika se mexeu no seu assento, virando na direção dele. Seus olhos combinavam com a cor do céu atrás dela, e por um



momento, Madoc esqueceu tudo sobre seu trabalho. Era tão bonita. Tão delicada. Não tinha nenhuma ideia do que fez para ter a sorte de tê-la para si, mas sabia por certo que faria tudo para mantê-la segura e feliz enquanto fosse sua.

Uma vez que encontrassem Tori, convenceria Nika a ficar em Dabyr com ele. Manteriam um ao outro, compensariam o tempo perdido, e o conforto de achar um ao outro. Ele só queria estar livre para sair e apossar a criatura que estuprou Tori, e quem sabe quantas outras meninas, e o abafar até a morte em seu próprio pau. Quando permitiu a noção do que ela devia ter suportado se introduzir nos seus pensamentos, a raiva subiu por ele, fazendo os limites do carro parecerem muito pequenos.

A mão de Nika tremulou à sua garganta, tremendo quando tocou a luceria.

—Não sei o que você está pensando,— ela disse, —mas não gosto disso.

Imediatamente Madoc silenciou os pensamentos e enfocou em vez disso no cenário que passava por eles.

—Desculpe. Terei mais cuidado.

Ele teria que aprender a se controlar melhor. Não podia permitir que a conexão que tinha agora com Nika a chateasse.

Madoc puxou uma respiração profunda, forçando-se a se acalmar. Uma coisa de cada vez. Primeiro, desembaralharia a desordem que Tori lhe deu e dar sentido a isso. Era o primeiro passo. Depois disto viria encontrar Tori e enfrentar sua sentença.

Nika tocou sua mão.

—Você está frustrado. Zangado. Temeroso. Nunca o vi temeroso antes.

—Vou superar.



—Já compreendeu para onde vamos?— perguntou Drake do assento dianteiro.

—Estou trabalhando nisso.

—Trabalhe mais rápido. Nicholas está chamando todo mundo, mas não ficarão por muito tempo. Sabe como é.

Madoc sabia. Além da caça e matança de cada Synestryn que pudessem por as mãos, os homens também procuravam as mulheres que sabiam estar lá fora. Além de Tori, que se pensava estar morta, havia pelo menos mais uma fêmea Theronai vagando no mundo. Jackie, a filha de Lucien, que gerou tanto Helen como Lexi.

Era uma corrida para ver quem podia encontrá-la primeiro, e a única coisa que dava esperanças aos seus colegas Theronais.

—Sei,— disse Madoc. —Estou fazendo o que posso.

—Deixe-me ajudar,— ofereceu Nika.

—Não sei como poderia. Tori não pôs essas imagens na sua cabeça. Ela as pôs na minha, e estão tão misturadas que não posso dar sentido a elas.

—Talvez eu possa. Sei o modo como Tori pensa. Estive na sua mente por anos.

Madoc encolheu os ombros.

—Vale uma tentativa.

Nika soltou seu cinto do assento e rastejou em seu colo, escarranchada sobre ele. O calor entre suas coxas queimou pela sua calça, e ele estabeleceu o recorde de velocidade na terra pela ereção mais rápida que nunca.

Madoc moveu, tentando não beliscar sua masculinidade. O movimento fez Nika pular em cima dele, que naturalmente, fez seus seios sacudirem sob sua camisa de algodão.



Ele sabia que os fitava, mas não podia parar. Tudo que podia pensar era como seus pequenos mamilos duros se sentiam contra sua língua, como endureciam mais quando os sugou. Como se ela lesse seus pensamentos, seus mamilos franziram, pressionando contra sua camisa.

Ela não usava sutiã. Tão pequena como era, realmente não precisava de um, mas isto significava que tudo que precisava fazer, era erguer sua camisa e podia beijar, lambe e sugar seus mamilos até que ela pedisse mais. Aquele pensamento o deixou frio. Nika provavelmente não pediria mais do que lhe deu na sua última noite. Ele a machucou. A feito sangrar.

—Nada disso,— ela ralhcou. —Foi perfeitamente normal e não vou deixá-lo me sentir mal sobre isso.

—Você está lendo meus pensamentos?— ele perguntou, arrancando seus olhos longe dos seus seios, a título de prevenção.

—Você pediu minha ajuda. Além disso, acho que gosto de alguns desses pensamentos que está tendo. Tentaremos essa coisa sexual inteira novamente depois.

Quando não estivessem em um carro. Com público.

Helen dirigia. Ela olhou pelo espelho retrovisor e encontrou o olhar fixo de Madoc.

—Acho que um pouco de privacidade seria bom,— ela disse; então seus ouvidos estouraram quando levantou uma barreira à prova de som do ar em volta dele e Nika.

—Eles não podem nos ouvir agora, não é?

—Não.

Um sorriso lento, lânguido ergueu a boca de Nika e Madoc pode apenas olhar. Ele ainda não tinha esquecido uma única das suas fantasias que incluíam sua boca. Mesmo agora sendo o pior



momento possível para lembrar delas, cada uma voltou após a outra.

—Tentaremos tudo isto, também. Logo,— ela prometeu. — Mas tem que parar de pensar nessas coisas indecentes e se concentrar no que Tori deu.

Certo. Tori.

Eles tinham uma menina muito jovem, muito assustada, muito grávida para salvar. O fato que também fosse a irmã de Nika era motivação adicional.

Madoc valentemente ignorou seu tesão e fechou seus olhos para não ser distraído pela boca de Nika novamente. Ele se concentrou nas barulhentas imagens entrelaçadas que Tori forçou nele e as deixou bruxulear pela sua mente. Eles passavam tão rápido, que não faziam sentido para ele. Tinham uma falta de clareza de luz e cor, muito insubstancial para entender de fato.

—Temos de deixá-las mais lentas,— sussurrou Nika.

Madoc ouviu-a com seus ouvidos, mas sentiu sua voz dentro da sua cabeça, também. Era estranho, mas não desconfortável. Ela parecia ser capaz de invadir seus pensamentos sem ocupar qualquer espaço, e sem excluí-lo.

Ele sentiu uma corrente de poder escorrendo do seu corpo, aquecendo a luceria em volta do seu dedo quando o passou a Nika. Ele não tinha nenhuma ideia do que ela fazia com a energia, mas seja o que for, era bom. A pressão dentro dele aliviou. Ele puxou uma respiração profunda, sentindo seus seios pressionarem contra seu peito.

Seria tão bom tê-la novamente nua, só mais uma vez. Desta vez, seria gentil. Cuidadoso. O faria lento e fácil. Não haveria mais sangue. Nem dor. Só prazer, tanto quanto fosse capaz para lavar



todas as lembranças de como arrancou sua virgindade e a deixado sangrando.

—Pare com isso. Estou cansada de você se torturando por isso. Me diverti bastante.

—Não tanto quanto deveria.

—Como sabe?

—Eu sei. Da próxima vez, você também.

—Vamos ver isso.

Houve uma sensação de zumbido em seu crânio e, depois, de repente, algo nas imagens passando em sua cabeça mudou. Diminuíram de velocidade até passar em sua mente num ritmo que podia realmente ver.

Como um filme bizarro, cada evento passou por ele. A maioria eram paredes da caverna escura. Em alguns, pôde ver os braços e pernas gorduchas da menina que Tori era quando se olhava a si mesma. Em outros, seus membros eram mais longos e finos. No momento seguinte, estava gordinha de novo.

—A ordem está confusa,— disse Nika. —Precisamos resolver isso e voltar à noite que ela foi capturada.

—Você sabe como fazer isto?

—Acho que assim. Me abrace.

Novamente, Madoc sentiu um fluxo de poder saindo dele. A conexão minúscula entre eles chamejou, permitindo-a empreender mais da energia que esticava do seu interior. Enquanto fazia isso, a tensão que esteve transportando por anos começou a aliviar. Pela primeira vez em décadas, quis puxar uma respiração completa. Estava tão emocionado por esta vitória que não prestou atenção às imagens.

Elas pararam, e ele sentiu que o corpo de Nika se apertava



enquanto sentia seu medo invadindo seus pensamentos, como uma pequena espiral úmida de fumaça. Madoc voltou sua atenção aonde devia e viu o que assustou tanto Nika.

Era a cara de um homem que não era um homem em absoluto. O topo da seu crânio era um bocado largo, seus olhos negros muito aprofundados. Seus lábios cor de sangue estavam esticados para trás em um sorriso horrível, expondo duas linhas de dentes pontudos.

Zillah.

O nome repercutiu em sua mente como um tiro de espingarda. Isto foi a coisa que roubou Tori. A criatura que a machucou. Estuprou.

—Não o olhe,— disse a Nika. —Mova a imagem para outra.

Sua voz tremeu com a fúria.

—Quero vê-lo morrer.

—Assim como eu, mas isto terá que esperar até que possamos encontrá-lo. Mostre-me algo que posso usar.

Nika tremia, embora se de medo ou raiva, não podia saber. Ele passou as mãos de cima para baixo em suas costas, esperando a acalmar. A sensação de seu esbelto corpo sob suas palmas conseguiu acalmar algo dentro dele, também. Ela estava aqui, nos seus braços, sã e salva, e nada nem ninguém ia mudar isto.

A imagem mudou; desta vez, era uma vista a céu aberto, as maxilas do sgath salivando. Nika prontamente atravessou várias imagens manchadas como se querendo escapar daquela. A seguinte em que ela parou foi do seu quarto de infância.

—Isto é antes do ataque,— ela disse. —A janela não está quebrada ainda. Adiantarei um pouco.

Na próxima vez quanto parou, ele viu o que parecia ser Tori



na noite que foi levada. Como um sgath a tirou pela janela, ela olhando atrás para Nika muito mais jovem.

Era somente menina. Seu cabelo era escuro então, não esbranquiçado pelo medo como agora. O sangue escoava de uma ferida na sua perna, mas ela o ignorou. Ela estendia a mão na direção de Tori, seus lábios se movendo como se falasse.

—Certo. É aqui,— ela sussurrou. —Você tem que encontrar onde ela foi. Vou me mover pelos pensamentos um por um.

O que Tori viu naquela noite fluiu na frente de Madoc como um filme. Ele esfregou cada imagem, procurando marcos, sinais, ou algo mais que pudesse conduzi-lo aonde Tori estava.

Não viu nada familiar. Havia ainda uma espécie de distorção. Tanto que ele via simplesmente... mal. O fracasso se abateu nele, esmagando a respiração dos seus pulmões. Como ia admitir sua derrota para Nika?

Ele não queria que ela visse seus fracassos. Ele queria ser seu herói.

—Você não é um fracasso,— ela disse. —Teremos somente que tentar novamente.

Ele já pode sentir sua fadiga. Ela era nova com seu poder, e não importa quanto quisesse encontrar Tori, Nika tinha que ser sua prioridade.

—Temos que parar.

—Não podemos,— disse Nika. —Estamos muito perto.

—Temos tempo para compreender isto. Levará pelo menos um dia para juntar todo mundo em casa e prontos para nos movermos.

—Quero ir esta noite.

—Sei disso, mas se nos movermos muito rápido, não teremos



bastante pessoal para salvá-la. Sei que não quer isto.

Seu olhar endureceu e sua boca apertou.

—É só um homem, uma criatura. Posso matá-lo eu mesma se chegar o bastante perto. Tudo que preciso é uma arma.

—Não vou deixá-la se arriscar assim. Vamos fazer isto direito. Ninguém vai sozinho. Ponto final.

—Você não vai me impedir de procurar Tori. Ninguém vai.

—Não estou tentando. Estou tentando ajudá-la a ver a razão. Não posso controlar as imagens sem você, e você está muito cansada agora mesmo para ser de muita ajuda. A melhor coisa que pode fazer por Tori é tirar uma soneca a caminho de casa; então tentaremos novamente.

—Não conseguirei dormir. Não agora que sei o que eles fizeram. Devia saber antes.

—Por quê? Você disse que ela esteve se afastando por algum tempo.

Nika acenou com a cabeça.

—Por isso. Ela não me queria com ela quando ele a estuprou. Devia estar lá.

—Não,— disse Madoc, sua voz muito barulhenta e zangada. Ele se lembrou de ser doce. —Ela a protegeu por amor. Não menospreze seu presente lamentando. Além disso, como sabe se não teria sido pior para ela com você lá testemunhando, sofrendo com ela?

—Ela é só uma menina.

Madoc puxou uma respiração calmante e passou a mão sobre seu cabelo.

—A traremos para casa logo.

—Tori não tem muito tempo.



—Sei.

—Se aquele bebê, ou o que seja, vier antes que a encontremos, ela não poderá fazê-lo.

Madoc não podia deixar a imaginação de Nika ir lá - não quando havia ainda uma possibilidade.

—Ela o fará. Vamos conseguir um Sanguinar que assista o nascimento e o faça seguro para ela.

—E o bebê?— perguntou Nika, tremendo.

Madoc não tinha nenhuma resposta.

—Trataremos com isto quando chegar.

—Não posso imaginar o que passou, como foi bastante forte para suportá-lo e ainda tentar me proteger. Quem a protegia?

—A partir de agora, nós. Todos nós. Ela é um dos nossos e encontraremos um modo de trazê-la para sua casa.

—Talvez não deva dizer a Andra que está viva. Talvez seja mais gentil para ela nunca saber o que realmente aconteceu a Tori.

—Andra é forte. E Tori não está morta ainda. Há ainda uma possibilidade.

—Você pensa assim?

—Você encontrou um modo de me salvar quando estava certo que era uma causa perdida. Estou certo que faremos o mesmo por ela.

Nika se aconchegou contra seu peito, encaixando sua cabeça sob seu queixo.

—Você continua me dizendo isto, certo? Tenho a sensação que preciso ouvir mais que uma vez.

Madoc apertou seus braços em volta da mulher mais preciosa que já existiu alguma vez. Ela não desistiu dele quando não havia



nenhuma razão para esperar. O mínimo que poderia fazer era manter sua esperança viva tempo bastante para ajudá-la a terminar isto.

Tudo o que acontecesse, não estaria sozinha. Ele estaria aqui mesmo com ela, dando sua esperança, a segurando perto, e, se necessário, secando suas lágrimas.

Nika era sua agora, e enquanto ela quisesse, ele não a deixaria.

Ela tinha ficado acordada na noite passada, zelando por ele enquanto estava ferido. Precisava do seu descanso. Ainda não estava convencido que estivesse completamente sadia.

—durma um pouco,— ele sussurrou. Ele juntou as faíscas miúdas de poder que flutuavam no ar e as usou para pôr uma fraca insinuação de compulsão nas palavras. —Estaremos em casa logo.

O corpo de Nika descansou contra o seu e sua respiração nivelou quando adormeceu.

Madoc se inclinou atrás no assento, fechou os olhos, e se forçou a atravessar aquelas imagens horríveis novamente, uma por uma. Ele precisava aprender a controlá-las, retirar o que as alterava, e dar sentido a elas assim Nika nunca teria que vê-las novamente.

Ele sabia que se algo acontecesse a Tori, essas imagens seriam as coisas que mais assombrariam Nika.

Capítulo 17

Dabyr zumbia com atividade quando chegaram. O



estacionamento subterrâneo estava quase cheio. Adolescentes curiosos tentavam parecer indiferentes enquanto procuravam uma pista quanto ao que acontecia.

Madoc ignorou tudo e levou Nika ainda dormindo diretamente à sua suíte. Não estava seguro se o fazia porque estava preocupado por ela ficar na sala novamente, ou se porque gostava da ideia dela em sua cama. Talvez um pouco de ambos.

Ele a aconchegou, são e salva, e simplesmente olhou para ela.

Tão bonita. Tão perfeita. Seu peito doeu somente por olhá-la.

Ele desejou que houvesse mais tempo, mas havia muito trabalho a ser feito. Era tempo de enfrentar Joseph. Madoc prendeu sua velha espada, familiar em volta dos seus quadris e acabava de deixar sua suíte quando quase bateu em Nicholas.

A cara do homem era difícil de ler atrás da rede de cicatrizes perfeitas, mas seus olhos diziam tudo. Ele fitou o espaço onde o colar de Madoc esteve uma vez, sua mão à toa deslizando por cima da sua própria luceria.

—Tive que ver por mim,— ele sussurrou. —É verdade.

Madoc acenou com a cabeça, comprimindo a mistura rara de orgulho, alegria e pena que inchava dentro dele.

—Sim, é verdade.

Nicholas bateu no seu ombro.

—Você é um inferno de bastardo feliz. E espero que me compre uma cerveja por bancar o casamenteiro.

—Casamenteiro?

—Certo. Sou aquele que continuou abrindo portas para que os dois pudessem ficar juntos. E não pense que esqueci o que fez à minha câmara no ano passado. Você me deve.

Algo se aqueceu dentro de Madoc, mas não era inteiramente



cômodo. Ele engoliu algumas vezes para libertar suas cordas vocais do que as tinha fechado.

—Obrigado— ele finalmente conseguiu dizer. —Você é um verdadeiro amigo.

—Finalmente percebeu isto. Babaca.— O rosto de Nicholas fendeu-se em volta de um sorriso. —Vamos lá. Joseph acabou de chegar. Ele vai precisar de informações. Melhor vir da boca do cavalo.

No momento que chegaram ao escritório de Joseph, já estava reunido com pessoas. Drake e Helen sentaram-se calmamente a um lado. Gilda estava encolhida num canto, chorando. Angus estava perto dela, mas não oferecia qualquer tipo de conforto, o que era estranho. Ele conhecia aqueles dois há séculos e mal podiam manter suas mãos longe um do outro.

A maxila de Angus estava tão firmemente apertada, que Madoc se admirou dos músculos do homem não saírem da sua mandíbula. Joseph sentou na sua escrivaninha, esfregando suas têmporas. Seus olhos estavam afundados, seus ombros caídos.

Ele levantou os olhos para Madoc.

—Qual é a emergência?

Madoc olhou para Drake.

—Você não disse?

—Ele apenas regressou de entregar Chris aos Slayers. Pensamos em lhe dar um minuto,— disse Drake.

—Só fale e acabe com isso,— disse Joseph. —Já tive que mandar um amigo à sua morte. Este dia não pode ficar pior.

Joseph parecia tão cansado, que Madoc decidiu ter pena do homem e ser curto e grosso. Ele endireitou seus ombros.

—Sinto, mas você vai ter que me matar, também. Matei



Tynan. Sei que isto significa que minha vida está perdida, mas peço que me deixe ajudar Nika a encontrar outro Theronai para tomar meu lugar antes que você execute minha sentença.

—Tynan não morto,— disse Nicholas, carranqueando. —O vi há pouco tempo.

—Como eu— disse Angus.

Confuso, Madoc disse:

—Mas quebrei seu pescoço. Senti.

O rosto de Joseph escureceu.

—Lidarei com isto e você privadamente,— ele disse a Madoc.

—O resto de vocês, fora.

—Espere,— disse Drake a Joseph. —Madoc não disse o resto. Sobre Tori.

Madoc realmente queria que sua condenação acabasse, mas o que queria agora não era a questão.

—A irmã mais jovem de Nika, Tori, está viva. E grávida.

A sala caiu em silêncio chocado.

—Como sabe isto?— perguntou Joseph. —Andra acha que encontrou seus restos naquela caverna no ano passado.

—Andra estava errada,— disse Madoc.

—Como pode estar certo?

Madoc olhou nos olhos de Joseph.

—Eu a vi.

—Onde? Quando?

Madoc não gostou desta parte. Nika tinha reputação de louca. Ela acreditava que Tori estava vivo, o que contaminava a ideia.

—Nika me levou para vê-la. Ai, visitamos sua mente.

Todo mundo na sala o fitou como se fosse uma piada. Quando



viram que não era, todos começaram a falar ao mesmo tempo.

Maluco. Madoc ouviu a palavra várias vezes, embora não soubesse quem tinha dito.

—Parem!— ele gritou.

Da direção de sua suíte, ele sentiu que Nika despertava. Sua agitação causou isso e quis atacar todo mundo na sala por perturbar seu descanso.

A presença calmante de Nika esfriou sua raiva, permitindo-o fazer uma pausa antes que fizesse algo que lamentaria. Ela estava mais próxima, e quando chegasse aqui, queria estar em pleno controle.

—Você tem que admitir,— disse Joseph, —soa um pouco forçado.

—E matar coisas com magia não é?— ele exigiu. —Que tal Tynan que vive depois que quase quebrei seu pescoço?

Joseph sacudiu a cabeça.

—Tori foi capturada há mais de uma década por demônios conhecidos por matar e comer crianças. As possibilidades que ainda viva estão ao lado do zero. Junte isso com o fato que Andra e Paul encontraram um cadáver usando a mesma roupa que Tori quando foi raptada, e será mais difícil de acreditar, até sem o assunto de visitar mentes.

—Nika o faz todo o tempo. Inferno, esteve na mente de Helen na noite passada, aprendendo como canalizar a magia.

Helen carranqueou.

—Não acho assim.

—Bem, ela foi.

—Você tem alguma espécie de prova?— perguntou Joseph.

—Se vamos preparar um ataque, precisamos de boa informação,



não os devaneios de uma mulher mentalmente perturbada.

Madoc sentiu que um relâmpago da raiva explodia sob sua pele. Ele se forçou a manter sua mão longe da sua espada, embora não tivesse nenhuma ideia de onde encontrou aquela espécie de controle. A necessidade de fazer Joseph pagar o insulto com sangue dava pancadas por ele. Só a presença fria de Nika em sua mente parou sua mão.

—Você precisa parar antes que diga algo que não posso ignorar.

Da entrada, Madoc ouviu uma entrada fraca de respiração. Foi compelido a virar na direção do som e viu Nika lá.

—Não, Madoc. Deixe-o continuar. Seria bom saber o que ele realmente pensa.— Ela respirava rápido. Suas bochechas estavam vermelhas, como se tivesse corrido até lá. Seu cabelo branco estava desarranjado da cama, e a marca de uma dobra na franha marcava sua face. Ela entrou e ficou ao lado de Madoc, e pôs suas mãos nos seus quadris.

Ele pode sentir a dor irradiando dela, a fazendo tremer ligeiramente, não o bastante para ver, mas bastante para sentir o ar ativo entre eles.

—Não quis ferir seus sentimentos, Nika,— disse Joseph, como se falasse com uma criança. —Realmente. Só preciso saber o que é real aqui, e o que não é.

—Ficarei feliz em mostrar, mas você não vai gostar.

Ela olhou para Madoc, e ele soube por aquela olhada marota que não ia gostar do que aconteceria depois.

—Me segura?— ela perguntou antes que fizesse aquela coisa onde ela caia à terra como se alguém arrancasse a vida do seu corpo.



Madoc a pegou antes que ela batesse no chão. Ela estava frouxa, inanimada. Só o gotejamento do poder sendo puxado dele o avisou que estava segura e firme. Aquele gotejamento cresceu, fazendo-o se perguntar se Tori lutava com a conexão de Nika novamente.

—Realmente odeio quando ela faz isto,— ele murmurou quando se instalou em uma cadeira, a segurando em seu colo.

—Que?— perguntou Joseph. Então ele se foi. Seu rosto era um espaço em branco. Seus olhos chamejaram arregalados. Sons pequenos, quase estrangulados saíram da sua garganta.

Angus deu um passo a frente.

—Não o faça,— disse Madoc. —Ela não vai prejudicá-lo.

—Parece que ela está fazendo exatamente isto.

—Se visse Tori, você estaria assim, também. Ela está completamente fodida.

Repentinamente, Joseph puxou uma respiração longa e se curvou, como se tentando não vomitar. Os olhos de Nika se abriram, lágrimas nos cantos.

A sala estava completamente silenciosa. Eles olharam Nika com um novo respeito, que beirava o medo. Se foi tão fácil para ela escorregador dentro da mente de Joseph, ele adivinhou que eles se perguntavam quem era o seguinte, e o que Nika poderia ver se procurasse em volta.

Madoc estava certo que não era o único homem aqui com segredos a ocultar.

O que significava que ia ter que manter um olho sobre ela aqui, também. Se um dos outros homens ocultava uma marca da vida estéril, ou pior, não ia querer que Nika descobrisse. Não só ela estaria em perigo fora de Dabyr, mas estaria em perigo aqui,



também. E não havia nenhum modo que Iain dissesse os nomes dos homens na Banda. Ele era o único que sabia quem eram. Madoc não seria capaz de confiar em nenhum dos homens desvinculados.

O aperto de Madoc nela aumentou. O que ia fazer com ela? Ele nunca guardou um presente tão precioso. Ele ia foder tudo e conseguiu-a morta. E a dor que desataria uma vez que ela se fosse não era algo que gostava de pensar.

Todo mundo estava ainda muito quieto. O silêncio crescia a cada segundo. Madoc teve que limpar sua garganta antes que pudesse falar.

—Você acredita agora, ou precisa de outra exposição?

—Uma só foi suficiente.— Joseph sentou reto, mas ainda estava um pouco mais pálido que o normal. —O que me mostrou é verdadeiro, certo? Não algum truque da mente?

—É verdadeiro,— disse Nika. —Se não estive tão cansada, poderia ter nos mantido lá o bastante para você para falar com ela. Ela não me quer perto dela mais.

—Vamos atrás de Tori. É apenas uma questão de como vamos tirá-la viva. A que distância está?

—Não estamos seguros. Nika e eu estamos trabalhando em localizá-la. Ela pôs algumas imagens na minha cabeça que poderiam mostrar onde está, mas estão misturadas.

—Nos a separaremos hoje,— disse Nika, completamente confiante.

Ele amava isto sobre ela, sua fé absoluta que ele conseguisse. Ele nunca deixaria de se admirar.

—Você sabe algo mais?— perguntou Joseph. —Alguma outra pista que poderia nos dizer onde está, quantos outros humanos



estão com ela, ou quantos Synestryns teremos que derrubar para tirá-la?

—Tudo que sei com certeza é que um cabeça fodido chamado Zillah a tem.

Os olhos pretos de Gilda pousaram em Madoc, o fazendo se torcer.

Ela se levantou.

—Você disse Zillah?

—Sim. Conhece-o?

Gilda e Angus trocaram um olhar. Estendeu a mão para ela como se querendo dar ou receber conforto, mas Gilda ignorou sua mão esticada.

—Ele foi quem convenceu Maura a trocar de lado e trabalhar para ele. Ele é um Synestryn poderoso. Tudo que realmente sei é que ele comanda milhares.

—Tori viu Maura. Ela ainda poderia estar com ele. Tori o incluiu naquela misturada de imagens que me deu. Ele parece quase humano. Quando merda começaram a se parecer conosco?— perguntou Madoc.

Angus puxou uma respiração profunda.

—Achamos que ele era uma anomalia.

—Angus, não faça,— disse Gilda.

—Não. É tempo. Eles têm que saber,— ele disse a sua esposa.

—Saber o que?— exigiu Joseph.

Angus voltou ao grupo.

—Não dissemos a ninguém que os Synestryn começavam a se parecer mais humanos porque nos preocupamos com o que os homens perto do fim poderiam fazer. Quantos humanos morreriam por causa da identidade enganada?



Joseph parou, apertando as mãos na escrivaninha quando se inclinou na direção de Angus, sua cara vermelha com a raiva mal controlada.

—Você disse que sua tentativa de parecerem mais humanos tinha fracassado na noite que matou aquela abominação, o demônio com cara de criança. Você devia ter me contado de Zillah. Como seu líder, devia saber.

—Decidimos não dizer o que descobrimos. Não havia nada que você pudesse fazer com o conhecimento,— disse Angus.

—Como você sabe? Você nunca me deixou tentar.

O rosto de Gilda se torceu com raiva.

—Quase morremos tentando afastar Maura dele. Se é bastante forte para matar quase um par ligado de Theronais, não havia nenhum modo que você ou algum dos homens desvinculados aqui o pudessem parar apenas com as espadas. Você teria tentado e teria morrido. Não posso deixar que aconteça.

As mãos de Joseph se fecharam.

—Era minha decisão. Não sua. Quem sabe o que eu poderia ser capaz de fazer. Talvez Tori nunca tivesse sido levada. Nunca saberemos agora.

—Foi minha decisão,— disse Gilda. —Não puna Angus por algo que fiz.

—Ele estava junto,— afirmou Joseph, sua voz tão fria e final como uma sepultura.

—E eu o faria novamente, também. Sustentávamos nosso voto de proteger os humanos, Joseph. Se isto significa manter segredos, que assim seja.

Isto ia sair do controle rápido. Madoc não podia deixar



acontecer. Muito estava em jogo.

—Tori não tem tempo para nós discutirmos sobre isto agora. Ela deve dar à luz a qualquer dia e diz que muitas meninas não sobrevivem ao trabalho de parto.

—Há mais de uma menina lá?— perguntou Helen, horrorizada.

Drake pôs uma mão no seu joelho.

Angus sacudiu a cabeça em desgosto.

—No ano passado encontramos um demônio que parecia uma criança humana. Não era. Era venenoso, tinha presas. Ele nos atacou e tentou nos matar, mas penso que é claro agora de onde veio.

Joseph acenou com a cabeça.

—Por isso Andra está tão ocupada. Por que tantas crianças de sangue desaparecem. Eles estão os roubando, usando para mais que comida.

—Como é possível?— perguntou Gilda. —O humano e o Synestryn não podem se reproduzir são muito diferentes.

Isto faiscou na memória de Madoc.

—No ano passado, quando tiramos Nika do hospital psiquiátrico, ela estava assustada porque se alimentavam do sangue de Tori, porque a modificavam. Quando vimos Tori na sua mente, ela parecia diferente. Não estou seguro se como aparece na sua cabeça é da forma que realmente é em pessoa, mas seu sangue era muito escuro sob sua pele. Talvez o que eles fazem com essas crianças permita que cresçam e carreguem crianças que são metade humanas, metade Synestryn.

—Não imagino o que fizeram com minha irmã,— afirmou Nika. —Estive lá. Eu vi. Senti. Sei que ela ocultou algumas coisas



de mim, mas lembro do modo como o sangue queimou sua boca e garganta. Lembro quantas vezes ela vomitou, só para que eles fizessem novamente. Eles a modificaram.

A sala se calou quando as implicações pesaram.

—Parece se ajustar,— disse Joseph, —mas não quero pular para qualquer conclusão. Os Synestryn são capazes de se reproduzir sem qualquer problema. Por que iriam ter toda esta preocupação?

—Não faz sentido,— disse Nicholas. —Se parecessem mais humanos, seriam menos assustadores. Parte de sua inspiração estaria perdida.

—Para não mencionar o fato que estão diluindo o poder da sua própria linha de sangue,— disse Gilda. —Estão se enfraquecendo fazendo isto.

—Não,— disse Helen. Seu rosto parecia cinza e ela tremia o bastante para que Madoc pudesse ver através da sala. O braço de Drake rodeou seus ombros e ela se inclinou nele. —Eles estão tentando ficar mais humanos.

—Por quê?— perguntou Gilda, incrédula. —Que razão possível teriam para fazer isto? Teriam vidas mais curtas e mais débeis. Isto foi o que aconteceu aos Slayers.

—Se parecem humanos, quem entre vocês seria capaz de acossá-los e matá-los? Se seus descendentes são humanos, onde fica a linha? Quem morre? Meio humanos? Um quarto de humanos? Como fazer seus votos para proteger humanos lidando com isto?

Madoc não tinha nenhuma ideia. Tudo que sabia era que Iain era o único que sabia quem tinha se apresentado para acossar essas abominações. E sua alma estava há muito tempo morta.



—Que melhor modo de proteger seus filhotes do que convertê-los em uma coisa que jurou proteger? Estão contando com sua honra, usando-a como fraqueza.

—Helen está certa,— disse Madoc.

—Estamos ferrados,— sussurrou Joseph. —Temos que parar isto. Agora. Antes que seja tarde demais.

—Assumindo que já não seja,— disse Drake.

Joseph pôs sua cara de jogador.

—Temos que resgatar essas crianças, fazer que o Sanguinar os estude para ver se o que foi feito pode ser desfeito. E se podemos impedir de acontecer novamente.— Ele se virou para Nicholas. —Quanto tempo antes que todo mundo esteja de volta?

Nicholas verificou seu telefone, apertou alguns botões.

—Teremos mais uma dúzia de homens aqui antes do anoitecer; o resto levará mais tempo. Não sei quando Paul e Andra estarão de volta. Zach e Lexi ainda estão ajudando a reedificar o lugar seguro africano. A menos que alguém tenha um portal em cima da sua manga, levarão mais de um dia para regressar.

Todo mundo olhou Gilda. Ela sacudiu a cabeça, fazendo seu cabelo longo, escuro balançar.

—Estou muito débil para abrir um portal agora mesmo.

O rosto profundamente vincado de Angus escureceu com a raiva, sua boca se apertou em uma linha pálida, chata.

—Não podemos esperar por eles para sair daqui,— disse Nika.

—Precisamos de toda ajuda que pudermos conseguir,— disse Joseph. —Se entrarmos despreparados para quaisquer números que possam ter, vamos ser massacrados. Ninguém escapará, inclusive Tori.

—Temos que entrar durante a luz do dia, quando sabemos



que estarão todos confinados no escuro, presos,— disse Madoc.
—Se este Zillah escapar novamente, voltaremos para onde começamos.

Joseph virou para Madoc e Nika.

—Você tem alguma ideia contra quantos estaremos lutando?

Madoc sacudiu a cabeça.

—Desculpe.

—Posso perguntar a Tori,— ofereceu Nika.

—Está segura?— perguntou Madoc.

—Mais segura do que não saber quantos tipos maus estão lá, imagino.

—Faça-o,— encomendou Joseph. —Mas não corra nenhum risco. Gilda, quantos você pode transportar em diagonal ao mesmo tempo?

—Depois que descansar, talvez quatro.

Madoc carranqueou. Ele sabia que a tinha visto transportar mais lutadores do que isto antes. Pela olhada severa de frustração no rosto de Angus, ele também.

—Descanse, então. Você, também, Helen. Vamos precisar da sua potência de fogo se Andra não chegar a tempo. Talvez mesmo se chegar. Vamos nos reagrupar na sala de jantar no pôr-do-sol e veremos onde estamos e planejaremos nosso ataque.

A sala começou a esvaziar. Joseph disse:

—Madoc, Nika, esperem um segundo.

Nicholas foi último a partir e puxou a porta fechada atrás dele.

—Congratulações a vocês dois.

—Obrigado,— disse Nika.

Joseph olhou Madoc.

—Tenho que saber o quão forte os dois são, onde estão as



forças de Nika, e se há algum problema vindo furtivamente nos morder no traseiro.

Madoc tomou a mão de Nika, esperando que ela entendesse o que tinha que fazer e consequentemente o desculpasse.

—Nossa vinculação é ainda nova, débil. Nika parece ter grandes habilidades quanto à manipulação mental, mas isto é tudo. Ela não é lutadora. Ela não pertence ao combate.

—Com o inferno que não,— disse Nika, arrancando sua mão da dele. Traição brilhava nos seus olhos azuis. A fúria apertou sua boca. —Você me disse que não deixaria aqui.

—Você não pertence às linhas de frente.

—Salvei sua vida na noite passada. Mantive aqueles sgath enquanto você os matava. Isto não é desprezível para mim.

—Sim, você fez. Mas só pode controlá-los um após o outro, e só porque tinham seu sangue correndo nas suas veias.

—Posso lutar.

—Como?— perguntou Joseph. —Como Andra? Você pode explodir coisas? Que tal fogo? Diga-me o que pode fazer e escutarei.

Nika viu as pontas do seus dedos chamuscadas.

—Tentei o fogo. Não funcionou bem. Só preciso de prática. Uma vez que Andra regresse, aprenderei o que ela pode fazer e tentarei isto, também.

Joseph sacudiu a cabeça.

—Não temos muito tempo. Acho que é melhor se usarmos as habilidades que já tem, ao invés de se esgotar tentando aprender as novas.

—Não sou inútil,— ela rosnou, o som feroz surpreendendo Madoc.



—Naturalmente que não é,— disse Madoc. —Só temos que conhecer suas forças. Você é a única que pode falar com Tori e reunir informação para nós.

—Assumindo que Tori permita. Ela continua me repelindo, como fez conosco. Ela não me quer perto dela.

Madoc queria tanto consolá-la, mas não sabia como. Pior, não estava certo se ela não o deixaria agora.

—Ela permitirá,— ele disse. —Estou certo que ela quer sair daquele lugar tanto como a queremos fora.

Nika levantou os olhos para Joseph.

—Quando você for, irei com você.

—Veremos como as coisas acabam,— disse Joseph.

—Não. Não veremos. Eu vou, Madoc prometeu, e se alguém tentar me deter lamentará.— Ela olhou intencionalmente para cada homem antes de se virar e partir.

Joseph deixou sair um cansado suspiro e afundou na sua cadeira.

—O que acha?

—Acho que não gostaria de nada mais que a prender aqui em uma sala sem cantos agudos onde sei que estará segura. Também acho que se o tentar, ela encontrará dez espécies de inferno para desabar sobre mim.

—Ela está pronta para a batalha?

—Não, mas não é estúpida. E precisamos dela. A protegerei. Ficaremos bem atrás da luta.

—Acho que isto é o melhor, pelo menos até que você dois estejam prontos para a ação.

—Isto pode levar tempo. Não vou deixar ela se empurrar e sofrer um revés. Não posso deixá-la voltar àquele pesadelo de



gritos que sofreu antes que a encontrássemos. O que significa que não posso deixá-la derramar seu sangue.

—Difícil em combate.

Que era por que Madoc planejava nunca deixá-la chegar perto de um.

—Acho que suas forças chegarão antes de uma luta. Se puder aprender a usar sua capacidade para controlar um dos Synestryn para juntar informação ou sabotar um ninho, será um inferno de arma.

—Se ela o deixar viver por muito tempo. Vi o assassinato em seus olhos quando partiu daqui.

—Sim. Ainda estamos prendendo as pontas soltas na nossa relação.

—Sugiro que trabalhe mais rápido.

—E minha sentença?

Joseph ligou seu viva-voz e discou. Vários toques depois, um Tynan grogue murmurou.

—Sim?

—Você está vivo?— ele perguntou ao Sanguinar.

—Obviamente.

—Obrigado.— Joseph desligou, olhando Madoc. —Você não o matou.

—Pensei que sim. Eu queria. Fiquei contente quando achei que tinha. Só isso já é digno de punição. Esta é a lei.

—Foda-se a lei,— disse Joseph. —As regras estão mudando sob nossos pés. Não posso e estou certo como o inferno que não vou condená-lo à morte por algo que fantasiei uma vez ou duas. Se ele o acusar, lidarei com ele então.

—Ele vai. Ele merece justiça.



Joseph se inclinou para a frente acima da sua escrivaninha, a raiva marcando suas palavras.

—E eu não mereço mandar outro amigo à morte. Muita gente apenas cospe na sorte frente à justiça. Agora saía do meu escritório e faça seu maldito trabalho. As possibilidades são que você não sobreviverá a batalha, de qualquer maneira.

Madoc não se permitiu sentir aliviado. Ele sabia melhor. Tynan agora mantinha sua vida nas mãos, e depois de tudo que tinha feito, Madoc estava certo que isto estava longe de estar acabado.

Capítulo 18

Nika sentia-se estranhamente mais sozinha do que nunca. Mesmo entre sua própria espécie se sentia como uma proscrita. Viu o modo como os outros a olhavam, como se tivesse cometido uma espécie de crime por entrar na mente de Joseph. Embora ele tivesse pedido.

Ela não tinha feito algo errado. Não se intrometeu nos seus segredos ou o feito dançar na sua escrivaninha como considerou rapidamente. Tudo o que fez foi dar-lhe a prova que Tori estava ainda viva. Como ele pediu.

E ainda, assim, empurrou uma cunha entre ela e os outros, como se temessem o que ela poderia fazer. Nika caiu atrás na sua cama, tentando deixar o rombo de frustração fora dela. Ela deveria se focar agora mesmo, e se importunar sobre o que os outros pensavam dela não ia ajudar sua concentração.



Andra, ela gritou com sua mente. Por favor volte para casa. Preciso de você.

Nika ouviu, mas não sentiu nada, nem um movimento de emoção ou um bruxuleio de consciência. Onde quer que Andra estivesse, devia ser muito longe. Nika estava sozinha. Estava à cargo dela fazer o que fosse melhor para Tori. Quem não gostasse podia ir à merda.

Por uma vez, Nika sairia deixando para Andra uma nota na geladeira, e não tinha outro caminho de volta. Ela empacotou uma pequena mala de viagem com alguma roupa e artigos de toalete, então foi à suíte de Madoc.

Ela bateu na porta. Ele a entreabriu.

—Estou me mudando. Se tentar me impedir de entrar novamente, vou agarrar uma parte de seu corpo que gosta e começa a torcer.

Uma insinuação de sorriso brincou na sua boca.

—E que parte seria? Posso pensar em um par que poderia torcer e eu poderia de fato gostar.

Ela empurrou a porta e ele recuou, deixando-a entrar.

—Deixe de brincar. Temos trabalho a fazer.

—Nunca tive uma mulher mandando em mim antes. Não estou seguro se gosto. Talvez devesse ir um pouco mais devagar para que eu possa compreender.

—Tive o bastante de toda essa merda macho por aqui. Estou cansada de ser tratada como uma espécie de flor de estufa. Você não trata Andra assim.

—É porque ela pode tirar minha cabeça com um único pensamento.

—E você não acha que posso?



—Não sozinha, de qualquer modo. Você precisaria do meu poder.— Ele estava muito leve quase como se ocultasse algo.

Nika deixou sair um guincho curto de fúria.

—Pare. Isto é sério. Temos que encontrar Tori.

—E o faremos. É só muito bom não doer mais. Está me deixando tonto.

Ela levantou a testa, o fitando.

—Você não foi tonto nem um dia na sua vida.

—Como sabe? Fui menino uma vez.

Tão grande e varonil como era agora, era difícil acreditar, embora soubesse que era verdade.

Ela puxou uma respiração longa, esperando que aliviasse um pouco desta tensão queimando dentro dela. Saber que Tori ainda estava lá fora raspava seu interior, fazendo seu temperamento mais curto que o normal.

—Temos que encontrá-la, Madoc. Temos que trazer minha irmãzinha para casa.

Ele pegou a alça da mala dos seus dedos e envolveu seus braços em volta da sua cintura, a puxando.

—Faremos.

—Você disse que não sou bastante forte.

—Mas não está sozinha. Teremos um pequeno exército conosco quando formos. Os desgraçados não terão a menor chance.

Nika enterrou seu nariz contra seu peito, puxando o odor da sua pele. O tecido da sua camisa estava no seu caminho, portanto ela o empurrou até poder apertar sua face contra os contornos duros do seu peito. Sob sua orelha, podia ouvir quase o rangido de madeira viva quando sua marca da vida se agitou com seu



toque.

Madoc segurou a nuca dela na sua grande palma, a mantendo, como se de fato a quisesse lá. Ela estava tão acostumado a ele se afastando dela, que não sabia que fazer com ele.

Ela tentou erguer a cabeça para ler sua expressão, mas ele a segurou. Entretanto, enviou um espiral muito pequeno em sua mente pela conexão, esperando compreender o que estava dentro da sua cabeça.

A luxúria se chocou nela, cruel e arranhando, com fome e desespero. Ela vacilou atrás, surpresa pela intensidade.

—Desculpe,— ele murmurou. —Não queria que visse isto.

—O que era isto?

—Acho que é óbvio. Eu a quero.

—Foi mais que querer.

Ele encolheu os ombros, e ela sentiu a tensão poderosa de músculos contra sua face.

—Estou acostumado, acho. Não se incomode. Está sob controle. Vamos trabalhar.

Ele a deixou ir e ela se afastou, balançando. Seus nervos reluziam, tinindo com apenas aquele breve contato. Ela não imaginava como ele podia suportar, como podia ser tão indiferente sobre algo como isto.

—Trabalhar?

Ele bateu em sua têmpora.

—Sabe. Temos que resolver aquelas imagens que Tori me deu.

Certo. Ela sabia disto.

—C-certo.



Nika ainda tremia, mas ele tinha razão. Se podia ignorar aquela luxúria que se torcia dentro dele, ela podia ignorar a pequena pincelada quando estava com ele.

—Você devia se sentar,— ele disse. —Parece um pouco trêmula.

—Estou bem. Vamos somente fazer isto.

Madoc puxou sua camisa e se espreguiçou no sofá. Ele acariciou seu joelho.

—Quer sentar no meu colo novamente?

Ela queria, mas só se ele estivesse nu, o que tomaria muito tempo.

—Acho que me sentarei junto a você.

—Se acomode.

Nika sentou e puxou várias profundas, calmantes respirações.

—Feche os olhos e tente manter seus pensamentos no trabalho, certo?

—Sim, minha senhora. Tudo que queira.— Ele fechou os olhos e sentou lá, todo relaxado.

Agora era mais complacente. Por que não era assim há sete meses?

Talvez porque sua alma não morresse mais. Isto podia ter algo a ver com ele.

Nika levou sua mão até sua garganta até as duas partes da lúcia se unirem. Eles prenderam juntos e o poder pareceu fluir nela. Ela tremeu com a sensação, amando a sensação de tanta força depois de anos de fraqueza.

—Aqui vamos,— ela o avisou antes que saísse do seu corpo e entrasse no dele.

Ele deixou sair um gemido profundo de satisfação.



—Isto é bom. Devemos fazer isto mais vezes.

Nika ignorou o elogio e foi direto trabalhar.

—Mostre-me.

Madoc sentia como um banho de sol. Por dentro.

Em todo lugar que Nika o tocou, ficou quente. Tinha conseguido desviar a luxúria para longe em um canto escuro, mas a sentiu fervendo dentro dele, querendo ser posta em liberdade.

Depois. Muito depois, depois que Nika se curasse inclusive.

O pensamento de seu sangue foi o bastante para reforçar o escudo e assegurar que se comportasse como o cavalheiro que ela merecia enquanto permitisse que ele ficasse com ela. E havia mais, escudos mais importantes a pôr no lugar agora que estava dentro da sua mente coisas que não queria que ela soubesse.

Tynan mantinha seu futuro nas suas mãos elegantes. Tão cruel como os Sanguinar eram, Madoc não tinha dúvida que Tynan tomaria a primeira chance que conseguisse para esmagá-lo. Ele ia ficar afastado do sanguessuga tanto quanto possível, atrasando o inevitável. E até lá, não permitiria o que fosse manchar seu tempo com ela.

—Mostre-me o que Tori lhe deu.— A voz de Nika reverberou em sua mente, uma carícia suave de som e luz.

Madoc invocou as memórias de Tori, as jogando no que ele imaginou ser a ordem certa. A maior parte delas eram escuras e alterado pela sua perspectiva pueril. Muitas estavam manchadas com lágrimas.

—Tudo é muito grande,— ele disse a Nika. —É difícil combinar com algo até pelo modo como vejo as coisas.

—Segure-se,— ela disse; então um momento depois, ele sentiu que a presença de Nika tecia sinuosamente dentro da sua



mente, como se procurasse algo. Não tinha nenhuma ideia do que ela fazia, mas a sensação dela lá, numa parte dele, era tanto perturbadora como erótica. Ele se sentiu mais inteligente, mais consciente do seu meio.

O roce da sua roupa contra sua pele foi amplificada. O zumbido do ventilador de teto acima fazia cócegas. O odor do sofá de couro parecia mais agudo, enquanto o odor feminino da pele de Nika o fez estourar em suor. Ele jurou que podia sentir quase sua pele na língua.

—Posso ver por que o sgath gostam disto,— ele disse. —Você é boa de ter em volta.

—Não me distraia. Estou trabalhando aqui.

—Certo. Trabalho.

Algo dentro da cabeça de Madoc mudou e as imagens que Tori lhe deu se modificaram. Tudo encolheu ao tamanho normal. As imagens gigantescas da perspectiva pueril de Tori se corrigiram. As árvores apareceram acima. Mesmo as estrelas pareciam mais próximas.

Estrelas.

—É isso,— ele disse, a excitação rolando por ele. —Eles a deixam ver o céu.

—Isto ajudará?

—Sabemos o dia e a hora que foi levada, certo?

—Sim.

—Mostre-me o resto das imagens.

Nika fez. Várias vezes durante seu rapto Tori levantou os olhos. O céu estava claro naquela noite. Ela tinha ido para sudeste. Estava quase seguro que poderiam usar mapas estelares para compreender sua vizinhança geral. Uma vez que conseguisse isso,



o declive do terreno e paisagem circundante mesmo uma década depois seria provavelmente bastante reconhecível para conduzi-los direito a ela.

—Como de perto você consegue?— perguntou Nika, sua voz excitada.

—Não estou seguro. Por quê?

—Quanto mais perto estou dela, mais forte nossa conexão. Se formos bastante próximos, e se eu usar seu poder, ela não será capaz de me impedir de entrar.

—Quanto de próximos temos que chegar?

—Não sei. Depende se ela me bloquear. Podemos encabeçar ao sudeste e ir no encalço dela enquanto esperamos todos os outros se reunirem.

—Poderia ser mais seguro ir como um grupo. Eles poderiam saber que estamos vindo e fazer uma armadilha.

—Não entraremos atrás dela sozinhos. Não quero falhar em salvá-la. Mas não acha que as chances de dois de nós sermos notado são menores do que um grupo inteiro? Não queremos lhes dar tempo para se prepararem para nosso ataque.

—Você não pode deixar Tori saber que estamos vindo. Se ela estiver... comprometida, poderia entregar nossas intenções.

—Ela nunca faria isto.

—Ela nunca teria vontade de fazer isto. Sabe tão bem quanto eu que poderiam forçá-la a dizer. Eles podem torturá-la ou entrar em sua mente da maneira como você faz.

A garganta de Nika se moveu quando engoliu.

—Você tem razão. Não quero fazer algo que tenha mesmo uma possibilidade remota de prejudicá-la mais. É provavelmente melhor que eu mesma não saiba dos nossos planos, caso ela possa



ver de alguma maneira dentro de mim do mesmo modo que eu posso.

Madoc acenou com a cabeça.

—Falarei com Joseph. A manteremos fora do circuito.

—Mas não me abandonará aqui. Prometa.

Ele não queria fazer isto. Se promettesse, estaria preso àquela promessa. Mas ela estendia a mão para ele, pedindo sua confiança.

Passou um longo tempo desde que Madoc se sentiu digno de confiança. Nika devolveu-lhe isto e queria fazer algo para ela em troca.

—Prometo que não a farei ficar aqui quando formos.

O peso do seu voto e o que significava teceu em volta dele, o prendendo à sua palavra.

Não estava seguro se tomou uma boa decisão ou um erro terrível, mas não havia volta agora.



Angus não podia deixar isto continuar por mais tempo. Sete meses eram muito longos. Tinha que encontrar um modo de chegar a Gilda.

Pela porta do banheiro fechada, ele ouviu a água do chuveiro correr, logo parar. Não se incomodou em bater, sabendo que diria para partir, que queria ficar sozinha ou algum absurdo. Em vez disso, ele simplesmente abriu a porta e entrou. Ela se moveu aos arrancos, cobrindo seus seios nus com seus braços. Ela nunca fez isto antes, e era só mais uma prova da distância que chegaram.



Ele a deixou ver seu desprazer no seu rosto bem como o empurrou pela sua conexão. O empurrão mental foi mais duro do que deveria ter sido; sua conexão estava menor do que ontem.

—A vejo nua há alguns milhares de anos.

Seu queixo subiu quando deixou seus braços retrocederem na água.

—Você me assustou. Isto é tudo.

Angus não ignorou a mentira, sentado na borda da tina, e começou a desamarrar suas botas.

—O que você está fazendo?— ela perguntou.

—Me despindo.

—Por quê?— Havia uma insinuação de medo em seu tom, e Angus quis socar seus punhos em uma parede para soltar um pouco da sua frustração.

—Sete meses, Gilda. Sete meses desde que me deixou tocá-la. Nossa vinculação está ficando mais débil a cada dia, e agora as vidas de várias mulheres jovens estão na balança. Pelo menos uma delas é nossa, e estarei maldito se for a causa da sua morte.

Angus tirou sua roupa e entrou na tina.

Gilda se encolheu, se afastando tão longe quanto a tina gigantesca permitia.

—Você ainda está deixando Tynan experimentar em você?— ela perguntou.

—Sim. Nada funcionou. Sou tão estéril agora como fui no ano passado.

—Como pode estar seguro?

A raiva ficava maior e mais difícil de lutar a cada dia que passava. Ele não pode impedir de chegar em suas palavras agora.

—Porque me masturbei em um copo. Tynan verificou sob um



microscópio, e nada mudou.

—Eu disse que se continuasse com esses experimentos, não ia deixá-lo vir para a cama comigo. Não mudei de ideia.

—Perfeito. Você sabe que não a forçarei, mas serei maldito se me sentar enquanto nosso vínculo falha. Vou tocá-la, e não tem nada a ver com sexo.

—Não,— ela disse em pé. A água correu por suas curvas. Seu corpo glorioso era tão belo para ele agora como há séculos. A idade e o nascimento das suas crianças não fizeram nada para levar embora sua perfeição.

Angus engoliu, tentando aliviar a frustração sexual que o moía por muito tempo.

—Não?— ele perguntou, sua voz enganosamente doce. A última coisa que sentia agora mesmo era doçura, e se ela se incomodasse em estender a mão para pegar dele pela sua conexão, ela saberia.

Seu queixo tremeu um momento antes que ela se recompor.

—Se me tocar, esquecerei minhas intenções. Você me seduzirá, e nunca serei capaz de me desculpar por me entregar.

—Você faz parecer que me permitir fazer amor seria uma má coisa.

—Não terei outra criança. Não verei outra criança morrer, ou pior, ser enganada pelo Synestryn para matar e destruir tudo que considero sagrado.

—Não estou pedindo outra criança. Respeito seus desejos. Até comprei preservativos e aprendi como usá-los. Mas o que não estou disposto a fazer é jogar fora tudo que trabalhamos tudo que passei minha vida criando.

—É tarde demais,— disse Gilda. Ela tremia agora, sua carne



bruscamente fria.

Os instintos embutidos mais profundos que seus próprios ossos o forçavam a aquecê-la com seu calor corporal. Quando seus braços a rodearam, ela estava rija, mas não havia nenhum lugar para onde fugir o bastante rápido para evitá-lo.

Ele sentiu seu corpo convulsionando em um soluço silencioso. Por anos sua doce esposa sofreu. Afligida. Não foi capaz de fazer nada para corrigir, então aprendeu a viver com sua tristeza constante e raiva silenciosa até que o aceitasse como normal.

Não era normal. Gilda costumava rir. Ela costumava brincar com ele, sorrir e jogar.

Não era normal desde que Maura fugiu e juntou forças com o Synestryn.

—Não é muito tarde,— ele a assegurou, forçando sua convicção por sua conexão encolhida.

—Fiz coisas, Angus. Coisas imperdoáveis.

Seu abraço nela apertou. Ela ainda tinha frio, portanto a colocou sob a água quente, ajustando-a contra seu peito. Sua marca da vida ainda amava seu toque, e tremeu na direção dela como se estivesse há muito tempo sem aquele toque.

—O que fez à Sibyl e Maura foi compreensível. Nosso filho tinha morrido. Você estava aflita. Distraída.— E por causa do que Gilda fez, suas meninas nunca cresceriam. Tanto quanto doía, ele a desculpou, esperando que suas filhas seguissem seu exemplo.

Elas não o fizeram.

—Isto não é sobre o que estou falando,— ela disse. —Há coisas sobre mim que você não sabe. Coisas terríveis. Não estou segura de quanto tempo mais posso viver com esses segredos. Eles estão me comendo por dentro, roendo.



Angus teve cuidado em ocultar seu choque. Ele pensou que sabia tudo sobre sua esposa, mas possivelmente estava errado.

—Seja o que for, não pode ser tão ruim.

—É. Tomei tanto de você. De todos vocês.

—Do que está falando, amor? A única coisa que tomou de mim foi seu toque. Isso é passado agora, não é?— Ele esperava que sim. Esperava que sua permissão dele a segurar agora fosse um sinal que sua obstinação estava no fim. Finalmente.

—Uma vez que diga, você não vai querer me tocar nunca novamente.

Angus inclinou seu corpo, enganchou seu polegar sob seu queixo, e virou sua cabeça para que o visse.

—Não há nada que você possa fazer que eu não te ame o bastante para desculpar.

Seus olhos escuros resplandeceram com lágrimas.

—Você está errado, Angus.

—Diga. Diga o que fez de tão mau, porque eu acho que está errada.

Uma única lágrima transbordou, e a tristeza que viu no seu rosto quase o fez chorar.

—Tentei viver sem você esses últimos sete meses. Pensei que a distância entre nós faria minha traição mais fácil de carregar.

—Que traição?

Angus tentou alcançar por sua conexão e ver o que estava na sua cabeça, mas não conseguiu. Tudo que pode sentir foi seu pânico mal controlado e uma tristeza tão grossa que não sabia como ela podia suportar.

Ela olhou abaixo com vergonha.

—Foi na noite que Isaac morreu.



Isaac. Seu filho mais jovem. Tinha morrido na batalha, junto com três outros Theronai. Mas foi há muito. Dois séculos. Tanto como ainda doía ter perdido seu filho, também sentia um enorme orgulho pelo que fez naquela noite, pelo homem que se tornou ao crescer e pelas inúmeras vidas que salvou. Ele sacrificou sua vida, mas não foi em vão. Os descendentes dos humanos que ele salvou naquela noite ainda viviam, fazendo o mundo um lugar melhor.

Angus acariciou seu braço, esperando consolá-la.

—Amor, algo que tenha feito há tanto tempo, já sabe. Tudo que acha que fez, já desculpei.

—Não. Você está errado. Ocultei. Tão cuidadosamente, tão profundamente, sei que nunca viu minha vergonha.

—Então me diga agora para que possa te desculpar e você possa se curar. Vai passar isto. As vidas do nosso povo dependem da nossa força, do nosso exemplo.

—Seu, talvez. Temo que meu exemplo esteja faltando.

—Diga para mim, Gilda. Não posso imaginar nada que você possa fazer tão mal que eu deixaria de amá-la.

Ela se calou. Puxou uma respiração. Seu corpo tremeu, como se proferir as palavras depois que contê-las tanto tempo fosse uma luta.

—Na noite que Isaac morreu, fui destruída. Eu soube no momento que ouvi as notícias que meu coração nunca estaria inteiro novamente. Eu não podia carregar a dor, e sabia que não podia permitir que acontecesse novamente. Não podia perder outra criança.

Angus se lembrou daquela noite, apesar do seu desejo de se esquecer. Sua conexão tinha intensificado sua dor, como se cada um não só sofresse sua própria dor, mas a do outro também. Ao



invés de se agarrar a ele para suportar, como ele morria que ela fizesse, ela tinha fugido, subindo as colinas e se isolado. Quando voltou, estava mais fria. Mais dura.

—Entrei na floresta,— ela disse. —Reuni tanto poder em mim como podia manter, esperando que me matasse e levasse embora a dor. Endureci pela deslealdade da morte de nosso filho. Por que eu não morri em vez dele? Por que não um dos outros homens? Eu já dava tanto a esta guerra. Como Deus podia levar nosso último filho vivo, também?

Angus não tinha nenhuma resposta. Ele sentou em silêncio, dando tempo para juntar sua coragem para dizer tudo o que tinha a dizer.

—O poder em mim continuou crescendo e mesmo assim não morri. Isto me deixou mais zangada. Eu sabia que não podia permitir nunca mais que outra criança minha morresse, portanto jurei nunca novamente conceber. Eu não daria mais do sangue do meu coração para esta guerra.

Sua voz se acalmou, vibrando com a vergonha.

—Eu não pretendia com minha magia fazer o que fiz. Eu não planejei nada disto, ou tive um único pensamento consciente quanto ao que poderia significar, mas havia tanto poder, tanta dor e raiva que saiu do controle. O poder rasgou do meu corpo, fazendo minha vontade inconsciente, vislumbrando do topo daquela colina em ondas tão fortes que pude ver a sacudidela das árvores quando passou.

—Que magia?— perguntou Angus. —O que você fez?

—Por anos nossa gente acreditou que nossos homens são estéreis por causa de algo que o Synestryn nos fez. Deixei-os acreditar, mas é uma mentira.— Ela puxou uma respiração



profunda. —Eu o fiz, não nosso inimigo. Fui eu. Minha magia se espalhou pelo planeta, fazendo cada macho Theronai estéril, porque só então eu poderia estar segura que nunca conceberia.

O choque abafou a respiração do corpo de Angus.

—Você fez isto conosco? Comigo?

Ela não respondeu. Não precisou.

Como podia ter feito isto? Como podia ter destruído sua raça inteira tão completamente? Ele não pode entender por que faria algo assim, mesmo na sua dor. Sabia que não tinha planejado conscientemente os esterilizar, mas que a intenção veio dela, de algum lugar dentro dela que ele não conhecia. Um lugar escuro, egoísta.

Angus precisou de algum tempo para digerir as notícias, processar e dar sentido a elas. Sua perspectiva inteira mudou. Não só sabia agora que sua capacidade de ter crianças foi roubada, não por seu inimigo, mas por sua esposa, como também percebeu algo que nunca imaginou possível.

Gilda podia mentir para ele. Esteve mentindo por anos. Séculos.

Foi a traição que doeu mais. Ele deu tudo que tinha, tudo que era. Respirava por ela. Era seu próprio sangue. Não podia esconder um segredo dela mais do que podia parar a rotação da Terra. Mentir para ela parecia incompreensível. E ainda assim ela mentiu tão facilmente, que o fez se perguntar sobre o que mais ela mentiu.

Angus odiou vê-la nesta luz. Ele odiou vê-la se perguntando que outros segredos escondia dele.

Ele sentiu seu alcance por ele pela sua conexão, e pela primeira vez na memória, ele a bloqueou fora. Não porque não



queria que sentisse sua dor, mas porque não podia suportar pensar em tê-la em seu interior agora mesmo.

Angus ajustou seu corpo contra a parede da tina e se afastou. Precisava de algum tempo para pensar. Ficar sozinho. Ou pelo menos longe de Gilda.

Ele nem mesmo se incomodou em se secar, somente enfiou sua roupa por cima da pele molhada e partiu. Quando fechou a porta atrás dele, vislumbrou o anel da luceria em seu dedo. Os redemoinhos cinzentos como uma nuvem tempestuosa que estiveram congelados no lugar por séculos, os padrões que estavam com ele há tanto tempo que tinha memorizado cada curva, começaram a se mover.

O vínculo que tinha com Gilda, sua Dama Cinza, estava se desfazendo. Sabia que se fosse quebrado, significaria sua morte. O fato de não o incomodar muito só dizia como profundamente a traição de Gilda o cortou.



As lágrimas de Gilda gotejaram na água. Tinha esfriado, a fazendo tremer, mas não saiu. A pequena punição que o frio dava não era nada em comparação ao que merecia. Devia saber que o peso do seu segredo não seria aliviado falando a Angus. Em vez disso, o dano que causou a sobrecarregou até mais.

Era um homem muito bom para ela. Não merecia a dor que jogou sobre nele.

Ele não a merecia, o prendendo pela eternidade.

Gilda sabia o que tinha a fazer. Tinha que se recompor, usar



cada pedaço da minguada força que possuía para resgatar Tori, e rezar à Deus que a menina fosse compatível com Angus para que ela pudesse pô-lo em liberdade.

Naturalmente, havia só um modo dela poder fazer isto. Ela tinha prometido que ficaria ao seu lado enquanto vivesse, o que significava que teria que morrer. A ideia não a assustou. Estava cansada da vida com toda esta dor, cansada da luta, e ver as pessoas que amava morrerem. Tanto como deveria deixar Angus ir, especialmente nos braços de outra mulher, sabia que era a coisa certa a fazer.

Os Sentinelas precisavam de Angus. Ele era um guerreiro muito forte para deixar ir. Ele viveria e continuaria lutando por tanto tempo quanto levasse para derrotar o Synestryn.

Gilda não poderia.

Agora que a decisão estava tomada, todo o resto pareceu tão simples. Tão claro. Ela saiu da tina, pôs seu vestido de seda favorito, e foi dizer adeus à sua filha. Sibyl não falaria com ela, não o fez em décadas, mas por Deus, ela escutaria.

Capítulo 19

Ricky respondeu seu novo celular, aquele que o cara com olhos arrepiantes lhe deu. Suas reuniões eram marcadas, mas se lembrou que o cara disse que alguém chamaria.

—Alô?

—É tempo,— limou uma voz sussurrante pela linha. —Você entende?



—Quem?— perguntou Ricky automaticamente.

—Nika Madison.

Mesmo que a voz não dissesse que era tempo, no fundo Ricky sabia. Tinha uma vaga lembrança de uma mala que alguém lhe deu. Ele não podia se lembrar quem era, mas a tinha ocultado atrás do seu armário. Não se lembrou que estava lá até agora.

As instruções inundaram sua mente, compelindo seus pés a se moverem. Ele abandonou o videogame que estava jogando e foi ao seu quarto, ignorando as vozes zangadas dos seus amigos atrás dele. Foi apenas um passeio curto em seu quarto até onde sabia que a encontraria.

Ricky por um momento teve medo que o gigantesco e zangado Theronai Madoc, pudesse estar lá, mas aquele medo pareceu evaporar logo que veio, deixando-o entorpecido.

Tudo que deveria fazer era o que lhe disseram e tudo estaria perfeito. Ele seria livre para viver sua vida, não mais um prisioneiro de Dabyr e suas regras estúpidas.



Madoc partiu para falar com Joseph. Nika deitou para se estender para Tori quando alguém bateu na porta.

Ela a abriu, e um jovem, de aproximadamente dezesseis anos, estava lá.

—Posso ajudá-lo?

—Madoc está aqui?— ele perguntou, olhando além dela quase nervosamente.

—Não. Ele...— Ela não teve tempo para terminar a frase. Ele



invadiu a entrada, agarrando sua garganta com uma mão forte. Ele deu um pontapé na porta fechada atrás dele e empurrou um tapete sobre seu nariz e boca.

Um odor agudo, medicinal queimou seu nariz e garganta. Ela arranhou seu braço, mas não adiantou. Seus dedos estavam débeis, moles.

O mundo começou a se desvanecer, e com um último pensamento apavorado, ela gritou o nome de Madoc.



Ricky tinha feito. Capturou o pintinho louco. Agora tudo que precisava fazer era sair para o exterior e estaria livre. Não mais prisão de Sentinelas. Nenhuma escola maçante todo o ano. Não mais regras.

O cara com os olhos arrepiantes ia lhe dar mais dinheiro do que poderia gastar em uma vida. Eles já tinham adquirido um apartamento e um doce carro. E prometeram não matar a menina, ele se assegurou disto.

Ricky não era nenhum assassino.

Ele espreitou fora da sala e não viu ninguém vir. Ele pegou a grande mala de viagem, a rolou na suíte, empurrou o corpo do pintinho louco nela, e a fechou.

Ela era tão magra, que se ajustou facilmente. Nenhum suor.

Ele a poria no caminhão, logo dirigiria fora dos portões. Permitiram-lhe sair para a luz do dia num dia ao mês. Hoje era aquele dia, e seria a última vez que teria que pedir permissão novamente.



Madoc!

O grito de Nika estrondou no seu cérebro, propelido pelo pânico puro, cru. O medo explodiu dentro dele quando percebeu que estava em apuros. Grandes apuros.

Estava a meio caminho do escritório de Joseph, mas girou nos saltos e correu atrás do mesmo modo que veio. Ele se estendeu para ela por sua conexão, não sentindo nada.

Se estava morta... Seus pés batiam fortes. Ele acidentalmente empurrou um menino fora do seu caminho quando passou, o empurrando forte em uma parede. O menino tropeçou e caiu, mas Madoc não deu a mínima.

Ele arrancou seu celular do cinto e discou para Nicholas.

—Algo aconteceu a Nika. Você pode vê-la?

—Estou olhando agora. Espere.

Madoc manteve o telefone apertado em sua orelha e tentou seu cartão-chave quando ele escorregou, caindo. Ele não parou para pegá-lo.

—Destranque minha porta ou vou quebrá-la.

Ele virou o canto, viu a luz na sua fechadura ficar verde, e entrou pela abertura como um aríete.

—Nika!

Ela não respondeu. Uma frenética busca de dez segundos no lugar não mostrou nenhum sinal dela.

A voz de Nicholas zumbiu em sua orelha.

—Houve um menino na sua porta. Ele abriu caminho na suíte.



Saiu há trinta segundos rebocando uma grande mala de viagem.

Madoc passou por ele.

—Se a machucou, o insignificante filho da puta vai morrer.

Ele voltou pela sala, saindo atrás da criança. Quando virou a esquina, viu o menino dar uma olhada sobre seu ombro, em pânico, e correr longe, deixando a mala de viagem para trás.

—Estou vendo-o,— disse Nicholas. —Deixe-o ir. Cuide de Nika.

Como se tivesse que dizer isto. Ele encontraria e mataria o estúpido depois. Agora recuperaria Nika.

Pareceu levar uma eternidade chegar ao fim da sala. Ele se esticou na eternidade, tornando-a mais longa a cada passo que dava. E se não estava na mala de viagem? Ou pior, e se estava, mas era tarde demais? Um milhão de pensamentos diferentes inundou a mente de Madoc, enchendo-o com terror. Ele sentiu a umidade nas suas faces, mas não deu nenhuma atenção.

Finalmente, conseguiu a mala e abriu o zíper. Nika estava enrolada no interior, a cabeça inclinada em um ângulo desajeitado. Não fez nenhum som. Não podia ver seu peito se movendo.

Um som ferido fluía dele a cada respiração. Suas mãos tremiam quando a alcançou.

Sua pele estava quente. Tão suave.

Ele apertou seus dedos contra o lado do seu pescoço, mas tremia tanto, que não sabia se o que sentia era o pulso dela ou seu próprio estremecimento. Seus dedos roçaram a luceria e uma insinuação fraca de cor dançou dentro da banda. Não faria isto se estivesse morta, não é?

Madoc a tirou, empurrou o náilon preto longe, e a carregou



nos seus braços quando se apressou à suíte de Tynan. Era o melhor curandeiro que tinham. Mesmo se odiasse Madoc, precisava ajudar Nika.

Liam apareceu junto dele.

—Nicholas disse que poderia precisar de um pouco de ajuda. O que posso fazer?

Madoc sentiu sua subida de peito, pressiona contra o dele. Ela estava viva.

O alívio ameaçou curvar seus joelhos, mas ele se segurou e manteve o avanço.

—Desperte Tynan. Ele tem de consertá-la.

Liam não disse nada, mas correu adiante.

A porta de Tynan estava aberta quando Madoc chegou lá. Ele se apressou no interior, pela sala de estar, e abaixo pelas escadas onde Tynan dormia.

Liam já o tinha acordado, embora não parecesse vigilante. Sua voz estava grossa e grogue quando disse:

—Deite-a.

Madoc não fez. Ele não a queria deixar.

Tynan esfregou os olhos e se deu uma sacudidela.

—O que aconteceu?

—Não sei. Um menino a desacordou e colocou em uma mala de viagem.

Tynan se debruçou, fazendo Madoc ficar tenso. Não queria o filho da puta tocando seu sangue. Nunca. Mas como compreenderia o que aconteceu?

O Sanguinar se endireitou, buscou o pulso delicado de Nika, e o sentiu.

—Ela foi drogada. Posso cheirar. Dê alguns minutos para



despertar sozinha.

—Você não pode fazer algo?

Tynan fitou Madoc com mais que uma insinuação da raiva incandescendo nos seus olhos azuis de gelo.

—Estou débil. Algum filho da puta quebrou meu pescoço ontem.

—Darei sangue. Tudo o que precisar. Somente a deixe melhor.

—Não é o bastante. Não depois do que me fez.

Madoc engoliu em seco, tentando desalojar seu orgulho da garganta.

—Sinto,— ele disse a Tynan, o fitando diretamente nos olhos. Era uma coisa perigosa a fazer com um Sanguinar nas melhores circunstâncias, e essas estavam distantes disto. —Perdi o controle. Joseph já sabe. Você terá sua justiça. Não há nenhuma desculpa para o que fiz.

—Nenhuma,— aceitou Tynan, seu frio olhar fixo. —Embora ambos saibamos a razão.

Madoc disparou um olhar preocupado na direção de Liam. Não estava seguro se ainda podia ser enviado aos Slayers agora que sua marca da vida não estava mais nua, mas não quis arriscar ser afastado de Nika. Ninguém podia saber nunca que uma vez foi candidato para a morte.

—Meu juramento de sangue,— ofereceu Madoc. —Ofereço meu juramento de sangue para salvar a vida de Nika e compensar o dano que causei. Livrementemente dou tanto sangue quanto precise, tantas vezes como precise, contanto que não impeça minha capacidade de proteger Nika.

—Isto é um bom começo, mas não é o bastante.



—O que mais posso dar?

—Crianças. Quero seu voto que me deixará tentar curar sua esterilidade.

Madoc nem mesmo pensou duas vezes, embora soubesse que tudo o que Tynan pretendia fazer doeria provavelmente como o inferno.

—Perfeito. Tudo o que tiver que fazer. Somente a salve. Por favor.

Uma chama trêmula de luz branca saiu do olhar fixo de Tynan. Um sorriso lento, vitorioso esticou sua boca.

—Feito.



Tynan contou o voto de Madoc como uma grande vitória. O homem não tinha como saber que Tynan nunca pediria sua morte. Ele precisava muito dele para jogar fora o sangue perfeitamente bom por causa de justiça.

Madoc também não saberia que Nika estava perfeitamente bem, e que a droga que inspirou se dissiparia dentro de alguns minutos, deixando-a nauseada, mas sem dano duradouro. O pânico de Madoc era uma alavanca que Tynan não podia recusar. E agora tinha outro candidato para seus experimentos de fertilidade. Não foi um mau dia de trabalho.

Tynan pegou o braço oferecido por Madoc e bebeu profundamente, enviando o homem a dormir para evitar acidentes mais infelizes. O pescoço de Tynan ainda estava rijo de ontem. Liam ficou acima deles, observando, portanto Tynan



terminou de se alimentar do sangue poderoso de Madoc e fez uma demonstração de curar Nika.

Levou um pouco de esforço apressar os efeitos do anestésico em seu sistema e despertá-la. Enquanto esteve nela, curou as pequenas queimaduras nas pontas dos seus dedos e a pequena contusão que sentiu ao longo das paredes da sua vagina.

A pequena Nika não era mais virgem, um fato que Tynan encontrou promissor, considerando que Madoc era agora sua cobaia pessoal.

—Ela está perfeita,— Tynan disse a Liam. —Somente tem que descansar um tempo. Mantereí Madoc aqui por um tempo mais longo.

—Ele fica, eu fico,— disse Nika, sua voz grogue.

—Então eu fico, também,— disse Liam, claramente desconfiado das intenções de Tynan.

Tynan encolheu os ombros.

—Acomodem-se. Não vou fazer nada que não me deu o direito de fazer.

Deixe-os olhar. Ele não se preocupou. Madoc era seu agora, e pretendia aproveitar ao máximo seu novo sujeito. Daria a Madoc o soro da fertilidade que estava trabalhando, e logo o implantaria com um apetite insaciável de sexo. Entre aquelas duas coisas, saberia em um mês ou dois se sua última cura funcionava.



As dores de Tori pioraram durante todo o dia.

Sabia o que significava. Sabia que a dor enfadonha nas suas



costas significavam que era tempo. A coisa dentro dela estava pronta para nascer.

A escuridão parecia se aproximar em volta dela, forçando o frio das paredes da caverna contra sua pele. Ele sugou o calor do seu sangue, e junto com ele, toda a esperança que Nika e o homem a encontrariam antes que fosse tarde demais. Ninguém veio por ela, e até agora, não percebia quanta esperança pôs na ideia estúpida que poderiam encontrá-la. Seria melhor não esperar nada em absoluto, porque agora a perda da esperança parecia quase muito para suportar.

Sob a pele muito esticada de sua barriga, a coisa se moveu, causando uma protuberância escorregando sob a superfície.

Tori lamentava o odiar. Lamentava não ter uma espécie de instinto maternal que a ajudasse a terminar esses poucos últimos meses. Por muito que tentasse, não podia imaginá-lo como um verdadeiro bebê com pele rosa suave que cheirava a talco. Tudo que podia ver eram as presas de Zillah, o suor como gotas sobre sua pele cinza pálida, e seus dedos também longos quando a segurava.

Tori empurrou a lembrança longe e se concentrou em manter suas emoções sob controle. Sempre que tinha medo, a necessidade de se estender para Nika era mais difícil de resistir. Infelizmente, Tori estava morrendo de medo. A coisa dentro dela nasceria em poucas horas, e podia matá-la facilmente. E se não o fizesse, sabia o que seu futuro traria. Uma vez que a coisa nascesse, Zillah viria por ela novamente. Ele a machucaria novamente e poria outra coisa dentro dela. De qualquer maneira, a morte parecia melhor.

Outro espasmo doloroso agarrou suas costas. Ela puxou uma



respiração e soltou-a por entre os dentes.

Não gritaria por Nika. Ela não devolveria anos da companhia de sua irmã e bondade a deixando sofrer pelo nascimento desta coisa junto com Tori.

Nika merecia mais.

—É tempo, não é?— ela ouviu Zillah dizer profundamente dentro das sombras fora da sua cela.

—Não,— Tori mentiu.

—Você já a chamou?

—Quem?— ela perguntou, apenas para deixá-lo louco.

Ele saiu do seu lugar oculto para onde podia vê-lo. A excitação fez seus olhos pretos faiscarem. Ele sorriu quando destrancou a porta e entrou.

—Não se incomode. Posso ser paciente.

—Espere quanto quiser. Não vou chamá-la.

—Você vai.— Suas palavras eram de uma confiança absoluta.

—Antes que nossa criança nasça, você vai.

Capítulo 20

Madoc despertou na sua própria cama. A luz solar filtrava pelas persianas fechadas, dando uma incandescência suave à sala. Nika estava dobrada junto dele, enrolada em seu corpo. Seus dedos delgados pousavam na sua cintura e sua face descansava por cima do seu coração.

Estava um pouco confuso de como chegou aqui. A última coisa que lembrava foi estar na sala de Tynan.



Ele virou para ver o relógio ao lado de cama para ver quanto tempo passou. Assentado na frente dele, escurecendo os números vermelhos, estavam quatro garrafas de bebida. Uma nota presa no topo de uma.

Reidratar. Você vai precisar.
T.

Tynan.

Assim, o ataque à Nika e o juramento de sangue não foi um pesadelo.

No espaço de uma batida do coração, reviveu o evento inteiro. O pânico em saber que algo aconteceu, o medo de a perder, a necessidade de ser melhor e nunca deixar nada nunca acontecer novamente. Tudo se chocou contra ele, despojando-o da respiração.

Madoc deu uma volta e envolveu seu braço em volta dela, agradecendo a qualquer Deus que escutasse por sua segurança.

Nika se torceu no seu abraço muito-apertado, então ele relaxou a pressão. Seus seios deslizaram acima do seu peito nu, e ele pode sentir o veludo dos seus mamilos arrastando contra sua pele.

Ela estava nua. Podia sentir agora, sua pele suave e morna deslizando contra a dele.

Estavam ambos nus.

Madoc não podia lembrar como isto aconteceu, mas antes que tivesse tempo para ponderar, uma parede da luxúria caiu sobre dele, deixando-o duro. Ele rangeu os dentes, lutando para não esmagar Nika no seu abraço. Seus olhos tremularam abertos



e ela deu um sorriso tão doce que quase quebrou seu coração.

—Você está acordado,— ela sussurrou. —Como está se sentindo?

Com vontade de empurrar seu pau nela. Ele não disse isto, entretanto. Ele manteve seus lábios apertados, sabendo que se os abrisse, ele a beijaria. E se a beijasse, não pararia até que estivesse muito e profundamente dentro dela.

Nika carranqueou e se ajoelhou, apertando sua mão contra sua cabeça como se verificasse a febre.

—Você está bem? Tynan disse que tinha que beber muito.

Ele entendeu suas palavras, mas não parecia se preocupar com a resposta. Seus seios estavam belamente nus, pairando perto da sua cabeça. Ela passou para ele uma garrafa plástica, e Madoc não pode evitar se deslocar o bastante para capturar seu mamilo na boca.

Nika respirou e se aproximou, fluindo acima dele, alinhando-se para que não tivesse que esticar seu pescoço para alcançá-la. Ele agarrou seus ombros, a mantendo firme enquanto beijava seu caminho ao outro seio para prová-lo também.

—Não estou segura que devemos estar fazendo isto,— ela disse, sem fôlego. —Você está desidratado.

Ele não dava a mínima para isto agora. Tudo que se preocupava é se estava bastante molhada para tomá-lo.

Ela se mexeu, e ele a deixou ir só porque realmente a queria embaixo dele. Antes que pudesse movê-la até lá, ela escapuliu e derrubou seu corpo até que estivesse no chão junto da cama. Ela pegou uma das garrafas e a empurrou para ele.

—Beba. Ordens do Sanguinar.

Se o que ele tomasse a fizesse obedecer, ele o faria. Ele



sentou, arrancou a tampa, e virou a garrafa abaixo, fitando-a o tempo inteiro. Uma gota escapou pelo canto da sua boca e os olhos de Nika a seguiram abaixo por seu peito.



Ela lambeu seus lábios quando Madoc jogou a garrafa vazia no chão.

Nika se ajoelhou na borda da cama e se inclinou para a frente. Sua língua encontrou sua pele, pelo caminho do líquido por seu tronco.

O corpo de Madoc tencionou. Ele a sentiu deslizar dentro da sua cabeça, e a empurrou de volta. Não queria que ela visse como sua necessidade por ela era, demorada e exigente. Queria ser doce com ela. Ir lentamente. Compensar o que tinha feito antes.

Ele agarrou seus braços e a puxou até poder beijá-la. Sua boca era suave e doce contra a dele. Seus lábios abriram para deixar entrar sua língua e prová-la. Ele gemeu, sabendo que nenhuma outra mulher teria nunca a metade de seu sabor tão bom ou subiria à sua cabeça como Nika. Não importa o quanto tentasse, não podia resistir. Ela era sua fraqueza, e, ao mesmo tempo, tudo que quis alguma vez.

Desta vez, não ia perder o controle. Desta vez ia apreciá-la, lentamente e dando o prazer que merecia. Mesmo se o matasse.

Suas mãos vagaram sobre seu peito, fazendo sua marca da vida tremer de prazer. Seus dedos eram quentes e flexíveis quando o apertaram, puxando-o mais perto quando sua respiração acelerou contra sua boca. Ela tirou seus lábios e o fitou



com os olhos um azul mais escuro que o normal. Suas pupilas dilataram, suas íris afinaram, e suas pálpebras estavam caídas e pesadas, como se mal conseguisse manter seus olhos abertos. Um rubor rosa brilhante espalhava sobre seu pescoço e peito, tanto que não podia parar de beijá-la.

Ele trabalhou seu caminho abaixo do seu pescoço, beliscando e beijando enquanto se movia abaixo. O pulso de Nika pulava no seu pescoço. Ele chicoteou sua língua contra a luceria, e enviou um choque de poder pelo seu corpo.

Sua respiração aguda disse que ela sentiu, também.

—Assim?— ele perguntou.

Um gemido incoerente foi sua única resposta, mas ela inclinou a cabeça de lado, convidando-o a fazer novamente.

Ele fez, e desta vez, aquele choque foi diretamente à sua virilha, fazendo-o assobiar uma respiração contra o prazer agudo dele.

A conexão entre eles pulsou, e pode sentir uma espécie frenética de necessidade saindo dela. Ele a reconheceu como frustração sexual e não quis nada mais que aliviá-la, mas não antes que soubesse que estava pronta. Ele não podia suportar pensar em machucá-la novamente.

Ela escarranchou sobre seu estômago, puxando os lençóis para trás para agarrar seu pau na sua mão delicada. Ele sabia que ela pretendia o empurrar dentro dela, mas não era tempo para isto.

—Não ainda. Logo.

Um rosnado feroz moldou sua boca, tornando seu olhar o de uma mulher que não aceitaria não como resposta. Seus dentes brancos incandesceram brilhantes, seus lábios estavam inchados



e vermelhos dos seus beijos, e agora mesmo, Madoc não podia pensar em uma única coisa além da sua boca em volta do seu pau.

Sabia que não era o que devia estar pensando, mas não podia evitar.

—É isto o que você quer?— ela perguntou, olhando para ele.

Inferno, sim. Não havia como manter seus pensamentos exuberantes para ele. Nem mesmo tentou. Ele a deixou ver o que queria. A deixou ver seu cabelo branco transbordando por suas coxas enquanto o chupava na sua boca doce. Ele a deixou ver suas coxas abertas quando devolveu o favor, a lambendo e sugando até que gozasse contra sua boca.

Seu corpo vibrou com tremores perfeitos quando ela avançou em direção à sua virilha. Os lençóis cobriam sua ereção, mas não a ocultavam. Ela derrubou o tecido, deslizando por cima do seu pau em uma carícia sensual.

Madoc tremeu, fechando seus punhos para se impedir de empurrá-la abaixo onde a queria. Ele tinha que ser doce. Cuidadoso. Não pode machucá-la novamente como fez da última vez.

De fato, não devia sequer estar fazendo isto.

—Você não vai machucar minha boca,— ela disse. Antes que pudesse responder, ela fluiu abaixo entre suas coxas com uma graça natural que o fez achar que ela esteve fazendo isto por anos.

O calor molhado fechou em volta do seu pau quando ela deslizou seus lábios acima dele. Sua língua girou por cima da cabeça, lambendo as gotas que não podia impedir de derramar com sua excitação. Com entusiasmo voraz, ela sugou e lambeu, aprendendo do que ele gostava, arrancando uma cadeia de maldições dos seus lábios. Ele a sentiu na sua cabeça, deslizando



pelos seus pensamentos, e a intimidade serviu só para o deixar mais quente.

Ele não ia durar muito neste ritmo. Toda a sua inocência e excitação iam matá-lo, e estaria condenado se gozasse novamente sem fazê-la gozar primeiro. Era um ponto de honra. Sua mulher nunca ficaria novamente sem os gritos de prazer que merecia. E mais alguns. Antes que esquecesse suas boas intenções, ele removeu sua boca doce e a empurrou de costas até que sua cabeça suspendesse no fim da cama. Ele levantou seus pés, enganchou-os por cima dos seus ombros, e se moveu até que suas coxas estavam presas acima dos seus braços.

Assim, o contraste entre sua força e a fragilidade dela era alarmante. Seus braços eram tão grossos como suas pernas, lembrando-o de como ela era frágil.

—Posso tomar o que tem a me dar,— ela o assegurou. —Você não me quebrará.

Sua confiança nele o humilhava. Ela demoliu paredes que ele nem sequer sabia que tinha construído, o desnudando de um modo que nunca foi com nenhuma outra mulher.

Tão grande e resistente como ele era, ela ainda podia fazê-lo tremer.

Madoc virou a cabeça e beijou o interior da sua coxa, diretamente acima do seu joelho. Sa língua chicoteou acima da sua pele, deixando um rastro quente, molhado de toques suaves de pena. Quando subiu seu corpo, suas pernas abriram mais.

—Vou beijá-la,— ele disse. —Deixá-la bastante molhada para tomar tudo de mim.

Ela tremeu e Madoc sentiu uma lança de luxúria pela sua conexão. Sua luxúria.



Um sorriso vitorioso esticou sua boca quando se curvou para beijar, lamber e se deleitar com ela.



Nika estava morrendo. Tinha que ser. Apenas a morte podia fazer isto tão intenso.

Sabia o que acontecia. Esteve dentro das mentes de outras mulheres quando gozavam, mas não era nada como isto. Não estava segura se era a conexão mental ou a distância física que tinha silenciado aquelas sensações, ou se de alguma maneira sentia as coisas diferente das outras mulheres, e agora mesmo, não podia se concentrar o bastante para compreender.

A boca de Madoc e seus dedos a levaram mais alto, a forçando na direção de algo cegante e belo. Ela agarrou seu cabelo, incerta se queria repeli-lo ou puxá-lo mais perto. Essas sensações eram quase muito brilhantes para carregar. Só o conhecimento que não a machucaria expeliu sua preocupação.

Ela sentiu a conexão entre eles tremular; então sua presença pesada estava dentro da sua mente, se ajustando lá como se tivesse sido uma parte sua por toda a vida. Ele era quente, forte, exigente. Ele encontrou sua luxúria e a ampliou com a sua própria, deixando-a ver somente quanto a queria. As imagens deles juntos, entrelaçados em poses sensuais tremularam por ela quando mostrou todas as coisas que pretendia fazer.

Os nervos de Nika já estavam em chamas e o prazer riscou por ela. Aquelas imagens e a sensação de Madoc sentado profundamente na sua mente a enviaram voando, e se



desintegrou quando seu corpo entrou em espasmo. A intensidade foi chocante, quase dolorosa. Só a onda vitoriosa de satisfação que sentia chegando de Madoc lhe disse que era seguro deixar ir.

Ela se arremessou no prazer e confiou em Madoc para a manter segura quando a seguinte onda bateu nela. Lentamente, seu corpo relaxou quando uma espécie de calor vibrante se instalou sobre ela. Seu corpo deslocou na cama quando Madoc a moveu. Até aí, ela não percebeu que quase tinha caído.

Ele pairou acima dela, dando um sexy sorriso que jamais tinha visto.

—Sinto-me melhor agora,— ele disse.

—Você se sente melhor?

—Muito. Gosto de olhá-la gozar.

Ele ainda estava desejoso. Podia sentir facilmente, tanto na sua mente como no seu corpo, e ainda assim não a apressava como antes. Ela quis aliviar aquela necessidade e dar-lhe a espécie de prazer que acabava de lhe dar.

Nika sentia-se lenta e lânguida, mas tinha uma fonte aparentemente infinita de poder ao seu dispor, portanto puxou algum para ela e usou um estouro de força magicamente realçada para empurrar Madoc na cama.

—É minha vez,— ela disse, escarranchando sobre ele como queria fazer antes.

Sua boca estava distendida pela luxúria, portanto ela se curvou para a frente para beijá-lo. Ele deu o que ela quis, encontrando cada impulso da sua língua com seus próprios. O movimento escorregadio fez o calor juntar na sua barriga. A fome dentro dela que ele tinha extinguido recentemente começou a crescer novamente.



Nika tinha que ser enchida por ele. Ela precisava senti-lo dentro dela, acariciando profundamente. Era a única coisa que podia saciar sua necessidade.

Foi um pouco desgraciosa quando os manobrou juntos, mas Madoc foi paciente, a deixando levar seu tempo. Ele era grande, e embora ela estivesse escorregadia, ainda sentia o esticamento quando seu corpo deu lugar à ele. Choques correram ao longo da sua espinha, a fazendo se sacudir. Queria se chocar abaixo e tomar tudo dele, mas suas mãos nos seus quadris a apoiaram, balançando, fazendo-a ir lentamente.

—Você está me matando,— ela disse.

—Me recuso a machucá-la novamente.

—Então me deixe mover.

—Logo.— O suor enfeitava com gotas acima e ao longo dos seus traços, e os tendões no seu pescoço se destacavam, dizendo que ela não era a única a sofrer.

Antes que a discussão com ele fosse mais longe, ela simplesmente se concentrou na conexão entre eles e deixou tudo que sentia o inundar. Madoc puxou uma respiração. Seus dedos apertaram firmes nos seus quadris e ele a puxou, sentando-a.

Nika nunca se sentiu tão cheia. Lutou para respirar, sentindo seus músculos apertarem em volta dele. Era uma espécie ímpar de realização, tendo-o no seu corpo e na sua mente ao mesmo tempo. Podia sentir tudo que ele sentia, da pressão pulsativa na sua ereção ao deslocamento fraco do seu cabelo pelo ventilador de teto acima.

Precisava se mover. Ela podia sentir isto agora. Portanto Nika se moveu.

O gemido de prazer que Madoc deixou sair foi a coisa mais



doce que já ouvira alguma vez. Ele derrubou-a contra seu peito, rolou-a abaixo dele, e começou um lento vai-e-vem.

Da primeira vez não foi nada como isto. Não havia nenhuma dor, nenhuma tensão, só o lugar liso deslizando pele com pele e sua boca faminta na dela. A pressão dentro dela cresceu. Podia senti-la crescendo em ambos, muito aguda e exigente para resistir. Seus pensamentos sussurrados no interior dela, os juntado de um modo que ela não sabia existir.

Seu corpo poderoso aumentou quando sua necessidade aumentou. Ela sentiu o prazer crescer dentro dele quando se abriu até ela. A conexão entre eles inchou e pulsou com poder. Madoc levantou seus quadris com uma mão, moendo-a contra ele em um caminho que trouxe lágrimas aos seus olhos e roubou o ar dos seus pulmões. E logo tudo veio abaixo. O corpo de Madoc tencionou quando se dirigiu profundamente. Ele se avolumou dentro dela e o primeiro jato quente do seu gozo pulsou no seu útero, fazendo seu clímax ressaltar.

Ela gritou, o mantendo apertado quando seu clímax a encheu. As ondas que caíam acima dela pulsavam ao mesmo tempo que as dele, combinando as sensações em uma clareza contínua de perfeição. Parecia continuar para sempre, mas uma vez que terminou, foi muito cedo. Ainda respiravam com dificuldade quando Madoc os sacudiu e a puxou acima do seu peito. Ele estava ainda dentro dela, ainda pulsando no ritmo das suas batidas de coração. O suor esfriou através das suas costas, mas sua frente estava alegremente quente.

Madoc não a empurrou longe desta vez. Estava ainda dentro da sua mente tão profundamente como estava dentro do seu corpo.



Que era por que podia ouvir seus pensamentos. Não só estava planejando entregá-la a outro homem; também planejava mantê-la aqui quando todos os outros fossem resgatar Tori.

—Não me preocupo que bom na cama seja,— ela disse, levantando do seu peito para olhar abaixo para ele. —Não há nenhum modo de me convencer a ficar para trás.

Ele abriu a boca e disse algo, mas Nika não pode entender uma única palavra. Tudo que ouviu foi o som do seu nome em um guincho de dor que repercutiu dentro do seu crânio.

Tori. Tori tentava alcançá-la.

Nika se abriu e puxou um pouco do poder de Madoc nela para que pudesse encontrar de onde aquele contato vinha. Logo que o fez, um tiro de dor passou por seu corpo, a jogando contra Madoc. Ela nunca sentiu nada como isto antes. Cortou sua respiração e encolheu seu mundo a apenas uma ponta de luz. Todo o resto era cinzento.

Ela se ouviu gritando, sentiu as mãos de Madoc em seu corpo e seus pensamentos na sua mente.

—Tori!

Sinto, ela ouviu o soluço de sua irmã. *Sinto tanto.*

Capítulo 21

Gilda levantou a mão para bater quando a porta de sua filha abriu. Sibyl levantou os olhos para ela, seus olhos o mesmo pálido azul como seu pai.

Angus. Gilda já sentia falta dele.



Os cachos loiros de Sibyl estavam entrelaçados, seu vestido amassado, o que não parecia de modo algum com ela. Olheiras marcavam seus olhos, ofuscando seu brilho normal.

—Adivinho que é a hora,— disse Sibyl.

Gilda ficou chocado em ouvir sua voz depois de sofrer o silêncio de sua filha por tanto tempo.

—Que hora?

—Para você morrer.

—Você viu isto?— Gilda odiava que sua filha fosse atormentada por visões do futuro, mas nunca considerou que veria a morte de sua própria mãe.

—Vi muitas coisas. Demais.— Sibyl recuou, permitindo a Gilda entrar na sua suíte. A mobília de babados parecia murcha hoje, seu normalmente brilhante cor de rosa enfadonho e sujo.

Gilda sentou no sofá delicado.

—Não ficarei muito. Sei que as coisas são tensas entre nós, mas me senti compelida a vê-la novamente.

—Nada entre nós mudou,— disse Sibyl. —Não posso a desculpar repentinamente porque decidiu se matar, não é?

—Não estou pedindo seu perdão. Eu esperava somente que você... me deixasse te abraçar um pouco.

—Não sou criança. Você me prendeu dentro do corpo desta criança, mas não sou criança.

—Você sempre será minha criança. Como Maura é.

—Maura não falará comigo sobre você. Ela se recusa.

—Você fala com Maura?

—Às vezes. Quando ela está com medo.

Gilda odiou a ideia da sua pequena menina com medo, mas Maura tomou suas próprias decisões. Tinha que viver com as



consequências, como Gilda fazia.

—Você dirá que ainda a amo?— perguntou Gilda.

—Ela não acreditará. Ela não acredita que você pode amar alguém que não tem nenhuma alma.

—Naturalmente ela tem uma alma.

—Maura não acredita nisto. Ela diz que você a arrancou dela quando nos rasgou pela metade enquanto ainda estávamos no seu ventre.

—O que fiz foi louco. Precisamos de mais mulheres para aumentar nossas filas. Pensei que ter meninas gêmeas nos ajudaria a ganhar a guerra.

—Maura e eu não estávamos destinadas a ser gêmeas. Você pegou a criança indefesa que crescia dentro do seu corpo e a cortou pela metade. Como pode fazer algo assim? Como pode ter rasgado uma alma muito pequena em duas quando era a responsável em mantê-la segura?

—Não queria que fosse assim. Gêmeos nascem todo o tempo. Não percebi que fazia algo antinatural.

—Você não percebeu. Como não percebeu o que fazia na noite que Isaac morreu?

Gilda sacudiu a cabeça. A dor de seu filho assaltou dentro dela, mesmo após todos esses anos.

—Foi outro erro. Um de muitos. Sinto tanto que você e Maura sofram por causa das minhas escolhas. Só pensei em protegê-lo.

—Você faz soar tão razoável, como se qualquer mãe fizesse a mesma coisa.

—Eu não sabia o que aconteceria. Juro.

—Como podia não saber? Você veio até nós naquela noite, nos acordou de um sono profundo com esse único objetivo.



—Não. Não foi assim. Eu precisava segurá-las, agarrar minhas duas crianças vivas e me reassegurar que estavam bem.

—Não é a maneira que me lembro. Lembro de você balançando no nosso quarto. Lembro que você gritava. A frente do seu vestido estava molhada de lágrimas. Maura e eu ficamos assustadas. Não sabíamos o que tinha acontecido e você gritava muito para nos dizer. A abraçamos, tentando do nosso modo infantil consolá-la. Teríamos feito tudo para a fazer sentir-se melhor, e você usou isto para tirar de nós uma promessa que não entendemos.

—Eu não sabia o que faria.

—Como podia não saber? Você olhou firme para cada uma, nos olhos e disse, 'Prometa a Mamãe que nunca crescerá.' Você sabia que a promessa teria poder sobre nós.

—Eram somente palavras. Eu não queria que você crescesse e se juntasse a luta. Eu não queria que morresse como seu irmão antes naquela noite.

—Tínhamos oito anos. Não entendemos o que aquela promessa nos custaria. Lembro ao terminar e sentir a respiração sendo esmagada em nossos pulmões. Lembro do pânico que nos agarrou quando aquela promessa entranhou nas nossas almas, nos enjaulando nesses corpos muito pequenos.

—Sinto tanto, Sibyl. Nunca pensei em prejudicá-la.

Um riso oco cresceu, muito velho para o corpo do qual vinha.

—Você fez um trabalho perfeito mesmo sem tentar.

—Um dia entenderá.

—Como?— exigiu Sibyl. —Quando crescer e tiver minha própria criança? Você roubou isto de mim. Você tirou de mim tudo que devia ter, inclusive mandando Maura, a outra metade de



mim, para longe.

—Não. Não fiz isto.

—Você fez. Ela partiu porque não podia suportar olhar para você. Ela não podia suportar a lembrança do que devíamos ter, do que devíamos nos tornar.

—Ela decidiu mudar de lado.

—Não. Ela decidiu fugir, e o único lugar onde ela estaria segura foi com nosso inimigo. Não é como se pudesse viver sozinha.

—Ela nos traiu,— disse Gilda, sabendo que Maura aprendeu isso com ela.

—Você nos traiu. Suas ações puseram tudo isso em movimento. Estou certa que o dano que fez não terminou ainda, pelo menos, não para mim e Maura.

—Se pudesse voltar atrás no que fiz...

—É tarde demais para isto. Seu tempo está quase no fim.

—Portanto você pode ver, ver meu futuro.

Sibyl acenou com a cabeça.

—E o seu pai?

—Você teria que perguntar a Maura. É a vez dela.

—Lamento que não possa vê-la novamente antes de morrer,— disse Gilda.

—Não se incomode,— disse Sibyl. —Você vai.



O coração de Madoc ia explodir em seu corpo. Primeiro teve o orgasmo mais poderoso da sua vida, e agora Nika gritava de dor,



se torcendo nos seus braços.

—Tori!— ela gritou, estendendo a mão para pegar como se pudesse ver de fato sua irmã.

—Nika, volte para mim.— Ele não sabia o que acontecia à Tori, mas sabia com certeza que não queria Nika em qualquer lugar perto dela, se em corpo ou mente.

Ela se foi, logo abriu os olhos e os levantou os para ele. As lágrimas caíam dos cantos, molhando o cabelo pálido nas suas têmporas.

—Ela esteve aqui. Por somente um minuto. Eles a estão machucando.

Nika ainda apertava seu estômago. Suas pernas estavam dobradas e apertadas contra seu corpo, e Madoc estava seguro que sabia por que.

—Ela está em trabalho de parto. Não há nada que possa fazer.

Nika se empurrou longe dele, tropeçando da cama. Sua roupa estava jogada por cima de uma cadeira, e ela se apressou em vesti-las.

—Tenho que encontrá-la.

—Como? Tudo que sabemos é que foi para sudeste.

—Ela gritou por mim uma vez. Fará novamente.

Madoc começou a se vestir, porque sabia que ela estaria saindo a qualquer momento, e não queria arrastar seu traseiro nu abaixo pela sala e assustar todas as crianças humanas.

—E você será incapacitada pela dor novamente.

Ela puxou uma camisa por cima da sua cabeça.

—Não me preocupo. Estarei pronta para ela da próxima vez.

Madoc quis forçá-la a ficar aqui. Ela era muito preciosa para arriscar. Ele sabia que daria sua vida por sua irmã em uma batida



do coração e não podia deixar isso acontecer. Não queria que Tori morresse, mas se o fizesse, não queria que levasse Nika com ela.

—O que acha que ganhará fugindo em pânico? Temos que ir a Joseph e fazer o caminho certo.

—Quanto tempo acha que levará? Quanto tempo acha que Tori tem? Não posso esperar.

Madoc agarrou seu braço, procurando não apertar muito.

—Que bem fará a encontrar se não pudermos tirá-la viva? Temos que reunir os homens.

—Perfeito. Você fala com Joseph. Reúna-se seja com quem for que queira, mas vamos partir agora.



Meghan estava saindo do escritório quando parou de repente.

John Hawthorne se apoiava contra o capô do seu carro, seus braços grossos atravessando seu peito.

Só a vista dele fez algo profundamente dentro dela desatar. Uma pontada familiar de excitação em seu ventre que deixou seus joelhos moles. Ela se perguntou se sempre teria esse poder para fazer isto. Ela não esperava vê-lo novamente. Ele era somente um lugar brilhante, secreto na sua vida que ela manteria perto e nunca esqueceria. O ver aqui, na sua cidade, no seu trabalho, era completamente chocante e completamente inaceitável.

—O que está fazendo aqui?— ela perguntou, verificando acima do seu ombro se algum dos seus colaboradores estava próximo. Afortunadamente, não estavam, mas isto não duraria



por muito tempo.

—Você partiu. Não estava pronto para isto, portanto vim encontrá-la.— Ele falou como se fosse a coisa mais razoável viajar quase duas mil milhas para terminar uma conversa.

—Você não pode ficar aqui.

—Por que não? Ele é um país livre.

—Se alguém o ver, dirão ao meu pai.

John levantou uma sobrancelha.

—Você têm vinte e oito anos. Estou bastante seguro que não precisa da sua permissão..

—Não é isso.

—Então o que é?

Meghan não sabia como explicar. O seu pai tinha seu orgulho. Se achasse que por cuidar dele a estaria privando de algo, ele a repeliria. Ela não estava convencida que estava o bastante forte para viver sozinho ainda. Com certeza estava melhor, mas e se tivesse uma recaída?

—Tivemos um bom tempo, John. Mas você realmente não pode ficar aqui. Por favor vá.

—Você é casada?— ele perguntou, seu rosto escurecendo com raiva.

—Céus, não. Nada assim. Só não posso me envolver agora. Tenho muitas responsabilidades.

—Eu também, mas aqui estou de qualquer maneira. Pensei que nós dois tivemos algo especial.

—Foi especial. Não podemos deixar somente assim?

—Isto não é o bastante para mim. Tenho sentimentos por você, Meghan. Quero que volte comigo assim poderemos ver onde as coisas nos levam.



O coração de Meghan espremeu pelo desejo. Queria tanto se entregar e lançar a prudência ao vento. Talvez durasse uma semana e estariam cada um na garganta do outro, mas talvez houvesse algo verdadeiro lá. Ela nunca se sentiu assim com outro homem antes.

Mas o que ela queria não era tão importante como cuidar do seu pai. Ele vinha primeiro.

—Sinto, John. Realmente. Mas isto é o mais longe que vamos.

A boca de John se apertou com raiva e ele engoliu como se empurrasse algo abaixo.

—Não acredito nisto. E não acho que você também.

Antes que percebesse o que ele fazia, ele se moveu e a beijou.

O corpo de Meghan respondeu como das outras inúmeras vezes que ele a beijou. Sua pele se aqueceu, seus membros ficaram líquidos, e ela fluiu nele como se fosse feita para fazer somente isto.

Ele persuadiu seus lábios a se abrirem, passando sua língua contra a boca dela. Ele tinha gosto de sonhos secretos - tão inebriante que a estava deixando tonta. Sua mão em concha na sua nuca enquanto a outra deslizava para baixo até o final da sua espinha. As serpentinas sensações provocaram distúrbios por sua circulação sanguínea até que a deixassem sem fôlego, molhada, e almejando coisas que sabia nunca pode ter.

John terminou o beijo mas não se mexeu.

—Convide-me para sua casa.

Ela queria. Queria cair na cama com ele e nunca sair.

—Não posso. Meu pai...

—Leve-me para encontrá-lo. Talvez a gente se dê bem. Você não saberá até tentar.



Sua resistência estava se desintegrando, não era páreo para o prazer que sabia que John pode dar.

—Se ele o encontrar, saberá como me sinto.

—Isto é uma boa coisa, certo?

—Não. Ele precisa de mim agora. Não posso abandoná-lo.

—Não estou pedindo isso para você.

—Você não entende. Ele me afastará. Pensará que está me despojando do meu futuro.

—Ele está.

—Ele é minha escolha.

John se mexeu, desgosto marcando seu rosto.

—Entendo,— ele disse, logo virou e partiu.

Meghan o olhou ir, sentindo que levava algo vital com ele, algo que nunca seria capaz de sobreviver sem.



Torr não podia acreditar na velocidade que se recuperava. Parecia que um interruptor havia sido ligado, e a sensação nos seus membros voltava de repente.

Só há duas horas, não era capaz de levantar sua própria cabeça, e agora sentava na borda da cama. Com certeza ainda estava cambaleante, mas até isso parecia estar desaparecendo rápido.

Havia uma espécie de comoção continua no interior de Dabyr. Podia ouvir vozes tensas e passos apressados fora da sua porta. A mulher que trouxe a comida antes não sabia o que acontecia. Torr ocultou dela o quanto tinha melhorado. Não queria que ninguém



estragasse a surpresa de Grace. Queria ver o olhar em seu rosto quando o visse.

Não havia mais nenhuma dúvida na sua mente que pudesse cumprimentá-la de pé. De fato, se tudo corresse bem, seria capaz de fazer mais que somente cumprimentá-la. Seria capaz de fazer amor do modo que ele não tinha se permitido pensar exceto nas profundidades dos seus sonhos.

Estava seguro como o inferno que pensava nele agora. Se não voltasse logo, teria que fazer algo sobre sua ereção quase constante. Claramente, seu corpo compensava o tempo perdido.

Usando a cama como suporte, Torr se empurrou para seus pés.

Ele quase dobrou sob o peso do seu próprio corpo, mas conseguiu ficar em pé. Depois de alguns segundos, ganhou equilíbrio e estendeu a mão para pegar uma cadeira próxima para se estabilizar. Ele deu um passo, então dois, antes que suas pernas não aguentassem mais e deslizesse abaixo na cadeira.

A alegria o fez se sentir leve e sua maxila doeu de sorrir tanto.

Grace ia ficar tão surpresa. Finalmente, suas lágrimas seriam de alegria.

Ele pensou em chamá-la e pedir que voltasse para casa, mas ela merecia seu descanso. Passou muito tempo mantendo seu traseiro arrependido limpo e alimentado. Ela precisava de um pouco de tempo para ela. Em vez disso, ele discou para seu irmão de dezessete anos, esperando que soubesse quando ela voltaria.

Blake Norman atendeu o telefone com um distraído,

—Olá—. No fundo, Torr pode ouvir o som de armas de raio laser sendo disparadas e os gritos excitados dos outros meninos na sala.



—Você tem companhia?— perguntou Torr.

—Sim. Estamos jogando. Precisa de algo?

—Você sabe quando Grace volta?

—O que quer dizer? Ela está com você, não é?

—Ela não pode viajar me arrastando com ela.

—Viajando? Ela nunca deixaria este lugar, não depois do que nos aconteceu.

Torr foi atingido pelo silêncio por um momento.

—Ela não saiu em viagem?

Blake fez sons de silêncio até que a sala ficou tranquila.

—Ela disse que você estava piorando e que ficaria na sua suíte por alguns dias. Não está com você?

Uma má sensação começou a se aproximar da espinha de Torr.

—Ela não está comigo.

—Então onde inferno está?

—Não sei, mas vou descobrir.

Torr discou para a segurança, esperando achar Nicholas, mas em vez disso achou um dos Geraí que ajudava quando Nicholas não estava disponível.

—Eh, Nate,— disse Torr. —Eu me perguntava se podia me ajudar com algo.

—Claro.

—Você pode descobrir se Grace deixou o complexo recentemente?

—Espere um segundo.— Houve um pouco de clique de chaves; então Nate disse, —Ela não registrou nenhum carro e seu cartão de segurança não foi usado no portão. Ela pode ter saído com alguém, suponho.



—Você controla quando ela usa seu cartão-chave?

—Sim, tudo é registrado.

—Você pode ver quando foi a última vez que usou o seu?

—Por volta do meio-dia de ontem.

—Quem partiu desde então?

Nate leu uma lista de nomes. Era curta.

—Você pode verificar para ver se as câmeras a mostraram em algum dos carros?

—O que está acontecendo, Torr? Ela está em uma alguma espécie de problema?

—Não sei. Ela me disse que deixou a cidade. Disse a seu irmão que estaria comigo. Não tenho nenhuma ideia de onde está.

—Certo. Me dê alguns minutos e vou passar a filmagem de segurança. Nosso software de reconhecimento facial a encontrará e me dirá o último lugar em que foi vista. Chamarei em alguns minutos. Terá alguém aí que possa atender o telefone?

—Sim,— ele disse, sentindo-se frio e mais medroso do que nunca em um longo, longo tempo.

Agora que pensava nisso, ela estava agindo um pouco estranha da última vez que a viu. Ele o creditou ao stress, mas talvez estivesse tentando dizer que estava em alguma espécie de problema. Talvez o custo de cuidar dele a tivesse desgastado e teve uma espécie de esgotamento.

Dez milhões de coisas atravessaram sua cabeça, cada uma pior que a outra.

Seu telefone tocou, e o pegou, seus dedos débeis e desgraciosos no plástico.

—Você a encontrou?

—É muito esquisito, mas ela entrou em uma suíte vazia e não



saiu novamente. Não posso sair, mas estou enviando alguém para verificar.

—Qual o número?

Nate disse, logo disse: —o chamarei assim que souber o que está acontecendo.

Torr não disse para não se incomodar. Ele ia até lá ele mesmo e a encontraria, e logo faria um inferno por andar furtivamente assim e assustá-lo. Não precisava mentir e dizer que deixava a cidade para se afastar dele. Tudo que tinha a fazer era dizer que precisava de algum tempo. Ele teria entendido.

Ele pegou sua espada embainhada, sabendo que precisaria de uma espécie de bengala para não cair de cara no chão. A suíte era só uma sala longe, mas tão cambaleante como estava, pareceria um inferno muito mais longo.



John se recusava a desistir de Meghan. Não podia imaginar que um homem capaz de criar uma filha como ela, também seria capaz de a impedir de viver sua própria vida.

Havia só um modo de descobrir.

Como uma espécie de caçador à espreita, John a seguiu até sua casa. Logo que ela entrou na garagem, ele se apressou à porta dianteira, esperando que seu pai fosse aquele a responder, portanto ela não teria a oportunidade de fechá-la na cara de John.

O homem que atendeu à porta chegava ao nariz de John. Ele era magro, mas não doentio, e perscrutou John com um olhar fixo claro, interrogativo.



—Sim?

—John Hawthorne é meu nome. Sou um amigo de Meghan de Minnesota. Se importa se eu entrar?

Os olhos do homem se iluminaram com interesse e ele sorriu.

—Naturalmente. Ela não tem muitas pessoas à sua volta hoje em dia. Não como quando era criança. Aquela menina tinha gente desfilando por esta casa o tempo todo.

—Papai, estou em casa,— ela chamou de algum lugar à esquerda.

—Bem a tempo. Seu amigo está aqui.

Meghan chegou por uma entrada e parou fria.

—Você me seguiu até em casa?— ela perguntou em choque.

—Imaginei que não me convidaria, portanto tive que ser grosseiro e aparecer por conta própria.

Seu pai deu um passo protetor em direção à sua filha.

—Este homem está te causando problemas?

—Não, Papai. Ele só não sabe quando desistir.

—Podemos conversar?— perguntou John.

Tristeza tingia sua voz.

—Eu já disse tudo que devia.

—Por favor. Não podemos deixar terminar assim.

—Somente vá, John. Isto já é bastante difícil.

Seu pai escutava cada palavra, olhando cada um deles cuidadosamente. John odiou que houve público para isto, mas foi sua escolha. Não a dele. Ele teria discutido isto com ela em privado.

Ele sabia antes de dizer as palavras que ela não ia gostar de discutir isto na frente do seu pai.

—Não posso ir até saber se está carregando meu bebê. Não



usamos uma maldita coisa, e você nunca disse se estava em controle de natalidade.

Os olhos de Meghan ficaram grandes com o choque, como se finalmente percebesse o que o tinha trazido até aqui: Ela podia estar grávida. Por que não pensou nisso antes, não tinha nenhuma ideia. Ele sempre foi responsável. *Inferno*, tinha um preservativo na carteira. Ele simplesmente não pensou em usá-lo.

Sua mão se moveu ao seu estômago em um gesto inconsciente.

Foi toda resposta que John precisava. Ele se encontrou rezando a Deus que estivesse grávida, porque neste ponto, estava disposto a usar quaisquer táticas que pudesse para mantê-la na sua vida. Um bebê a iria prender e lhe daria tempo para convencê-la que podia amá-lo realmente, do modo como sabia que a amava.

A descoberta foi um pouco atordoante, mas o aqueceu de dentro para fora e abriu caminho para fora tão claro como o dia.

O pai de Meghan cruzou seus braços acima do seu peito e disse:

—Obviamente, vocês dois têm coisas a discutir. Estarei na cozinha fazendo o jantar. Para três.— Ele dirigiu aquela última parte para Meghan. —Você não vai excluir o pai do meu futuro possível neto antes do jantar e então conversaremos.

Ele partiu, deixando os dois em paz no vestíbulo.

Meghan ficou pálida e apertou sua mão na parede como se estabilizando.

—Eu não considere... Estou certa que não estou...

—Grávida,— ele ofereceu, o incomodou ela não poder nem sequer dizer a palavra. —Você parece que vai cair. Podemos sentar?



Ela acenou com a cabeça entorpecidamente e o conduziu a seguinte sala. Ela afundou no sofá, mas antes de sentar atravessado a sala, como ela provavelmente queria, ele sentou ao lado dela. John não era homem de meias palavras, portanto somente deixou escapar.

—Quero tentar fazer as coisas funcionarem com você. Venha viver comigo.

—Não posso. Meu pai.

—Traga-o, também. Tenho muitos quartos. Aquela cabana é só um lugar para fugir. Tenho uma casa de verdade, também, bem grande para todos.

—Faz muito frio para o Papai. Sua artrite...

—Ficará muito melhor com todo o exercício que um neto me dará,— gritou seu pai da cozinha. O homem espreitava pelo canto, sorrindo enquanto já planejava o que fazer com uma criança que nem sabiam se existia ainda.

Naquele momento, John decidiu que gostava do homem. Ele não se importaria de tê-lo como sogro em absoluto.

—Meu trabalho está aqui,— ela disse.

—Conheço muita gente lá em cima. Posso ajudá-la a encontrar um bom emprego. Ou posso te dar um na minha companhia.

—Isto é uma ideia horrível e você sabe.

—Uma ideia tão má como nunca ver o outro?— ele perguntou.

Seu rosto enrugou de dor, e ele soube agora mesmo que não era o único a ter sentimentos por ela. Ela sentia algo, também. Seu tempo juntos foi mais que sexo fenomenal, embora também fosse definitivamente isto.



—Apenas conhecemos um ao outro,— ela disse.

John pegou seu rosto nas suas mãos. A mancha preta do seu acidente estava ainda lá, o lembrando como era preciosa como facilmente podia ser levada longe dele. Cada segundo contava, e ele queria passar tantos quanto pudesse com ela.

—Sei o bastante para querer saber mais.

Ela cobriu suas mãos com as dela e as tirou.

—Não posso desalojar a mim e meu pai somente para ver se pode dar certo.

John acenou com a cabeça lentamente.

—Certo. É justo. Levará algumas semanas para resolver minhas coisas. Eu estava me preparando para entrar em novo projeto, portanto terei que achar alguém para me substituir, transferir os contratos, ou talvez vender o negócio. Falarei com meu advogado e verei se faz mais sentido. Terei que pôr minha casa à venda, mas acho que devemos manter a cabana, não é? Será bom durante as férias de família.

Meghan pestanejou para ele.

—Você vai abandonar sua vida, seu negócio, sua casa, sua carreira?

—Posso ter isso em qualquer lugar. Só posso ter você, aqui. Terei que começar de novo, novos códigos de construção e outras coisas, mas sou bom no que faço. Estou seguro que posso encontrar alguém disposto a me apoiar durante algum tempo. Posso fazer meu caminho até o topo novamente.

—Por quê? Por que faria isto?

Ele a olhou com desagrado, confuso.

—Por que não faria? Os empregos vêm e vão. Há só uma de você no mundo inteiro. E se tivermos sorte, um menininho



especial ou menina estará entrando nas nossas vidas em alguns meses. Eu abandonaria tudo por vocês dois.

—E se não houver um bebê?

—Então não há. Pelo menos, não ainda. Teremos mais tempo a sós para conhecer um ao outro. Mas de qualquer maneira, já me decidi. Quero ficar com você.

—Por quê?

—Porque a amo.— Quando disse as palavras em voz alta, tudo encaixou no lugar com um pequeno clique feliz. Pensar em desistir do que levou anos criando não o incomodou.

—Você me ama?— ela perguntou. Seu queixo começou a tremer.

—Não pareça tão surpresa. Estou certo que não sou o primeiro homem a me apaixonar por você. Espero em Deus ser o último, entretanto.

As lágrimas apareceram nos seus olhos.

—Não é possível amar alguém tão rápido.

—Por que não?

—Somente por que não é assim.

Ela ficava bonita quando se emocionava. Seu nariz estava vermelho e seu lábio inferior ressaltado, tremendo até que John teve que lutar contra o impulso de beijá-lo.

—Como propõe que façamos, então?

—Temos de ir mais devagar. Isto é muito súbito.

John viu seu relógio.

—De quanto tempo precisa?

—O jantar estará pronto em dez minutos,— disse seu pai. — Isto é o bastante?

—Papai,— ela disse, levantando sua voz. —Você precisa ficar



fora disto.

Havia um ritmo animado e alegre na voz do seu pai.

—Ouvi dizer que a pesca lá é muito boa.

—Sim, Senhor,— disse John. —Temos alguns grandes no nosso lago. Minha cabana fica bem nele, também. Melhor pesca deste lado da borda canadense.

—Tire o homem da sua miséria, menina.

—E você?— ela perguntou ao seu pai. —Quem cuidará de você?

—Estou bem e você sabe. O câncer se foi. Me sinto como antes. Se quiser cuidar de alguém, tenha suas próprias crianças. Desisto.— Ele pegou suas chaves de um gancho e disse, —estou saindo para encontrar minha amiga. Não esperem por mim.

A porta da garagem fechou. Um carro ligou e se afastou. Meghan ainda não dizia uma palavra.

—Então, o que faremos?— perguntou John.

—Tenho duas semanas de férias,— ela disse. —Acho que posso passá-las com você. Ver onde as coisas vão.

Um sorriso de vitória puxou sua boca.

—Podemos passar uma semana aqui e uma na minha casa. Você pode até levar seu pai se quiser. Não me importo.

Ela tocou seu estômago novamente e o olhar saudoso no seu rosto dizia mais que palavras nunca poderiam.

—Até lá saberemos se estou grávida.

—Não mudarei de ideia. De qualquer maneira, a quero na minha vida.

—Você diz isto agora,— ela disse, como se fosse um aviso.

—E continuarei dizendo por vinte anos, também. Basta você olhar.



—Um passo de cada vez, John. Temos de desacelerar isto.
Ele não precisava, mas se ela queria, ele o faria.
—Tudo que quiser.

Capítulo 22

Cada Theronai disponível e um punhado de Sanguinar estavam nos veículos, indo na direção sudeste. Madoc mostrava o caminho, procurando na paisagem algo que parecesse familiar.

As memórias de Tori continuavam bruxuleando pela sua cabeça apesar que não tinha que vê-las novamente para se lembrar.

Estiveram dirigindo por horas e o pôr do sol se aproximava, faltava um pouco menos de duas horas. Drake, Helen e Gilda estavam no assento do meio, com Tynan, Nicholas e Angus no traseiro.

—Você reconhece algo?— perguntou Nika do assento de passageiro da van. Ela repetia a mesma pergunta a cada poucos minutos desde que partiram, mas Madoc se recusava a perder a paciência com ela.

—Não. Alguma sorte no seu lado?

—Não realmente. De vez em quando penso que me estou me aproximando, enquanto ela está enfraquecendo, mas então se vai e não posso senti-la mais.

Madoc estava marcando no relógio a cada vez que sentia o adejo de excitação de Nika pela sua conexão. Depois de observar o intervalo entre elas diminuir lentamente, estava convencido que



a defesa mental de Tori baixava a cada contração. Estavam aproximadamente a seis minutos agora, por seu cálculo.

Ele disparou uma olhada nas traseira da van, onde Tynan se ocultava do sol. Ele encontrou o olhar fixo frio do Sanguinar.

—Você tem um plano para quando a encontrarmos?

—Nenhum de nós sabe o que esperar,— disse Tynan, —mas certamente não será a primeira mulher grávida que atendo. Farei o que devo para mantê-la viva.

Não houve nenhuma menção ao filho, e Madoc adivinhou que era intencional.

—Lá está novamente,— disse Nika, sua voz alta com excitação. —Posso quase...

Suas palavras foram cortadas por um grito de dor. Ela se curvou para a frente no assento tão rápido que o cinto de segurança esticou e a segurou.

Madoc olhou o relógio. Só cinco minutos passaram. Estavam ficando sem tempo.

Ele pôs uma mão consoladora no ombro de Nika e pisou no acelerador. Ele odiava vê-la sofrer assim, mas havia só um modo aceitável de terminar agora: encontrar Tori.

Nika arquejou pela dor e ele sentiu um aumento no fluxo de poder entre eles. Sua conexão tinha se fortalecido numa taxa assombrosa nas últimas poucas horas, como se Nika soubesse exatamente como fazer isso acontecer. Naturalmente que o fato das cores na luceria estarem brilhantes, nervuras brancas poderia ter algo a ver com isto.

Eles deviam apoiar um ao outro agora, pelo menos enquanto Madoc vivesse. O único modo que seria capaz de deixá-la ir para um homem que a merecesse mais agora era pela sua morte.



—Não vai acontecer— disse Nika por entre os dentes cerrados. —Vou ficar com você. Só você.

Tanto como gostou de ouvir, não estava seguro de como ela se sentiria se não conseguisse salvar Tori. A raiva e o ressentimento eram coisas feias e podiam crescer mais rápidos que um câncer. Ele viu acontecer antes.

—Somente dirija. Cuidaremos disto depois,— ela disse.

Madoc sorriu. Ele gostou que ela automaticamente assumisse que teriam um depois. Ela não o repelia ainda.

Talvez nunca. O pensamento foi o bastante para fazê-lo devanear como uma menininha, mas não havia tempo para isto agora. Tinha uma irmã para resgatar.

—Alguma palavra de Paul ou Andra?— ele perguntou em voz alta para Nicholas ouvi-lo na traseira.

—Não ainda. Deixei dez mil mensagens, portanto estou certo que chamarão quando voltarem na cobertura do celular. Realmente consegui um relatório de Briant, entretanto. Ele interrogou Ricky e encontrou sinais da mancha do Synestryn na mente do menino. A criança não tem nenhuma ideia de onde Tori está. Tudo que sabe é que foi ordenado a levar Nika a um shopping, onde alguém a pegaria.

Madoc olhou pelo retrovisor para dizer algo a Nicholas, mas as palavras saíram da sua cabeça. Atrás dele, a disposição do terreno, a encosta da ladeira que acabavam de subir, combinava perfeitamente com uma das memórias de Tori.

Ele reduziu a velocidade da van, cuidadoso para não causar um acidente com os outros carros atrás dele. O caminho aqui não era dividido e estava relativamente vazio.

—Você vê algo, não é?— perguntou Nika.



—Sim. Segurem-se.— Ele manobrou a van, fazendo o retorno. Atrás dele, o resto da caravana seguiu.

Ele voltou por onde tinham vindo, desviando para um caminho de cascalho que conduzia a um terreno privada. O caminho era acidentado, mas foi capaz de manter a vista na terra que reconhecia e seguiu-lo.

O caminho de cascalho terminava perto de um celeiro tão velho que caía, e não havia nenhum modo deste veículo passar por cima da terra rochosa.

—Nicholas, avise todo mundo que estamos próximos, mas vamos ter que entrar a pé.

Eles estacionaram e saíram dos seus carros. A preparação foi rápida e eficiente. Madoc ajudou Nika a entrar em um casaco de couro blindado e pôs um escudo de rosto, a título de prevenção. Não planejava deixá-la chegar muito próxima para combater, mas não correria nenhum risco.

Seus olhos azuis chamejaram um momento antes que ela se dobrasse de dor. Madoc a puxou contra ele e a segurou enquanto o espasmo passava.

—Ela está próxima,— disse Nika, respirando fundo. O suor enfeitava com gotas acima e ao longo da sua testa e toda a cor fugiu da sua pele. —Sabe que estamos aqui.

Isto significou que os caras maus poderiam saber, também.

—Hora de se mover— ele gritou. Ele pegou forte na cintura de Nika e a ajudou por cima da terra rochosa.

Quando chegaram mais distantes, ele teve mais das memórias de Tori e do terreno. Estava escuro quando a trouxeram aqui, mas havia muitas semelhanças, então Madoc não teve nenhum problema em divisar o caminho que ela fez. Algumas



centenas de jardas depois, a vegetação começou a mostrar padrões de uso onde muitos pés a tinham pisado. Aqueles rastros finos começaram a convergir até que chegaram acima da borda de um afloramento rochoso.

Madoc teve que pular abaixo aproximadamente seis pés, mas mal o fez, viu a boca da caverna. Parecia inalterada da imagem que Tori lhe deu, e vinha acompanhada por um estouro primitivo de medo. Ela não queria ser recebida lá. Mesmo criança, sabia temer aquela escuridão.

—Aqui,— ele chamou o resto do grupo.

Ele alcançou Nika, puxando abaixo junto dele. Ele esperou que o grupo inteiro estivesse pronto, suas espadas em punho, antes de entrar.

A escuridão o engolfou, junto com o cheiro forte de animal e podridão. Isto era definitivamente a espécie de lugar que os Synestryn gostavam de se ocultar. Madoc puxou bastante poder do ar em volta dele para fornecer combustível à sua visão noturna, silenciosamente mostrando a Nika como fazer o mesmo pela sua conexão. Ele sentiu o puxão sutil de poder o abandonando e sabia que ela o pegou sem problemas.

Amava a mente dela e a velocidade de relâmpago na qual se movia. Cada vez que sua presença estava dentro dele, sentia-se mais inteligente e mais consciente do seu meio. Desta vez não foi diferente. Ela estava aí mesmo, dentro dele, uma parte dele.

Não achava que se sentiria nunca novamente inteiro sem ela.

Ele se moveu lentamente abaixo pelo túnel, procurando armadilhas ou algo mais que pudesse mostrar sua presença. Talvez o Synestryn já soubesse que estavam aqui, mas não ia avisá-los se não soubessem. O túnel se estreitou, curvando à



direita. Terminava em uma pequena abertura, mostrando dois caminhos alternativos que podiam tomar. Um era natural; o outro foi escavado por instrumentos e garras.

Ele virou para Nika.

—Alguma ideia de que caminho?

Ela fechou os olhos e um pulso de poder escorreu dele.

—Não. Desculpe.

Madoc verificou seu relógio.

—Esperaremos um minuto. Você pode ter outra chance.

Sua boca abriu em choque e uma linha fraca de dor se formou entre suas sobrancelhas.

—Essas dores que sinto. São dores do parto, não é?

—Isto é o que eu acho. Estão ficando mais próximas.

—Como de próximas?— perguntou Tynan.

—Quatro, quatro minutos e meio agora.

A mão de Nika segurou firme no seu braço, mas foi o único sinal da dor que ele sabia que sentia. Ela não fez um som.

Quando falou, estava sem ar.

—Direita. Está à nossa direita.

Madoc acenou com a cabeça.

—Iremos quando estiver pronta.

Ela engoliu e endireitou sua postura.

—Estou pronta agora.

Madoc não discutiu. Tanto quanto odiava isto, era o único caminho.

Ele os conduziu pelo túnel esculpido. Era apertado em vários lugares, mas todos se ajustaram. Havia mais de uma dúzia de homens e mulheres se arrastando atrás dele, prontos e ansiosos para terminar este resgate.



O túnel angulava abaixo; então adiante, ele o viu se abrir. Parou e virou para Drake, que estava imediatamente atrás de Nika.

—Vou verificar,— ele sussurrou. Para Nika, disse, —Fique aqui um segundo. Já volto.

Para seu crédito, ela não discutiu. Podia sentir sua agitação e medo, junto com a certeza que a dor voltaria novamente muito rápido.

Madoc se adiantou tão silenciosamente como podia, Tateando uma parede. Ele perscrutou na sala, acionando sua visão para ver mais claramente.

Era um dormitório. Dúzias de Synestryn se misturavam em montes como cachorros. Não os reconheceu. Estava acostumado a ver pele e escamas, mas essas coisas – seja o que for que eram – tinham a pele na maior parte nua em vez disso. Eram vagamente humanoides, embora maiores que a maioria dos homens, talvez dois metros se levantassem nas pernas traseiras. Suas mãos e pés eram enormes, e suas largas cabeças estavam eriçadas com topetes rijos de cabelo. Junto a cada pilha de criaturas, várias espadas estavam estakeadas contra o entulho ou a parede da caverna.

As espadas estavam velhas, enferrujadas e enterradas na cova para serem usadas, mas o fato que estivessem lá era perturbador. Desde quando monstros começaram a usar armas em vez de dentes e garras?

Não havia nenhum sinal de Tori, mas através da caverna, havia um túnel começando à direita. Madoc voltou ao grupo.

—Há uma caverna adiante cheia de coisas adormecidas. Vamos ter de que atravessar.



—Quantos?— perguntou Drake.

—Trinta ou quarenta.

—Algum amigável lá?— perguntou Helen.

—Não.

—De que tamanho é a sala?— perguntou Drake.

—Talvez vinte por trinta mais o menos.

Helen sorriu.

—Consigo isto. Para trás.

Ela e Drake moveram-se adiante. Alguns segundos depois, houve um estouro de luz laranja, uma onda de calor e o som de guinchos animais. A fumaça passou pelo túnel, mas Gilda levantou uma mão e ela fluiu acima das suas cabeças em direção à saída.

Nika assobiou de dor e agarrou o braço de Madoc forte.

—Há uma espécie de comoção em volta de Tori. Penso que sabem que estamos aqui.

Drake e Helen voltaram um minuto depois.

—Sala limpa. Eu não respiraria a fumaça, entretanto.

—Vou soprar a fumaça de nós,— disse Gilda. —Somente vamos acabar isto. Se não a recuperarmos antes do por do sol, podem movê-la para onde nunca a encontraremos.

—Não podemos deixar isso acontecer,— disse Nika, arquejando.

—Você pode andar?— perguntou Madoc. Ele sentiu que ela não lutava contra a dor, mas a deixava entrar era a única conexão que possuía com Tori, mas quase a incapacitava.

Ela acenou com a cabeça, portanto Madoc a ajudou a apoiar seu peso, atrás de Drake e Helen na câmara. Os cadáveres queimados estavam em montes chamuscados, como se não



tivessem tempo para se mover antes que morressem. Claramente, a capacidade de Helen tinha crescido desde que acompanhava Drake há quase um ano. Madoc odiaria ser atingido pelo poder que ela manejava. Eles se moveram ao seguinte túnel e deram alguns passos quando Nicholas disse: —Temos movimento atrás de nós.

—Nicholas, você, Liam e os outros homens asseguram nossa fuga,— ordenou Angus. —Temos que continuar a nos mover.

Nika se inclinava mais duramente agora, e podia sentir a dor que apertava mais seu corpo a cada passo.

—Estamos chegando,— ela sussurrou. —Posso senti-la.

Atrás deles, o som do combate começou. Os rosnados de Synestryn e o golpe do aço nos ossos ficou mais barulhenta quando sua única saída conhecida estava comprometida. À frente deles, um guincho alto, feminino de dor repercutiu nas paredes de rocha.



Tori tentou ser forte. Tentou não gritar por Nika, mas falhou. A dor era muita para aguentar, e a cada espasmo que arrancava do seu corpo, ela se tornava mais fraca e menos capaz de bloquear Nika.

Zillah a tinha presa em uma mesa metálica, incapaz de se mover. Seus joelhos estavam presos contra seu peito para dar espaço para a coisa sair. Em volta, seus demônios Synestryn se agachavam em ânsia, como se esperassem uma refeição. Talvez o que teriam se este nascimento a matasse. Ela não tinha nenhuma



ideia.

Estamos aqui. Fique firme. A voz de Nika chegou como água fresca, clara e fluindo acima dela.

—Ela está aqui,— disse Maura. —Finalmente. E uma vez que tenha Nika, estou segura que Andra não ficará atrás. Encantador.

O pânico deslizou por Tori, a arranhando. *Corram*, ela tentou gritar na sua mente, mas não estava segura se Nika podia ouvi-la. Não podia focar com tanta dor a torcendo. Estava segura que a coisa dentro dela ia partí-la em duas.

—Guardas,— chamou Zillah em um silvo quase metálico no ar. —Matem os homens. Sem eles, as mulheres serão nossas para capturar.

Tori não podia ver quantos guardas saíram, mas pelo menos vinte estavam na sua linha de visão e ela pode ouvir mais deles se movendo em volta. Havia muitos. Não tinha como Nika passar.

Corram. Por favor, ela gritou novamente, rezando para Nika escutar.

Maura carranqueou por um momento, inclinando a cabeça loira de lado como se escutasse.

—Mate Angus primeiro ou Gilda terminará com todos nós.

—Nenhum sentimentalismo por seu próprio pai?— perguntou Zillah.

O rosto de Maura estava muito frio.

—Nenhum. Mate-o.

Outro espasmo de dor agarrou o corpo de Tori, tirando um grito dela. Roubou a respiração do seu peito e fechou seus pulmões. Algo apertou muito profundamente dentro dela e todo o resto desapareceu à vista de tanta dor. Toda sua defesa caiu. Nika apareceu na sua mente, forte e encorajante. Tori se agarrou



nisto como uma corda de segurança. Sabia que seu tempo estava no fim. *A coisa vinha*. Nika não foi capaz de salvá-la, mas pelo menos estava aqui agora. Pelo menos Tori não morreria sozinha.



Nika tropeçou quando a conexão que tinha com Tori chamejou à vida, mais forte do que nunca. A dor era o mundo inteiro de sua irmã, mas Nika se concentrou em deixar isto fora para que pudesse se concentrar em descobrir como salvá-la.

Madoc a ajudou a ficar sobre seus pés.

—Você tem que parar?

—Não. Ela está adiante. Perto.

Nika incitou os olhos de Tori a abrir, ordenou aos músculos de sua irmã que se movessem assim ela olharia em volta e mostraria a Nika onde ela estava e como tirá-la. O que viu estava distante da consolação.

—Zillah está com ela. E também Maura.

Atrás, Nika ouviu Gilda puxar uma respiração áspera.

—Há— ela contou rápido— pelo menos trinta Synestryn lá. Sabem que estamos indo; estão de ambos os lados da abertura.

Nika enviou a informação para Madoc com um pensamento, portanto podia ver o que ela via.

—Drake, pegue o lado direito. Fico com o esquerdo,— disse Madoc.

Os dois homens se apressaram adiante, espadas em punho. Helen ficou bem atrás deles, e Nika fez o possível para se sustentar. Pode sentir o calor da mão de Angus em seu cotovelo.



Ele não a tocou, mas estava pronto para pegá-la se caísse.

Nika enviou a tranquilidade que podia para sua irmã, enquanto via pelos seus olhos como Drake e Madoc irrompiam no túnel e atacavam os guardas que esperavam por eles.

Outra contração bateu em Tori e uma porção da consciência de Nika ficou cega quando sua irmã fechou os olhos. Ela tropeçou na parede e sentiu queimar o toque de Angus quando a estabilizou.

Ela tinha que se separar da conexão com Tori se queria alguma possibilidade de se concentrar o bastante para salvá-la.

Estamos indo. Te amo, ela disse a Tori; então deixou a conexão se desfazer até que podia sentir Tori, mas não podia ouvir mais seus pensamentos ou ver por seus olhos.

Quando Nika foi capaz de se mover, Helen já estava na abertura da caverna, lutando. Uma coluna de chamas tão grossa como um braço saía da mão de Helen. Nika se aproximou atrás dela ainda a tempo de ver a chama incendiando um grupo de três Synestryn. Queimaram quente e rápido, caindo na terra antes que seus gritos terminassem de repercutir nas paredes.

Mesmo como o fogo parecia funcionar, Nika não ia arriscar novamente. Enviou sua mente procurando sgath ou qualquer outra criatura aqui que poderia ter ingerido seu sangue um que pudesse controlar.

Uma espécie de ressonância vislumbrou em volta de um deles, o marcando como seu objetivo. Não era um sgath. Era alto, estava em duas pernas, e segurava uma espada curvada na sua mão, que estava presa com unhas longas, pretas. Nunca viu nada como ele, mas agora não importava. O que importava era que seu sangue fluía dentro das suas veias e fazia sua mente dela.



Nika recuou no túnel para não ficar no caminho, saiu do seu corpo, e se lançou dentro da cabeça da coisa.

Sua mente era um lugar quente, estranho. A fome de sangue consumia seus pensamentos, mas seu medo de Zillah o mantinha no lugar. Só quando ordenasse que se movesse ele se atreveria a ir para a comida em volta.

Nika não ia esperar por uma ordem assim. Tomou o controle do corpo da coisa, se empurrando entre os pensamentos e ações. O monstro rugiu em desafio, mas o único som que fez foi dentro da sua própria mente.

Ela propeliu a coisa para a frente, movendo seu corpo estranho, alto e delgado desajeitadamente na direção de Zillah.

Ela ia matá-lo com seu próprio escravo, cortá-lo antes que tivesse tempo para compreender o que tinha acontecido.

Zillah estava debruçado sobre Tori, soltando as cordas que tinha usado para prendê-la. Ele não a viu dentro do corpo emprestado do Synestryn. Ela levantou a espada curva, se preparando para mergulhá-la nas suas costas. A alguns metros, Maura gritou um aviso.

Zillah pulou de lado quando Nika atacou. A espada bateu na mesa metálica, deslizando ao longo da borda. O movimento deixou o monstro que Nika habitava desequilibrado, e ela não tinha suficiente prática para mover seu corpo e se recuperar. O monstro caiu no chão em um monte desajeitado. Nika se empurrou para ficar em pé, mas no momento que virou para atacar Zillah novamente, ele já tinha puxado sua própria lâmina. Com um balanço poderoso, cortou a cabeça do monstro. Nika se empurrou fora da sua mente antes que a cabeça caísse na terra. Não podia ver, não podia sentir. A energia flutuou em volta dela,



quente e faiscando contra ela onde quer que a tocasse.

A desorientação durou um momento antes que percebesse que não tinha voltado ao seu próprio corpo. Pular fora do monstro tão repentinamente a tinha deixado vacilante e sem uma âncora. E logo ela sentiu. Madoc. Seu poder irradiou fora, incandescendo como uma boia luminosa. Ela seguiu aquele poder até que o alcançou.

Sua mente era um lugar familiar. Consolador. Mesmo no meio da batalha, quando seu corpo trabalhava muito e seus pensamentos estavam nas táticas de matar, ele ainda aliviava sua alma. Ela queria ficar dentro dele, misturada ao seu calor, mas havia algo que devia fazer.

Tori. Tori estava aqui e estava com problemas. Nika tinha que regressar ao seu corpo para salvar sua irmã do bebê.

Usando a conexão da luceria como referência, Nika seguiu o caminho entre ela e Madoc, encontrou seu corpo, e entrou onde ela pertencia. Levou um momento para se acostumar à sua própria pele e perceber os arredores novamente. A terra abaixo dela estava fria e dura. A batalha se travava adiante. Fumaça se elevava ao longo do teto áspero, alto da câmara, prova do trabalho de Helen. Os corpos sangrentos de Synestryn atravancavam o chão perto do túnel. Angus, Drake e Madoc cortavam os demônios, abatendo-os um a um. Tynan abria caminho na direção de Tori. Seu único trabalho esta noite era se assegurar que ela sobrevivesse ao nascimento, e se algo acontecesse, as possibilidades de Tori sobreviver cairiam verticalmente.

Nika lutou para se erguer. A vertigem a atingiu, a fazendo suar e seu estômago dar uma guinada quase vomitando.



Ela se apoiou contra a parede de rocha, a deixando apoiá-la. Ela esteve na mente de Andra muitas vezes para saber o que ela podia fazer. Nika não estava seguro se suas forças estariam na mesma área de Andra, ou tentar criar um escudo doeria tanto como brincar com o fogo. De qualquer modo, merecia uma tentativa.

Nika puxou o poder de Madoc, deixando-o enchê-la. Ela manteve seus olhos em Tynan e imaginou uma bolha gigantesca se formando em volta do seu corpo. Um segundo depois, Tynan se chocou com uma parede invisível. Certo. Nika tinha que deixá-lo se mover, levando a bolha com ele. A lâmina de um Synestryn baixou em direção à cabeça de Tynan. Ele deslizou pela superfície oscilante do escudo que Nika criou, mas aquele soco passou por sua cabeça, como se um sino gigantesco tivesse batido contra sua orelha. O choque do soco a sacudiu, e tomou cada pedaço de concentração que tinha para manter a barreira constante.

Alguns metros longe, Zillah enrolou seus dedos longos em volta do tornozelo de Tori. Ele agarrou um dos seus próprios demônios e abriu seu peito. O sangue fluíu da besta. Algo brilhante reluziu no punho de Zillah quando o empurrou no peito do demônio sangrento.

Uma luz cegante chamejou dentro da caverna, e uma onda de ar estagnado passou por cima de Nika. Quando pode ver novamente, Zillah tinha ido. A mesa onde Tori estava vazia.

—Tori!— gritou Nika, tropeça na direção de onde sua irmã estava só há um segundo.

A mão forte de Gilda agarrou seu braço, a impedindo de se arremessar no combate.

—Ele a teletransportou longe. Eles se foram.



—Temos de ir atrás deles. Siga-os.

Os olhos pretos de Gilda deslizaram longe, cheios de vergonha.

—Estou muito fraca. Desculpe.

Nika não ia deixar isto acontecer. Não ia chegar tão perto de ter sua irmã só para a perder assim. Ela tomou a cabeça de Gilda nas mãos e abriu caminho na mente da outra mulher.

—Me mostre,— ela exigiu. —Me mostre como encontrá-la. O farei eu mesma.

O conhecimento estava na mente atravancada de Gilda bem fundo, bem como uma montanha de outras informações. Não havia tempo para perder com eles, embora a ideia fosse atraente. Em vez disso, Nika foi diretamente ao conhecimento que precisava e o arrancou da mulher.

Os olhos de Gilda ficaram arregalados e uma respiração chocada se congelou nos seus lábios. Nika tinha o que precisava. O núcleo brilhante do conhecimento pulsava dentro dela, pronto a ser usado. Tinha de estar mais próxima de Madoc e Tynan para os levar com ela. Ela não podia fazer isto sozinha. Ela enviou uma chamada à mente de Madoc, gritando que agarrasse Tynan. Confiando que faria o que pediu, ela se arremessou fora da sua mente, procurando algum sinal da sua irmãzinha.

A dor chamejou por seu corpo, a pegando tão duro que não podia respirar. Outra contração. Esta pior do que todas aquelas antes. Ela sentiu o medo de Tori, sentiu seu desespero.

Firme, ela pediu à sua irmã. *Estamos indo*.

Nika sentiu a mão de Madoc escorregar na sua, ouviu seus pensamentos sussurrando que estava aqui com Tynan. Ela apertou sua mão, abriu o conhecimento que tinha roubado de



Gilda, e sugou uma enorme coluna de poder. O mundo se torceu e brilhou, e logo tudo ficou preto.

Capítulo 23

O sangue rolou abaixo pela testa de Iain quando empurrou sua espada pelo coração do demônio mais próximo.

Ele e outro Theronai tinham tomado uma posição estratégica dentro de um dos túneis, onde não podiam ser facilmente ladeados. Olhou atrás dele quantas vezes podia, esperando que o túnel não oferecesse mais pontos de acesso para os Synestryn andar furtivamente acima de seu dorso.

Embora tivesse levado um golpe, não sentiu os efeitos de nenhum veneno quando examinou seu sistema, portanto contava suas bênçãos. A ferida já começava a fechar, embora o sangue que ardesse em seus olhos fosse um problema perigoso.

A multidão de demônios diminuiu, e o resto virou o rabo e correu.

Ele viu Liam e os outros.

—Todos ficam aqui e mantém a saída. Vou buscá-los.

Liam acenou com a cabeça.

—Vou com você,— disse Nicholas.

Iain virou, recusando desperdiçar tempo discutindo com o homem. Ele podia fazer como quisesse. Saíram correndo atrás dos Synestryn.

Acabavam de fazer uma curva no corredor quando Iain ouviu o primeiro grito de ajuda. Humano. Fêmea. Assustada como o



inferno. Houve um tempo quando aquele grito o teria afetado, mas agora tudo que experimentava era o cálculo frio.

Finja que tem honra. O que dizia aos homens que trazia para a Banda Estéril. Era um código que estava determinado a viver por si mesmo. Um homem com uma alma estaria horrorizado por aquele som, portanto Iain fingiu.

—O que é foi isto?

—Vamos descobrir,— disse Nicholas.

Ambos os homens estiveram em muitos túneis, lutando, para saber que não podiam correr. Era muito fácil colocar armadilhas ao longo desses caminhos estreitos, e um homem que ia muito rápido não tinha tempo para evitá-las. Em vez disso, se moveram tão rápido como a prudência permitia.

O grito veio novamente, só que desta vez havia mais de uma voz.

—Aqui!— as vozes se misturavam. —Nos ajudem.— Acima o som do que parecia o choro de uma criança.

A raiva cresceu dentro de Iain. Teve que apertar sua maxila para impedir berrar nas paredes. O túnel alargava em uma sala estreita, e ao longo de uma parede estava uma linha de jaulas metálicas. Dentro daquelas jaulas estavam três mulheres e duas crianças.

—Por favor,— disse uma das mulheres no fim da sala. —Nos tire daqui.

Iain virou para Nicholas e gritou, —Guarde minhas costas.

—Não leve muito tempo,— disse Nicholas. —Tenho a sensação que teremos companhia logo.

Iain foi à primeira jaula, onde uma mulher suja segurava as barras. Seu cabelo embaraçado caia até sua cintura. Usava um



vestido longo, disforme e coberto de manchas. A sujeira manchava sua pele, fazendo seus olhos cinzas pálidos se destacarem em contraste alarmante. Ela não gritava. Sua expressão era plana.

—Há chaves na parede atrás de você.

Nicholas as agarrou e lançou para Iain. Ele se moveu para destrancar sua jaula, mas ela o parou. Sua voz era tranquila, mas sua ordem inconfundível.

—Liberte as crianças e os outros primeiro.

Iain não desperdiçou tempo discutindo. Tinha razão em dar a ordem, portanto fez como mandou, libertando os outros antes de voltar à sua cela.

Ela não tinha se movido. Os outros foram para perto de Nicholas, gritando e abraçando um ao outro. Não havia sinal de uma única lágrima ou medo ou alívio nos olhos desta mulher.

Ele destrancou sua cela e ofereceu a mão para a ajudar a passar pela pequena porta. No segundo que sua mão delgada bateu no dele, a cabeça de Iain começou a zumbir. A raiva que constantemente fervia dentro dele se dissolveu, acalmando o grito incessante da sua alma morta. Até agora, não tinha percebido quanto o caos tinha atormentado sua mente quanto da sua dor se movia em volta da morta coisa oca dentro dele.

As duas partes de sua luceria se balançaram na sua pele por um momento, como se quisessem a alcançar. O impulso súbito de tomá-la nos braços e fugir para onde ninguém pudesse os encontrar socou dentro do seu crânio. Queria mantê-la, a ocultar de todo mundo, escondida onde só ele pudesse tocá-la.

Ela empurrou sua mão longe, seus olhos cinzas chamejando. Ela recuou na jaula até se apertar contra a parede. Pela primeira



vez, a emoção apareceu em seu rosto, e o medo que vislumbrou dentro dela fez Iain querer arrancar as barras com suas mãos nuas.

—Fique longe,— ela ordenou. Ele não tinha nenhuma ideia de onde conseguia tal voz de comando, mas se encontrou obedecendo antes que a incomodasse perguntando por que deveria.

—Não vou machucá-la,— ele disse.

—Isto é o que todos dizem.

—Chegou companhia,— disse Nicholas acima das cabeças das mulheres e crianças que pairavam perto dele. —Tempo de ir.

Lutar com tantos inocentes próximos podia ficar realmente confuso, realmente rápido. Iain não ia ver essa gente ser morta só porque uma mulher estava assustada.

—Você vai sozinha, ou tenho que ajudar?— ele perguntou.

Ela lançou os olhos ao grupo de Nicholas, endireitou os ombros magros, e se adiantou. Iain ofereceu sua mão novamente. Ela o ignorou e se moveu além dele sem tocá-lo de qualquer maneira. Iain teve que comprimir a raiva por seu tratamento. Ele salvou sua vida e ela a evitava? Isto era modo de agir? Mesmo ele sabia melhor.

Como quisesse. Ela estava fora e ele tinha um trabalho a fazer. O som seco de garras na pedra combinado com os sons molhados da salivação dos demônios ficava mais próximo a cada segundo.

—Volte,— disse Iain.

Nicholas virou e conduziu o grupo atrás pelo caminho que tinham vindo. Iain parou, a espada pronta, esperando matar tudo que viesse a caminho.



Jackie teve frio por tanto tempo que quase esqueceu como era estar quente.

Podia sentir o calor do homem atrás a golpeando nas costas em ondas. Ela quis voltar e se enrolar naquele calor, mas havia algo sobre ele que a assustava. Algo escuro e perigoso.

A forma como a olhou quando pegou sua mão - um olhar de fome crua - foi o bastante para fazê-la manter distância apesar do frio nos seus ossos. Melhor lidar com o outro homem e evitar o perigoso completamente.

—Há mais crianças aqui,— ela sussurrou em voz alta o suficiente para que pudesse ouvi-la acima da passagem. —Temos que encontrá-los e tirá-los, também.

—Onde?— perguntou o homem atrás dela. Estava próximo. Muito perto.

Jackie se recusou a olhá-lo.

—Não sei. Os vi passar, entretanto.

—Que caminho?

—Atrás pelo caminho que viemos.

O homem atrás dela falou, —Nicholas, continue a se mover. Vou buscá-los.

Um súbito medo passou por Jackie e ela virou para dizer que não fosse. Havia muitos monstros. Mas quando olhou por cima do seu ombro, o homem de olhos escuros tinha ido.

—Ele vai se matar,— ela disse ao homem na frente.

Ele sacudiu a cabeça, e ela vislumbrou o lado de seu rosto. Uma rede de cicatrizes marcava sua pele, puxando quando sua



maxila se movia.

—Ele não pode deixar aquelas crianças para trás. Iain pode cuidar disso. Alguém tem que ir.

Por alguma razão, Jackie não queria que fosse Iain.



Canaranth escapuliu do combate uma vez que viu Zillah partir com Tori. Seus números eram de longe superiores aos Sentinelas, portanto não achava que seria notado no meio de tanto caos.

Ele se apressou pelos corredores, evitando os grupos de reforços que vinham para ajudar na luta. Com uma chave que mantinha oculta dentro da sua roupa, destrancou a porta da câmara. Ella estava lá, uma cadeira nas mãos, pronta para bater por cima da cabeça nele.

—Sou eu,— ele disse quando deslizou no interior e fechou a porta atrás dele. —Tenho de sair daqui.

—O que está acontecendo?— ela perguntou. Sua pele tinha empalidecido nos últimos poucos meses, fazendo as sardas salpicadas através do seu nariz se destacarem.

Quando chegou, sua pele tinha uma incandescência sã. Agora era um branco doentio. Seus cabelos estavam sem brilho, assim como seus olhos. Ela precisava do sol no seu rosto; não podia viver na escuridão dessa maneira. Nem a criança que carregava. Sua criança.

Ele tinha feito como foi ordenado. Tinha tomado Ella como as outras mulheres, a seduzindo até que se submetesse. Era sempre um plano cuidadosamente calculado de sua parte. Ele não podia



suportar a violação, e se essas mulheres não concebessem, Zillah as teria alimentando suas tropas. A sedução parecia o único recurso.

Canaranth não planejou se apaixonar por ela. Não imaginou que se preocuparia tanto com sua criança que arriscaria sua vida para libertá-los. Mas o fez. Ella segurava seu coração, e tal como era, sabia que se não a deixasse ir, o resto da sua vida seria passado no tormento, vendo Zillah transformar sua criança em uma arma.

—Não há muito tempo,— ele disse. —Temos que nos apressar.

Ella soltou a cadeira e entrou nos seus braços sem hesitação.

—Onde vamos?

Ele tomou sua mão e a conduziu por uma série de túneis que raramente eram usados. Só alguns sabiam que existiam.

—Há uma saída não longe daqui.

Eles alcançaram a fenda que ocultava uma entrada estreita de um túnel que conduzia quase diretamente acima. Canaranth pegou seu rosto nas mãos, o memorizando. Ele ia sentir sua falta mais do que imaginou alguma vez.

—Passe por aqui. Siga à superfície. Você terá que empurrar alguns arbustos. São grossos, mas você consegue. Daí, tem que ir na direção do por do sol. É por onde os Sentinelas teriam entrado.

—E você?

—Não posso ir.

—Não posso deixá-lo para trás.

—Você deve. Nossa criança não pode nascer nas mãos de Zillah.

Ella engoliu e seus olhos marrons escuros se encheram com



lágrimas.

—Não quero ir sem você.

Canaranth nunca achou que tinha um coração até agora. Podia senti-lo se quebrar, se partindo em saber que nunca a veria novamente.

—É o único caminho. Tem que fazer isto. Por favor.

—Onde irei? O que farei?

—Vá para os Sentinelas. Estarão próximos. Eles a receberão e gostarão muito de você.

—E o bebê?— ela perguntou. Ele tinha contado histórias sobre eles e ela sabia que juraram matar sua espécie.

—Minta. Diga que estava grávida de um humano quando a capturamos.

—Você virá por mim?— ela perguntou.

—Sim,— ele mentiu, somente para assegurar sua complacência. —Fique com eles, assim saberei onde encontrá-la.

Ela o puxou para baixo e beijou. O gosto dela era tão puro e leve que ele queria voar sempre que ela o tocava.

Não tinha nenhuma ideia de como ia continuar sem ela, mas devia encontrar um modo. Enquanto fosse o vice-comandante de Zillah, podia controlar seus exércitos e assegurar sua segurança e daquela criança.

—Vá,— ele disse contra sua boca. O impulso de dizer que a amava queimou dentro dele, mas não podia fazer isto. Quando não conseguiu buscá-la, ela pensaria que estava morto ou que a tinha traído. Consequentemente, encontraria outro homem que a amaria do modo que ele fazia aquele que ajudaria a criar sua criança melhor do que a criatura que a tinha gerado.

Antes que ele pudesse dizer as palavras que estragariam suas



chances de qualquer futuro normal, ele a afastou, quebrou uma das pequenas luzes incandescentes químicas que trouxe para ela, e a ajudou a entrar pela abertura estreita.

Ela se moveu para o túnel. Canaranth olhou até que a luz verde pálida desapareceu, sentindo seu coração novamente rasgado do seu corpo.

Capítulo 24

Torr suave quando chegou à suíte. A porta estava aberta e pode ouvir uma voz baixa, frenética vindo do interior.

Torr se inclinou em sua espada, coxeando através da sala de estar na direção do dormitório. Um dos Geraí saiu, quase batendo nele. Era um humano que cresceu aqui, e agora seu rosto idoso estava branco com o pânico.

Ele viu Torr e disse: —Fique com ela enquanto consigo ajuda. Tynan está fora, portanto vou achar um dos Sanguinar.

Sanguinar? Grace devia precisar de cura, o que fez o peito de Torr apertar de medo.

—O que aconteceu? Está machucada?

—Eu... Não sei.— E logo partiu.

Torr tremia tanto que mal podia ficar em pé, mas se forçou a cruzar a distância e entrar no quarto que o humano acabava de deixar.

Grace estava lá, em um colchão no chão. Ela não se movia. Seus olhos estavam abertos, fitando o teto. O pânico atingiu Torr, o derrubando de joelhos. Ele rastejou, estendendo a mão para



sentir seu pulso. Um fraco batimento sob as pontas do seus dedos diziam que estava ainda viva, mas algo estava muito errado. Ela sequer pestanejava. Torr fechou suas pálpebras para que seus olhos não ressecassem e doessem. Sua pele era tão suave e delicada, tão morna.

Ele deu-lhe uma pequena sacudidela e acariciou sua face. Talvez estivesse somente adormecida.

—Grace,— ele disse, ouvindo sua voz quebrada. —Desperte, docinho.

Ela não respondeu.

Frenético para achar a razão do seu estado, Torr olhou em torno do quarto. O que estava fazendo aqui sozinha?

Uma água engarrafada e uma caixa não aberta de barras de substituição de refeição estavam no chão, como se planejasse ficar aqui por algum tempo. Não havia nenhum livro, nenhuma revista, nenhuma televisão para ajudar a passar o tempo.

E ela estava sem camisa, com apenas um lençol cobrindo seus seios cheios.

Torr deu uma olhada no seu corpo, procura sinais de ferimentos. Ainda estava com os sapatos e a calça, mas não havia nenhum sinal do sangue. Ele enfiou seus dedos pelo cabelo dela, procurando qualquer pancada ou corte. Talvez tivesse caído e batido a cabeça. Isto podia explicar seu comportamento grotesco por que se escapuliria parecendo um animal que sabia que ia morrer. Aquela imagem não sentou bem em Torr, o fazendo tremer ao pensar na perda dela. Ela foi sua corda de segurança. Seu mundo inteiro. Era a razão de ainda respirar.

E ele a amava tanto.

—Não ouse me abandonar,— ele disse. —Você não pode me



abandonar agora, não quando podemos ter uma vida juntos. Você viu que posso me mover novamente? Estou curado. Preciso de você para me ajudar a ficar forte, me torturar com aquelas suas massagens.

Ela não tremulou uma pestana.

O coração de Torr estalou, partindo em pequenas partes dentadas que o fizeram sangrar no interior.

—Você não pode me abandonar. Amo você, Grace.

Uma lágrima gorda deslizou pelo canto do seu olho. Ela o tinha ouvido. Em algum lugar dentro dela ainda estava lá.

Torr suavemente levantou suas pálpebras, movendo para ficar diretamente na sua linha de visão.

—Você pode me ouvir, não é?

Ele prendeu sua respiração, espera por uma espécie de sinal, mas nada veio.

—Sei que pode me ouvir. Preciso de você para me segurar. A ajuda está a caminho.

Ele fechou seus olhos novamente e a puxou em seus braços. Seu peso frouxo era difícil de lidar no seu estado enfraquecido, mas ele não se preocupou. Tinha que segurá-la, sentir seu calor e a subida e descida do seu peito enquanto respirava.

Torr deslizou suas mãos acima das suas costas, tentando consolá-la. Foi quando sentiu o impacto duro nas suas costas. Ele a virou assim que Logan entrou na sala. Um disco metálico intrincadamente esculpido estava contra sua espinha. Um zumbido fraco de vibração saía dele.

Torr não sabia o que era, mas sabia que não pertencia lá. Ele o agarrou, pretendendo tirá-lo, quando Logan o parou.

—Não faça,— ele disse. —Não o mova.



—Por que não?— perguntou Torr, fazendo carranca ao ver Logan hesitar.

—Você sabe o que é?

—Não. E você?

Logan acenou com a cabeça. Seus olhos pálidos raiaram com interesse.

—É um dispositivo de transferência.

—Transferindo o que de onde?— ele exigiu.

—Tire sua camisa.

—Que?

—Faça-o,— exigiu Logan.

Perfeito. Fosse o que fosse o sanguessuga podia consertar.

Torr se despiu, sentindo que arrastava contra algo nas suas costas uma cicatriz, talvez.

Logan puxou uma respiração longa.

—Ouvi sobre esses dispositivos, mas nunca vi um. Ele trabalha tão bem. Não tinha nenhuma ideia.

Torr pegou o braço de Logan, o levando na direção de Grace.

—Você sabe como consertar ou não?

—Sinto,— disse Logan. —Ela fez sua escolha.

—Que escolha? Faça isso ter algum sentido, sim?— A vida de Grace estava em jogo e ele falava por enigmas. Se não fosse a única ajuda em volta, Torr teria socado aquela bonita cara sua.

—Este disco combina com este nas suas costas.

Um nas suas...?

Torr olhou em volta desajeitadamente. Sem dúvida, havia algo forte e quente colado na sua espinha no mesmo lugar que Grace.

—Não sei onde ela conseguiu, mas alguém deve ter mostrado



como fazer.

Uma compreensão lenta, insidiosa começou a crescer em Torr.

—O que ela fez?— ele perguntou, quase incapaz de fazer a pergunta. Não estava seguro se queria saber a resposta.

—Ela te deu sua saúde. Ela transferiu sua doença para ela, o curando.

Não. Isto não podia estar acontecendo. Sua doce Grace não podia estar paralisada.

—Você está errado. Se fez isto, seria capaz de falar. Eu era.

—Ela não é um Theronai. Seu corpo humano não é tão forte como o seu. O veneno será mais duro nela do que quando estava em você.

—Cure-a,— exigiu Torr. —Faça voltar como era antes.

—Não posso. Não é o modo como funciona. Sinto.

Torr gritava agora. Lágrimas grandes, gordas, molhadas que não podia parar. A raiva e a negativa estrepitaram dentro dele, torcendo suas tripas.

—Cure-a. Volte atrás. Não quero. Você pode ter todo o meu sangue. Só a faça ficar melhor.

Logan agarrou seu braço apertado, o ergueu, e marchou com ele fora da sala. Ele fechou a porta atrás dele, assobiando em uma voz baixa.

—Controle-se. Ela pode ouvir cada palavra que diz. Você realmente quer que sofra mais?

Torr fechou seus olhos e puxou uma respiração profunda, procurando a própria calma. A ideia que faria algo para piorar o estado dela o deixou louco.

Em uma voz calma que desmentia tudo que sentia no interior,



ele perguntou a Logan.

—Você pode fazer algo por ela?

—Não mais do que posso fazer por você.

Que tinha sido merda.

—Sinto.— Suas palavras foram finais, tingidas pela sensação de condolência.

Torr não ia desistir.

—Vou procurar uma das coisas que me morderam. O trarei assim você pode estudá-lo.

A cara de Logan era severa.

—Sugiro que se apresse, então.

—O que quer dizer?

—Quero dizer que ela é humana. A paralisia é pior nela. É só questão de tempo antes que não possa respirar sozinha ou que seu coração deixe de bater.

—Quanto tempo?

Logan encolheu os ombros.

—Não há como saber. Dias. Horas.

Horas? Mesmo anos não seriam o bastante. Ele não queria deixá-la ir. Não agora, não quando mais uma vez tinha uma vida para compartilhar com ela.

Uma vida que ela lhe deu. Ela disse que o amava. Aquelas tinham sido as últimas palavras que disse talvez a alguém. Até agora, tinha fingido que ela disse essas palavras por compaixão. Até agora, não teve nenhuma ideia do quanto significavam aquelas palavras.

Ela o amou o bastante para trocar sua vida pela dele, e ele não podia pensar em um modo único de dar sentido a isto.

—Tire-o,— disse Torr. —Quero esta coisa fora de mim.



—Tente tirá-lo e arrisca a matar os dois.

Frustração e dor raspavam dentro de Torr.

—E o que supõe que eu faça, enquanto está sugando a vida fora dela?

O olhar pálido de Logan era constante.

—Sugiro que encontre um modo de dizer adeus.



Nika bateu no chão forte quando o portal que abriu fechou atrás dela. Sua visão estava manchada e girando. Seu estômago estava embrulhado e ela não teve nenhuma escolha além de se inclinar de lado e vomitar.

—Passará em um segundo,— ela ouviu Madoc dizer.

—Se vivermos tempo suficiente,— disse Tynan. Suas palavras eram difíceis de ouvir acima do barulho que vinha debaixo de onde estavam.

Os olhos de Nika lacrimejaram, mas se forçou a levantar os olhos da terra. Seu teleporte tinha funcionado. Não os tinha matado e este definitivamente era o lugar certo, mas isso não importava.

Estavam em outra caverna, só que esta tinha uma enorme caverna em declive como uma tigela. No centro daquela tigela estava Tori. Zillah estava por cima dela, e os rodeando dúzias de Synestryn. Talvez cem. Desta distância, podia ter confundido facilmente alguns deles com humanos. Sua pele era um pouco cinza e brilhante para ser humana, e seus rostos estavam alterados, mas a semelhança era muita para ser uma coincidência.



Eles pisavam duro e deixavam sair resmungos que pareciam perturbadoramente com exclamações.

Eles não os tinham notado ainda, mas isto não demoraria muito.

—Vamos morrer,— disse Tynan.

—Foda-se,— disse Madoc, dando passos na frente dela e Tynan. —Ninguém vai morrer além dos rosnadores. Fiquem juntos.

Nika seguiu aquele conselho e se ergueu. Estava trêmula, mas conseguiu se manter em pé.

—Volte naquela depressão na parede,— disse Madoc. —Os manterei longe de você.

—Você realmente acha que pode matar todos?— perguntou Nika.

—Esperava que você pudesse me dar uma mão, amor.

—O que faço?

—Tudo que te faça feliz. Faça o que possa causar a morte deles e descubra rápido antes que nos vejam.

Tynan puxou uma espada de algum lugar do mesmo modo que Madoc.

—Eu não sabia que podia lutar,— disse Nika.

Tynan não se incomodou em olhar para ela. Estava muito ocupado fitando a multidão de demônios embaixo.

—Há muitas coisas que não sabe sobre mim, e é deste modo que eu gosto.

Nika estava segura que não havia nenhum modo que pudessem matar todas essas coisas.

—Talvez eu possa nos teleportar novamente, do lado de Tori. Você pode afastá-los enquanto a agarramos e eu teleporto todo



mundo longe novamente.

—Eu senti o quanto de poder tomou para fazer isto da primeira vez. Você pode ser capaz de nos levar lá, mas não acho que será capaz de nos tirar. E não há nenhum modo de repeli-los se eu for rodeado.

—Leve apenas a mim,— disse Tynan. —Se houver menos de nós, será mais fácil.

—Você terá que ser rápida,— disse Madoc. —Vão cair em cima de você em segundos. Você vomita, você morre.

—Certo. Não mais vomitar.

—Muito bem. Diga-me quando vai e os chamarei aqui.

Nika reuniu o poder de Madoc nela e disse.

—No três. Um... dois ...

Capítulo 25

Gilda, Angus, Drake e Helen voltaram atrás onde um único Theronai guardava a saída.

O esgotamento abatia Gilda. Ela continuou tentando puxar mais poder nela, mas parecia como uma tentativa de respirar por uma palha estreita. Ela não podia conseguir bastante fluxo para reter sua respiração, muito menos matar Synestryn.

Ela sentiu a frustração de Angus batendo nela, mas não havia nada que pudesse fazer sobre ele. Ele tinha razão. Foi louca ao repeli-lo e agora estavam mais fracos por causa das suas mentiras e orgulho. Porque ele não pode aceitar sua traição. Não que pudesse culpá-lo.



Outro pilar de fogo jorrou de Helen, mas ela vergava com o esforço. Ela virou para Gilda, arquejando. Lágrimas deslizavam dos seus olhos injetados.

—Estou quase sem energia. Temos que sair daqui.

Normalmente, Gilda teria intensificado e assumido, mas não havia nenhuma razão para isto. Mesmo tão cansada como Helen estava, era ainda mais forte do que Gilda neste momento.

Por trás dela, ouviu uma comoção e virou a tempo de ver Nicholas arrebanhando meia dúzia de humanos sujos pela segurança do corredor.

—Há mais crianças aqui. Iain foi encontrá-los. Tenho que ir ajudar.

—Retirada,— berrou Angus. —Tirem os humanos. Protegeremos suas costas.

Liam mostrou o caminho, mas deu uma parada rápida, súbita e puxou a espada.

—Muito tarde. Devem ter entrado por outra passagem ou de fora. O caminho está bloqueado.

Gilda vergou contra a parede em desgosto. Estavam mortos. A menos que Andra repentinamente aparecesse, estavam sem potência de fogo e sem opções. Olharia mais da sua família morrer.

A faísca de raiva e determinação de Angus chamejou pela sua conexão.

—Drake, Helen, você dois abram um caminho para fora. Gilda, você e eu vamos manter este túnel e lhes dar tempo para fugir.

—Como?— ela perguntou. —Não tenho nenhuma força.

Ele investigou seus olhos, e pela primeira vez em anos, ela viu



algo realmente assustador na sua expressão. Ele a apoiou contra a parede de pedra, muito alta acima dela.

—Então sugiro que encontre alguma. Não vou deixar esses inocentes morrerem por causa dos nossos erros.

—Não é como se eu pudesse simplesmente levá-los longe.

—Talvez deva dar a isto uma chance e ver se funciona, porque você e eu vamos fazer isto. Agora.— Ele agarrou seu braço e deu um passo atrás de Helen. Ela tinha estabelecido um fogo ao longo do caminho, mas direto do outro lado daquelas chamas estavam dúzias de Synestryn famintos.

—Vá,— Angus berrou. —Tire-os.

—E você?— perguntou Helen.

—Gilda nos teleportará para fora. Não esperem por nós.

Gilda não estava segura se Angus era otimista sobre sua força ou se apenas falava para que os outros se movimentassem, mas fosse qual fosse seu motivo, funcionou. Drake e Helen partiram, desaparecendo abaixo pelo túnel com o resto do grupo.

As chamas encheram o espaço, que oscilava com o calor antinatural. Um dos demônios empurrou uma garra por ela e gritou de dor.

—Você sabe que estou muito fraca para teleporte,— ela disse ao seu marido.

—Sei.

—Portanto está contente em morrer aqui embaixo?

—Não. Simplesmente sei que fica no seu melhor quando as apostas são mais altas. Pensei que a situação poderia motivá-la a tirar sua cabeça do seu traseiro.

O choque a sacudiu, mas não deixou transparecer. Angus nunca falou assim.



—Talvez devia ter,— ele disse. —Talvez se não a tivesse mimado todos esses anos, não estaríamos onde estamos agora.

—Não planejei nada disto.

—Espero como o inferno que não.

—Como desfazer anos do erros no tempo que leva para aquelas chamas apagarem?

Angus sacudiu a cabeça, desviando o olhar para ela. A tristeza nos seus olhos azuis foi o bastante para querer gritar. Era um homem muito bom para estar sofrendo assim, muito gentil.

Ela não o merecia, mas o amava. Tanto. Faria tudo por ele tudo para compensar o dano que causou. Era hora de mostrar. Hora de mostrar o que queria e dar-lhe o que ele queria para uma mudança. Devia pelo menos isso. Ela agarrou seu rosto e o abaixou para um beijo. Ele estava tenso no início, mas não levou muito tempo para isto mudar. O calor chamejou entre eles e sua língua varreu ao prová-la, como se ele estivesse morrendo para fazê-lo há muito tempo.

Um gemido áspero de desejo saiu do seu peito e ela sentiu um fracas cócegas na sua garganta. Estava muito ocupada gostando da sua boca para se incomodar com isso. Tinham só alguns segundos antes que voltassem a trabalhar. Poderiam ser os últimos poucos segundos que passavam juntos.

Angus se mexeu, respirando com dificuldade. Ele apertou sua testa na dela, e a luz do fogo sombreou as linhas profundas no seu rosto.

—Amo você, mulher.

—Te amo, também. Sempre. Não negarei mais. Encontraremos um modo de voltar aonde pertencemos.

—Vamos sim.



—Sem mais segredos. Sem mais mentiras.

—Estarei muito perto para você ter uma chance.

—Ganharei sua confiança novamente. Juro.

Angus sorriu para ela e os espaços frios no seu coração pareceram se aquecer.

—Você já tem. Tudo está desculpado.

Quando as palavras deixaram sua boca, o peso que esteve carregando há tanto tempo saiu. Ela sentiu-se livre. Leve. Jovem.

—Bem, isto é tocante,— veio uma voz alta.

Gilda virou para ver a massa de Synestryn abrir, permitindo a Maura andar até a parede de fogo.

A dor de uma mãe rasgou por Gilda quando viu sua menina bebê. Estava vestida toda de preto, mostrando muita pele sob a renda esfarrapada. Cristal preto resplandecia em volta da sua garganta e gotejava das suas orelhas. A raiva torcia suas feições delicadas quando Maura mostrou os dentes.

—Estou surpresa que ainda esteja vivo,— disse Maura. — Onde estão os outros?

A mão de Angus apertou no braço de Gilda em aviso.

—Mortos. Somos os últimos.

O riso de Maura foi oco com a descrença.

—Meus animais sumiram. Você os levou, não é?

—Animais?— perguntou Angus.

A parede de chama começou a encolher. Mal alcançava o teto de rocha.

—Os humanos,— disse Maura. —Quero-os de volta. Odeio ficar sozinha.

—Então venha conosco,— incitou Gilda. —Você nunca ficará sozinha novamente.



—Você sabe que não posso. Dabyr é um lugar de gente com almas. Graças a você, minha cara Mãe, não tenho ninguém.

—Isto não é verdade.

—É. Você a arrancou de mim no dia que cortou Sibyl e eu pela metade.

—Você está errada. Vi o bem em você. Este caminho que escolheu é somente isto uma escolha.

Maura sorriu.

—E isto também.— Ela apontou para o chão onde as chamas estavam enraizadas. Um Synestryn pesado à sua direita arremessou-se para a frente do fogo.

Ele gritou e torceu, mas se calou em alguns segundos. Maura jogou a coisa de costas, usando-o como uma ponte para atravessar o fogo. Angus levantou sua espada. Gilda se recusou a se apavorar. Ela reuniu o poder nela, se preparando para usá-lo a qualquer momento. O poder de Angus fluiu nela mais facilmente não como normalmente, mas melhor que antes.

Maura ficou na frente deles. Nem um Synestryn tinha se movido para atacar. A esperança cresceu na alma de Gilda. Talvez seu bebê tenha decidido voltar afinal. Gilda estendeu a mão trememente na direção da sua filha.

Maura olhou sua mão com uma expressão quase saudosa, como se quisesse algo que nunca podia ter.

—Todo mundo que toco morre.

Gilda se doeu por seu bebê e todos os erros que ambas cometeram. Devia ter sido um melhor exemplo. Devia ter passado mais tempo reassegurando Maura que era amada e necessária. Mas como tantas outras coisas que Gilda fez, era tarde demais para tudo além do desgosto.



—Não foi sempre assim,— ela lembrou a Maura. —Não tem que ser assim agora. Venha conosco. Volte para casa. A amamos.

—Você não pode amar alguém que não tem nenhuma alma. Sou uma coisa. Plástico e buracos. Uma arma. Você não pode amar uma arma.

—Você é nossa filha,— disse Angus. —Você é nossa carne e sangue, parte de nós.

As lágrimas encheram os olhos de Maura antes que pestanejassem um segundo depois.

—Eu não pertenço a vocês. Meu lugar é aqui. Matando. Destruindo. É o que gente sem alma faz.

Gilda viu a mudança em sua filha no segundo que começou. Qualquer dúvida que ela e Angus pudessem ter acabou. Maura esquadrou seus ombros e o mau resplendor voltou aos seus olhos. A maciez na sua expressão desapareceu e o que estava diante deles não era mais sua filha. Era seu inimigo.

—Papai,— disse Maura, se aproximando de Angus para abraçá-lo.

Todo mundo que toco morre.

Gilda não podia deixar que acontecesse a Angus.

Ela usou o poder que tinha reunido para se propulsionar para a frente na direção de Maura. Ela a atacou, derrubando-a no chão. A sensação do corpo de sua filha contra o seu devolveu inúmeras memórias dos tempos que tinha segurado Maura ou a tinha balançado para dormir. Cada memória quebrou o coração de Gilda mais uma vez.

Maura lutou, mas tinha a força de uma criança e Gilda a subjugou facilmente. Enquanto prendia Maura contra o seu corpo, a impedindo de se mover, a parede de chamas se apagou



o bastante para que os Synestryn do outro lado pudessem pular por cima.

Angus tinha-se colocado no caminho do seu avanço, mas havia muitos para ele lutar sozinho.

—Parem!— gritou Gilda, embebendo suas palavras com o poder da ordem.

Todo mundo congelou, inclusive Angus.

Gilda arrastou Maura com negligência, ainda a contendo. Ela envolveu uma mão ao redor da garganta de sua filha e disse: —a sufocarei se vierem mais perto. Regressem.

Os Synestryn voltaram atrás alguns passos, mas foi tudo.

O corpo de Maura começou a tremer com a risada.

—Já ganhei. Você me tocou, portanto está morta. O que significa que o pai também. Minhas tropas não têm que fazer mais nada.

Um batimento de pânico floriu dentro dela, mas Gilda o controlou.

—Sua magia não funcionará em mim.

—Não?— perguntou Maura.

Quando falou, Gilda sentiu o primeiro golpe de dor a atravessar. Começou nos seus pés, aguda e intensa, como se alguém tivesse cortado seus dedos. Ela puxou uma respiração assustada, incapaz de ocultar sua dor.

—Viu. Ninguém pode me tocar e viver. Nem mesmo você.



—... três.



Nika encontrou um lugar perto de Tori que não estava completamente infestado por Synestryns e se destinou a ele. Ela agarrou-se a Tynan e os enviou pelo espaço.

Ela aterrissou muito forte, só que desta vez, não se sentiu quase doente. Se foi porque era uma distância mais curta ou se seu estômago já estava vazio não estava segura. Tynan não desperdiçou nenhum tempo. Antes que o Synestryn pudesse compreender que estavam ali ao lado de Tori, Tynan a pegou e gritou:

—Agora!

Nika ainda estava sem respiração, mas puxou tanto poder de Madoc quanto podia, agarrou o braço de Tynan, e voltou ao lugar atrás de Madoc.

Antes que terminasse de canalizar o poder, seu corpo voou atrás pelo ar, batendo numa parede de rocha. Sua cabeça explodiu com a dor e sua visão começou a desvanecer. A última coisa que viu foi Zillah envolvendo seus longos dedos em volta do pescoço de Tynan e Tori caindo dos seus braços para o chão.

Capítulo 26

Algo poderoso e errado acontecia a Gilda. Podia sentir o rastejo lento, insidioso da maldade que Maura tinha infligido sobre ela. Nunca sentiu ou viu nada como isso antes. A dor avançou acima do seu corpo, incendiando sua coluna, e ainda assim se recusava a abandonar sua filha.

Nunca temeu mais por sua vida. Ela e Angus passaram por



alguns apertos. Foram feridos e quase morreram muitas vezes pelos séculos, mas nunca antes sentiu um desespero como este. Se não encontrasse um modo de parar a extensão desta maldade, ela morreria, levando Angus com ela.

—Deixe-a ir, amor,— ele disse a Gilda. —Temos que encontrar Tynan.

—É tarde demais para isto,— disse Maura. —Ele não pode curar o que eu fiz.

—Maura, desfaça isto,— ele ordenou à sua filha.

Os olhos pretos de Maura encontraram os dele.

—Não há nenhuma anulação. Ela está morta. Se tiver sorte, acontecerá rápido.

Mas Gilda se recusava a morrer. Ela e Angus acabavam de se reconectar. Ela não ia deixá-lo sozinho e perder sua chance de reparar todos os erros que cometeu.

Gilda canalizou parte do poder de Angus no seu corpo, convertendo-o em uma luz de cura. Sua pele começou a incandescer por dentro quando aquela luz riscou por seu corpo abaixo até suas pernas, onde a dor era pior.

—Você está matando a nós dois,— disse Angus.

O corpo de Maura pareceu vergar.

—Sei. Soube por um longo tempo como terminaria.

Como deve ter sido para Maura ver o futuro, ver-se matando seus próprios pais?

O corpo de Gilda gritou de dor, mas ela se forçou a mover, virar para Maura para que pudesse olhar sua filha nos olhos.

—É por isto que acha que não tem alma?— perguntou Gilda. —Quando viu este momento?

Maura olhou longe com culpa.



—Eu sabia no que me tornaria. Por que lutar contra?

—Porque seu futuro não está escrito na pedra. Você de toda as pessoas devia saber disto.

—Ao que parece, está errada. As coisas aconteceram como previ.

Houve um latejar duro nas pernas de Gilda; então sentiu que o calor da luz de cura saia e a dor se movia mais alto, até os seus joelhos. Gilda puxou uma respiração e conseguiu mais poder. A conexão entre ela e Angus tinha aumentado muito, a permitindo trazer mais para ela.

Ela enviou mais luz para combater a infecção de Maura, mas o esforço a deixou trêmula.

—Você não tem que fazer isto,— disse Angus. —Podemos consertar isto.

—Não posso. Tentei. Sempre termina do mesmo modo.

Angus se adiantou. A dor aprofundou as linhas no seu rosto, torcendo o coração de Gilda.

—Não. Não aceito isto. Você deve pelo tentar. Você não quer matar sua própria mãe.

Maura curvou sua cabeça.

—Não importa o que quero ou não. Somos o que fomos criados para ser. Fui criada para matar.

—Não,— disse Gilda, mal capaz de agarrar o braço de Maura. —Você foi criada para amar, para amar um homem da maneira como amo seu pai, ser amada de volta, lutar contra a maldade como todas as gerações antes de você fizeram.

A boca delicada de Maura se torceu de desprezo.

—Isto nunca acontecerá agora, não é? Você se assegurou disto quando me fez prometer não crescer nunca.



Angus deve ter sentido que extraia cada vez mais energia, porque veio para seu lado, segurando sua nuca, assim as partes da luceria - anel e colar – se fixaram. O contato aliviou o fluxo de energia nela, e com um súbito, forte empurrão de vontade, ela tirou o resto da infecção de Maura fora do seu corpo.

O esforço a deixou arquejante, mas não havia tempo para descansar agora. Ela tinha que mostrar a Maura que ainda havia esperança. Não era uma causa perdida.

—Foi um erro feito no luto. Sinto tanto.

—Arrependimento não muda nada.

—Pode. Se estiver disposta a perdoar, do modo como estou disposto a perdoá-la.

Maura arrancou seu pequeno corpo, ficando fora de alcance.

—Não há nenhum perdão para o que fiz, para o que vou fazer.

—Você não me matou,— disse Gilda. —Curei o que me fez com seu toque.

—Mentirosa! Você está falando somente para me enganar.

—Para que?

—Para eu ir com você. Você quer tirar a pequena lasca de alma que consegui no seu ventre e dá-lo à sua filha favorita. Se fizer isto, talvez cresça.

—Você está errada,— disse Angus. —Sibyl não é nossa favorita.

—Ela sempre fazia as coisas certas. Sempre foi perfeita.

—Ninguém é perfeito. A amamos como é.

Os olhos de Maura correram em volta, como quando estava incerta sobre algo.

—Você não pode amar alguém que faz as coisas que faço.

—Então pare. Venha conosco. Saía desta maldade e se junte



à sua família legítima.

—Os Synestryn são minha família agora.

—Eles a amam?— perguntou Angus.

—Eles me temem. Isto é o bastante.

—Não, não é, e você sabe. Você merece ser amada.

Maura cobriu suas orelhas.

—Vão. Antes que eu ordene sua morte.

Gilda andou na direção de Maura.

—Não temo você. E não há bastante medo neste planeta para me fazer deixá-la de amar.

—Mentirosa! Mentiras. Tudo mentira.— Maura girou para onde os Synestryn esperavam pela ordem de se mover. Ela levantou a pequena mão, apontada para Gilda, e disse, —Mate-os.



Tori rastejou debaixo dos pés batendo no homem. Zillah tinha o cara pelo pescoço e o sacudia como um cão faz com um brinquedo. Ela se agachou contra a parede da caverna, usando-a para apoiar seu peso.

Estava tão cansada. As horas de dor tinham drenado sua força, mas pelo menos estava quase acabando. Outra dor a agarrou, e não pode mais impedir ceder às exigências do seu corpo. Tinha que empurrar esta coisa fora dela.

Os monstros famintos se aproximaram dela, olhando Zillah para ver se estava olhando. Se algo acontecesse, sabia que seria mais uma refeição.



Parte dela desejava que o fizessem somente para dar fim à sua miséria.

Apesar do frio da caverna, o suor escorria por seu rosto, ardendo em seus olhos. Outra onda de dor se chocou e seus instintos primitivos tomaram o controle do seu corpo. Tori não queria estar aqui. Ela não queria ver o que estava saindo dela.

Ela tentou fingir que ela estava em outro lugar, como costumava fazer, mas a dor era muito intensa. Não a deixaria ir. Ela sentiu a pressão enorme crescendo dentro dela, logo uma dor lancinante rasgando. Segundos depois, sentiu novamente, e desta vez, algo viscoso deslizou contra suas coxas para o chão entre seus tornozelos.

Tori não o olhou. Não podia suportar ver o que esteve crescendo dentro dela por tanto tempo. Tinha saído agora, e era tudo que importava.

O alívio da dor a deixou tonta. Começou a tombar e não se incomodou em se segurar. Estava sem forças e simplesmente não podia encontrar bastante energia para se preocupar com o que aconteceria mais.



Angus se moveu rápido, se empurrando na frente de Gilda.

Seu coração sangrou de dor por sua filha. Mesmo enquanto sua lâmina se movia, se perguntava o que poderia ter feito diferente para provar seu amor.

Ele tinha falhado como pai. Completamente. Totalmente. Seu doce bebê nem mesmo acreditava que a amasse. Como pode ser



tão cego às suas necessidades? As lágrimas ameaçaram escurecer sua visão. Ele as pestanejou loucamente, usando cada pedaço de dor e remorso que sentia para fornecer combustível à sua força.

O poder escorria dele, mas não podia dizer o que Gilda fazia com ele. Segundos depois, viu Maura flutuando pelo ar, lutando, cuspidando e arranhando um punho quase invisível de ar em volta da sua cintura. Gilda não deixaria seu bebê ir não depois que quase conseguiu que Maura escutasse.

Ele não podia concordar mais.

Mal Maura passou por cima, ele sentiu a terra tremer e os sons da rocha explodindo embaixo, bloqueando a massa aparentemente interminável de Synestryn. Ele terminou com as três últimas bestas deste lado da barreira, virando na direção das suas meninas antes que a última criatura que matou tivesse parado de se contrair.

Gilda agarrou Maura por um tornozelo e a puxou para o chão.

—Você vai voltar para casa e ponto final.

Maura gritou em ultraje, pisando duro com seu pé delicado. Atrás deles veio o choque barulhento de metal na pedra. Os demônios abriam caminho a cotoveladas pelos escombros.

—Hora de ir,— ele disse, incitando Gilda.

Eles correram pelo corredor na direção da caverna pela qual entraram. Angus manteve uma vigilância cuidadosa atrás deles, assegurando-se que nenhuma daquelas coisas abria passagem. Com alguma sorte, outros Sentinelas teriam deixado atrás um dos transportes para usarem. Se não, teriam que pedir uma pick up. Com toda a magia que Gilda usou em volta, não achava que estaria à altura de qualquer espécie de portal, mesmo com o fortalecimento de seu vínculo.



Ele teria que se assegurar que Maura estivesse contida o bastante para não tocar ninguém a caminho de casa. Gilda podia ser capaz de combater tudo o que fez, mas não estava convencido que alguém mais teria a habilidade e o poder para fazer isso.

Ele devia a Maura se assegurar que não matasse mais ninguém e aumentar a culpa que sua pequena menina já carregava. Ela tomou tantas más decisões. Levaria muito tempo para se perdoar pelo que fez, assumindo que alguma vez pudesse. Encontrariam um modo de ajudá-la. Não estava seguro de como, mas daria sua última respiração se significasse que Maura visse o quanto era amada, valiosa e preciosa para ele.

Gilda arrastava Maura. Angus queria ajudar, mas temia complicar as coisas se a tocasse, portanto deixou Gilda controlar sua filha. Ela acabava de entrar na caverna quando deu uma parada brusca. Uma onda pesada de medo saiu dela pela sua conexão, expulsando a respiração do corpo de Angus. Ele chegou atrás dela, procurando a ameaça, além do seu olhar fixo.

Pelo menos cinquenta daqueles Synestryn com —olhares muito humanos— e sem pelos, manejavam as espadas em formação, bloqueando a saída. Havia outro túnel do lado distante da câmara, mas, também, estava bloqueado por pelo menos outros vinte guardas.

Atrás deles, os golpes contra a rocha pararam, e Angus ouviu o som dos Synestryn famintos ficar mais barulhento. Tinham aberto passagem pela barreira de pedra de Gilda. Sua família estava rodeada, sem fuga. Só os anos da experiência em situações desesperadas permitiram que não se apavorasse. Encontrariam um modo de sair disto de alguma maneira.

—Não há nenhum caminho para fora,— disse Maura. —Prova



que não importa o que faça, o futuro permanece o mesmo. Esta noite você morre.

Capítulo 27

Madoc viu Nika bater na parede e quase ficou desnorteadado. Berrou de raiva, se apressando nos seus ataques, abrindo caminho pelos Synestryn para chegar nela. Como seu corpo se movendo, sua mente gritou para despertá-la.

Levante.

Ele empurrou o poder pela sua conexão, tentando dar a ela o suficiente para se levantar e proteger. Uma das coisas sem cabelo balançou uma lâmina na cabeça de Madoc e ele sentiu uma picada queimando ao longo do seu escalpo. A coisa acertou um golpe, e agora Madoc tinha sangue escorrendo nos seus olhos.

Não tinha tempo para limpá-lo. Em vez disso, canalizou sua raiva na coisa e cortou a mão que segurava a espada. A coisa retrocedeu, vomitando sangue, e uma pilha de demônios de pele, com garras demoníacas caiu sobre ele, o devorando em segundos. Não houve tempo para celebrar. Havia mais coisas que o atacavam, tentando levá-lo para longe da parede para poder chegar pelas suas costas.

Não ia acontecer. Madoc teria que tomar o caminho mais longo para chegar em Nika ou não chegaria nela em absoluto.

De fato, pelo andar da carruagem, Madoc não estava seguro se algum deles sairia vivo.



Gilda não sabia como abririam caminho. Talvez se oferecessem trocar Maura por suas vidas, permitiriam que partissem, mas Gilda não estava disposta a usar sua filha como moeda. Era muito preciosa para isto.

Antes que os Synestryn pudessem se aproximar, Gilda rodeou três deles com um anel de chamas, dando tempo para pensar.

Eles tinham que subir. Era o único caminho não bloqueado. Era também inacreditavelmente difícil abrir passagem pelo teto de uma caverna sem matar todos no processo. Gilda não estava segura se tinha força suficiente para fazê-lo, mas não via nenhuma outra opção.

—Segurem-se,— ela disse, logo formou um disco sólido de ar embaixo deles e os impulsionou na direção do teto da caverna.

O cheiro picante da fumaça ainda pairava acima, mas não havia nenhum remédio para isto agora. Precisava de cada pedaço de força para alcançar o teto da caverna e tirá-los. Gilda encontrou o que esperava fosse um lugar fraco a aproximadamente dez metros à esquerda e o atingiu com uma rajada de energia.

As rochas caíram abaixo. Uma fenda se formou ao longo do teto. Gilda aspirou àquela fenda e bateu nela novamente. A fenda se abriu e os enormes pedaços de rochas choveram abaixo deles. Ela puxou mais poder de Angus, ouvindo-o gemer de tensão, mas não podia ser doce agora mesmo. Tinha que protegê-los das cascatas de pedra.

As toneladas de rocha atingiram o escudo que tinha jogado acima, enfraquecendo-a. A mão quente de Angus rodeou seu



pescoço, ajudando seus esforços. Ela o sentiu tentando ajudá-la, empurrando tanta energia nela como podia. Não era o bastante. Não pode mantê-los flutuando. O peso os levou abaixo sobre a pilha de rocha que já tinha se formado abaixo deles.

Os Synestryn que não estavam esmagados começaram a se apressar pelos lados do monte para chegar neles. Gilda reforçou o escudo acima deles e bateu novamente no teto, frenética para abrir caminho para que pudessem escapar. Estavam mais profundos do que imaginou. Havia muita terra acima. O peso bateu em seu escudo, crescendo a cada segundo. As rochas os cobriram, rugindo enquanto caíam. Não tinha força bastante para dispensar para fornecer combustível à sua visão, portanto a escuridão fechou sobre ela.

O estrondo não parou e o peso acima deles aumentou, mas Gilda enfraquecia.

—Não serei capaz de manter isto por muito tempo,— ela soltou.

—Tente nos empurrar para ficar livres.

Gilda puxou mais poder, mas não adiantou. Não podia levantar tanto peso.

Ela os prendeu. Os matou.

—Não,— disse Angus. —Estávamos mortos dentro desta caverna. Você tinha que tentar algo.

—Não estava morta,— disse Maura. Não havia nenhum veneno no seu tom, só aceitação. —Pelo menos não vou morrer sozinha. Eu sempre me perguntava sobre isto.

Ela não ia morrer em absoluto. Gilda se recusava a ser a causa da morte de seu bebê. Angus deslizou dentro da sua mente, sua presença forte, sólida dando sua força. Sabia o que ela ia fazer.



—Deve,— ele sussurrou. —Ela merece uma chance de fazer a coisa certa, se redimir.

Ela sentiu sua respiração na face. Seus lábios roçaram os dela em um beijo suave.

—Amamos você, Maura,— disse Gilda. —Você é uma boa menina. Você vai se tornar uma boa mulher.

—Certo,— disse Maura, sarcástica, mas sua voz estava cortada e ela puxou uma respiração assustada.

Gilda encontrou o voto que seu bebê fez há tantos anos aconchegado em suas memórias. Ela o puxou acima, jogando-o na sua mente como fez tantas vezes. Podia ver as lágrimas de dor que sujavam seu vestido, o modo como os braços rechonchudos de suas filhas se prendiam a ela, tentando desesperadamente dar conforto. Ela se ouviu exigindo sua promessa de nunca crescer, xingando-se novamente por seu egoísmo.

Não mais. Ela foi esmagada pelo egoísmo.

—Minha morte a livrará do seu voto,— disse Gilda quando canalizou o poder naquela memória, a destacando.

Não estava certa se funcionaria, mas sentiu algo se movendo - mudando - dentro dela. Não estava exatamente segura do que aconteceria agora, mas sabia que não estaria ao redor para ver. Sentiu um gotejamento do sangue que escoava do seu nariz. Seus olhos queimavam como se tivessem sido incendiados. Tinha usado muito poder. Angus reunia mais no seu corpo pelas pedras, mas não o bastante rápido para encher novamente o que havia tomado.

Havia somente o bastante para teleportar um deles fora. Maura.

O amo, ela sussurrou na mente de Angus.



E eu te amo, ela o ouviu responder, numa parte tão profunda dela que sabia que nunca estariam novamente separados. Ele beijou sua face, transmitindo seu orgulho por ela, a honra e benção que sentia por ter sido seu marido. Como era feliz por ela ser sua esposa.

Gilda encontrou sua mão e apertou. Ela atraiu o poder de seu marido pela última vez, abriu uma greta no espaço, e empurrou Maura, fora do perigo.

O escudo que mantinha o peso das rochas não tinham mais magia para mantê-los. Falhou e toneladas de pedra vieram abaixo em cima deles. A última coisa que sentiu foi o amor de seu marido e o voto que seus bebês tinham feito, se quebrar.



Nika sentiu força vindo de Madoc, junto com uma raiva que chocava e desespero para chegar ao seu lado. O que a ergueu para seus pés. Se não visse que estavam bem, ia se matar. Ela o amava muito para deixá-lo morrer antes que tivessem uma chance de construir uma vida juntos.

Ela soltou aquele fluxo de amor nele, ressegurando-o que estava bem. Era só em parte uma mentira. Sua cabeça pulsava e sua visão estava ainda um bocado zonzinha, mas pelo menos estava ainda viva. Tynan, por outro lado, não parecia tão bem.

Zillah deixou de sacudi-lo e o jogou de lado. Tynan não se moveu.

Nika pensou em acudir e ver se podia reanimá-lo quando viu Zillah se abaixar por cima de Tori. Nika pestanejou várias vezes,



tentando limpar sua visão. Ela canalizou um pouco de poder para seus olhos, esperando que ajudasse, e tudo entrou em foco imediatamente.

Tori estava caída de lado, mas respirando. Zillah se curvou e levantou algo pequeno nas suas mãos.

Um bebê. Tori tinha dado à luz.

O cordão ainda estava preso. O bebê parecia normal, mas não gritava. Não se movia. Seu peito não vibrava com pulso, ou subia com sua respiração.

Um grito de raiva e dor rugiu fora de Zillah e ele empurrou Tori reta, a sacudindo. Os olhos de Tori tremularam abertos e ela tentou recuar diante dele.

—Você,— ele rosnou. —Isto foi sua culpa. Você quis que morresse. Você o matou.— Zillah levantou a mão para bater em Tori.

O medo agarrou Nika forte, e fez a única coisa que podia pensar. Saiu do seu corpo e empurrou sua consciência dentro da dele, tomando controle do punho de Zillah. A maldade que se torcia, fétida em sua mente abafou Nika, sugando tudo que era bom e puro dela. Ela lutou, tentando se lembrar de quem era e o que significava, mas aqui, rodeada de maldade, ela achou tão fácil se esquecer o que era bom no mundo.

Queria despedaçar coisas, socá-las em montes de sangue e ossos. Queria gritar de raiva e atacar tudo que desafiasse se mover na sua presença. Nika não podia lutar com esta maldade, portanto parou de tentar. Cedeu à necessidade de matar e forçou o corpo de Zillah a obedecer. Ela o virou na direção das suas tropas e deu a ordem para matar.

Uma dor fria, aguda agarrou sua mente, lutando pelo



controle. Zillah não ia fazer sua vitória tão fácil. Ela o sentiu lutar apenas para mover seus olhos; então um momento depois, Madoc estava nas suas vistas. Se ela o ia fazer matar, Madoc seria o objetivo.

Nika tentou recuperar o controle. Tentou refocá-lo atrás nos seus demônios, mas ele era muito forte. Ela gritou um aviso a Madoc, mas Zillah o pegou antes que pudesse fugir e esmagou o pensamento com um esforço pequeno, simbólico.

Foi então que Nika percebeu seu erro. Isto era o que Zillah queria desde o início. Não tinha nenhum sangue seu dentro dele, permitindo que o controlasse.

Ele estava no comando agora, levando-a consigo ao longo do passeio.

Zillah sorriu em vitória, e Nika sentiu que o sorriso se mexia por ela como uma espécie de parasita. Ele mataria Madoc, e não só ela veria, ele faria com sua ajuda.

Capítulo 28

Maura aterrissou embaixo de uma árvore desfolhada. Seus pais estavam mortos. Soube por anos que este dia chegaria, mas não sabia até agora o quanto doeria. Ela não devia ter se preocupado. Não precisou deles por anos. Eles odiavam o que se tornou.

Aquele ódio sempre permitia que Maura se mantivesse à distância. Por que devia se preocupar pelo que pensavam? Por que devia se incomodar em ser algo que não era? Não era sua



culpa se não tinha sua própria alma. Gilda fez isto. Angus permitiu. Eles mereciam o que conseguiram.

Mas ainda, havia este espaço oco estranho dentro de Maura que não podia explicar, como se uma parte importante dela fosse arrancada.

Eles disseram que a amaram. Suas palavras pareciam verdadeiras, como se lembrava de quando era jovem e louca. Como podiam amá-la quando não havia nenhuma alma dentro dela para amar? Como podiam ter dado suas vidas por ela se não a amassem? Certamente não a tinham temido. Maura não sabia as respostas. Nem mesmo sabia onde estava ou a que distância Gilda a tinha jogado. Precisava se por em movimento. Fazia muito frio para ficar aqui olhando para o céu, procurando respostas que nunca viriam.

Ela devia ver o que fazer, onde ir, portanto abriu aquela parte dela que podia ver o futuro. Era, afinal, sua vez. Sybil usou o poder da última vez.

Mas quando Maura chamou seu poder, não estava só um lugar vazio, aberto permanecia onde devia estar. Era como se nunca tivesse sequer esse poder. O pânico se estabeleceu duro e rápido. Sem o seu poder, não era nada, só uma criança que ninguém escutaria. Ninguém temeria.

Talvez fosse temporário, uma espécie de ferida que Gilda causou esta noite. Talvez seu poder voltasse. Não tinha que se apavorar. Pelo menos não ainda.

Mas não podia voltar para Zillah agora. Ele a mataria logo que soubesse a verdade. Não era de nenhuma utilidade para ele. Ela não tinha nenhuma utilidade para ninguém. Os Sentinelas a matariam se a encontrassem. Seus pais tiveram misericórdia, mas



sabia que ninguém mais teria.

Estava sozinha. Sozinha.

Os instintos alcançaram Sibyl antes que pudesse se deter, mas tudo que a recebeu foi a escuridão. Escuridão silenciosa, bocejante. Estava Sibyl morta, também?

Maura começou a se apavorar. Nunca esteve sozinha antes. Não sabia onde ir ou o que fazer. Não pode estar ao redor das pessoas. E se um deles a tocasse? Não queria ver ninguém mais morrer nesta noite.

Uma luz avançou pelas árvores, e agora, Maura pode ver que havia uma casa de fazenda lá. Ela ouviu um estrondo abafado de uma porta de tela fechando, e logo viu movimento. Alguém vinha na direção dela provavelmente algum humano infeliz que viu a leve luz do portal. Seja quem fosse, não merecia sua ajuda, e não podia se arriscar a tocá-lo. Tinha que correr. Escapar.

Maura virou no sentido contrário e correu.



Jackie prendeu a respiração quando viu na boca da caverna o homem de olhos escuros que estava atrás das crianças.

Havia várias pessoas aqui, zanzando, verificando os presos que ajudaram a libertar. Uma bonita mulher com tranças mantinha uma das crianças nos braços, a balançando. Junto dela, um homem vigilante, a lâmina da sua espada reluzente ao seu lado. Havia outros homens armados, também, tantos que Jackie sentiu que podia puxar uma respiração funda pela primeira vez em um longo, longo tempo.



O homem com a cara cicatrizada se aproximou dela. Ele deu um sorriso tranquilizador que franziu sua pele. Seus olhos como laser azuis quando olhou abaixo para ela.

—Sou Nicholas,— ele disse.

—Jackie Patton.— Os anos de terapia a fizeram empurrar sua mão para apertar a dele. Sua pele estava suja; suas unhas longas e quebradas estavam endurecidas com a sujeira. Ela puxou sua mão, mas não bastante rápido. Nicholas a pegou em um aperto doce.

Sua pele começou a se aquecer e uma sensação intermitente leve deslizou acima do seu braço. Os olhos de Nicholas se alargaram e uma esperança, reverente no seu olhar cruzou seu rosto cicatrizado.

—Você é aquela Jackie— ele sussurrou. —Aquele que estamos procurando.

Jackie puxou sua mão, assustada como o inferno de por que a fitava. Ela viu o mesmo olhar faminto nas caras de muitos monstros não-precisamente-humanos exatamente antes que a mordessem para querer ver de novo.

Ela recuou e se chocou com a porta de um carro.

—Por favor. Vá para trás.

Uma mão foi ao seu pescoço, onde podia sentir as cicatrizes das marcas de inúmeras mordidas. Cobrir sua garganta foi um gesto inconsciente, e até que o fez, não percebeu que mostrou seu medo.

—Não vou mordê-la.

Ela não pode puxar nenhuma calma de sua terapia agora. Estava muito abalada. Primeiro o homem com os olhos escuros a fez sentir estranha, e agora este homem. Outro homem com pele



marrom clara e olhos combinando se apressou através da terra fria.

—O que está acontecendo aqui, Nicholas? Você assustou a menina?

—Pelo contrário. Olhe.— Nicholas se aproximou dela. Jackie estremeceu, se chocando com o recém-chegado.

Imediatamente sua pele começou a zumbir onde seu braço nu roçou o dele. Ele estendeu a mão. O anel estranho, iridescente que usava girava em uma massa de cores tão brilhantes que podia vê-las até mesmo no escuro.

O novo homem sorriu para ela como se fosse a resposta de uma quebra-cabeça que era incapaz de resolver.

—Bem, amor. Parece que devemos conhecer um ao outro. Sou Morgan.

—Ela é compatível com nós dois,— disse Nicholas, claramente atordoado.

—Suponho que ela terá que escolher. Que vença o melhor homem,— disse Morgan.

—Parem,— disse Jackie antes disto... tudo estava saindo do controle. —Vocês dois ficam atrás.— Ela se afastou deles.

Havia muitos grandes homens aqui, e era difícil evitá-los. Podia sentir tanto Nicholas como Morgan a observando, portanto foi para longe, mantendo o grupo à vista. Preferia lidar com ambos a ser arrastada de volta naquela caverna por algo que espreitasse atrás de uma árvore.

Atrás dela, ouviu um barulho que vinha dos arbustos mortos pelo inverno. Ela congelou no lugar quando o medo imobilizou seus músculos. Ela tentou gritar por ajuda, mas sua garganta estava apertada. Ela não podia voltar naquela caverna. Não pode



deixar que aquelas coisas se alimentassem dela por mais tempo. Não estava certa de como sobreviveu a eles, mas conseguiu. Não fossem as crianças precisarem da força dela, não achava que teria conseguido.

E agora tudo ia acontecer novamente e ela não podia pedir ajuda a nenhum dos homens com espadas próximos.

Uma mão áspera agarrou seu braço e ela foi puxada para trás de uma larga pedra. O calor saía dele, e foi tudo que pode fazer para não se aconchegar contra esse calor.

—Você vê algo, Iain?— perguntou Nicholas atrás dela.

O homem na frente disse:

—Não. Mas ela claramente viu.

—Ouvi algo,— ela disse em uma voz tão débil de medo que era embaraçoso.

—Cuidarei disso,— disse Iain. —Vá cuidar das crianças que eu trouxe.

Iain era o homem de olhos escuros, aquele que a puxou da sua jaula. Se queria que verificasse as crianças e deixasse o que espreitava lá fora para o grande homem com a espada brilhante, podia fazer isto. Sem problema.

Jackie o deixou e foi ver o que podia fazer para ajudar. Mais três crianças sentavam-se juntas embaixo de mantas e casacos, tremendo. Ela já tinha dado sua manta à mulher na jaula ao lado do sua, uma mulher que estava muito pior que Jackie. Nas semanas ou meses, ou quanto tempo passou desde a noite que foi capturada, aquela mulher não proferiu uma única palavra.

Jackie envolveu seus braços em volta de uma menina muito magra, com os olhos vazios e a manteve apertada. Ela sussurrou palavras de conforto à criança, duvidando que servisse.



Entretanto, tinha que tentar.

Alguns minutos depois, Iain cruzou o espaço com uma mulher muito grávida se apoiando forte em seu braço acima da terra áspera. Seus olhos escuros estavam em Jackie enquanto andavam, e o olhar no seu rosto não era amistoso. Um arrepio desceu por sua espinha e não tinha nada a ver com o frio. Alguém jogou um casaco pesado por cima dos ombros de Jackie, ainda quente com o calor do corpo.

Ela levantou os olhos e viu que Nicholas tinha sacrificado seu calor para ela, e disse:

—Obrigada.

Ele acenou com a cabeça, a fitando com aquele mesmo olhar desejoso.

Não sabia o fez para chamar sua atenção, mas logo que compreendesse, deixaria de fazê-lo. Uma vez que estivesse seguramente fora deste inferno, se ocultaria, onde nenhuma das coisas grotescas que viu - homem ou besta - pudesse encontrá-la novamente.



—Parem!— berrou Zillah.

Cada Synestryn na frente de Madoc parou a espada.

Ele não desperdiçou tempo perguntando por sua boa sorte, simplesmente os ceifou tão rápido como podia. O sangue quente salpicou sua cara. Os gritos de morte dos Synestryn tocaram suas orelhas.

—Pare ou matarei Nika,— avisou Zillah.



Madoc parou sua matança tempo bastante para lançar olhar para cima. No lado distante da sala em forma de tigela, Zillah mantinha o corpo frouxo de Nika nos braços. O sangue sujava suas mãos e seus olhos pretos prometiam violência.

Madoc congelou.

Zillah sorriu.

—Ela está na minha cabeça e não a deixarei ir. É bom a ter em volta, como estou seguro que sabe.

Madoc se estendeu para pegar Nika por sua conexão e sentiu apenas o vazio. Seja o que for que Zillah fazia, os mantinha separados. A fúria gritou por ele. Seu sangue bombeou quente e duro por seus membros, e apertou o cabo da sua espada.

Madoc ia matá-lo, mas primeiro tinha que se aproximar. Abriu caminho pelo grupo, indo direto para Nika.

Atrás de Zillah, viu Tynan se arrastar na direção onde Tori estava.

—Me dê ela,— exigiu Madoc.

—Por que eu faria isto?

—Porque é o único modo que sairá disto vivo.

—Difícilmente. Você perdeu. Você está completamente excedido em números. Tenho sua mulher. E sua irmã. Uma delas me dará uma criança viva.

Porra, não. Não havia nenhum modo no inferno que Madoc deixaria este filho da puta tocar em Nika assim.

—Você pode me ter— ele ofereceu. —Deixe ela e Tori partir, e pode me ter.

—Já o tenho. E elas. Esta é a parte que não consegue perceber.

—Você realmente deve deixá-la ir. Vi o que ela pode fazer



dentro da mente da sua espécie. Ela o matará, também.

Zillah pareceu despreocupado.

—Você a viu matar meus escravos. Ela nunca encontrou ninguém tão poderoso como eu, asseguro. Agora baixe sua espada.

—Por quê? Você já disse que não tenho nada a perder. Você vai prender sua mente numa armadilha e arrebatá-lo seu corpo. Que razão posso ter para não cortá-lo até embaixo onde está?

—O deixarei viver. Será meu prisioneiro, mas o deixarei vê-la. Usá-la. Uma vez que tenha terminado com ela, naturalmente. Me ataque e farei que minhas tropas o matem onde está.

Nika! Madoc gritou na sua cabeça, forçando sua voz pela conexão. *Porra, saia fora dele. Agora.*

Ele não ouviu nenhuma resposta, não sentiu nenhuma faísca de consciência.

Madoc estava mais próximo agora, só alguns metros longe. A fúria deixou sua visão vermelha nas bordas, mas fez o possível para ocultar deste imbecil. Melhor deixá-lo pensar que estava interessado na sua oferta.

—Você está me oferecendo um emprego?— Madoc se forçou a perguntar.

—Não sou tão estúpido para confiar em você. Mas poderia vir a calhar. Seu sangue alimentará meus animais. Descobri que manter os Sentinelas vivos e presos por seu sangue é muito mais vantajoso que matar vocês. Embora isto realmente tenha suas vantagens, também.

Por um breve segundo, Madoc se perguntou se alguns de seus irmãos eram mantidos prisioneiros por este filho da puta, ou se era somente uma mentira, uma que pensava distrai-lo. Não ia



deixar. Ele empurrou o pensamento longe e tentou novamente alcançar Nika.

Você não pode me abandonar assim, ele disse. Preciso de você. Eu te amo.

Era verdade. Ele a amava. Não estava seguro de como se transformou de um homem com uma alma morta a um homem tão cheio de amor por uma mulher, que faria tudo por ela, mas tinha. Nika o curou, o devolvido à vida. Ele devia-lhe tudo e estaria maldito se não a salvasse para que vivesse muito tempo para que pudesse provar o quanto significava para ele.

Por favor, Nika. Volte para mim.

Uma ondulação mínima de consciência tremulou dentro dele. Reconheceria essa inteligência e bondade em qualquer lugar. Era sua Nika. Ela lutava para voltar.

Madoc iria ajudá-la.

Ele caminhou até Zillah e sorriu.

—Adivinhe só, idiota? Você perdeu.

Ele empurrou sua espada na coxa de Zillah. Imediatamente, uma dúzia de lâminas Synestryn caiu sobre Madoc ao mesmo tempo e a dor o consumiu.

Capítulo 29

Madoc despertou em uma pequena câmara com barras metálicas embutidas na própria pedra. Estava deitado no chão, pulsando de dor. Só anos de experiência carregando a agonia o impediram de gemer. Ele se levantou, vendo a parede distante da



câmara.

Nomes estavam gravados na pedra. Com tamanhos diferentes; alguns datavam de décadas. Alguns estavam ilegíveis, e alguns tão apagados que estavam lá por um longo, longo tempo.

Muita gente esteve nesta jaula antes, tempo bastante para esculpir seus nomes na parede.

Madoc se recusava a se juntar naquela lista.

Foi para as barras, as sacudindo para ver se descobria um caminho. Seus cortes não tinham tido muito tempo para fechar, e o movimento provocou que vários deles reabrissem e sangrassem mais.

—Acho que descobrirá que a magia contém aqueles que ainda podem funcionar,— disse Zillah. Ele estava fora da jaula, flanqueado de guardas armados. Nika estava caída contra a parede distante. Tori estava agachada ao lado dela, nua e tremendo, o olhar vazio, sua expressão sem brilho e inanimada, como se já tivesse desistido.

Madoc tiraria ambas as mulheres daqui. Não estava seguro de como, mas encontraria um modo.

Nika? Você está aí?

Sua pergunta repercutiu na calma entre eles.

Ele sabia que estava lá. A tinha sentido antes. Ele tentou empurrar o poder pela luceria, incitando-a a despertar.

Tynan foi jogado em uma jaula contígua e não estava se movendo, olhando Zillah com o ódio que incandescia nos seus olhos azuis gelados.

—Quanto tempo estive fora?— Madoc perguntou.

—Dois minutos.

Tempo bastante para prender todos numa armadilha.



Zillah agarrou Tori pelo braço e a ergueu. Estava em má forma. Ela baqueou fracamente, não se incomodando em lutar com o que era feito. Estava nua, suja, tremendo. O sangue escorria pelas suas coxas.

—Cure-a,— exigiu Zillah, a empurrando na direção de Tynan.

—Estou muito débil,— disse Tynan.

—Não me preocupo se o matar. Cure-a ou o deixarei morrer de fome lá dentro.

Tynan engoliu, a raiva torcendo seus traços perfeitas.

—Por que se preocupa se ela vive?

—Por que me deve um filho e vou conseguir isso dela.

A voz de Tynan saiu com raiva.

—Ela não pode te dar uma criança viva. Sua espécie é muito diferente da dela.

—Você está errado. Já fiz antes. Agora faça como ordeno ou lamentará que você não o fizesse.

Tynan sacudiu a cabeça.

—Não posso deixá-lo fazer isto.

—Está disposto a morrer lentamente por sua moralidade?

—Sim.

—Perfeito, então usarei Nika em vez disso.

Madoc rugiu de raiva, socando as barras metálicas.

Nika, desperte! Ele mandou a ordem forte por sua conexão, mas não sabia se conseguiu atravessar.

—Não,— Tori sussurrou. —O farei.— Ela levantou seus olhos para Tynan. —Ele não pode me machucar mais do que já fez.

—Viu?— disse Zillah, um anel metálico de satisfação no seu tom. —Ela quer. Agora cure-a.

—Você está certa?— perguntou Tynan.



Tori acenou com a cabeça.

Tynan tomou seu pulso sujo e o levou à sua boca. Madoc viu o adejo dos olhos fechados. Seu corpo encolheu; sua barriga aplainou; seus seios apertaram.

Tynan se mexeu e bolhas infectas engorduravam seus lábios. Ele virou longe, vomitando algo grosso e preto na terra.

—Acho que ela não concordou com você,— disse Zillah. — Muito mal. Tenho a sensação que vocês dois estarão se vendo muito um ao outro.



Nika ouviu o grito de raiva de Madoc na sua mente, sentiu sua necessidade frenética que ela despertasse. Mas não estava adormecida. Não sonhava. Zillah a tinha presa no interior da sua cabeça e não intencionava deixá-la livre.

Nika girou em torno dos pensamentos de Zillah, chacoalhando nas profundidades apodrecidas da maldade que se movia lentamente pela sua mente. Nunca esteve presa assim antes e não tinha nenhuma ideia de como escapar. Um único fio prateado a unia com Madoc, mas o perdia de vista enquanto enfraquecia. Logo, estaria muito fraca para lutar e ficaria presa aqui, para sempre.

Que diabos.

Força bruta não resolvia, portanto Nika parou de lutar e se concentrou no fio que a unia a Madoc. Ela se encolheu até que fosse uma ponta de luz e deslizou ao longo daquele fio lentamente, firmemente.



Ela manteve seus pensamentos superficiais, lembrando de pequenas coisas como a sensação do ar contra sua pele ou do sol no seu rosto algo para distraí-la do que tentava fazer. Quanto mais se aproximava de Madoc, mais forte ficava. Ele a animava, a alimentando com seu poder. Ele pulsava nela, expelindo os tentáculos grudentos de sujeira que aderiam a ela, tentando contê-la.

Estava quase fora. Podia sentir quase o calor da mente de Madoc quando aqueles tentáculos ficaram mais espessos e barraram seu caminho.

Nika se apavorou. Eles a puxavam de volta. Não podia lutar. Eles a puxavam para baixo, sob a maldade incontrolada.

Lute, ela ouviu o grito de Madoc. Ele vai estuprar Tori.

Nika não podia deixar acontecer. Não novamente. Nunca mais.

O medo era tudo em volta dela, a sobrecarregando. Desesperada, recorreu a uma coisa que funcionou para expelir o sgath: o frio.

Nika puxou o frio para seu corpo e o empurrou em Zillah. Ela deixou as pedras sob ela sugarem o calor até tremer. Ela se forçou a lembrar de cada momento gelado que sentiu alguma vez, e usou o poder de Madoc para amplificar aquelas memórias.

A mente de Zillah se rebelou, e apesar das suas intenções de mantê-la trancada, ela conseguiu ficar livre. Ele gritou de dor e ultraje. Nika abriu os olhos, ondulando caso ele atacasse. Ela parecia ter nadado pelo esgoto. Cada parte da sua mente sentia-se infeccionada pela sujeira de Zillah. Podia quase senti-lo na língua. Nunca ficaria limpa novamente.

Não que importasse. Pelo medo e desespero que escoava de



Madoc, estavam no fim da linha. Nika se ergueu e olhou ao redor. Madoc e Tynan estavam trancados em jaulas. Madoc sangrava, ferido e enfurecido. Tynan parecia ter sido atacado na boca com um ferro quente. Ambos agarraram as barras das suas jaulas, tentando se soltar e alcançar Tori.

Zillah jogou Tori no chão e chutou seus tornozelos.

—Não!— gritou Nika. —Se afaste dela.— Ela se lançou a Zillah, mas os braços grossos do Synestryn a pegou antes que pudesse alcançá-lo.

—Segure-a,— ordenou Zillah. —Faça que veja.

Um dos guardas demônio pôs uma espada na sua garganta, a mantendo presa enquanto dois mais seguravam seus braços.

A dor e a raiva ferveram dentro dela, a fazendo sacudir. O frio partiu agora, e no seu lugar estava uma raiva ígnea. Isto não ia acontecer. Ela não ia deixar quase nove anos de permanência ao lado de Tori terminar assim. Não ia deixar sua irmã sofrer outro momento de dor ou medo. Não ia permitir que fosse estuprada. Os tiraria todos daqui, mesmo se custasse sua vida.

A voz de Madoc era um ruidoso bramido, mas sentiu uma onda de compaixão deslizando nela.

—Feche os olhos, Nika.

Dane-se.

Ela tentou rastejar de volta na mente de Zillah para pará-lo, mas ele era muito forte. Não podia chegar. Ela bateu em suas barreiras mentais, mas tudo que conseguiu foi uma enorme dor de cabeça. Ele não tinha consumido seu sangue. Não podia controlá-lo.

Mas talvez houvesse outro caminho. Nenhum desses Synestryn tomou seu sangue, mas isto não significava que não



podia convencê-los. Sempre estavam famintos. Tudo que tinha a fazer era sangrar. Seguramente um deles morderia a isca e sangue suficiente para permitir que ela o controlasse. Ela o usaria para matar Zillah antes que muitos deles conseguissem seu sangue e rasgassem sua mente.

—Não,— disse Madoc, claramente ouvindo seus pensamentos. —Você não pode fazer isto.— Sua maxila estava apertada de raiva, mas o olhar de medo nos seus olhos verdes fez Nika parar.

Ela não queria fazer, não queria voltar àquele pesadelo vivo onde os Synestryn mantinham sua mente prisioneira e o sangue, fome e morte eram seu mundo inteiro. Mas não havia nenhum outro modo. Ela não podia deixar Tori sofrer. Já tinha sofrido tanto. Estavam tão perto de salvá-la. Ela merecia uma chance de viver sem esta maldade e encontrar alguma partícula de felicidade para ela.

Nika tinha tantas coisas que queria dizer a Tori, mas não havia tempo. Ela se ergueu para dizer —te amo,— alto o bastante para ser ouvido através da câmara. Ela enviou aquele mesmo amor à Madoc, deixando-o sentir o quanto significava para ela, o quanto foi feliz por estar com ele, mesmo que pelo curto período que passaram juntos. Ela o amava mais do que imaginou alguma vez ser possível.

Madoc gritava para ela parar, mas o ignorou. Ela não achava que os Synestryn a matariam. Eles gostavam muito de suas cabeças. Ela sobreviveria a isto. Talvez ficasse rasgada e maluca, mas viveria, o que significava que Madoc viveria também. Ele escaparia com Tori vivo. Então talvez encontrasse um modo de salvá-la novamente.



—Não!— rugiu Madoc, batendo nas barras.

Nika afastou o olhar dele, incapaz de carregar a visão da sua dor.

Tudo que fez foi uma leve mudança no peso de Nika. A lâmina em seu pescoço cortou sua pele e sangue fluíu pelo seu peito. Nem sequer doeu.

O Synestryn à sua direita percebeu o que aconteceu e deixou sua espada. Um rosnado de fome estrondeou fora da coisa e ele se curvou para lamber seu pescoço, incapaz de resistir à comida oferecida tão facilmente.

A primeira lambida fez Nika cerrar os dentes. Ela endureceu contra a próxima, olhando como o demônio à sua esquerda percebia o que acontecia e se juntava ao primeiro.

Zillah tinha se abaixado acima de Tori.

Nika fechou os olhos e procurou a conexão que agora tinha com os demônios que a seguravam. Ela a encontrou vibrando entre eles e empurrou sua vontade sobre eles, os forçando a soltá-la e atacar seu mestre.

Seu corpo recuou. Um mar de caras torcidas olhavam para ela, mostrando os dentes com fome. Um deles se inclinou para a frente para se alimentar do seu sangue e outro o empurrou longe. Nika tentou se concentrar em lutar pelo controle dos dois primeiros. Ela viu um deles cair sob o ataque do outro. Ele despedaçou seu colega demônio, abrindo sua garganta com seus dentes.

O cheiro de comida os levou a um frenesi alimentício e começaram a atacar uns aos outros.

Nika forçou o primeiro Synestryn que tinha se alimentado dela a pegar sua espada e atacar Zillah, mas Zillah era muito



rápido. Ele rolou de lado, escapando por pouco do golpe.

—Parados,— ele berrou, mas era tarde demais. Suas tropas eram bestas vorazes, descuidadas. Ele tinha perdido o controle.

Ela abriu a boca para gritar para Tori correr enquanto havia pelo menos uma distração parcial, mas antes que a palavra saísse da sua boca ela sentiu o primeiro puxão na sua mente. Então o seguinte e o seguinte, até que seus pensamentos começaram a rachar e sua mente começou a se fragmentar.

Nika puxou poder de Madoc, tentando se proteger do ataque mental, mas era muito tarde. Essas coisas eram muito fortes, muito rápidas. Eles devoraram sua mente, rasgando pequenas partes para manter as suas próprias. Ela via por dúzias de olhos, sentia por dúzias de corpos. O ódio bateu nela, a fazendo rosnar com a força do seu desejo de matar. Queria sangue. Galões dele. Estava faminta por carne crua e o calor de uma fresca matança.

Alguns olhos viraram para Madoc e tudo que Nika via era comida. Iam matá-lo e ela desfrutaria em deixar.

Capítulo 30

Madoc soube o momento que Nika se perdeu. Sua mente partiu, lascada em muitas partes para contar.

Lute, ele ordenou enquanto tentava alimentá-la com o poder que ela precisava para fazer isso. *Não ouse desistir de mim.*

Mas não havia nenhuma Nika, só o vazio onde sua essência esteve uma vez.

A dor cresceu nele tão grossa, que não podia respirar. Ela



partiu. Sua doce Nika estava viva, mas despedaçada.

Zillah tinha fugido por um corredor escuro, dois dos seus guardas no seu encalço. Madoc o encontraria e o mataria lentamente, tirando sua carne do corpo uma polegada de cada vez antes que o esticasse no sol para fritar. Mas primeiro tinha que sair desta jaula maldita.

Ele bateu nas barras novamente, as sentindo vibrar, mas não cedendo nem uma polegada. Eram sólidas. Levaria semanas para sair daqui, assumindo que vivesse por muito tempo.

Nika não. Ele ainda podia sentir que estava viva, mas quanto tempo duraria? Quanto tempo sangraria ou um dos demônios decidisse que o sangue não era o bastante e fosse por sua carne, também?

Então, como um anjo sujo, tímido, Tori apareceu na frente dele, um anel de chaves tinindo nos seus dedos trêmulos. Estava nua e tremia de frio, choque, ou ambos, mas não tinha desistido.

Madoc despiu sua camisa, reabrindo as feridas que tinham começado a fechar, a passando.

—Aqui, ponha isto. Me dê as chaves.

Ela fez como ele disse, então ficou lá, olhando os demônios se alimentando de Nika.

—Você pode me encontrar uma espada?— ele perguntou, mais para distraí-la do que algo mais. Ele mataria com suas mãos nuas se precisasse, mas não queria esta memória acrescentada às outras horríveis que sabia que Tori tinha.

Um dos Synestryn agarrou o corpo frouxo de Nika e saiu com ela. Todos os outros o seguiram, rosnando famintos, correndo atrás dele.

Não podia deixá-los escapar com ela. Não podia perder a pista



dela.

Ele xingou as malditas chaves, empurrando outra na fechadura. Tynan atravessou o braço pelas barras e apertou uma mão contra Madoc por trás.

A dor chamejou sob sua pele, afundando nas suas feridas quando Tynan usou sua magia para fazê-las fechar.

—Não é muito, mas é tudo que posso fazer.

Madoc quase o agradeceu, mas uma chave finalmente virou e ele saiu da sua cela. Lançou as chaves pelas barras para Tynan, pegou uma espada das mãos de Tori, e se apressou atrás do monte de Synestryn que tinham Nika.

Ele os encontrou na câmara que tinham chegado primeiro, e chegou a um ponto sem volta. Havia mais deles. Não tinha nenhuma ideia de onde tinham vindo todos, mas sabia tantos Synestryn juntos em um só lugar ao mesmo tempo nunca foi visto antes.

Eles estavam mortos.

Entretanto, não havia nenhum jeito que desistisse. Ele a libertaria ou morreria tentando.

Tynan apareceu ao seu lado, espada na mão. Ele respirava forçado e a ponta da espada vibrava na sua mão. Estava realmente débil ou muito assustado. De qualquer maneira, não ia ser de muita utilidade.

—Tire Tori se puder,— berrou Madoc quando cortou a cabeça de outro demônio. —Vou atrás de Nika.

—Há muitos deles. Você vai se matar.

—Estou morto sem ela, de qualquer maneira. Agora vá.

Madoc não esperou para ver se Tynan fazia como tinha ordenado. Ele passou com dificuldade pelo grupo que tinha



descido em um frenesi alimentício. Eles giravam, despedaçando um ao outro por uma gota do sangue de Nika.

Ele abriu caminho, os ceifando como trigo, não se incomodando em saber se levantavam ou não. Corpos estavam espalhados no chão, e sobre cada um deles estavam vários outros, rasgando a carne com suas mãos nuas. Um dos demônios levantou uma espada como se preparando para cortar a mão de Nika. Madoc não ia deixar acontecer.

Ele arremeteu na coisa, mas deslizou no sangue. Ele queria cortar sua cabeça e em vez disso fez um corte profundo ao longo do seu peito. Mais sangue salpicou no chão.

Madoc agarrou Nika, pegou seu tornozelo, e puxou forte, a arrancando dos demônios. Estava certo que a tinha machucado ao ser tão áspero, mas seria um inferno muito melhor do que eles fariam. Ele estava acima do seu corpo, se defendendo de tantas coisas como podia, mas havia muitas. Não podia defender suas costas.

Algo cortou através das suas costelas, fazendo-o cerrar os dentes pela dor. Levantou sua espada desajeitadamente, percebendo que algo vital ao movimento estava faltando. Seu braço direito estava inútil.

Ele mudou a espada para a esquerda, ficando completamente na defensiva. Esta merda não ia durar muito mais. Sabia que era causa perdida quando viu aquilo. Iam morrer aqui, e o único consolo que podia encontrar era que foi capaz de amar Nika. Ela tinha se assegurado que morresse com sua alma intacta, e sem sua alma, não podia tê-la amado. O carinho dela foi um dos maiores presentes dados alguma vez.

Madoc fez o possível para se defender dos golpes das poucas



bestas que não estavam muito ocupadas se alimentando para lutar. Nenhum dos demônios conseguiu atingir Nika, mas ele tinha mais que alguns cortes. Ele sentiu sua força drenando quando sua hemorragia aumentou.

Mais golpes aterrissaram nos seus braços, cortando sua pele. O cabo da sua espada ficou liso e difícil de segurar. Seu coração começou a bater mais rápido, tremulando no seu peito quando tentou em vão bombear o sangue às suas extremidades.

Amo você, Nika. Sinto ter falhado.



O amor de Madoc fluíu na minúscula lasca de Nika que foi deixada em sua mente, se ocultando contra as coisas que queriam seu sangue.

Até agora, tudo que sentiu chegando dele foi determinação, dor, desespero. O amor que saía dele incandesceu brilhante, queimando-a com sua intensidade. Ele a encheu, deixou forte. Mesmo com todas as suas outras partes ausentes, ele de alguma maneira a conseguiu fazer se sentir inteira.

Nika deslizou dentro da sua mente, precisando se aquecer naquele amor. Tudo estava errado e muito confuso agora, e a única boa coisa que podia encontrar era ele. Ela precisava que sua bondade a tranquilizasse. A conexão entre eles cresceu, ou talvez ela tenha encolhido. De qualquer maneira, o pouco dela que foi deixado se sentiu muito pequeno quando se moveu nele, tentando se aproximar dele tanto quanto pudesse.

Uma vez que estava lá, Nika percebeu o que acontecia. Ele



estava sob ataque. Os Synestryn o feriam, o matavam. Podia sentir sua dor e seu sangue escoando do seu corpo. Ele lutava para encontrar respiração suficiente para continuar se movendo, mas a arranjava de alguma maneira.

Pelos seus olhos, viu a horda de demônios. Já tinham seu sangue e agora queriam o dele.

A raiva cresceu dentro dela, tão forte que sentiu sua própria alma sacudindo com força. Sua conexão com essas coisas vislumbrou no ar, zumbindo, zombando dela. Eles a puxavam, a incitando a entrar neles e matar. Alimentar-se do sangue de Madoc.

Ela ia matar até o último deles.

Nika descobriu a fonte do poder de Madoc e acelerou na direção dela. Como um lago enorme, brilhante com líquido incandescente, ela a viu aparecer na frente dela. Sem pensar no que poderia acontecer, ela mergulhou, imergindo naquele poder, se embebendo tanto dele quanto podia.

Ele se torceu dentro dela, precisando ser posto em liberdade. Nika não ia desapontá-lo.

Ela estendeu a mão para pegar um dos demônios que a puxavam e jogou forte um pedaço de energia diretamente na sua cabeça. A coisa nem teve tempo de gritar antes que o sentisse morrendo. A parte dela que tinha roubado voltou, mas mal notou uma parte tão pequena. Estava muito ocupada procurando seu seguinte objetivo.

Madoc não podia levantar mais sua espada. Enrolou seu corpo em volta de Nika e deixou os golpes baterem nele. Era o fim, mas empurrou toda a dor e o medo da sua mente e se concentrou



na sensação de Nika em seus braços, a deixando consolá-lo.

Ele não achava que a matariam pelo menos, não uma vez que o frenesi alimentício acabasse e se lembrassem das suas ordens. Tudo que ele tinha a fazer era sobreviver o bastante para a manter segura até lá. Um de seus irmãos viria por ela e a salvaria. Andra viria e explodiria todos os diabos. Nika ficaria bem. Ele tinha que acreditar nisto.

O frenesi atrás dele se tranquilizou. Nenhuma lâmina cortou sua pele, o que o surpreendeu. Talvez tivesse entrado em choque e não podia sentir nada. Mas se fosse o caso, então como podia sentir a lisura da pele de Nika? Sentir sua respiração contra o rosto?

Confuso, Madoc olhou por cima do seu ombro.

Os demônios não lutavam mais ou se alimentavam. Um por um apertavam suas cabeças, então simplesmente caíam, mortos. No início, somente alguns, então cada vez mais até que não restasse nem um demônio se movendo.

Nika. Ela fez isto. Ela os matava por dentro, tomando controle das suas mentes, usando sua fome por seu sangue contra eles.

Mulher brilhante, bela.

Madoc deslizou a mão para que as metades da luceria se unissem. Tentou fazer o fluxo de poder ir para ela mais facilmente, percebendo que pouco podia para ajudá-la.

Ele aliviou seus pensamentos, procurando algo mais que pudesse fazer. O que viu o fez vacilar atrás de horror. Sua mente se torcia com a fome de sangue e um desejo frenético de matar. Os buracos estavam encravados dela, arrancados longe. Podia quase ver os laços enlodados que a uniam aos Synestryn, grosso, oleoso, e gotejando com sangue preto.



Ela gritava. Lutava para recuperar aqueles pedaços perdidos da sua mente.

Madoc tinha que ajudar. Tinha que matar essas coisas antes que levassem sua sanidade mental longe novamente.

Ele pretendia colocá-la atrás dele e avançar com sua espada contra os Synestryn, mas seus braços não funcionavam direito. Suas pernas zumbiram com fraqueza e não podia mover seu peso, muito menos ficar em pé. Tudo que podia fazer era um escudo com o seu corpo e esperar que ela fosse bastante forte para salvar a si mesma.

Madoc desviou o olhar dela, rezando não ser pela última vez. Havia tanto que queria para ela. Tantas coisas que não tinha experimentado, tantas coisas que queria mostrar. Ela tinha perdido anos da sua vida para os Synestryn. Não parecia justo que morresse agora.

Ele desejou como inferno que abrisse seus olhos e o avisasse que estava bem.

O baque unido dos corpos caindo no chão continuou por um longo tempo antes que finalmente parasse. Madoc não tinha força para levantar a cabeça. Ele tentou apertá-la para avisá-la que estava lá, mas seus braços estavam muito fracos até para isto. Tinha perdido muito sangue. Não via como tiraria qualquer um deles daqui.

—Sinto, Nika. Falhei.— Aquele fracasso caiu sobre nele, expulsando a respiração dos seus pulmões.

Seus olhos abriram. Estavam injetados, o que os fez parecer tão azuis como os céus da sua infância. Tão bonita. Sua mão delicada embalou sua face e ele sentiu um formigamento sobre sua pele.



—Você não falhou. Você nunca o fará.

Ela falava como se achasse que tinham um futuro juntos. Madoc foi ferido muitas vezes para saber que não estava bem. Ele sangrava muito.

—Chamei Tynan. Está vindo.

—Como fez...?

—Ele bebeu meu sangue. Estamos unidos agora.

—Não estou seguro se gosto da ideia que esteja unida a outro homem.

—Você vai se acostumar. E uma vez que chegarmos em casa, vou mostrar exatamente como você é diferente de qualquer outro homem na minha vida.

—Agora, isto é algo para se viver.

Ela deu um sorriso débil.

—Ele está quase aqui. Você não vai escapar de mim tão fácil.

Passos chegaram pela esquina, mas Madoc não tinha força para ver quem era.

—Parece que precisa ser remendado,— disse Tynan.

O alívio fez Madoc tonto.

—Um pouco.

—Sim. E sou Papai Noel. Segure-se; pode doer,— disse Tynan.

—Estamos com um pouco de pressa.

Madoc se segurou, mas independentemente do que Tynan fez parecia que passava um maçarico nas suas costas. Quando pôs suas mãos em Nika, Madoc quase o parou, mas imaginou que a dor era preferível a morrer sangrando.

Ela puxou uma respiração áspera, mas não mostrou nenhum outro sinal que Tynan a tinha machucado. Tynan tremia quando removeu sua mão.



—Bom. Isto é o que podemos fazer por agora. Temos que sair antes que seja tarde demais.

—Onde está Tori?— perguntou Madoc.

—Esperando lá fora, congelando,— disse Tynan. —Vamos, antes que não possamos.

Capítulo 31

Tynan estava tão esgotado, que mal conseguiu chegar à sua suíte. A viagem para casa foi longa e cheia de silêncio. Gilda e Angus não tinham aparecido. Ninguém tinha notícias deles. Tynan temia o pior.

A fadiga o sobrecarregou, tão forte que podia sentir apenas a fome estrondando por ele, o enfraquecendo. Tinha se esforçado muito esta noite. Era necessário, mas quase o tinha matado.

Depois se alimentaria mais. O que tinha tomado do Theronai não foi o bastante para encher novamente sua força. Agora mesmo tinha que dormir, mas devia esperar apenas mais alguns minutos. Foi à peça sobressalente em cima do dormitório onde guardava seu laboratório e tirou o recém-nascido muito pequeno, inanimado debaixo da sua camisa. Havia tanto caos que ninguém o viu ocultando o bebê embaixo do seu casaco.

E era um bebê, diferente das criaturas prévias que tinham encontrado. Era perfeito, cada faceta muito pequena do seu corpo uma réplica exata de um ser humano, ou um Sentinela.

Tynan não sabia por que não tinha sobrevivido, mas pretendia descobrir. E logo, quando o fizesse, enterraria o menino no



cemitério com os outros que tinha caído. Esta criança não merecia sofrer por sua ascendência, e Tynan se recusava a tratá-lo como lixo, deixando-o no chão de uma caverna suja.

Entendia que Tori não podia enfrentar a morte do seu filho agora mesmo, mas um dia estaria pronta. Quando estivesse curada. Quando fosse mais velha. Era ainda uma criança, mas um dia ele seria capaz de levá-la à sepultura desmarcada do seu bebê, dando um lugar para se lamentar. Tynan enrolou a criança em uma toalha limpa e a pôs suavemente no refrigerador do seu laboratório. Parecia uma desonra à vida que podia ter sido, mas não havia nada a fazer. Ele faria o que devia ser feito, como sempre fez.



Andra correu para Dabyr, ignorando todo o caos. Paul estava nos seus calcanhares. Nenhum deles tinha dormido há dias, mas sua fadiga parecia evaporar quanto mais perto de casa.

Sabia por sua chamada telefônica que Nika estava seguro, mas Andra não ia descansar até que visse sua irmã pessoalmente. E quando fizesse isto, teria um problema maior para lidar.

Nika tinha encontrado Tori. Viva. Depois de todos esses anos.

Andra ainda não podia acreditar, mesmo depois de ter lutado com as notícias que mudavam sua vida durante as horas que levou para voltar para casa. Andra tinha enterrado o que pensava ser os restos de sua irmã no ano passado. Como isto podia ter acontecido? Como podia estar tão errada? A —aparente— Tori foi um truque dos Synestryn, ou o truque foi tirar proveito dela



quando transportou os ossos de um estranho daquela caverna?

Se não fosse o voto de Tynan que o sangue da menina que encontraram estava inconfundivelmente ligado a Nika, Andra provavelmente ainda não acreditaria. Talvez parte dela ainda não o fizesse. Tinha que ver Tori com seus próprios olhos, segurá-la nos braços como quando Tori era criança.

Andra acelerou pelos corredores na direção da sua suíte, rezando que Nika não estivesse enganada e isto não fosse uma espécie de truque horrível que os Synestryn lançavam. Desesperadamente queria que fosse verdade.

Andra estourou pela porta. Madoc pulou para seus pés e puxou sua espada antes que a reconhecesse. Logo que o fez, seu grande corpo deslizou atrás para o sofá em uma pilha de exaustão. Nika deixou seu lado e entrou nos braços abertos de Andra.

Andra a apertou duro, inspirando o odor do cabelo pálido de sua pequena irmã. Ela se sentiu delicada no abraço de Andra, mas não mais tão frágil. Quando Nika se afastou, seus olhos azuis estavam molhados e ela tinha um sorriso agridoce.

—Tori está viva.

Emoções incharam dentro de Andra, misturadas numa pilha quase indecifrável. Sentiu alívio e alegria que sua irmãzinha estava segura, mas vergonha que a tivesse considerada morta.

—Tenho que vê-la.

Nika acenou com a cabeça e a conduziu até o quarto de hóspedes.

Tori estava na cama, dormindo. Parecia pálida e magra, mas o que mais a chocou foi que parecia exatamente a menina que Andra viu na sua mente no ano passado. Estava tentando encontrar Sibyl, que tinha sido raptada, e em vez disso encontrou



uma menina era uma versão mais jovem de Nika.

Naquele momento, Andra soube a verdade: Esta jovem era a irmãzinha que tinha perdido há quase nove anos, sua doce Tori.

As lágrimas queimaram nos olhos de Andra e sua garganta doeu, lutando com a necessidade de gritar. Todos esses anos. Tinha deixado Tori nas mãos daqueles monstros, a abandonando para ser morta. Vergonha a cobriu tão grossa que não podia respirar. Como podia ter visto Tori e não saber quem ela era? Como podia ter partido sem reconhecer sua própria irmã?

Tori abriu os olhos, mas não havia nenhuma saudação quente nele, somente um frio, um distante olhar de uma estranha.

—Sinto tanto,— ela sussurrou, incapaz de encontrar ar suficiente para falar. Não que importasse. Nada que ela pudesse dizer alguma vez compensaria o que fez, o que permitiu que o Synestryn fizesse a Tori.

Tori não disse nada.

Não que Andra a culpasse. O que devia dizer? A resposta comum —está tudo bem— simplesmente não se aplicava. O que Andra fez não foi certo. Nem Tori estava bem. Parte dela faltava, como se o Synestryn tivesse escavado algo vital e deixasse um lugar oco para trás. Andra estendeu a mão para pegá-la, mas o empurrão sutil de Nika na sua mão a parou.

—Foi você que vi no ano passado, não é? Foi sua mente que alcancei, pensando que era Nika.

—Sim. Fui eu.

—Oh, bebê,— respirou Andra, se soltando do aperto de Nika. Não podia se segurar mais tempo. Tinha que abraçar sua irmãzinha.

Tori sentou reta e esticou a mão.



—Não. Não me toque. Eu não gosto de ser tocada.

Andra parou quando seu coração partiu, vazando um rio de dor no seu peito.

—Sinto tanto. Não sabia que estava viva.

Ela sentiu o deslizar da presença de Paul na sua mente, a consolando. Um momento depois, suas mãos fortes estavam nos seus ombros, dando seu suporte silencioso.

—Não importa,— disse Tori. —O que está feito está feito.

Andra queria dizer que encontraria um modo de fazer as pazes com ela, mas como poderia? Como podia fazer algo para compensar anos de detenção, tortura e estupro? Como alguém poderia? Tudo que podia oferecer eram outras desculpas ocas.

—Sinto tanto, bebê.

—Estou cansada,— disse Tori. —Por favor saiam.

Andra se encontrou saindo, porque era tudo que podia pensar em dar a sua irmã. Nika estava bem atrás dela. Mal a porta do dormitório clicou fechando, ela soltou as lágrimas que estava reprimindo.

Paul a apertou no seu abraço e a segurou enquanto ela gritava, acariciando suas costas.

—Ela está tão quebrada,— disse Andra no ombro de Paul.

—Assim como eu estava,— disse Nika. —Melhorei. Portanto ela também. Somente teremos que ser pacientes.

Andra olhou sua pequena irmã, vendo-a sob uma nova luz. Não era mais uma menina frágil com necessidade de proteção. Era uma mulher crescida com uma espécie tranquila de poder próprio. E ao seu lado estava um inferno de um guerreiro formidável que daria sua vida para mantê-la segura.

Ela não tinha falhado com Nika. Mesmo que as coisas



parecessem desesperadas há menos de um ano, aqui estava Nika, a prova que entre os Sentinelas, milagres podiam acontecer. Andra ia cuidar que Tori encontrasse seu próprio milagre.

Ela fungou e endireitou sua coluna, se preparando para uma luta que sabia ser mais contra sua própria natureza do que algo mais.

—Então paciência será o que terá. Tanto quanto precise. Por mais tempo que leve.

Ela a tinha abandonado e tinha enterrado sua irmã uma vez. Não ia fazê-lo novamente.



Logan deixou o lado de Grace, obrigado pela necessidade de dormir. Não havia nada que pudesse fazer por ela, tal como nada que pudesse fazer por Torr. Grace fez sua escolha de abandonar sua vida pelo outro. Não queria depreciar o gesto abnegado a questionando.

Passou pela sala principal, indo na direção da ala Sanguinar, a fadiga puxando cada passo pesado que dava. Um grande grupo tinha se congregado em volta da mesa de jantar maior. Joseph sentava na cabeceira da mesa, falando calmamente. Havia pelo menos duas dúzias de Theronai lá provavelmente decidindo o que fazer no período depois dos eventos da noite passada. Tynan tinha telefonado a Logan antes de voltar para casa e tinha contado dos humanos que resgataram sobre a criança que a irmã de Andra e Nika tinha carregado.

Logan não teve muito tempo ou energia para digerir a



informação, mas estava seguro que uma vez que o sol baixasse, Tynan chamaria o Sanguinar para uma reunião.

Estava muito cansado para parar e espreitar, portanto passou pelo grupo, os ignorando. Não foi até que visse uma área vazia que deu uma parada. Sentados num dos sofás de couro, fitando cegamente um desenho animando na televisão, estavam três crianças que Logan não reconheceu. Parecia que tinham sido recentemente esfregados, e pratos meio vazios de comida e copos de leite estavam na mesa de café na frente deles. Muito magros, desatentos e lamentáveis, as três crianças atraíram Logan.

Ele só pode imaginar a espécie de inferno pelo qual aquelas pequenas pobres almas passaram. Logan ignorou sua fadiga e foi até onde eles estavam sentados. O menino tinha aproximadamente sete anos, como uma das meninas. Outra das meninas era mais velha, talvez nove anos. Cada um deles apertava uma manta em volta dos seus ombros muito magros quando olharam para ele com olhos enormes, assustados.

—Posso sentar?— ele perguntou.

Eles continuaram o fitando por um momento longo até a menina mais velha perguntou:

—Você é um anjo?

Logan sorriu a isto.

—Difícilmente.

O pequeno correu, dando lugar para Logan no sofá. Logan sentou e sentiu três pares de olhos seguindo cada movimento seu. Não estava seguro se era por causa da sua beleza antinatural ou se temiam o que podia fazer.

Ele sentou reto e fingiu assistir televisão. A fome estrondeou dentro dele, e o cansaço que entorpecia seus osso combinados



com a tensão do dia tentavam derrubá-lo, mas resistiu ao puxão do sono. Quanto mais essas crianças esperassem por cuidados, mais duro seria ajudá-los. Além disso, não podia suportar a ideia que sofressem com seus pesadelos durante nem mais um dia.

Logan reuniu sua força minguada e a deixou gotejar dele. Distribuiu ondas calmantes de energia às crianças, esperando libertá-los de qualquer inquietude que pudessem ter. O esforço o deixou trêmulo, mas manteve aquele fluxo sutil de poder, lento e constante.

O menino foi o primeiro a reagir. Subiu no colo de Logan, envolveu seus braços muito magros em volta do seu pescoço, e começou a chorar.

Logan deslizou sua mão pelas costas do menino, esperando oferecer conforto.

Suas lágrimas devem ter provocado algo nas meninas, porque participaram do abraço em grupo. A menina mais jovem soluçava e segurava o braço de Logan, mas as lágrimas da mais velha eram silenciosas e pungentes. Logan teve que lutar com as necessidades do seu corpo para se desligar. Cada célula dentro dele gritava de fome e vazio, mas não quis falhar com essas pequenas pobres almas. Só tinha que manter o fluxo de poder por mais um pouco de tempo.

Agora que as crianças estavam receptivas, empurrou mais duro, abandonando a sutileza pela eficiência. Teria que tomar seu sangue para limpar permanentemente suas memórias, mas por agora, poderia as enevoar aliviando a dor das crianças o bastante para que descansassem, comessem e se recuperassem.

Logo, as lágrimas diminuíram, parando quando as crianças foram à deriva em um sono profundo, curativo. Ainda estavam



empilhados em cima dele como cachorros, procurando o conforto básico do contato físico. Seus pequenos corpos quentes o mantinham perfeitamente imóvel, mas a camisa de Logan estava embebida com lágrima em vários lugares.

Nunca devia se permitir chegar perto deles. Ter essa gente preciosa, muito pequena grudada nele o fazia desejar coisas que não ousava nem nominar. Aos Sanguinar não era permitido ter crianças. Fazer isso era considerado o cúmulo do egoísmo, pois aquelas crianças estariam destinadas a viver na escuridão e sofrer fome por toda sua longa vida.

Ele e sua espécie tinham que ficar satisfeitos desfrutando das crianças de outros. Com certeza a maior parte dos pais mantinham seus pequenos a uma distância segura dos predadores, mas aqui, agora mesmo, não havia nenhum pai para impedir Logan de se deleitar com o milagre dessas preciosas crianças. Sabia que devia ir. Ficar aqui só seria atormentador para ele. Era melhor não ter o gosto de algo que nunca podia ser seu, do que sentir um vislumbre do que faltava.

Tempo de levantar. Tempo de partir e deixar os Sentinelas levá-los daqui.

Uma das suas pernas estava entorpecida e a fome gritava agora dentro dele. Estava muito fraco para se mover, muito menos ficar em pé.

Nicholas estava repentinamente acima dele, sua cara cicatrizada olhando a cena.

—Obrigado. Pensamos que teríamos que os drogar para dormir.

Logan encolheu os ombros pouco confortável pelo agradecimento, movendo o pequeno menino no seu ombro.



—Você precisará me ajudar a levantar para que eu possa dormir, também.

—Os acordarei se os mover?

—Não. Estão profundamente adormecidos.

Nicholas suavemente pegou cada uma das crianças, os moveu, e jogou uma manta em volta dos seus corpos. Logan trabalhava para recobrar a sensação nas suas pernas portanto ainda estava lá quando Nicholas voltou.

Ele ofereceu a Logan seu pulso.

—Vá em frente. Parece que está prestes a desmaiar.

O oferecimento espontâneo assustou Logan. Estava acostumado a lutar por cada gota de sangue. Não sabia o que dizer, portanto não disse nada e tomou o sangue que Nicholas ofereceu. Ele fluiu nele, quente e rico com poder, acalmando a pior parte da sua fome.

Logan não quis impedir tal ato de bondade de acontecer novamente, portanto tomou só o necessário para voltar à sua suíte. O sono ajudaria a fortalecê-lo, e logo podia ir caçar uma vez que a noite caísse.

Nicholas o puxou aos seus pés.

—Obrigado,— disse Logan.

—Não foi grande coisa. Consiga algum descanso. Estou seguro que Joseph terá muito para você fazer ao anoitecer.

Logan deu uma última olhada às crianças para se assegurar que dormiam sadiamente, logo virou e partiu. Eles já não precisavam dele. Tempo de partir.

A escuridão do seu quarto sem janelas abaixo o chamava. Não queria mais nada do que rastejar na cama e encontrar o esquecimento do sono, mas não podia ir dormir sem se lavar



primeiro. Ele se despiu do seu casaco e roupa e se dirigiu ao banheiro. Quando chegou ao interior, parou abruptamente. O cheiro de sangue fresco enchia seu nariz, fazendo sua barriga estrondar. Não era apenas sangue, também. Este sangue era puro. Perfeito. Não diluído por humanos. O sangue de um Athanasian.

No espelho, escrito de forma desajeitada, estavam palavras escritas com aquele sangue. Havia um endereço, e embaixo ele leu: —Você não foi esquecido. Não está sozinho.

Logan ficou lá por um longo tempo, olhando. Não tinha nenhuma ideia do que as palavras significavam ou quem poderia ter escrito, mas havia uma coisa que realmente sabia. Pela primeira vez em décadas, sentiu a mais fraca chama da esperança.



Mais tarde naquela noite, Nika estava na porta do seu antigo quarto, aquele onde Tori agora dormia. Estava em má forma. Tudo que o Synestryn tinha feito ia levar muito tempo para desfazer.

Tynan a verificou no caminho de casa e não estava seguro que fosse possível. Nika omitiu estas notícias de Andra para protegê-la. Tori precisava de Andra forte, não chafurdando em vergonha e desgosto.

Nika estava ainda débil da batalha e perda de sangue, mas se mover era bom. Pela primeira vez em quase uma década, sua mente era dela mesma. Ainda podia sentir uma conexão com os Synestryn, mas não a chamavam mais. Nika iria.

Eles se encolhiam nos seus úmidos buracos, a temendo, sabendo que podia destruí-los com um mero pensamento.



Nika não o faria, entretanto. Tinha outros planos para aquelas criaturas. Ela ia usá-los, os forçar a serem seus olhos e ouvidos entre o inimigo. Todas aquelas bestas que se encolhiam na escuridão eram o exército dela agora, e ia usá-los para se assegurar que nenhuma outra criança nunca sofresse do modo que Zillah fez sua irmã sofrer.

—Estes não são pensamentos tranquilos, amor,— disse Madoc. Suas mãos fortes deslizaram por seus ombros, a puxando contra seu largo peito. —Tynan disse que tinha que descansar, lembra?

—O farei. Uma vez que saiba que Tori está melhor.

—Ela vai sair dessa,— ele disse. —Ela é forte, como o resto das mulheres Madison.

—Tori vai melhorar rápido. Você verá.

—Estou seguro que sim,— disse Madoc.

—Tynan disse que posso tentar usar minha mente para a libertar do sangue Synestryn uma vez que esteja bastante forte. Ele vai fazer o mesmo. Pelo menos não tenho que bebê-lo para filtrá-lo.— Ela tremeu com o pensamento repugnante.

Madoc acenou com a cabeça, seu queixo roçando seu cabelo.

—Vi as bolhas na sua boca. Não posso imaginar que isto seja qualquer espécie de divertimento para ele.

—A luz solar poderia ajudar, também. Uma vez que ela possa tolerá-la.— O primeiro roce acidental de luz solar na sua pele a caminho de casa foi horrível, deixando Tori gritando e convulsionando de dor.

—Faremos o que for preciso.

—Espero que Tori faça, também.

—Naturalmente fará. Por que pensaria de outra maneira?



—Ela não deixou Tynan apagar suas memórias. Ele se ofereceu, mas ela recusou.

—Ela disse por quê?— ele perguntou.

—Não. Não tenho nenhuma ideia.

Nika agarrou suas mãos e as envolveu em torno dela, saboreando seu calor.

—Mesmo se o seu corpo se curar, ainda terá um longo caminho a percorrer. Sua mente...— Ela não podia pensar nisso muito tempo. Tori passou anos de abusos. Por tudo que sabiam ela nunca seria normal. Nunca seria feliz.

—Estaremos aqui por ela. Somos sua família e faremos o que precisar para vê-la bem novamente.

Nika sentiu um inchaço de amor explodir dentro dela. Ela não sabia que o amor assim existia até Madoc. Ele consumia, poderoso a espécie de magia que fundia corações juntos e mudava a realidade. A fazia tremer, ao mesmo tempo que a enchia de força.

Com Madoc ao seu lado, não havia nada que não pudesse fazer nenhum lugar que não fosse seguro. Ele era tudo, e embora Tori estivesse tão doente e ferida, com Madoc a segurando sentiu esperança. Pela primeira vez desde a noite que sua família foi destruída, Nika queria o futuro.

la fazer tudo em seu poder para que ele fosse brilhante. Para todos eles.



Tori fingiu estar dormindo quando Nika olhou para ela. Ela tinha ficado realmente boa fingindo nos últimos anos.



A ideia de ter todas aquelas memórias horríveis apagadas ficava mais difícil de resistir. Tori não podia fechar seus olhos sem estar de volta naquela caverna, fria e sozinha. Mas não estava sozinha agora. Tinha um grupo poderoso de pessoas que tinham pena dela.

Pequena pobre Tori. Passou por tanto.

Sua compaixão a repugnava. A fazia sentir pequena e fraca, como uma criança, quando na verdade não era criança há muito tempo. Ela tinha passado por muita coisa, mas isso não a impediria de fazer a coisa que mais queria no mundo, e para isso precisava das suas memórias intactas.

la sarar, ficar forte e matar Zillah.

Quando estivesse com ele, ele ia lamentar ter posto os olhos nela. Ela multiplicaria por dez cada dor, cada frio, cada pontada de fome e doença que causou durante estes anos. Ela ia fazê-lo pagar por sua vida e pelas vidas de todas as outras crianças que roubou. E depois, quando soltasse seu último grito e finalmente preenchesse o interior vazio de Tori, ela ia matá-lo e alimentar seus guardas.

Tinha seu sangue nas veias, e não havia um lugar na Terra que pudesse ir onde ela não o encontraria.

Fim



TWKliek

Sentinelas 04
Shannon K. Butcher

